



SUSAN FOX

UM ESTRANHO
PERFEITO

◆ AUTORA DO BEST-SELLER DE REPENTE, O AMOR ◆



SUSAN FOX

UM ESTRANHO PERFEITO

Tradução

Júlio de Andrade Filho



Diretora
Rosely Boschini

Gerente Editorial
Marília Chaves

Assistente Editorial
Carolina Pereira da Rocha

Produtora Editorial
Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa

Controle de Produção
Fábio Esteves

Tradução
Júlio de Andrade Filho

Preparação
Books & Ideas

Projeto Gráfico e Diagramação
Osmane Garcia Filho

Revisão
Vero Verbo Serviços Editoriais

Capa
Osmane Garcia Filho

Imagem de Capa
solominvictor/Shutterstock

Produção do e-book
Schäffer Editorial

Única é um selo da Editora Gente.

Título original: *Gentle on my mind*

Copyright © 2013 by Susan Fox

Publicado por acordo com Kensington

Publishing Corp. NY, NY USA.

Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Gente.

Rua Pedro Soares de Almeida, 114

São Paulo, SP – CEP 05029-030

Telefone: (11) 3670-2500

Site: <http://www.editoragente.com.br>

E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Star Books Digital

Fox, Susan

Um estranho perfeito / Susan Fox ; tradução Júlio de Andrade Filho. —
São Paulo : Única Editora, 2015. — (Série Caribou Crossing)

Título original: *Gentle on my mind*

ISBN 978-85-67028-68-2

1. Romance canadense I. Título. II. Série.

15-00745

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura canadense em inglês 813

CAPÍTULO I



BROOKE KINCAID DESLIGOU o telefone e se abraçou. Radiante, ela dançou alguns passos pelo chão da cozinha no ritmo de *Wichita Lineman*, a música de Glenn Campbell que está tocando na rádio country e western de Caribou Crossing. O gato de pelo alaranjado, Sunny, observava de uma janela, contraindo a cauda, com os olhos dourados querendo fazer uma pergunta.

— Avó! — Brooke disse a ele. — Vou ser avó!

Bem, na verdade ela se tornara avó no ano anterior, quando o filho, Evan — que havia acabado de voltar para Caribou Crossing —, casou-se com Jessica e tornou-se padrasto da filha dela, Robin, uma garota maravilhosa de dez anos. Agora, porém, era diferente: Jess estava grávida!

Meu Deus, Jess estava grávida! Brooke parou de dançar ao mesmo tempo em que todos os medos invadiram sua mente. Será que Evan a deixaria se aproximar do bebê, tendo em vista a péssima mãe que tinha sido para ele? E o bebê ficaria bem? E se Evan tivesse uma predisposição para o transtorno bipolar, embora a doença nunca tivesse se manifestado nele, e passasse para o bebê?

Sunny miou, interrompendo os pensamentos de Brooke. Ele pulou do parapeito e veio enrolar-se em torno dos tornozelos dela.

O gesto a acalmou, e ela se curvou para acariciar a pelagem aquecida pelo sol. Brooke havia adquirido Sunny há quatro anos, um gato para adoção, mas de fato a adoção funcionou de modo inverso...

— Você está certo — disse ela. — Preciso focar o lado positivo.

Evan e Jess tinham tomado a decisão de ter um filho. Eles sabiam sobre o transtorno bipolar e o alcoolismo dela, e a decisão era deles. E sim, é claro que deixariam que ela se envolvesse. Seu filho tinha ligado para ela imediatamente, na mesma manhã, depois de Jess ter compartilhado a notícia com ele e com Robin. Brooke sorriu novamente, lembrando-se da alegria em sua voz.

Quanto a ela, aos quarenta e três anos, tinha recebido uma segunda chance e pretendia fazer as coisas direito desta vez.

Brooke estava com quatorze anos quando ficou grávida. Ingenuamente, tinha esperado uma bonequinha cor-de-rosa, mas o que recebera fora um menino que só berrava e era muito exigente. De fato, ela atrapalhou terrivelmente a vida de Evan, e o abençoou por ele ser generoso o suficiente para perdoá-la.

Após dez anos de afastamento, seu filho estava de volta, acrescido de uma maravilhosa nora, uma neta encantadora e agora um bebê novinho em folha a caminho. Nenhuma nuvem de preocupação estragaria aquele dia incrível.

A música de Johnny Cash *I Walk the Line* começou a tocar na rádio e ela sorriu.

— Me comportar bem? Sim, meu amigo, eu também vou me comportar bem e andar na linha.

Brooke estava sóbria havia cinco anos, frequentava as reuniões do AA e tomava seus remédios. Agora, tinha ainda mais motivação.

Ela passou a mão na pelagem dourada do gato e puxou suavemente a cauda.

— Está tudo bem, não é, Sunny?

Ele puxou a cauda para longe da mão de Brooke e apertou os olhos, simulando aborrecimento. Depois, começou a ronronar.

Ela riu do comportamento dele. Até Evan voltar, Brooke não tinha mais dado risadas, não dessa forma, com verdadeiro prazer. Fazia uns doze anos pelo menos. Agora, o riso veio facilmente.

— A vida não poderia ser mais perfeita — disse ao gato, acariciando-o novamente.

Entretanto, as orelhas de Sunny se contraíram e ele afastou a mão da dona. O pelo ficou eriçado, os olhos semicerrados, e ele olhou fixamente para o espaço, para nada que fosse visível para ela.



Jake Brannon agarrou desesperadamente o guidão da sua Harley, lutando para permanecer consciente. Ele vinha perdendo sangue por pelo menos uma hora e deu graças a Deus pela dor atroz no abdome, que o ajudou a se concentrar.

Quando deu início à fuga, deixou o capacete para trás, e agora o vento fazia seus olhos lacrimejarem e os fios de cabelo não paravam de chicotear no rosto. Ele apertou os olhos para ver a estrada que se contorcia logo à sua frente como uma cobra. Uma cobra de pele áspera. Toda vez que caía em um buraco, a moto dava um solavanco e uma nova onda de dor irradiava corpo acima, a partir do ferimento.

Ele esperava que a bala já não estivesse lá dentro. Se ao menos pudesse parar para examinar o machucado e estancar o sangramento... No entanto, o homem na picape

negra estava atrás dele e agora provavelmente devia haver outros.

Tinha sido sua culpa, seu descuido. Deveria ter entrado e saído sem ninguém ver. A essa hora já estaria em seu quarto no hotel, dormindo profundamente, em vez de estar correndo naquela interminável estrada sinuosa na luz frágil da madrugada em direção a... na direção de...

Droga, ele estava perdendo o foco novamente. Onde diabos ele estava? Tinha evitado a rodovia principal na esperança de fugir dos perseguidores, mas as estradas no meio da Colúmbia Britânica em Cariboo eram um verdadeiro labirinto. Será que ele conseguiria encontrar o caminho para o Gold Rush Trail Motel, para aquele quartinho pequeno e cafona que era seu santuário, onde as fotos sépia da época da corrida do ouro decoravam as paredes?

Jake apertou os olhos contra um sol nascente muito pálido. O sol estava à direita, o que significava que ele estava correndo para... seria o Norte? Gemeu. Seu maldito cérebro estava confuso demais.

Os pneus da moto deslizaram pelo cascalho da pista e num solavanco quicaram em outro buraco. A dor atravessou seu corpo novamente e ele soltou uma série de palavrões. O vento que o açoitava os varreu para longe, e ele os imaginou pendurados atrás dele como vários balões de fala nas histórias em quadrinhos.

Foco, diabos. O melhor que ele podia pensar era tentar ir para o Nordeste. O sol nascia no Leste e agora estava batendo no canto de seu olho direito dolorido, então o Nordeste tinha de ser em linha reta e em frente. O caminho mais curto. Se sua Harley pudesse voar...

Em linha reta, em frente. Jake tentou agarrar esse pensamento e fixar-se nele. Sua vista, porém, estava tão borrada quanto sua mente. Ele piscou, mas os olhos ficaram mais embaçados, não mais nítidos. Lá na frente, havia algo branco... Formas brancas verticais marchando em fila bem diante dele. Uma cerca? Meu Deus, a estrada fez uma curva e ele se viu indo direto para uma cerca!

Tentou segurar a moto e fazê-la arrancar na curva, mas as mãos suadas não tinham mais força. Seu mundo foi ficando cinza e ele estava apenas ligeiramente consciente de que a moto ia para baixo, cusindo-o para longe. Uma dor agonizante despertou-o momentaneamente quando a perna e o quadril raspavam no asfalto da estrada. A cabeça atingiu o solo em seguida e o cinza virou negro como carvão. Jake ouviu a moto bater em alguma coisa, e então o motor parou abruptamente.

Seus olhos se fecharam e a escuridão o envolveu.



— Sunny, o que há de errado? — perguntou Brooke assim que a calma manhã foi abalada por um guincho horrível de metal, e em seguida, por um estrondo. Não de

metal sobre metal, mas de metal... Sobre madeira?

Madeira?

— Minha cerca branca!

Ela disparou para a porta da frente, abriu-a rapidamente e correu escada abaixo ainda vestida de roupão de banho e chinelos.

Uma enorme moto negra estava presa em meio à cerca e coberta por um confete de madeira branca quebrada. Onde estava o piloto?

Brooke correu até o portão e encontrou-o deitado à beira da estrada, no cascalho do acostamento, de bruços, como um brinquedo quebrado abandonado. Ele estava vestido de preto — tênis, jeans e jaqueta de couro. Sem capacete naquela cabeça coberta por cabelos negros à altura dos ombros.

Mo. Ele se parecia com Mo. Ela voltou a pensar nos seus quatorze anos, quando estava completamente fascinada por um garoto sexy e rebelde de dezenove anos. Naquela época, ela não tinha ideia de como aquilo terminaria tão mal.

— Controle-se! — disse a si mesma.

Aquele homem não era *Mo*, e poderia estar morrendo. Tinha de ligar para a emergência, mas e se ele morresse enquanto estivesse telefonando?

Olhando para o motociclista, ela se forçou a respirar fundo. Embora tivesse tido aula de primeiros socorros, não podia se lembrar de uma coisa sequer. Outra inspiração profunda... Precisava controlar aquele pânico paralisante.

Veja o pulso. Sim, certifique-se de que ele está respirando. Se não estiver, terá de começar a respiração boca a boca e fazer a reanimação cardiorrespiratória.

Ajoelhando-se, Brooke afastou o cabelo do homem e colocou dois dedos trêmulos em torno de seu pescoço para pressionar contra a garganta. Seu pulso saltou fortemente, tão forte que ela se afastou em choque. Então, soltou a respiração num assobio de alívio.

O homem gemeu e seu corpo se moveu convulsivamente, girando para poder ficar deitado de costas.

Não, apesar de ter a pele bronzeada, ele não se parecia com Mo, que era metade indo-americano. E também não se parecia com aqueles motoqueiros mal-encarados. Na verdade, era um homem impressionantemente bonito, com rosto forte e bem esculpido. A boca, emoldurada por uma barba escura, acrescentava um belo contraste aos lábios cheios e sensuais. Se ela tivesse de lhe dar um beijo para restituir sua vida...

As bochechas de Brooke se inflamaram. A ideia de tocar os lábios de um homem com os seus era chocante. Fazia mais de quinze anos desde que ela havia tido qualquer grau de intimidade física com um homem. Seu ex-marido tinha azedado seu interesse por homens tão completamente que Brooke havia ficado com a certeza de que nunca mais se sentiria atraída por outro.

Contudo, havia alguma coisa atraente ali, naquele rosto em particular, naquela boca.

Balançou a cabeça rapidamente, tentando recordar a lista de verificações que o instrutor de primeiros socorros havia ensinado. Perigo imediato. Certifique-se de que ele não esteja em perigo imediato.

Havia sangue — ele tinha se esfolado bastante na queda —, mas não parecia ter nenhuma artéria rompida. O homem não estava sangrando até a morte. Nem parecia ter sido atropelado por outro veículo, considerando que estava bem dentro do acostamento de cascalho da estrada. Aquela parte da Wellburn Road era tranquila, bem abaixo da entrada para o rancho Bly. Seu pequeno pedaço de terra alugada ficava no rancho dos pais de Jessica, e depois dali só havia o terreno de Ray Barnes e mais algumas pequenas propriedades espalhadas. Os cavalos e os cavaleiros usavam essa estrada com frequência, e as pessoas sabiam que tinham de dirigir com cautela.

Bem, o homem da motocicleta não estava em perigo imediato. Agora precisava avaliar as lesões para que ela pudesse dizer ao pessoal da ambulância o que esperar.

Brooke estudou o corpo esparramado no chão. Não havia membros quebrados, pelo menos que pudesse ver. Lesões na cabeça? Ela descansou os dedos suavemente sobre o crânio dele e seus olhos se abriram.

Eles estavam sem foco e pareciam momentaneamente confusos. Uma sombra intrigante de cinza com toques de azul e malva. Fumaça de madeira, ela pensou, em um dia de outubro. Suaves olhos sonhadores, contradizendo a barba e o couro preto.

— Olá! — disse ela. — Você consegue me ouvir?

Os músculos ao redor dos olhos dele se contraíram enquanto o olhar ficava mais aguçado. Brooke conseguiu interpretar confusão, dor e depois algo que parecia medo. E então raiva. Aquela fumaça de madeira transformou-se em nuvens de tempestade.



Quando os olhos de Jake se abriram, ele pensou que tinha morrido e estava no céu. Só Deus sabe por que um pecador como ele acabaria lá em cima, mas um anjo estava olhando para ele. Sua visão ainda estava embaçada, mas ele podia ver que seus olhos eram de um azul-esverdeado que lembrava os mares tropicais. Lábios rosados como pétalas se abriram e ela disse alguma coisa, mas ele estava tão encantado com seu rosto que não foi capaz de entender as palavras.

A vontade de Jake era estender o braço e tocar uma mecha daquele cabelo e ver se ele realmente tinha o toque de seda, como parecia. Ou talvez ela fosse uma visão sem substância e sua mão a atravessasse quando fosse tocá-la. O pensamento de que ele nunca poderia tocar seu anjo quase o fez chorar.

Não, porra, a dor que estava sentindo trouxe uma onda de umidade para os olhos. Dor que gritava, percorrendo todo o seu corpo. Ele não conseguia isolar a dor, não conseguia avaliar as lesões; ele estava pegando fogo em muitos lugares. Ele não estava

morto ou, se estivesse, aquilo ali era o inferno, não o céu. Que diabos aconteceu? Ele deve ter sido atingido por um semirreboque... Não, ele estava rodando em sua moto... E derrapou; mas ele era um bom motociclista...

Ah, agora estava se lembrando de tudo... Ele caiu porque tinha levado um tiro. Ele estragou tudo quando se esgueirou na plantação de maconha no meio da escuridão, antes do amanhecer. Alguém o tinha ouvido, corrido atrás dele e atirado nele. Jake mal conseguiu chegar até a moto e fugir.

Que droga! Os traficantes de drogas estavam atrás dele e se o achassem, o matariam. Se estivesse certo, um daqueles caras seria o homem que tinha assassinado Anika, a prostituta adolescente cujo corpo havia sido jogado em uma lixeira em Vancouver.

Seu corpo estava em agonia, um assassino estava atrás dele e seu anjo da guarda ou era uma alucinação ou uma mulher real e viva com quem, de alguma maneira, teria de lidar cedo ou tarde. Ele tinha três opções: chorar, gritar ou xingar. Como era um homem, essas opções se reduziram a uma. Ele soltou uma série de palavrões.

Ela congelou como um animal aterrorizado, pronta para disparar em fuga.

Jake estudou-a mais de perto, percebendo que sua visão tinha ficado mais definida. Agora ele viu as linhas finas ao redor dos olhos e da boca. O rosto angelical era mais velho do que ele pensava, e o medo aprofundava ainda mais essas linhas. Drogas, ela realmente estava com medo dele.

O couro preto, a moto, alguns palavrões... Será que ela pensava que ele fazia parte de uma gangue de motoqueiros como Hell's Angels ou Death Row?

Os olhos dela se fecharam brevemente e, quando se abriram de novo, a expressão era calma. A tensão em seus músculos aliviou enquanto a mulher respirava fundo. No entanto, Jake sentiu que ela não havia realmente relaxado; estava disciplinando o corpo para esconder a ansiedade.

— Bem, posso ver que você está consciente e mais ou menos lúcido — disse ela calmamente. — Vou chamar uma ambulância.

Uma ambulância. Hospital, os médicos, a Polícia Montada do Canadá. Ele suspeitava que o assassino que procurava era um proeminente membro daquela comunidade, supostamente respeitável. Talvez até mesmo um membro do destacamento local da Polícia Montada. Caribou Crossing era uma cidade pequena; eram grandes as chances de que a mulher conhecesse o homem. Seu anjo poderia ser até a esposa do sujeito. Talvez fosse por isso que ele a deixara tão nervosa.

Mudando de posição, ela começou a se levantar.

A mão dele disparou e agarrou seu braço.

— Não!

Ela tentou se afastar. Sob sua mão firme, a mulher estava tremendo.

Jake sentia muito por ser obrigado a machucá-la, a assustá-la, mas não tinha escolha. Ele precisava manter sua presença em Caribou Crossing um segredo, ou então

comprometeria a operação secreta. Nada de polícia, nem de hospital, nem de traficantes assassinos. Ninguém poderia saber que ele, o cabo Jake Brannon, que trabalha disfarçado para a Polícia Montada, estava ali.

O problema é que a mulher com cara de anjo já sabia.

De repente, ela empurrou com força, quase puxando o braço para longe e escapando dele.

O movimento abalou todo o seu corpo, e a dor o fez engasgar e morder o lábio. Ela era forte para aquela aparência de mulher magra e delicada.

A mulher puxou de novo e a agonia enfraqueceu sua mão. Explorando essa fraqueza, ela liberou a mão e foi tropeçando para trás.

Ele precisava impedir que ela alcançasse o telefone. E só havia um modo de fazer isso.

Lutando para se manter consciente, Jake se atrapalhou para encontrar a Beretta no coldre sob o casaco de couro. E apontou para ela.

— Pare ou eu vou atirar em você.

Ela congelou, balançando entre os pés.

De modo soturno, ele se perguntou qual dos dois desmaiaria primeiro.

— Volte aqui...

Após um longo momento, muito longo para sua sanidade, ela tropeçou de volta em direção a ele.

Jake sentia-se impotente deitado ali, suas únicas armas eram a Beretta, que nunca usaria contra a mulher, e a força da própria personalidade. Contudo, ele sabia que ela estava com medo dele e tinha de usar isso a seu favor.

— Ajoelhe-se.

O homem precisava dela perto, onde pudesse interpretar seu rosto.

Brooke obedeceu com movimentos bruscos.

— Eu estava indo chamar uma ambulância — disse ela, e seu olhar se moveu entre o rosto dele e a Beretta.

— Não chame ninguém.

— Mas você está ferido. Precisa de ajuda.

— Eu não preciso de médicos nem de policiais.

Ela olhou para a arma de fogo de novo, os olhos arregalados, e ele quase podia ouvir seu cérebro trabalhando.

— Entendeu?

— Você é um criminoso em fuga! — disse Brooke cuspiendo as palavras.

Jake tinha calculado mal; de alguma maneira, havia transformado o medo dela em raiva. Quando ele xingou e agarrou o braço da mulher, ela ficara com medo, mas agora estava olhando para ele como se adorasse colocar as mãos na arma e dar um tiro no meio dos olhos dele.

E ela até poderia mesmo ter essa chance, porque sua visão estava borrada mais uma vez, seu mundo mais uma vez desaparecendo numa mancha cinza. Ele precisava controlar aquela mulher. Agora. E o medo era a chave.

Jake mudou de posição e apertou com mais firmeza a Beretta. O movimento fez a lateral do corpo doer, mas aquela pontada o ajudou a se concentrar.

— Se você telefonar para qualquer pessoa, se falar com alguém, vai se arrepender amargamente.

Confiar nela não parecia ser uma opção. Mesmo se tivesse sido, ele não tinha tempo nem forças para explicar. Poderia desmaiar a qualquer momento, e então ela teria a Beretta. Ele precisava de uma ameaça que ficasse sobre a cabeça da mulher, mesmo que ela tomasse posse da arma de fogo.

O que há de mais valioso para uma pessoa? Sua vida.

— Eles podem me prender, mas não para sempre — sussurrou ele. — Um dia eu saio e virei atrás de você.

— Então, acabe com isso e atire em mim agora — ela provocou, e Jake viu que a situação tinha se transformado em uma batalha de vontades.

Aquela mulher era mais forte do que esperava. Seu lindo e feminino anjo era forte. E isso a deixou ainda mais atraente.

Deus, sua mente estava à deriva novamente. *Foco, homem!* A força daquela mulher poderia pôr em perigo sua missão. Tinha de encontrar uma ameaça que tivesse muito significado para ela.

— Sua família. Todo mundo que você ama. Se você me trair agora, vou matar sua família. Não vou ficar na cadeia para sempre. Vou voltar.

A mulher se encolheu, como se Jake a tivesse golpeado, e o rosto ficou pálido.

Graças a Deus. Tinha encontrado a ameaça certa. O anjo tinha família e a amava. A ameaça era uma mentira completa, mas a mulher não tinha nenhuma maneira de saber disso. Para ela, aquele motociclista era um criminoso violento em fuga, de posse de uma arma, que não tinha escrúpulos em usar.

Ele estava tão exausto que mal conseguia pensar. Haveria alguma outra pessoa em sua casa? Não, ou eles teriam vindo para fora também.

— Vou lhe dizer o que fazer — Jake forçou as palavras com os dentes cerrados. — E você vai obedecer à risca, ou eu prometo que vou matar seus entes queridos. Se você chamar a polícia, se eu for para a cadeia, vou voltar aqui assim que sair. Se você for embora da cidade, vou encontrá-la. Encontrarei você e sua família.

— Eu v-vou o-obedecer — gaguejou Brooke, com todo o corpo tremendo. — Farei o que você quiser.

— Leve-me para dentro da casa e depois esconda minha moto. Você tem uma garagem ou um galpão?

Ela assentiu.

Seu mundo estava fora de foco, mas ele viu o movimento de cabeça da mulher.

— Conserte a cerca. Ninguém pode saber que estou aqui — Jake sabia que estava falando, mas o som oco em seus ouvidos abafava as palavras. — Disfarce todos os vestígios do acidente. Eles não podem me encontrar. Eles vão me matar.

— A polícia não vai...

— Não! Não se pode confiar na polícia!

O que ele estava dizendo? Ele não sabia mais nada. Droga, ele estava perdendo a consciência. Não conseguia mais enxergar. Não conseguia pensar. Tinha de parar de falar antes de contar demais... O que mais ela precisava saber?

— Depois, veja se você consegue... — e fez uma pausa, lutando para respirar, para terminar o pensamento —... manter-me vivo. Entendeu?



— ENTENDI — BROOKE SUSSURROU.

Mantê-lo vivo? Aquele homem armado devia saber que era do interesse dela deixá-lo morrer. Será que ele sabia, também, que ela não conseguia deixar nem mesmo um pássaro ferido morrer sem tentar salvá-lo? Embora não fosse provável que o motociclista morresse por causa de alguns arranhões e talvez uma concussão.

O braço dele caiu pesadamente. Teria perdido a consciência de novo? Queira Deus que sim.

Brooke pegou a arma de suas mãos sem vida e ficou de pé. Deu um ou dois passos para longe dele e apontou-a para o corpo caído. Ele não se mexeu.

Depois de alguns minutos, começou a se sentir ridícula. Correu para a frente, chutou a perna dele, e então saltou para trás. Não houve nenhuma resposta. Parecia evidente que ele não era uma ameaça naquele momento. Ela poderia correr de volta para casa e ligar para a Polícia Montada.

Mordeu os lábios. A polícia. Brooke os evitava. Talvez um resquício da época em que era alcoólatra. Se ela contasse aos policiais que estava mantendo um criminoso sob a mira de uma arma, eles poderiam muito bem achar que Brooke tinha sofrido uma recaída e estava bêbada.

Contudo, poderia convencê-los do contrário. Aí, eles jogariam o homem na cadeia e resolveriam seu problema, mas apenas seu problema imediato.

Por quanto tempo ele ficaria na prisão? Apenas tempo suficiente para que fosse libertado e pudesse cumprir suas ameaças? Brooke estremeceu violentamente. E se ele machucasse Evan? Ou Jessica, ou Robin, ou o bebê...

Certamente sua ameaça não deveria ser levada a sério, mas será que ela se atreveria a descartar isso e colocar em risco a vida da sua família?

Ela poderia ligar para Evan e contar tudo. Ele morava a apenas alguns quilômetros de distância, na casa que ele e Jess tinham construído na fazenda dos pais

dela.

Não, ela não queria aquele motociclista em lugar nenhum que fosse perto de sua família.

O que ela não faria por uma bebida... Graças a Deus não tinha álcool em casa... Porque, caso contrário, seria muito difícil resistir à tentação numa hora como aquela. Olhou para o homem. Bem que ele poderia ter caído sobre a cerca da casa de outra pessoa!

Não se pode confiar na polícia, ele tinha dito. *Confiança* era uma palavra estranha para um criminoso usar. Sem dúvida ele tinha muitas razões para temer a Polícia Montada, porque eles o tinham prendido, mas por qual motivo ia dizer que eles eram alguém em quem não se podia confiar?

Eles vão me matar.

Quem? Não devia ser a Polícia Montada, é claro.

E se ele não fosse um fugitivo da prisão? Talvez fosse membro de uma gangue, e uma gangue rival estivesse atrás dele. Algumas dessas gangues de motociclistas estavam envolvidas no tráfico de drogas e a violência era o seu modo de vida.

Brooke lembrou-se da expressão naqueles olhos como fumaça de madeira quando os abriu pela primeira vez. Sonhadores. Gentis. Era muito evidente que olhos como aqueles não poderiam pertencer a um membro de uma dessas gangues.

Balançou a cabeça com impaciência. Os palavrões que tinha soltado daquela boca — os palavrões que a fizeram se lembrar tão vividamente de seu ex-marido violento — certamente pertenciam. Assim como a arma que ela apertava na mão, e as ameaças que aquele homem fez contra ela.

Se pertencesse a uma gangue, como seus companheiros reagiriam se Brooke mandasse prendê-lo? Eles poderiam cumprir a ameaça e vir atrás dela e de sua família. Por vingança, ou mesmo como uma distorcida e doentia questão de honra.

E como poderia decidir fazer alguma coisa quando não tinha todas as informações? Deus, como era tola indecisa e medrosa. Quando pensara que aquele homem fosse um criminoso, quando ele ameaçou sua vida, tinha encontrado a coragem de enfrentá-lo. No entanto, desmoronou no momento em que ele ameaçou sua família.

Ah, se ela pudesse se afogar na bebida e esquecer todas as preocupações... O problema é que tinha feito isso durante anos e tinha consciência de quanto tinha sido prejudicial para Evan.

Ela ouviu o som distante de um motor. E se um carro estivesse vindo? Ele pararia, e a capacidade de escolha seria tirada dela. O motorista poderia até ser Evan ou Jess.

Não, ela percebeu que o barulho vinha do céu, de um pequeno avião voando baixo, um quilômetro ou mais para o Sul, naquele céu claro da manhã. Será que estava vindo em sua direção?

Brooke não podia fazer nada que colocasse sua família em risco. De novo, não. Quando o homem recuperasse a consciência novamente, lidaria com ele. Afinal, ela estava com a arma. Por enquanto, o melhor seria obedecer às ordens dele ao pé da letra, exatamente como ele dissera.

A decisão provocou nela uma sensação de alívio. Estrutura e regras claras eram as ferramentas que Brooke usava para manter a vida em equilíbrio. O que a abalava era o inesperado. Incerteza significava perigo, risco, medo de que pudesse voltar ao mundo que conhecera uma vez, onde o alcoolismo e o transtorno bipolar a controlavam, em vez do contrário.

Lembrou-se de um dos dizeres que sua madrinha no AA lhe ensinara: “Deus nunca nos dá mais do que podemos suportar”.

Esse tipo de ameaça de vida ou morte vinda de um estranho que empunhava uma arma era aterrorizante, mas o motociclista também lhe dera uma estrutura. Regras a seguir, os meios de lidar com isso. Ela podia lidar com essa situação e ainda manter sua família em segurança.

Em primeiro lugar, levá-lo para dentro de casa, longe da vista das pessoas.

Ela examinou a arma, esperando que a trava de segurança — se a pistola tivesse essa coisa — estivesse acionada. Colocou a arma no bolso do roupão de banho. Em seguida, estudou o corpo inerte. Ele devia pesar pelo menos o dobro dela... Como poderia carregá-lo para dentro?

Brooke se abaixou e puxou o colarinho da jaqueta dele para ter uma ideia. O corpo do homem mudou de posição. Ela tirou os chinelos e prendeu os pés firmemente no chão. Depois se inclinou, agarrou firmemente a roupa com ambas as mãos e começou a puxar, movendo-se lentamente para trás e arrastando-o com ela, centímetro por centímetro por todo o cascalho.

Cinco anos atrás, ela não teria sido capaz de movê-lo daquele jeito. Brooke estava mais em forma agora do que jamais estivera em toda a sua vida, por causa dos exercícios regulares, dos passeios e da prática de jardinagem, mas mesmo assim eles tinham percorrido apenas um ou dois metros quando teve de parar. Endireitou o corpo, ofegante, e alongou as costas doloridas. Fazendo uma careta, avaliou que seus esforços poderiam muito bem matá-lo, mas no momento não tinha certeza de que se importava se isso acontecesse. E realmente se não se importava...

Brooke estava com a arma do homem. Os meios para matá-lo e garantir a segurança da sua família. Ela poderia fazer a polícia acreditar que ele a atacou e ela atirou em legítima defesa?

Olhando para o corpo que jazia a seus pés, Brooke deixou escapar um suspiro de frustração. Ela não seria capaz de atirar nele a sangue frio tanto quanto seria incapaz de carregá-lo para dentro de casa em um carrinho de mão.

Uma risadinha escapou de sua boca. A cerca de madeira pintada de branco, que tinha construído no ano passado com tanto orgulho, quando se mudou para a casa de

aluguel no rancho dos pais de Jess, agora era um punhado de gravetos. O corpo inconsciente de um criminoso estava esparramado na entrada de sua casa, entre os canteiros de lobélios e flores-de-mel que havia plantado no fim de semana.

As risadas encheram sua garganta e ela apertou o punho contra a boca. Não podia se dar ao luxo de ficar histérica. Não naquele momento. Ela havia tomado sua decisão e iria cumpri-la. Além disso, a arma estava com ela. Isso lhe dava poder, o poder supremo, caso tivesse coragem de puxar o gatilho.

Brooke começou a arrastá-lo de novo, sentindo que seus braços estavam se desenroscando do corpo. Pé ante pé, ela prosseguiu até não poder mais.

— Olhe, meu amigo, você vai ter de me dar alguma ajuda — murmurou, cutucando-o com os dedos dos pés descalços.

Quando ele não se mexeu, ela soltou um silvo frustrado e correu para dentro de casa para buscar um copo de água fria.

Ajoelhando-se ao lado do homem, disse:

— Última chance de acordar. — Sem receber resposta, ela espirrou água no rosto dele.

Sufocando e cuspindo, ele voltou a si, olhando para ela.

— Que porra é essa? Você não é anjo coisa nenhuma!

Ah, que ótimo, agora ele estava delirando.

— Não, não sou anjo e muito menos halterofilista — respondeu Brooke. — Não posso levar você para dentro de casa se não me ajudar.

— Mas que merda!

— Também não estou gostando disso...

Eles haviam inventado novos palavrões desde a época de Mo, ela refletiu, enquanto ajudava o homem a se equilibrar e ficar em pé.

Fazendo uma careta, ela colocou o braço em volta da cintura dele e ele envolveu o braço em volta dos ombros da mulher, apoiando-se tão pesadamente nela que quase caíram os dois. Juntos, cambalearam até a entrada da casa. Isso a fez se lembrar de si mesma e Mo voltando cambaleantes para casa do Gold Nugget Saloon. Voltando para Evan, a quem tinham deixado sozinho. Evan, que teria feito a lição e preparado o jantar, se tivessem deixado alguma comida em casa.

Não, ela nunca mais beberia.

A pior parte foi fazer aquele motociclista subir os três degraus que levavam à varanda. Ela estava quase chorando por causa da dor nos ombros. Tinham acabado de passar pela porta da frente quando o homem começou a desabar no chão. Os dedos de Brooke arranharam o couro da jaqueta, porém ela não conseguiu impedir que ele caísse.

Brooke se agachou e, com os dedos trêmulos, sentiu a pulsação.

Ainda estava vivo.

Seu instinto era de cuidar de seus ferimentos, no entanto, ela se lembrava de suas instruções. E até conseguia entender a lógica nelas. Se “eles” o encontrassem, o matariam. E as chances de que o homem morresse de seus ferimentos eram bastante escassas.

Deixando-o deitado no chão, Brooke correu para fora, deslizou os pés de volta nos chinelos e avaliou a confusão da cena. Seu vizinho mais próximo, Ray Barnes, era viúvo e farmacêutico aposentado, e muitas vezes cavalgava os dezesseis quilômetros até a cidade para tomar o café da manhã.

Isso significava que não havia muito tempo para disfarçar os sinais do acidente.

Graças a Deus a moto ficou parcialmente apoiada em sua cerca, porque senão Brooke nunca conseguiria colocá-la de pé de novo. No entanto, assim que conseguiu liberá-la e fazê-la rolar de novo, a moto se mostrou bem mais dócil do que o homem. Logo ela estava trancada no abrigo do jardim.

Suas mãos estavam cheias de terra, óleo e sangue, assim como o roupão. Como poderiam alguns arranhões no acostamento da estrada fazer jorrar tanto sangue? Ela correu para dentro de casa, usando a porta da cozinha e evitando o homem que poderia estar sangrando até a morte na sala da frente, e subiu as escadas para o quarto, no pavimento superior.

Sunny, sentado no parapeito da janela, virou-se para ver quando Brooke tirou o roupão imundo.

— Fique aí — disse ela ao gato. — Mantenha-se fora do caminho desse homem e estará seguro.

Ao jogar o roupão no chão, um som pesado de metal se chocando com o piso a fez se lembrar da arma. Ela puxou-a cuidadosamente do bolso e examinou o quarto, procurando um esconderijo. No final, colocou aquela arma negra e horrível em sua cesta de roupas sujas e pôs o roupão manchado em cima dela.

Vestiu um velho par de jeans e uma camiseta e, em seguida, correu para fora novamente. O dano na cerca não fora tão grande quanto havia pensado de início. Apenas três tábuas tinham sido quebradas. Ainda havia algumas delas de sobra no galpão e um pouco de tinta branca.

O homem havia perdido muito sangue e talvez ele realmente fosse morrer enquanto ela estivesse ajeitando a cerca. Contudo, o bandido tinha passado sua lista de tarefas e esconder sua presença naquela casa estava em primeiro lugar.

Brooke chutou o cascalho por cima para esconder as manchas de sangue. Em seguida, tirou as tábuas quebradas, pregou as novas no lugar e passou uma demão de tinta. Assim que estivesse seca, seria quase impossível distinguir as novas estacas das velhas.

Ela havia acabado de colocar a tampa de volta na lata de tinta quando ouviu o som das batidas constantes dos cascos de cavalo na estrada poeirenta. Apressadamente, empurrou a lata atrás de uma estaca da cerca e ficou em frente das tábuas pintadas.

Ray Barnes diminuiu o galope do cavalo, Timony, para um trote e parou ao lado dela, tocando com a mão a aba do chapéu.

— Bom dia, Brooke.

O vizinho era meio surdo, então ela respondeu alto.

— Bom dia, Ray. Olá, Timony. — normalmente, Brooke teria acariciado o pescoço do cavalo, mas hoje não queria se afastar da cerca. Na esperança de desviar a atenção do velho, ela apontou para o céu. — Outro belo dia! — O pequeno avião, ou outro como ele, estava de volta e vinha na direção deles.

Ray olhou para cima.

— Sim, é mesmo — então, virou a cabeça para olhar o quintal, empurrando os óculos de aro de tartaruga para cima no nariz. — Vejo que plantou suas coisas no final de semana. Não é cedo para fazer isso?

Ela rangeu os dentes. Normalmente, gostava de ficar conversando com ele, mas hoje desejava que ele fosse embora depressa.

— Este lugar é muito abrigado. Acho que as plantas vão ficar bem.

— Talvez — o tom de voz de Ray mostrou que ele não estava de acordo, mas era uma pessoa muito educada para dizer isso claramente. Seus olhos se estreitaram. — Vejo tinta fresca na sua cerca. Você já teve de pintar novamente?

Brooke respirou fundo. Contar mentiras ia na contramão da nova pessoa em que estava se esforçando para se tornar. Além disso, se dissesse que sim, teria de pintar toda a maldita cerca.

— Não, eu, hã... Houve um pequeno acidente e eu tive de fazer reparos.

Ele franziu o cenho.

— Bateu o carro na própria cerca?

— Eu me sinto tão estúpida! — E isso era a verdade: estúpida por não ser capaz de lidar com essa situação de um jeito melhor. — Não vá contar para as pessoas, tudo bem?

Se Ray fizesse isso, as pessoas começariam a se perguntar se ela estaria bebendo de novo.

Ray examinou seu rosto, os olhos afiados por trás das lentes grossas. Será que procurava sinais de ressaca? Ele sorriu de repente.

— Você não me dedurou quando tropecei nos degraus de minha escada dos fundos e me esborrachei no chão. E me trouxe comida até que eu pudesse me levantar. Então, acho que estou lhe devendo uma.

Brooke sorriu aliviada. Em janeiro, quando a neve tinha sido tão pesada que teve de limpar a entrada de carro todas as manhãs antes de desconectar o aquecedor do motor do carro e tirá-lo da garagem, ela não o tinha visto passeando com Timony nem dirigindo sua picape pela estrada por uns dois dias. Por isso foi vê-lo e o encontrou em casa, cuidando de um tornozelo torcido, com pouca comida e quase sem poder ir mancando até o estábulo para cuidar do cavalo. O velho não queria que os

filhos soubessem do acidente porque estavam em cima dele para vender a casa e se mudar para um apartamento na cidade. Brooke o ajudara e mantivera seu segredo, imaginando que Ray deveria saber qual estilo de vida seria melhor para ele.

— Se precisar de alguma ajuda com a cerca, basta me falar — disse ele.

— Obrigada, mas já terminei.

O rugido do motor de um avião fez ambos olharem para cima. O pequeno avião estava em cima agora, voando baixo. Imaginando que o piloto fosse alguém que conhecessem, Brooke acenou. Quando Ray fez o mesmo, o avião inclinou uma asa e subiu mais alto.

— Pode ser o garoto Paluski — comentou Ray. — Ouvi dizer que começou a voar.

Depois que o vizinho foi embora, Brooke olhou o relógio de pulso. Droga, já eram nove e meia. Numa manhã normal, ela já teria terminado o treino na academia, pronta para tomar um banho e se vestir para o trabalho. O salão de beleza abria às dez e Betty Anderson viria para fazer um corte e algumas mechas. Brooke, porém, não poderia ir para o trabalho com aquele homem deitado em sua sala.

Entrou na casa pela porta dos fundos e foi na ponta dos pés até a frente, esperando que um milagre tivesse acontecido e ele tivesse se recuperado e desaparecido.

Infelizmente, ele ainda estava lá. Ela abaixou-se novamente, o corpo todo dolorido da tensão de tantas atividades na última hora, e pressionou os dedos contra a garganta. Sua pulsação estava constante. Uma mecha de cabelo preto longo, úmido da água que tinha espirrado em seu rosto, estava colada na bochecha e ela o afastou.

Inconsciente como estava, era difícil acreditar que ele era uma ameaça séria para sua família, mas lembrou-se do brilho estilo “não fazer prisioneiros”* nos olhos do homem, quando puxou a arma para ela. Brooke tinha lido romances de mistério suficientes para saber que não se deve tentar adivinhar as intenções de um criminoso; você apenas obedece, esperando que ele deixe você escapar ileso.

Soltou um suspiro e foi até a cozinha para telefonar para Kate Patterson, sua chefe e amiga. Havia anos, Jessica — a mesma Jess que se casara com Evan — tinha sido a primeira pessoa em Caribou Crossing a lhe dar uma chance depois que passou pela recuperação. E a tia dela, Kate, tinha sido a segunda... Quando Brooke terminou seus cursos em Williams Lake, Kate a contratou como estilista em seu salão, Beauty is You.

Depois de tudo, como poderia mentir para Kate?

— Dia — ela respondeu, ao ouvir a voz de Brooke. — Você se incomoda em apanhar algumas rosquinhas no caminho para cá? Estou com um desejo insaciável de comer rosquinha de geleia!

Brooke franziu a testa. Ela odiava decepcionar alguém, especialmente Kate. E quando falou, a voz estava rouca. Era a tensão, ela sabia, mas dava credibilidade às suas palavras.

— Eu não posso ir hoje, Kate. Estou dolorida e realmente não me sinto bem. Sinto demais, de verdade.

— Não esquite, querida. Apenas se cuide. Eu posso assumir algumas de suas clientes e transferir o resto para outro dia. Ligue para mim no final do dia para que eu saiba como você está, e então decidiremos o que fazer sobre amanhã. Mas o meu palpite é que você está prestes a pegar essa gripe de verão que tem atacado as pessoas e ficará de molho alguns dias. Você precisa de alguma coisa do mercado, ou de medicação contra a gripe? Eu poderia passar aí depois do trabalho.

Brooke estremeceu com a ideia de colocar sua amiga em perigo.

— Não, não, eu tenho tudo aqui, obrigada por perguntar. Você é mesmo demais.

— Se cuida, suba de volta para a cama e descanse o resto do dia.

Bem que eu queria, pensou Brooke ao desligar. Agora, até que uma pneumonia dupla tinha certo apelo, em comparação a ter de lidar com aquele bandido fugitivo, ou membro rebelde de uma gangue de motoqueiros ou que quer que fosse o sujeito.

Seu corpo doía pelo esforço, seu coração estava disparado, e ela ansiava por uma bebida.

O rádio estava tocando *Crazy Girl*, da Eli Young Band. Ela o desligou, endireitou os ombros e se obrigou a entrar na sala da frente.

O homem não tinha se mexido de onde o havia deixado. Brooke se agachou e observou o peito subindo e descendo. E o sangue acumulado debaixo dele.

Cansada, ela se levantou e foi ao banheiro no andar de cima para pegar suprimentos médicos. Acrescentou alguns panos velhos e toalhas e voltou para o andar de baixo, parando no último degrau da escada. Sim, tinha um homem de cabelos compridos e barba, vestido com jaqueta de couro e calça de brim preta deitado no chão de sua sala, em cima de uma poça vívida de sangue. Não tinha sido uma alucinação. Seu hall de entrada parecia uma cena de um filme B.

E ainda assim, ela sentia uma estranha sensação de familiaridade. Uma desconfortável familiaridade. Aquele homem realmente fazia com que ela se lembrasse do ex-marido. O cara da moto tinha aquele mesmo jeito marcante e perigoso de Mo, igual a Mo quando ela o conhecera. Mohinder McKeen, o jovem selvagem que tinha abandonado a escola. Ele também usava jaqueta de couro e montava em sua moto sem capacete.

Mo fazia com que Brooke se sentisse excitada e desconfortável. Sexy. Só mais tarde ela descobriria sobre seu egoísmo, sua imaturidade. E ainda mais tarde, depois de ele ter desertado do Exército, o jovem tornou-se violento. Beber tinha se transformado em uma maneira de viver, que ela acabou adotando também. Para piorar, a violência se tornou física, mas mesmo quando Mo estava em seus piores dias, ele nunca havia ameaçado matá-la, ou a Evan.

É... Aquele motociclista de olhos esfumaçados e boca sensual era sexy demais; mas ele era muito mais perigoso do que Mo. Brooke não podia, nem por um momento,

esquecer-se disso.

Também não podia deixá-lo ali, caído em seu assoalho, indefinidamente. Era provável que, quando colocasse os medicamentos sobre os arranhões, ele acordasse e os dois juntos poderiam levá-lo a... Para onde? Não para o andar de cima, nem em sua cama, nem no quarto de hóspedes que Robin costumava usar quando dormia ali. Quanto às escadas, seria impossível, além do que ela não queria aquele homem nem perto de sua cama ou da cama de sua neta. Já era ruim o suficiente ele ter invadido sua vida e sua casa. Então, só restava o sofá da sala. Ela correu para o galpão atrás de um macacão que usava quando pintava.

Brooke espalhou o macacão no sofá, cobriu com panos e toalhas velhas e voltou ao saguão de entrada. Não dava mais para adiar. Tinha de descobrir a extensão de seus ferimentos. A calça jeans estava esfarrapada de um lado, a jaqueta toda arranhada, e as roupas ensopadas de sangue. Entretanto, por mais desagradáveis que aqueles arranhões pudessem ser, ela duvidava que era aquilo que o tinha feito desmaiar.

Seu medo era que o homem tivesse batido com a cabeça. Brooke sabia como desinfetar e fazer bandagens em arranhões, mas uma lesão na cabeça poderia ser algo muito sério. Uma concussão, ou coisa ainda pior.

Sua vontade era ligar para a emergência e tirar toda aquela confusão das mãos; mas se o fizesse, que garantia teria de que ele não cumpriria sua ameaça de destruí-la e à sua família? Ao passo que, se o ajudasse e ele decidisse que ela sabia demais, o homem poderia tentar matá-la, mas não teria nenhuma razão para ferir as pessoas que ela amava.

Brooke queria viver. Era irônico que agora, quando tinha mais razões para viver, depois de anos em que muitas vezes ansiou pela morte, poderia de fato morrer... Mas era muito melhor perder sua vida do que a de Evan, Robin, Jesse e o bebê ainda por nascer. Isso era algo que ela sabia com certeza.

Ela realmente precisava de uma bebida. Normalmente, quando sentia essa vontade poderosa, telefonava para Anne, sua madrinha no AA. Se fizesse isso, porém, teria de explicar por que estava desejando álcool às nove e meia da manhã. Não, ela ia ter de passar por isso sozinha.

— Não preciso de uma bebida — disse em voz baixa. — Eu só quero um drinque, e tenho controle sobre meus desejos. Mais do que um drinque, muito mais do que isso, eu quero ser a mulher que me tornei, não aquela que eu costumava ser. Eu, Brooke Kincaid, sou forte. Eu não vou beber. Este é um teste. Deus não despejaria isso em mim se eu não fosse forte o suficiente para lidar com essa situação.

Nos primeiros dias de AA, ela havia lutado com seus demônios muitas vezes, todos os dias, mas agora conseguira aperfeiçoar suas técnicas. Tinha o emprego e os treinos na academia de ginástica. Participava regularmente das reuniões do AA, frequentava a igreja aos domingos e também se reunia com Anne e com Tonia, a jovem alcoólica

que Brooke ajudava. Além disso, havia sempre alguma coisa que surgiria mais adiante: ver sua família, passear com Robin, trabalhar no conselho de administração do novo campo de treinamento de Jess, aquela fundação beneficente na qual Brooke investiu, usando o dinheiro que Evan tinha enviado ao longo dos anos. Em casa, nos momentos em que ela poderia se sentir solitária, havia Sunny, as músicas, as leituras, o jardim, e cozinhar...

Era raro atualmente Brooke sentir um desejo forte de beber. Ela havia de fato cruzado a linha e mantinha sua vida em um equilíbrio saudável. No controle. Olhou para o homem no chão. O sujeito poderia até matá-la, mas não a faria voltar a beber.

E ela faria o máximo para garantir que ele não a matasse. Tinha muitas razões para viver — e tinha uma arma.

Brooke ajoelhou-se e tirou a jaqueta de couro que ele usava, e cuidadosamente desapertou o coldre de ombro. Sentou-se sobre os calcanhares e estudou-o. A luz do sol vinha inclinada por uma das janelas laterais. Sem a jaqueta e acariciado pela inocente claridade, o homem não parecia tão assustador.

Sentindo-se mais confiante, ela cuidadosamente levantou a cabeça. Ele se contorceu e gemeu. Delicadamente, Brooke sondou por baixo do cabelo desalinhado e espesso e explorou o crânio. Encontrou um calombo de tamanho considerável e até mesmo o mais suave toque o fazia gemer.

O homem se afastou de perto dela e os olhos se abriram imediatamente:

— Que merda...

Então, seus olhos se estreitaram e ela sabia que ele estava se lembrando. Cada músculo em seu corpo ficou tenso, como um animal se preparando, pronto para atacar. Esse cara era o predador ou a presa? Ambos, ela adivinhou, e também adivinhou que o desconhecido detestava sentir-se vulnerável.

— Eu não contei a ninguém — disse ela rapidamente.

— Onde está minha arma?

Ela soltou o ar em uma lufada exasperada.

— Veja bem... eu fiz o que você me disse. Sua ameaça foi bastante eficaz. Você não tem de ficar me apontando uma arma.

A boca do homem curvou-se. Será que ele estava achando tudo aquilo divertido ou lutando contra a dor?

— Conte o que você fez — ele exigiu.

— O que eu... Ah, você quer dizer... — ela catalogou suas atividades, esperando ter se lembrado de tudo de sua lista.

— E você não falou com ninguém? — o olhar firme do homem contou a Brooke que ele saberia quando mentisse.

— Eu liguei para o trabalho e disse que estava doente. E um vizinho andava por aqui e viu a tinta fresca na cerca que consertei. Disse a ele que sofri um pequeno

acidente e por isso tive de fazer reparos. Ele achou que bati com o carro e deixei que ele acreditasse nisso — isso ainda a perturbava: ter de mentir para seus amigos.

A boca do sujeito se retorceu novamente.

— Você guia mal?

— Não!

Não desde que tinha batido naquele poste, tinha recebido o diagnóstico de bipolaridade e começara a tomar lítio. Não desde que tinha parado de beber.

— Nem eu. — sua voz era fraca, mas ela percebeu claramente um tom de humor.

Ele estava começando a parecer mais humano, e algo dentro dela se suavizou em resposta.

— Você caiu da moto — apontou Brooke.

— Não foi culpa minha. — as palavras saíram ásperas e suas pálpebras se contraíram.

Ela percebeu que ele estava lutando contra uma nova onda de fraqueza.

— Não desmaie de novo! — disse ela, porque precisava da ajuda dele para levá-lo ao sofá.

— Não farei isso — os olhos dele se abriram e ele olhou para ela.

Tinha ficado claro que a mulher ofendera seu ego masculino. E isso lhe deu uma sensação de poder que fez maravilhas para seu moral.

— Temos de levar você para o sofá — ela disse com firmeza.

Seus olhos se fecharam e por um momento Brooke pensou que o tivesse perdido novamente. Então se abriram.

— Até onde?

— Não muito longe. Se você puder só...

O homem já estava se debatendo para ficar de pé, os movimentos estranhos e claramente dolorosos. Ele conseguiu se levantar e cambaleou, como um bêbado. Um bêbado que estava prestes a... Ela o agarrou em torno da cintura, antes que desabasse.

— Meu Deus! — gritou ele.

— Eu só estou tentando ajudar.

— Leve-me... para... o sofá... — a mandíbula estava tão cerrada, tão apertada, que as palavras mal saíam.

Tropeçando mais uma vez, como um casal bêbado, os dois conseguiram ir até a sala de estar. Ela o colocou sentado no sofá e se afastou. A mão que estivera ao redor da cintura do homem estava úmida. Com sangue. Muito sangue.

O homem ficou sentado, inclinado para frente, com as mãos sobre as coxas para apoiar-se.

Brooke focou os olhos na camiseta dele, no sangue que a tinha encharcado pelo tecido escuro perto de sua cintura. Essa lesão, ao contrário dos arranhões sangrentos em seu quadril e na coxa, não se encaixava com o acidente. Como ele poderia ter se

machucado naquele determinado local quando a moto caiu? Será que ele tinha sido atingido por uma lasca de madeira da cerca?

— Eu... preciso... — as palavras estavam sendo ditas em um tom tão baixo que ela mal conseguia ouvir.

— Sim?

— De... uma bebida...

* Em inglês, *take no prisoners*: quando alguém está determinado a conseguir algo sem se importar com a vida do outro (*Cambridge Dictionary*). (N. E.)



EU PRECISO DE UMA BEBIDA. Meu Deus, como Brooke odiava aquelas palavras.

Ela estava prestes a dizer que não havia álcool na casa quando ele completou, com um suspiro:

— Água.

Brooke deu um salto, correu para a cozinha e voltou com um copo de água.

Quando o homem levantou a mão direita para pegar o copo, estava tremendo tanto que ela a segurou e ajudou-o a levar o copo aos lábios. A mão era quente e seca, masculina, forte e desconcertante. Sua própria mão tremia muito, e assim que ele terminou de beber, Brooke puxou o copo para longe e se afastou.

Quando ele voltou a falar, sua voz estava mais firme.

— Faça uma bandagem em mim.

— Preciso tirar sua camiseta — e aquilo exigia a ajuda dele, para poder puxá-la por cima da cabeça.

O homem fechou os olhos.

— Pode cortar.

Ela encontrou uma tesoura e cortou as mangas, as costas e a frente. As partes do tecido caíram, revelando um corpo magro e musculoso. Aquele homem estava muito bem fisicamente, melhor do que Mo jamais esteve, mas naquela época o máximo de esforço físico que Mo fazia era levantar uma garrafa.

Cachos de pelo negro decoravam o peito e a linha média do torso, e ela notou algumas cicatrizes consideráveis. Será que ele havia caído da moto antes? Talvez não fosse tão bom piloto como proclamara.

Um pedaço do tecido ficou preso do lado do corpo, onde estava sangrando. Cautelosamente, Brooke tentou afastá-lo.

— Ah, pelo amor de Deus — rosnou ele. — Puxe!

Aquele homem tinha invadido sua vida pacífica e ameaçado destruição. Se ele tinha dito para puxar, era isso que ela faria, diabos! Brooke puxou com força, o pano foi arrancado, e a respiração do homem assobiou por entre os dentes. Ela olhou para o monte de sangue ali. Um véu cinza deslizou por sua visão e...

A mão do homem agarrou seu pulso, como se seus dedos mordessem.

— Não desmaie — ordenou ele, do mesmo modo que ela fizera apenas alguns minutos atrás.

Piscando, Brooke forçou a nuvem cinzenta para longe.

— Eu... — disse, engolindo com esforço uma onda de náusea. — Não vou...

Os dedos do homem eram um bracelete forte e quente em torno de seu pulso, aprisionando-a, mas quando ela forçou de novo, imediatamente a liberaram. Ele cutucou a lateral do corpo, dizendo:

— Ferida superficial. Ela só me arranhou — murmurou, parecendo aliviado.

— O que o arranhou?

— A bala.

Bala. Ela tentou compreender essa informação. Aquele homem tinha batido em sua cerca com a moto e uma bala tinha passado pelo lado do corpo dele. Essas duas partes da informação não se encaixavam. A menos que...

— Você bateu com a moto porque alguém atirou em você? — mesmo tendo acabado de dizer aquelas palavras, Brooke percebeu como soavam ridículas. Ela não conseguia imaginar um de seus vizinhos atirando em um motoqueiro, mesmo que ele fosse um criminoso fugitivo.

Ficou estudando o rosto dele, observando a dor e a exaustão, mas também um controle implacável. Ele não ia contar a ela o que tinha acontecido. Ela deveria estar se sentindo aliviada, porque nessa situação qualquer conhecimento maior poderia ser uma coisa perigosa.

Ainda assim, tinha pistas suficientes para juntar a história. Ele carregava uma arma. Seu corpo já trazia muitas cicatrizes. Provavelmente ele era membro de alguma gangue de motoqueiros traficantes de drogas. Talvez tivesse matado um motociclista rival e foi baleado em troca. Ele conseguiu fugir em sua moto, mas perdeu sangue, foi ficando fraco e finalmente caiu.

Havia toda a probabilidade de que tanto a polícia quanto os bandidos que queriam matá-lo estivessem vasculhando a área atrás dele. Brooke já decidira que não ia denunciá-lo, pois não arriscaria sua família. Assim, o perigo remanescente era sua própria vida. Se ela ficasse sabendo demais, aquele homem poderia tentar matá-la em vez de apenas esgueirar-se e ir embora no meio da noite.

Brooke sempre tivera certa emoção ao ler aqueles contos policiais e de mistério, mas não estava achando nada divertido ver a si mesma bem no meio da própria história de suspense.

— Não quero saber o que aconteceu — disse a ele. — Não sou uma ameaça para você.

A sombra mais leve de um sorriso cruzou seu rosto quando ele murmurou:

— Ótimo.

O homem se acomodou no sofá até ficar deitado sobre as almofadas. Apressadamente, ela amassou uma toalha velha contra a lateral do corpo ferido.

— Basta você me remendar — disse ele. — Depois, deixe-me descansar um pouco e logo estarei fora de sua vida.

Remendar. Do jeito que ela o tinha visto pela primeira vez, como um brinquedo quebrado largado no solo. E isso a fez lembrar-se de Evan. De um bebê teimoso, seu filho se transformara em um modelo de criança, embora, naquela altura, ela estivesse muito fora de si para se importar...

Brooke respirou fundo. Pecados passados. Aquele homem, por causa da sua semelhança com Mo, estava fazendo com que lembrasse de seus pecados passados. Ela sabia que nunca se libertaria da culpa, mas também sabia que não podia mudar o que passou. Seu foco agora tinha de ser a nova vida, a nova força e integridade.

Ela colocou as mãos nos quadris.

— Tudo bem, eu vou fazer o melhor que puder em seus ferimentos. Se o buraco da b-bala é apenas uma ferida superficial, então vou limpar e enfaixar, mas eu não sou enfermeira e não vou tentar dar pontos. — claro que ela desmaiaria se tentasse fazer isso.

Continuando a percorrer o catálogo de lesões, ela disse:

— Você tem um inchaço na parte de trás da cabeça. Não está sangrando, mas você pode ter sofrido uma concussão, talvez até uma lesão cerebral, e não há nada no mundo que eu possa fazer sobre isso. Além do mais, você tem uns arranhões bem feios no quadril e na coxa direita. Seus jeans estão desfiados e há terra e cascalho incrustados nas feridas. Vou precisar limpá-las bem e isso vai doer um bocado. Primeiro, vou precisar tirar suas calças. Devo cortá-las também?

Ele riu. O criminoso ferido realmente riu. Foi uma explosão rápida, sufocada, provavelmente por causa da dor, mas foi uma risada.

— Que diabos... — murmurou ele. — Acho que não vou usar essas calças de novo...

Para espanto dela, os olhos do homem estavam calorosos e amigáveis, brilhando com humor. Eles o transformaram em um homem diferente e, sem pensar, ela respondeu a esse homem.

— Esse estilo de calças desfiadas não voltou a estar na moda?

Ele riu de novo e depois gemeu.

— Não me faça rir. Dói muito.

— É isso que vai acontecer quando eu tirar o resto das suas roupas e passar o antisséptico na pele machucada.

— Seja gentil, enfermeira.

E, irracionalmente, ela queria ser. O relacionamento deles tinha mudado, e no momento ela não o via como um criminoso, apenas um homem. Um homem com problemas, que precisava dela.

Os olhos dele se estreitaram, para um roxo esfumado, mas dessa vez ele não estava com dor ou raiva. Era desejo. Puro, quente, desejo animal.

E o corpo de Brooke respondeu. Assim como tinha feito quando Mo olhou pela primeira vez para ela daquele jeito, naquele verão em Los Angeles, quando era uma garota de quatorze anos. A dor entre as coxas foi um choque; pensava que essas sensações estavam enterradas havia muito tempo.

Ela respirou fundo. Que idiota! Aquele homem tinha apontado uma arma para ela.

Deliberadamente, Brooke afastou os olhos do rosto dele. Então, ajoelhou-se no chão ao lado do sofá e puxou as botas de couro arranhadas, tirando as meias em seguida. De cabeça ainda baixa, disse:

— Agora, temos de tirar o jeans. Acho que seria mais fácil puxar para baixo do que cortar.

Ela tentou manter o tom de voz tão eficiente quanto possível, mas a ideia de vê-lo quase nu fez sua pulsação bater loucamente.

— Achei que você nunca fosse pedir.

A voz dele era provocante e sexy. Era difícil acreditar que um homem em sua condição pudesse sentir desejo, mas era evidente que estava sentindo, e isso o havia revivido.

Furiosa com os dois, ela o olhou:

— Você vai ajudar ou não?

Ele levantou uma sobrancelha. O maldito homem sabia que a estava afetando, e gostava disso. E estava tendo uma surpreendentemente rápida recuperação.

Se esse sujeito estava a fim de provocá-la, bem, então ela o provocaria de volta.

— Não consigo acreditar que um homem grande e forte como você vai deixar algo como um pequeno buraco de bala enfraquecê-lo.

A mandíbula dele se apertou momentaneamente, mas depois relaxou, e seus olhos brilharam. Ele tinha percebido seu estratagema.

— Não é possível acreditar que uma mulher da sua idade não saiba como tirar as calças de um homem.

Uma mulher da idade dela? Ahhh! Ela percebeu que ele era vários anos mais jovem que ela, mas com quarenta e três anos ela não era tão velha assim... Brooke se vingaria dele por causa daquele comentário!

Corajosamente, agarrou o botão da cintura e abriu. Pegou a guia do zíper e puxou-o para baixo. O silvo do metal quase cobriu o suspiro de surpresa dele, mas Brooke o ouviu e apertou os lábios bem firmes para esconder o sorriso. Ela estava

com vergonha de estar em contato tão íntimo com o corpo do homem, mas feliz por ter descoberto o blefe dele.

Então, agarrou a cintura da calça jeans de ambos os lados e começou a puxar para baixo.

— Levante os quadris.

Ele obedeceu e o jeans deslizou.

Seus dedos roçaram o algodão macio e ela percebeu que tinha pegado o cós da cueca.

Antes que pudesse soltar, as mãos dele agarraram a dela, prendendo-a no lugar.

Ela conseguiu libertar uma das mãos e lhe deu um tapa rápido:

— Solte. Pode acreditar, eu não tenho o menor interesse em ver os seus, hã, “documentos”.

Grande mentira. Brooke estava definitivamente muito interessada, mas não tinha nenhuma intenção de ceder à sua curiosidade. Assim, qual era o problema se já tivessem se passado mais de quinze anos desde que ela tinha visto um homem nu? Ela poderia esperar tranquilamente outros quinze anos, ou mais.

Separou o denim do algodão negro e retomou a luta com o jeans. E teve de se inclinar sobre ele para conseguir puxar o suficiente, ficando muito perto de seu corpo para sua paz de espírito.

O cheiro enjoativo e metálico de sangue estava em suas narinas, mas debaixo dele estava um cheiro muito mais natural, almiscarado e masculino. Tentador e excitante.

O corpo que estava sendo revelado centímetro por centímetro era, como seu cheiro, totalmente masculino. Delgado, abdome musculoso, espirais escuras de pelos, coxas firmes, joelhos fortes, panturrilhas bem torneadas. Sem falar do volume de tamanho considerável que se percebia pressionado contra a cueca boxer preta e pegajosa. Não havia modo de evitar olhar para aquela constituição sedutora, com seu rosto a apenas escassos centímetros de distância, e agora, mesmo que fechasse os olhos, a imagem estaria impressa por trás de suas pálpebras.

Suas bochechas estavam queimando. Como poderia um homem com tanta dor experimentar tamanha excitação?

Aquilo era tão improvável quanto uma mulher que tinha sido ameaçada com uma arma estar excitada com o homem que o tinha feito, mas não havia dúvida de que aquela era sua reação. Embora ela não tivesse sensações sexuais há anos, claro que reconheceu o calor, a dor, o formigamento. Agora que o pânico inicial tinha desaparecido e ela havia começado a interagir com ele, começou a acreditar que o homem não faria de fato mal a ninguém. E isso a fez sentir-se uma idiota. Tinha lido sobre a síndrome de Estocolmo, quando os reféns começam a gostar de seus captores. Isso já estaria começando?

Rapidamente, puxou os jeans para fora dos pés dele e jogou-os sobre a mesa de café. Determinada a não revelar seus sentimentos, obrigou-se a encontrar o olhar

sensual daquele homem com uma expressão gelada de sua parte. Em um esforço para estabelecer o controle, perguntou:

— Qual é o seu nome?

Os olhos dele foram de um roxo caloroso para um azul-acinzentado gelado em menos de um segundo.

Ela percebeu seu erro.

— Não o seu nome de verdade, e se tiver alguma identidade no bolso, prometo que não irei...

— Não tem.

— Certo, mas me fale como eu posso chamar você, para não ficar nesse “ei, você”!

— Me chame de... João.

— João Ninguém?

— Como os corpos não identificados no necrotério? Sim, me chame de João Ninguém, mas eu não estou planejando me transformar em um cadáver tão cedo.

Com expressão fria e avaliadora, ele arqueou a sobrancelha em uma pergunta silenciosa.

— Eu não vou entregar você para a polícia nem qualquer outra pessoa. Não quero que nenhum mal aconteça à minha família — ela disse, bufando em um suspiro e continuou, um pouco a contragosto. — E não vou matá-lo ou deixá-lo morrer. Não é da minha natureza, mesmo que deteste o fato de você estar aqui.

Ele a observou atentamente enquanto falava e depois assentiu.

— Eu odeio isso também. Faça o que eu digo, irei embora logo e você estará segura.

Foi a segunda vez que ele disse aquilo. Será que ele realmente pretendia ir embora sem machucá-la? Ele parecia sincero ou era apenas uma ilusão de sua parte?

Lembrou-se de que estava com a arma do homem.

— Ótimo, então nós temos o mesmo objetivo. Quer uma aspirina? Eu vou ter de ir até o banheiro.

Ele a olhou com cautela.

— Olha, ou você confia em mim ou não — disse ela.

Ele engoliu em seco.

— Seria bom uma aspirina.

— Então, tudo bem.

Brooke correu escada acima, pegando não apenas a aspirina, mas mais ataduras e trapos. Depois que encheu o copo com água, ajudou-o a sentar-se o suficiente para engolir os comprimidos e beber a água, muito consciente de seu calor nu sob o braço.

— Vou pegar água morna para lavar suas feridas.

Ela se dirigiu à cozinha e colocou uma panela debaixo da torneira.

— Ei! — chamou o homem.

Brooke enfiou a cabeça pela porta.

— Sim?

— Qual é o seu nome, anjo de misericórdia?

Até então, ela não tinha percebido como essa pergunta poderia ser tão pessoal. E como ela se sentiria vulnerável ao dar o seu nome. Contudo, detestava mentir, e perceberia se fizesse isso. Voltando com o pote de água, respondeu:

— Meu nome é Brooke. Quanto a ser um anjo de misericórdia, aposto que você não vai dizer isso depois que eu passar o creme antisséptico nas feridas.

Ajoelhou-se ao lado dele e, rangendo os dentes, cuidou da lesão que parecia pior, ansiosa para acabar com aquilo. Enquanto limpava o sangue do ferimento de bala na lateral do corpo, notou que sua avaliação estava correta. A carne foi rasgada e dilacerada e o homem teria ali uma nova cicatriz, mas a lesão não era grave e o sangramento tinha abrandado e agora estava terminando.

Uma aplicação generosa de medicamento o fez se dobrar e soltar palavrões, mas ela continuou, fechando o curativo com uma atadura e loção antibiótica. Ele precisaria tomar cuidado com infecções, mas um homem com aquelas cicatrizes no corpo já saberia disso.

Voltando a atenção para os arranhões no quadril e na coxa, ela usou pinças esterilizadas e extraiu o cascalho preso. Por um tempo ficou bastante consciente da nudez dele, e também de seus estremecimentos e palavrões ocasionais e sufocados, mas depois focou o que estava fazendo.

Quando terminou, sentou-se sobre os calcanhares, com o corpo exausto e dolorido. Olhou para o rosto dele pela primeira vez desde que tinha começado a bancar a enfermeira.

Seu olhar firme encontrou o dela.

— Obrigado. Sei que não foi nada agradável.

— Ahn, não, não foi... Eu... Não foi nada... — e forçou o corpo cansado a ficar de pé. — Você deve descansar.

— Você também, Brooke.

Seu tom era gentil, os cílios escuros vibravam, as linhas esculpidas em seu rosto pela dor tinham relaxado, e os olhos permaneceram fechados.

Absurdamente, ela queria esticar o braço e acariciar sua bochecha.

Em vez disso, decidiu limpar a bagunça, cortar a camiseta manchada e a calça de brim e fazer trapos delas, e colocar tudo na máquina de lavar junto com os panos sujos de sangue que tinha usado para limpar as feridas. Depois empacotou a jaqueta em um saco de lixo e escondeu-a no armário de ferramentas.

Finalmente, procurou o santuário de sua cozinha ensolarada. Ligou o rádio bem baixinho, afundou em uma cadeira e descansou a cabeça nas mãos. O que faria com o João Ninguém?

Um trinado de canto dos pássaros a fez levantar a cabeça. Foi o relógio que Robin tinha dado a ela no Natal. A cada hora, um pássaro diferente cantava sua canção. O atual era um rouxinol, o que significava que eram doze horas. O pássaro sempre a lembrava de *O sol era para todos*, um de seus livros favoritos. O tema, pelo que se lembrava, era o de que você não deveria pré-classificar as pessoas por estereótipos, deveria abrir sua mente e descobrir quem elas eram realmente.

E o João Ninguém? Quem era o homem de verdade: o motoqueiro que portava uma arma e havia ameaçado sua família, ou o homem gentil que lhe agradecera por ter cuidado dele?

Brooke inclinou a cabeça no encosto da cadeira. Ela bem que gostaria de tirar um cochilo, mas não conseguia se imaginar dormindo enquanto aquele sujeito estivesse sob seu teto.

Sunny estava passeando por ali e saltou em seu colo. Ele esfregou a cabeça na dela e ela o acariciou.

— Sim, já é seguro sair de seu esconderijo. O que me diz? Quer um pouco de atum?

Brooke esmagou um pouco de peixe com o garfo no pratinho do gato e fez uma salada com o restante. Depois, saiu para a varanda dos fundos para comer, dizendo a si mesma que ela era muito mais feliz comendo uma saudável refeição do que bebendo umas cervejas.

Quando terminou a salada, levantou os pés, apoiou no corrimão, pintado de branco para combinar com a cerca, e se recostou. O gato ronronou no colo, enquanto o som suave de música country vinha da porta aberta da cozinha e o calor do sol acariciava suavemente e aliviava suas dores. Parecia de certa forma autocomplacente estar em casa na hora do almoço em um dia de semana. Autocomplacente, mas inquietante. Rotina era a chave para sua sobrevivência, e ela ficaria feliz em ter trocado a varanda ensolarada pelo ar-condicionado e o cheiro de produtos químicos do salão de beleza onde trabalhava.

Como passaria o resto do dia? E quanto tempo ia demorar até que o João Ninguém se recuperasse? Será que ele manteria sua promessa de deixá-la ileso?

Brooke tentou relaxar, para se concentrar não no homem perigoso em seu sofá, mas no peso quente do gato que dormia em seu joelho. Sunny era seu antídoto favorito contra o estresse. No AA eles tinham recomendado primeiro ter uma planta e mais tarde um animal. O objetivo era aprender a ter responsabilidade, mas havia também maravilhosos benefícios, como o companheirismo.

Ela passou os dedos em todo o pelo sedoso de Sunny. Ele estava todo esfarrapado quando o encontrou alguns anos antes, encharcado e tremendo na porta dos fundos da pequena casa que alugava na cidade. Ela o deixou entrar, pensando em levar o gatinho para a Sociedade Protetora dos Animais, porque ainda não se sentia pronta para “adotar um animal de estimação” como parte de sua recuperação. Depois do desastre

que tinha sido criar Evan, Brooke não conseguia se imaginar assumindo a responsabilidade por outra criatura viva.

Contudo, a tempestade que o trouxera era extraordinária, tornando as estradas traiçoeiras. Pela manhã, quando já era seguro dirigir, o gato tinha ensinado como era uma coisa boa ter um amigo numa noite de tempestade, e de alguma forma ele adquiriu o nome de Sunny. E já que tinha um nome, ela não podia deixá-lo ir.

Ambos tinham se adaptado um ao outro, tomado conta um do outro, e foi o gato que lhe dera confiança para convidar Robin para dormir em sua casa pela primeira vez, depois de Brooke se mudar para aquela casa no outono passado.

Ela havia resistido em aceitar a oferta de Wade e Miriam Bly de alugar aquela casa em suas terras no rancho. Era como um sonho que se tornava realidade: uma bela casa com o próprio jardim de tamanho considerável e sem vizinhos bisbilhoteiros e barulhentos, mas ao mesmo tempo tinha parecido caridade da parte deles. Entretanto, ela aceitou quando o pai de Jess explicou que os últimos inquilinos tinham deixado a casa em péssimas condições e que tanto a casa quanto o jardim precisariam de um belo trabalho para ficar aceitáveis. Miriam, uma alma boa e generosa, acrescentou:

— Nós gostaríamos que você desse um pouco de amor e carinho para o pobre lugar, Brooke.

Brooke tinha sido muito abençoada no ano anterior.

Acariciando Sunny, ela lembrou-se de que estava pensando exatamente nisso quando aquele João Ninguém apareceu e bateu sua Harley na cerca branca.

— Bem, vamos sobreviver a tudo isso — murmurou para o gato —, e a vida vai voltar ao normal.



— Jantar?

A voz feminina atravessou a consciência de Jake e ele se esforçou para abrir os olhos. Parecia que todo o seu corpo queria mais é dormir — ou desmaiar.

Brooke o havia despertado algumas vezes, preocupada que ele tivesse tido uma concussão. Ficava fazendo perguntas idiotas, tipo o nome do primeiro-ministro, e a cada vez ele voltava a dormir imediatamente.

Jake olhou para cima e apertou os olhos contra a luz. Ela era um anjo novamente, o sol de final da tarde atrás dela transformava seus cabelos em um halo brilhante. Brooke. Ela disse que seu nome era Brooke. Um nome bonito, mas menos dinâmico do que seus cabelos, os olhos da cor do mar, lábios cor-de-rosa e espírito corajoso.

Ele não conseguia distinguir suas feições, até que ela ficou bem de frente, afastando-se do brilho do sol. Não, não é um anjo, não com essa carranca. Ele teria

sorrindo se isso não fosse arruinar seu papel de “criminoso duro e violento”. De repente, ele percebeu que estava acordado e não se sentia totalmente um merda. O melhor de tudo: estava vivo e aquela mulher não o tinha entregado nem atirado nele. Pela expressão de seu rosto, porém, ela estava muito furiosa. E Jake percebeu que não gostava de ter Brooke brava com ele.

Fechou os olhos por um momento. O instinto lhe dizia para confiar nela, e ele queria se retratar de suas ameaças. Contudo, tinha ido a Caribou Crossing para caçar um assassino, e esse objetivo vinha em primeiro lugar. Brooke poderia estar envolvida com o assassino, embora isso parecesse improvável.

— Jantar? — a voz dela estava impaciente, em contraste com a balada melosa que uma cantora country cantava ao fundo.

Ele percebeu que Brooke segurava uma bandeja, e algo nela cheirava muito bem, como tomates e ervas. Ele mudou de posição, afrouxando o velho cobertor que estava emaranhado em torno de sua cintura, e mordeu um gemido.

— Ajude-me a sentar.

Brooke fez uma careta aborrecida, mas colocou a bandeja na mesa de café, depois pegou uma almofada de uma cadeira nas proximidades e inclinou-a no sofá.

— Incline-se para a frente.

Ele obedeceu, fazendo uma careta quando a dor percorreu todo a lateral do seu corpo. A mulher amontoou a almofada atrás dele e ele suspirou. Sentia como se alguém estivesse pilotando uma Harley dentro de sua cabeça.

— Puxe o corpo para cima — disse ela.

Se ela tivesse sido mais gentil, ele teria feito isso, mas seu tratamento descuidado o irritava — mesmo que merecesse. Além disso, aquela mulher era muito bonita e ele queria que ela se aproximasse. Tinha uma vaga lembrança de que ela cheirava a flores tropicais. Ou tinha sido um sonho?

— Não consigo fazer isso sozinho — disse ele. — Talvez se você enganchasse as mãos nas minhas axilas e me puxasse para cima?

A carranca dela ficou ainda mais mortal.

— Ou você poderia simplesmente me dar a comida... — sugeriu ele com suavidade.

Ela deu um suspiro e murmurou algo que soou como: “Ou você pode morrer de fome”. No entanto, ela se aproximou e estudou sua posição.

— Se você se erguesse no sofá e ficasse meio que de perna aberta...

O corpo dele, nu exceto pelas cuecas boxer, se agitou com a ideia. Mesmo com aquele olhar em seu rosto, Brooke era uma mulher atraente.

Ela foi para trás do braço do sofá, inclinou-se sobre os travesseiros empilhados, agarrou-o em ambas as axilas e deu um poderoso puxão para cima.

Jake mal teve a chance de apreciar o suave e exótico perfume de seus cabelos, que fizeram cócegas em seu rosto antes que a dor quase o fizesse apagar de novo. Ele

mordeu o lábio que tinha machucado antes e conseguiu ficar consciente; depois, arrastou o corpo devagar para uma posição quase confortável.

Ele ergueu o leve cobertor que o cobria e olhou por baixo. Com os dedos cautelosos, examinou os curativos que Brooke havia aplicado.

— Eu verifiquei há uma hora — disse ela. — Não acho que exista nenhuma infecção.

Imaginou-a examinando o corpo dele enquanto dormia, e a pulsação da excitação acelerou.

As bochechas estavam rosadas e ele viu uma vibração em sua garganta, os pequenos seios se elevando rapidamente. Duvidou que ela não estivesse com tesão também. Fez uma preguiçosa inspeção visual naquela mulher, admirando cada curva suave. Se ele não estivesse com tanta dor, bem que se veria tentado a...

Meu Deus, no que ele estava pensando? Ele estava mantendo a mulher como refém até que pudesse ficar em pé novamente, e agora ele mal conseguia se sentar!

Tinha de descobrir como proceder com sua investigação sobre o assassinato de Anika Janssen. Teria de inventar uma nova história, pedir a seu companheiro Jamal que fornecesse uma nova identidade falsa e pedir também que checasse Brooke. Jamal ia ficar puto por ele ter estragado tudo.

Não, aquele não era definitivamente o momento para pensar em sexo. No entanto, com Brooke por perto, era difícil pensar em qualquer outra coisa. Meu Deus! Talvez tivesse mesmo uma concussão. Seu cérebro não estava em perfeito funcionamento. Teria de se recompor. Primeiro as prioridades.

— Você tem um marido que vai voltar do trabalho?

Ela estava em pé, absolutamente imóvel, como se o olhar dele a tivesse enfeitiçado, mas agora ela deu um passo para trás.

— Não.

— Namorado? Filhos? Alguém?

— Eu moro sozinha, exceto por Sunny.

Brooke acenou com a mão em direção a uma cadeira ao lado da lareira e Jake viu um gato da cor de mel todo enrolado.

Brooke se abaixou para pegar a bandeja, colocou no colo dele e saiu rapidamente. Sopa, um sanduíche de queijo grelhado, um copo de leite. Um ótimo jantar para uma criança, pensou de mau humor. Ainda assim, a sopa era obviamente feita em casa, com pedaços de tomate, cebolas e cogumelos. Alecrim e alho também, como seu olfato pôde perceber. O pão fora cortado em pedaços grossos, salpicado de grãos e talvez nozes e não se parecia com nada que ele já tivesse visto em uma mercearia.

Será que Brooke tinha passado a tarde cozinhando? Para ele? Jake não gostava quando as mulheres que estava namorando cozinhassem para ele. Isso o fazia pensar que elas estavam tendo ideias... Mas agora, observando a anfitriã forçada, ele não se importava nem um pouco.

Ela ficou de pé ao lado do sofá, procurando ser cautelosa com a linguagem corporal, como um suspeito prestes a fugir.

— Parece bom — disse ele, e viu o rosto dela relaxar. — Tem cerveja?

Ela ficou tensa imediatamente.

— Não. Não há álcool nesta casa.

— Mas que droga!

Ele deveria ter imaginado que o proprietário de uma casa com cercas brancas de madeira seria um abstinente. Quer dizer, dava para a sorte de hoje ficar ainda pior? Ele fez uma careta para o copo de leite. Leite até que ia, mas depois dos eventos do dia, ele realmente gostaria de tomar uma cerveja. Ou três.

— Você precisa de mais alguma coisa? — ela perguntou.

Mesmo que ela tivesse pedido um nome pelo qual chamá-lo, nunca usou o nome que Jake tinha dado a ela.

— Não no momento.

— Bem, e nas próximas duas horas? Tenho de sair — Brooke murmurou as palavras, quase engolindo as últimas delas.

— Sair? Você não vai a lugar nenhum!



UMA ONDA DE EXAUSTÃO inundou o corpo de Jake. Talvez ele conseguisse controlar aquela mulher naquela noite, mas ele teria de ficar em Caribou Crossing se quisesse encontrar o assassino de Anika. Quando ele criasse uma nova identidade, Brooke teria o poder de detoná-la. Que merda!

Se ao menos ele pudesse confiar nela e contar a verdade. Parecia improvável que aquela mulher tranquila com sua casa aconchegante, música country e gato dourado fosse se misturar com um assassino que vendia drogas. Contudo, ele já sabia que o criminoso que procurava usava uma máscara de respeitabilidade; como ele poderia ter certeza de que essa moralidade sadia de Brooke não era também uma fachada?

Além disso, se ela era inocente, e ele lhe contasse o que estava fazendo de verdade, poderia colocá-la em perigo. Ele deveria proteger os inocentes, não prejudicá-los.

Quando ele gritou, ela olhou para baixo e recuou alguns passos, mas agora firmou o queixo e fixou-o com um olhar duro.

— Se eu não o delatei até agora, não o faria hoje à noite. Além disso, eu tenho de ir — quando ela falou as últimas palavras, a voz ficou embargada. — É terça-feira à noite e tenho uma reunião da qual tenho de participar. Eu vou toda terça-feira. Se eu não aparecer, as pessoas vão telefonar. Talvez até mesmo aparecer por aqui.

Ele gemeu.

— Faça o que você fez com o seu trabalho. Ligue e diga que você está doente.

— Eu tenho de ir.

A voz era estridente, quase desesperada, o corpo estava tão tenso que quase vibrou.

— Por quê? O que tem de tão importante sobre essa reunião?

— É... — Brooke engoliu em seco, com tanta intensidade que ele pôde ouvir.

— É no AA.

Ela conseguiu dar um choque nele. Que nunca teria imaginado que aquela mulher era alcoólatra. Ela parecia tão no controle. No entanto, claro, se ela era uma alcoólatra em recuperação, estava no controle. Estava travando uma batalha constante para manter o domínio sobre seus desejos, e vencendo, um dia de cada vez. Não admira que fosse tão valente quando se tratava de lidar com ele; ela enfrentava um demônio muito pior.

— Eu preciso ir — disse ela. — Hoje foi... Difícil.

Droga. Ele se arrependeu de colocar tanta pressão sobre ela, mas pelo menos ela não poderia começar a beber de novo tendo em vista que não havia nenhuma bebida alcoólica na casa. Ele balançou a cabeça, fazendo uma careta quando o galo na cabeça roçou a almofada.

— Você não pode ir. Desculpe-me, mas é assim que é.

— Minha família é a única coisa no mundo que é importante para mim! — a voz irritada de Brooke machucou a cabeça dolorida. — E não pretendo colocar em risco a vida deles, não por uma escória como você. Não vou dizer uma palavra sobre você estar aqui, mas realmente preciso ir para minha reunião.

Do outro lado da sala, o gato deu um miado, saltou para o chão, e correu para longe.

Jake olhou para as fotografias no aparador da lareira, que ele havia estudado anteriormente em um breve período de consciência: a foto de um casamento com um jovem casal bonito, a menina em um cavalo, a mesma menina com Brooke. Quem seria Brooke para essas pessoas? O noivo tinha uma semelhança com ela, poderia ser seu irmão mais novo.

Ele tinha imaginado que aquela menina seria filha dela, mas a mulher morava sozinha. Seria sua sobrinha?

Estranho que não houvesse nenhuma foto de Brooke com um homem. Ela era bonita, sexy, obviamente competente. Contudo, era alcoólatra. E alcoolismo era uma coisa complicada para os relacionamentos.

Ainda assim, parecia que tinha seu alcoolismo sob controle.

Brooke era uma mulher interessante. Ela era capaz de enfrentar um homem que acreditava ser um bandido em fuga. Apesar de seu desconforto, tinha feito um trabalho completo de cuidar de suas lesões. Além disso, tinha feito uma sopa de tomate que cheirava como se tivesse saído de uma cantina italiana. Ainda mais, Brooke colocava a família acima de tudo, embora isso pudesse ser decorrente de culpa pelo comportamento do passado, de seus dias de bebedeira.

Brooke era uma alcoólatra em recuperação. Sem bebida na casa, e teimando em ir à reunião. Ele respeitava pessoas capazes de escapar do buraco negro do alcoolismo, e entendia a batalha constante que travavam. Tinha passado por tudo isso com Jamal, seu supervisor e amigo. Era um segredo compartilhado por eles dois de que Jamal era

um alcoólatra em recuperação. Se o departamento de polícia descobrisse, ele poderia ser afastado desse trabalho à paisana.

Jake sabia também como eram importantes essas reuniões do AA para os alcóolicos.

Havia ainda, ele percebeu, o fato de que Brooke estava lhe oferecendo uma oportunidade. Se conseguisse ficar em pé, coisa que ele deveria fazer logo de todas as maneiras, porque precisava ir dar uma mijada e não teria como pedir ajuda à Brooke, Jake poderia vasculhar a casa e ligar para Jamal para verificar os antecedentes. Só assim teria melhores condições para julgar se a mulher era de fato inocente. E também poderia encontrar sua arma, caso ela não a tivesse levado consigo.

— Então vá à sua maldita reunião, Brooke — rosnou. — Não diga uma palavra sobre mim, e trate de voltar para casa logo depois.

Meu Deus, ele devia estar com o cérebro danificado.

Ela engoliu em seco novamente.

— Obrigada, João.



Assim que Brooke chegou para guardar o carro na garagem após a reunião, notou que a casa estava às escuras. Ela havia se esquecido de deixar uma luz acesa quando saiu.

João Ninguém devia provavelmente estar lá, seus problemas não tinham se resolvido magicamente, embora estivesse se sentindo mais em paz do que no início da manhã. Ela mal tinha falado uma palavra durante a reunião, com a desculpa de que não estava se sentindo muito bem, talvez algo que tivesse comido, mas recuperou o equilíbrio. Agradeceu aos céus que seu hóspede indesejado a tivesse deixado ir; ela realmente não tinha esperado que ele o fizesse.

Do lado de dentro da porta, tirou os sapatos e depois foi na ponta dos pés para a sala de estar. Não querendo acordar João Ninguém, não acendeu a luz. Seus olhos levaram algum tempo para se acostumar com a escuridão, mas quando isso aconteceu, ela deixou escapar um suspiro. As cobertas estavam jogadas no chão, longe do sofá, mas o homem tinha ido embora.

Apressadamente, ela clicou no interruptor de luz e examinou a sala. A bandeja de jantar, com pratos vazios, descansava na mesa de café. Sunny ergueu-se em uma das cadeiras, espreguiçando. A outra cadeira estava vazia. Brooke correu para o lavabo debaixo da escada, mas também estava deserto. Ela olhou escada acima, então balançou a cabeça. Se ele tivesse se sentido bem o suficiente para ir ao andar de cima, em seguida, então teria escolhido ir embora, como claramente parecia ter feito.

Percebendo que ela estava segurando a respiração, deixou o ar escapar em um longo suspiro. Um milagre tinha sido concedido a ela e o homem fora embora. Ela

estava a salvo, assim como as pessoas que amava.

Como, porém, ele tinha conseguido fazer isso, com o ferimento a bala, a perda de sangue, a pancada na cabeça? Nenhum daqueles machucados era muito grave, sem dúvida, mas o danado daquele homem não tinha percebido que estava fraco demais para sair de moto? Ele poderia cair de novo e, desta vez, se machucar para valer.

Por que ela deveria se preocupar, nem que fosse por apenas um momento?

Deveria ligar para a polícia, agora que estava a salvo?

Ligou o rádio automaticamente. Quando chegara a Caribou Crossing, ela amava música de discoteca e rock. De alguma forma, ao longo dos anos, o som do country e do western foi penetrando seu cérebro, até que se tornou um ritmo que a confortava.

Enquanto afundava na cadeira em frente de Sunny, Tammy Wynette estava cantando *Stand by Your Man*, e Brooke quase riu da ironia. O gato saltou e caminhou até vir se esfregar em seu pé, então pulou no colo e deixou bem claro que não se importaria se ela coçasse seu queixo. O que Brooke fez.

— Eu deveria me sentir aliviada — murmurou a si mesma. — Ele se foi. Meus problemas realmente foram resolvidos.

Ele era um criminoso procurado pela polícia e tinha ameaçado sua família. Era absurdo ela sentir-se preocupada com esse cara. E, no entanto, havia algo sobre ele...

Balançou a cabeça vigorosamente. Ele era bonito e viril e a fazia se lembrar de Mo. Ele a fazia sentir-se excitada e nervosa, exatamente como Mo fizera naquele verão em que se conheceram. Sim, tinha certeza de que havia algo de misterioso sobre esse João Ninguém, e isso definitivamente não tinha sido bom para sua paz de espírito. Ela refletiria sobre tudo isso durante a noite. Na parte da manhã, talvez ela fosse telefonar para a polícia. Ou talvez fosse acordar e descobrir que tudo isso tinha sido apenas um pesadelo.

Sunny pulou e ficou na frente da cadeira com a cauda arqueada. Brooke puxou suavemente a ponta peluda.

— Sim, gatinho, é hora de dormir.

Ela levou a bandeja para a cozinha, colocou o frasco de aspirina no balcão, depois enxaguou os pratos e colocou-os na máquina de lavar louças. O gato mudou impientemente de um pé para o outro, mas Brooke não estava a fim de largar pratos sujos pela casa. Tinha abandonado esse mau hábito havia cinco anos, quando começou a se desintoxicar.

Desligou o rádio, dobrou o cobertor, colocou os lençóis e toalhas na máquina de lavar roupa, então recolheu os medicamentos e as ataduras e seguiu Sunny até o andar de cima. A casa era sua novamente, a vida de Brooke era sua novamente, porém ela ainda se sentia perturbada.

Quando entrou em seu quarto, congelou no lugar. João Ninguém, nu exceto pelas cuecas negras e as bandagens, estava deitado de barriga para cima em sua cama. Ela

correu adiante para tocar a garganta, os dedos tão trêmulos que mal conseguiu encontrar a pulsação. Sim, ele estava vivo.

Olhando para ele assombrada, ela sentiu uma mistura perturbadora de alívio e consternação. Por que tinha vindo aqui para cima? Talvez ele estivesse procurando uma cama mais confortável e então, tendo esgotado suas forças, caiu por cima em vez de se colocar debaixo das cobertas. Ou será que estivera procurando sua arma?

Brooke colocou os suprimentos médicos na cama e correu para o armário, para verificar o cesto de roupa suja. A arma ainda estava lá, junto com o coldre de ombro que tinha escondido naquela tarde. Aliviada, voltou para o lado da cama. Ele não tinha puxado as cortinas e a luz da lua e das estrelas foi suficiente para que ela pudesse estudá-lo.

O homem realmente tinha um corpo incrível. Perfeição masculina, exceto pelas antigas cicatrizes. Mais uma vez ela sentiu o pulso indesejado de excitação, bem baixo em sua barriga. Ela queria deitar-se na cama ao lado dele, tocar aquela pele bronzeada, sentir os músculos poderosos por baixo, correr os dedos por aqueles cachos encaracolados de cabelo.

Sunny saltou sobre a cama e se acomodou no travesseiro ao lado. Comportamento estranho para um gato que não confiava em ninguém facilmente.

Tão estranho quanto a ridícula atração de Brooke por um criminoso que havia ameaçado tudo o que ela amava.

E agora? Ela dormiria no quarto de Robin, com a porta trancada, e torcendo para que na parte da manhã João Ninguém tivesse desaparecido — para valer.

Ela levantou o lado livre da colcha sobre a qual o homem havia se deitado e o cobriu com ela.

— O que... — ele acordou de repente, colocou-se de pé, xingando, e até mesmo naquele quarto pouco iluminado, Brooke pôde perceber sua dor e desorientação.

— Você está na minha cama. E veio aqui para cima. Por quê?

— Eu... — e passou uma mão em seu rosto, como se estivesse afastando uma teia de aranha. — Não me lembro. Eu acho que... Ahn... Queria alguma coisa. Ah, sim, aspirina.

— Deixei na bandeja. Você não viu?

Ele balançou a cabeça, fazendo uma careta.

— Vou descer.

— Não, fique aqui. As escadas são muito perigosas para alguém em sua condição.

Ela correu para recolher o frasco de aspirina que tinha deixado no balcão da cozinha. Quando voltou, a cama estava vazia, exceto pelo gato.

— O incrível homem que desapareceu — murmurou.

Então, ela ouviu o som da descarga no banheiro do outro lado do corredor e água corrente na pia. Ela alisou a colcha e notou que havia uma enorme mancha

escura nela. Aquele sujeito tinha sangrado em sua adorada colcha. Ficou furiosa, e preocupada. Ele não podia se dar ao luxo de perder mais sangue.

Recolheu os suprimentos médicos e se dirigiu para o corredor. A porta do banheiro se abriu enquanto ela se aproximava, assustando-a tanto que ela quase deixou cair tudo.

— Você está sangrando — começou ela, ao mesmo tempo em que ele disse:

— Eu tive que...

Ambos se interromperam e ficaram olhando um para o outro.

A luz do banheiro estava brilhante e seu visitante indesejado estava totalmente nu. Ele não parecia preocupado e ela não iria jamais deixá-lo saber que isso a incomodava. Além do que, havia uma parte secreta dela que apreciou muito aquela visão, mesmo que o efeito sobre seu corpo a envergonhasse.

— Você sangrou na minha colcha. É feita à mão, por uma mulher da cidade. Eu amo essa colcha.

— Eu sinto muito.

Ele balançou e se agarrou ao batente da porta.

Rapidamente ela correu atrás dele para depositar seus fardos na pia do banheiro e, em seguida, passou o braço em volta de sua cintura. Ele era tão quente, tão forte, tão esplendidamente masculino. Os sentidos de Brooke estavam em sobrecarga e seu corpo respondeu como se esse homem fosse um amante, não um criminoso fugitivo.

Certamente ela não teria essa reação se ele estivesse vestido. Infelizmente, ela não tinha roupas de homem na casa e apostava que o João Ninguém não ia querer que ela fosse fazer compras na cidade para ele. Foi então que lhe ocorreu pela primeira vez que ele precisaria de roupas para poder ir embora.

— Vamos, venha sentar-se aqui — disse ela com firmeza.

E o guiou para o vaso sanitário, descendo a tampa.

Sombriamente, Brooke estudou os curativos manchados de sangue. Teria de substituí-los. Se ele tivesse ficado lá embaixo, não teria começado a sangrar de novo. Já era ruim o suficiente o sujeito ser um criminoso, e ainda tinha de ser uma droga de um incômodo também? Felizmente, uma vez que tirou os curativos, percebeu que a ferida não mostrava sinais de infecção. Cuidou dela rapidamente e, em seguida, deu-lhe duas aspirinas.

— Volte para a cama.

Ele se levantou, balançou, então cambaleou para fora do banheiro. Quando ela viu que ele estava se dirigindo para as escadas, arremessou-se atrás dele.

— Não! — se o homem caísse, ela simplesmente não teria energia para cuidar dele. — Você pode usar minha cama.

Ela não queria esse criminoso no quarto de Robin. Seria uma espécie de profanação. Tinha de separar a neta daquele perigo.

— Não posso usar sua cama.

— Você já fez isso. Além do mais, você não tem forças para descer.

— Tenho, sim.

A expressão teimosa disse a Brooke que ela novamente tinha insultado seu orgulho de macho. Os homens podiam ser tão tolos quando queriam... Ela deu um grunhido de pura exasperação.

O rosto dele suavizou:

— Tudo bem, faço o que quiser. O que você quer, Brooke?

Sua expressão gentil, sua pergunta, a maneira como ele disse seu nome, tudo estava combinado para enfraquecer suas defesas. Por um momento, Brooke teve vontade de ceder ao desejo que continuou tentando negar. Ela queria sentir toda aquela enorme masculinidade firme pressionada contra sua feminilidade macia. Ela queria que aquele homem a pegasse nos braços como se fossem amantes.

Contudo, limpou a garganta.

— Vá para minha cama, é mais fácil.

Sem uma palavra, ele se virou e mancou para dentro de seu quarto. E fez uma pausa ao lado da cama.

— Desculpe-me sobre a colcha... Será que dá para limpar?

Ela não esperava um pedido de desculpas do João Ninguém.

— Eu acho que sim. É algodão. Vou deixar de molho hoje.

Ela tirou a colcha e foi para o armário do corredor buscar um cobertor. Quando voltou, ele já estava debaixo dos lençóis.

Enquanto ela esticava o cobertor sobre o lençol de cima, ele disse:

— Você voltou sozinha. Você não ligou para a polícia.

— Sua ameaça foi eficaz.

— Sinto muito.

Meu Deus, mais um pedido de desculpas.

— Eu não tenho outra escolha — disse ele.

Talvez fosse verdade. De que outra forma um criminoso gravemente ferido poderia mantê-la sob controle? Hoje, porém, ele não parecia um bandido e sim um homem cansado e ferido.

— Como foi sua reunião? — perguntou João Ninguém.

— Tudo bem.

Os braços dele descansaram em cima do cobertor, e agora ele estendeu um deles e pegou na mão de Brooke:

— Você vai todas as semanas?

— Sempre às terças-feiras. Às vezes, mais de uma vez.

Ela olhou para suas mãos unidas, perguntando por que não tirava a mão daquele aperto firme do homem. A mão dele estava quente, quase febril, e a dela tremia na dele.

— Há quanto tempo você está sóbria?

Ele a puxou suavemente e Brooke sentou-se nervosamente ao lado da cama.

— Quatro anos, dez meses.

Os lábios do João Ninguém se curvaram em um sorriso.

— E quantos dias?

Ela deu uma risada sufocada.

— Doze.

— Que bom. Não vai demorar muito até que você ganhe seu alfinete de cinco anos.

Ela meneou a cabeça concordando, sentindo-se orgulhosa.

— E por quanto tempo você bebeu?

— Desde a minha adolescência. Em algum momento, isso se transformou de beber socialmente em um problema grave.

Ele apertou a mão dela, então soltou e, estranhamente, Brooke sentiu-se despojada de alguma coisa. No entanto, em seguida, ele colocou a mão para baixo novamente, desta vez repousando-a em sua coxa.

Brooke assustou. O toque masculino era uma coisa assustadora — com Mo ela nunca sabia o que esperar, se uma carícia ou um soco — mas agora ela não teve coragem de se afastar.

— E por que você bebia, Brooke? — perguntou ele gentilmente.

Ela inclinou a cabeça.

— Eu não sei. Meu pai bebia muito. Mo — meu ex — bebia muito também, mas isso é apenas uma desculpa. Eu pegava a garrafa porque havia muitos momentos em que eu odiava minha vida, e me odiava, mas continuei a beber porque sou alcoólatra.

Em grande medida, a sua depressão tinha sido decorrente de seu transtorno bipolar, porém ela não sabia então. Além disso, essa era apenas mais uma desculpa. Contudo, ela estava surpresa por estar contando sobre seu alcoolismo a esse João Ninguém. Ela certamente não lhe contaria sobre seu outro problema.

— Às vezes eu estava deprimida — continuou — e bebia... Bem, se isso não me fazia sentir melhor, pelo menos entorpecia minha consciência. Outras vezes, quando estava de ressaca e não havia bebidas por perto, eu me sentia... Horrível — ela estremeceu. — Eu não quero nunca mais me sentir assim novamente.

Ele acariciou sua coxa.

— É isso o que a impede de começar a beber de novo?

— Cheguei ao ponto em que eu não vivo em um constante estado de desejo pela bebida. E quando quero uma bebida, não é mais com a mesma intensidade.

— O que você faz quando o desejo bate?

— Eu me lembro de quem eu era. Como era horrível com as pessoas à minha volta, e como me sentia miserável. Eu penso sobre todo o caminho que já percorri. Vou a uma reunião ou ligo para a pessoa que me apadrinha. Ou converso com minha família, mas não sobre essa vontade de beber, mas conversamos apenas sobre o que está

acontecendo, como está a vida deles. Minha família me dá alicerces, ela me ajuda a me lembrar de que minha vida agora é boa.

Por alguma razão, era fácil falar com ele no quarto escuro. De qualquer forma, a mão daquele homem na perna dela tinha se tornado um conforto, uma garantia, o que era uma coisa incrível se ela parasse de pensar em quem ela era realmente.

— Você é uma mulher forte.

Agora Brooke olhou diretamente no rosto dele, para ver se estava tirando sarro. A pele e o cabelo eram escuros contra o travesseiro branco, e sua expressão, pelo menos o tanto que ela conseguia enxergar naquele quarto pouco iluminado, parecia sincera. Assim como sua voz.

— Eu perdi meu filho — ela disse em voz tão baixa que era quase um sussurro. — Eu era uma péssima mãe. Praticamente o forcei a ir embora, mas ele voltou, agora, no ano passado, e me perdoou. Se eu voltar a beber, posso perdê-lo de novo, a ele e sua família.

E ela perderia Evan e sua família se João Ninguém os machucasse. Seu coração acelerou de medo.

Era como se ele lesse sua mente. Ele acariciou a coxa dela.

— Não vou feri-los. Ajude-me por apenas mais um dia, e não conte a viva alma sobre mim. Isso é tudo que você tem de fazer. A parte mais difícil já passou, Brooke. Eu não vou prejudicar nem a você nem a eles, e vou embora amanhã.

Ela queria acreditar nele.

— Você está muito machucado.

— São ferimentos superficiais. Dor de cabeça, mas nenhuma concussão. Eu vou ficar bem. Amanhã.

Ele capturou a mão dela novamente, e apertou-a no que pareceu uma promessa. Então colocou a mão dela sobre o cobertor e acariciou-a, passando os dedos nas costas da mão.

Ela observou, hipnotizada, mas depois algo a fez olhar para cima.

Sulcos de esgotamento e dor cortaram aquele belo rosto, embora os olhos dele estivessem inflamados de desejo. Brooke não conseguia desviar o olhar.

Ele virou a mão e acariciou a pele macia de sua palma, o interior do seu pulso. As sensações zarparam diretamente para seu interior e ela podia sentir inchar e doer sua carne feminina.

— Brooke...

Ela se afastou e ficou de pé.

— Boa noite.



JAKE ACORDOU COM SOL e canto de pássaros. E com dor e desorientação. Além de uma presença quente enrolada contra a lateral de seu corpo. Procurou levantar-se, maldizendo a dor, e o gato dourado desenrolou-se preguiçosamente e bocejou. O gato de Brooke. Ele estava na cama de Brooke.

Deitou-se novamente, olhando para o teto e lembrando-se das últimas vinte e quatro horas.

Nas horas negras da manhã do dia anterior, ele havia localizado o agrupamento de reboques que tinha visto fazendo vigilância aérea. Uma plantação de maconha poderia existir em qualquer lugar, como um apartamento ou uma casa, mas ele e Jamal tinham especulado que ali no interior, entre as fazendas, o cara que eles estavam procurando tentaria consolidar sua operação bem longe das estradas mais comuns.

À primeira vista, Jake tinha acreditado que aquela meia dúzia de reboques e um longo telheiro seria um pequeno estacionamento de trailers, mas então percebeu que o único acesso era uma estrada de terra estreita, as outras construções estavam quase escondidas entre as árvores, não havia nenhum tipo de paisagismo para dar uma melhorada no visual e não se viam luzes nas janelas. Aquelas construções estavam fora das rotas usuais dos aviões, e ele preferiu não correr o risco de voar mais baixo para ver se as janelas tinham sido cobertas por panos pretos ou coisa assim.

Em vez disso, fez todas as suas leituras do alto e depois voltou à sua Harley, procurando o caminho naquele labirinto de estradinhas rurais. Quando estava perto o suficiente para que alguém pudesse ouvir o som do motor da moto, ele a escondeu no mato ao lado da estrada esburacada, tirou a jaqueta de couro que restringia os movimentos e caminhou o último quilômetro.

Jake fez um reconhecimento do terreno com cautela, mas não viu nenhum guarda. Se aquele lugar tinha uma plantação de maconha coberta, os caras eram superconfiantes.

Havia apenas um veículo no local: uma enorme picape preta Chrysler com rodas grandes, a cabine de vidros escurecidos e a placa coberta de lama. Destrancado. Sem os documentos de registro. Entretanto, na carroceria... Bingo! Caixas que continham sacos de maconha.

Esperando que os caras fossem estúpidos, ele raspou a lama da placa e memorizou o número. Um pouco de lama fresca cobriu a placa novamente.

O longo edifício retangular que tinha visto lá do alto parecia improvisado, as paredes de madeira misturadas entre as árvores, e as janelas, como a dos reboques, também tinham sido escurecidas. Ele adivinhou que o barracão devia alojar trabalhadores, provavelmente imigrantes ilegais.

Jake contornou o barracão e forçou para abrir a porta de um dos trailers. Lá dentro, ele encontrou uma colheita verde fluorescente. Luzes, água, nutrientes; a maconha não era difícil de fazer crescer, e aquelas pessoas sabiam o que estavam fazendo.

Jake gostaria de ter entrado para procurar no trailer algumas pistas sobre quem dirigia a operação, mas um rádio estava tocando rock, sugerindo que um guarda ou trabalhador estivesse de plantão.

Talvez tivesse mais sorte com o próximo trailer.

Ele fechou a porta e cuidadosamente passou pela escuridão, dirigindo-se ao trailer vizinho. Desta vez, porém, quando girou a maçaneta e empurrou a porta suavemente, a maldita coisa guinchou alto, e não havia música para mascarar o som.

Uma voz masculina chamou:

— Herb? É você? Jango?

Enquanto Jake saía em disparada de lá, a porta se abriu atrás dele, e uma voz gritou:

— Ei!

Um feixe poderoso de luz rasgou a escuridão e o revelou. Tiros soaram. Ele sabia que tinha sido atingido, mas não parou de correr até entrar no meio das árvores. Mais tiros soaram atrás dele, mas as árvores deram cobertura e ele fugiu.

Ele queria atirar de volta, mas isso poderia estragar sua oportunidade de identificar o assassino. Jake adivinhou que o cara que atirava nele não era mais do que um assecla qualquer e que poderia nem mesmo saber a identidade do chefão. Não, ele e Jamal iam manter o disfarce, e ele não mudaria os planos agora.

Então, alguns minutos depois, o motor da picape rugiu e ele ficou paralisado atrás de um arbusto enquanto o veículo descia a estrada em velocidade, os faróis agindo como holofotes. O motorista devia ser um idiota, porque continuou andando, sem parar para prestar atenção se ouvia o ruído de outro motor. Obviamente, ele tinha certeza de que o intruso tinha fugido de carro.

Jake voltou para a estrada e correu em direção à Harley, não parando para cuidar do ferimento, com medo de que a picape voltasse antes que conseguisse alcançar a

moto, mas conseguiu e logo a tirou do esconderijo. Tremendo incontrolavelmente pelo choque, conseguiu colocar a jaqueta, mas esqueceu-se do capacete. A lateral do seu corpo doía ferozmente naquela altura e ele se sentia um pouco tonto. E manteve-se firme a um pensamento: tinha de voltar para o hotel antes que o motorista da picape preta o encontrasse.

Por isso acelerou a moto e voou pela estrada, até que finalmente sua força o abandonou e ele caiu. E acabou nas mãos de Brooke.

Mãos pequenas, bem torneadas com unhas curtas e sem esmalte. Mãos capazes que poderiam ser gentis quando Brooke não estivesse com medo ou com raiva.

Jake virou o rosto em seu travesseiro e inalou um perfume feminino sedutor. Ele quase desejou ter conhecido Brooke em circunstâncias diferentes. Ela era alguns anos mais velha — ele descobriu seus dados pessoais quando vasculhou os arquivos na mesa dela, na noite anterior — mas era uma mulher forte e resoluta, além de ser muito sensual e encantadora.

E, estava começando a pensar, era uma mulher inocente. Quando Brooke saiu para comparecer à reunião, Jake telefonou para Jamal em Vancouver. Não querendo perder tempo caso Brooke mudasse de ideia e voltasse para casa, adiou o relatório sobre a situação e pediu ao amigo que fizesse uma verificação rápida em seu computador. Além de uma condenação anos atrás por dirigir embriagada, Brooke tinha registro limpo.

Jake tinha então revistado a casa completamente e estava prestes a verificar se conseguiria se conectar ao computador da mulher quando sentiu tonturas e quase não conseguiu alcançar a cama antes de desmaiar.

Tinha conseguido saber que Brooke pagava suas contas com pontualidade e mantinha os recibos arquivados metodicamente. Seu registro de emprego era de um lugar chamado Beauty is You, por isso adivinhou que ela devia trabalhar como cabeleireira. O filho tinha lhe enviado dinheiro ao longo dos anos em que os dois estiveram afastados, e a mulher tinha guardado cada centavo. Depois que o rapaz voltou, Brooke doou todo o dinheiro para uma instituição de caridade chamada Riders Boot Camp, que sua nora havia inaugurado no ano anterior. Brooke era um membro ativo do conselho de diretores.

Quanto aos passatempos, ela possuía uma coleção de livros bastante desgastados, que provava que tinham sido lidos muitas vezes — romances, livros de mistério e biografias — e também fazia boa utilização da biblioteca da cidade. Ela recortava receitas de revistas e, a julgar pelas manchas e pelas bordas esfarrapadas, parecia que realmente as experimentava. Também tinha livros sobre jardinagem.

Sua casa era um ninho aconchegante de domesticidade, na qual ela claramente vivia sozinha; mas a garota Robin era uma visitante frequente. A neta de Brooke.

Ele ainda estava atordoado por pensar que seu anjo poderia ser avó.

Jake tinha descoberto com sua busca que Evan, o filho que ela havia mencionado na noite anterior, era o homem da foto de casamento. Sua noiva era Jessica e a força

motriz por trás da operação do acampamento. Robin era a filha de onze anos de Jessica. E Brooke tinha quarenta e três anos, vários anos mais velha do que ele tinha imaginado.

Ele havia imaginado que saber que a mulher era avó faria de Brooke alguém menos atraente, mas quando ela voltou para casa na noite anterior, ele tinha tido problemas para manter as mãos longe dela. Para falar a verdade, não teve... Lembrou-se da coxa poderosa sob o algodão fino, da resposta da mão de Brooke quando ele a acariciou. Bastou tocar naquela mão para deixá-lo excitado demais.

Ah, meu Deus, o que ele estava fazendo na cama meditando sobre a sua anfitriã relutante e sexy quando existia um assassino em sua trilha? Quando ele se encontrava um passo mais perto de resolver o assassinato de Anika, embora estivesse desesperadamente precisando de um novo disfarce? Ele havia ficado pouco tempo ao telefone com Jamal porque queria então revistar a casa de Brooke, mas agora precisava realmente falar com ele para bolarem um novo plano.

Jake estava viajando como Stan Browning, e tinha usado esse nome ao alugar o quarto no Gold Rush Trail Motel, assim como ao fretar o Cessna que tinha usado para procurar a plantação de maconha. O homem que ele estava perseguindo não era estúpido. Quando ele descobriu que sua operação tinha sido infiltrada, já havia checado os pequenos aeroportos e, provavelmente, os hotéis. Ele agora já sabia que um cara de cabelos compridos, chamado Stan Browning, tinha pagado em dinheiro pelo aluguel por alguns dias de um pequeno avião num campo de pouso a oitenta quilômetros dali. Que Browning tinha um quarto no Gold Rush Trail Motel, e que ele andava de moto. O disfarce de Jake tinha sido queimado. Ele nem mesmo ousava voltar ao hotel para pegar as poucas roupas e produtos de higiene pessoal que tinha deixado lá junto com a identidade falsa. Nem — porra — poderia usar a Harley, mesmo que estivesse funcionando depois do acidente.

Inicialmente, quando ele e Jamal construíram a identidade falsa de Stan Browning, Jake havia planejado aparecer como um andarilho experiente. Um homem que conhecia o mundo do tráfico e que queria fazer algum dinheiro com isso. Ele esperava se infiltrar naquela operação no interior da mesma maneira que tinha feito com gangues quando trabalhava em segredo na cidade. No entanto, agora o assassino estaria alerta, e Jake teria que pensar em uma abordagem diferente.

Graças a Deus ele estava de costas quando a luz da lanterna o revelou. Se ele estivesse de frente para o babaca que atirou nele, agora seria realmente fim de jogo.

Ele poderia chamar a polícia e fechar aquela plantação clandestina, mas não havia nenhuma garantia de que prenderia os assassinos de Anika. Se pretendesse manter o plano e fazer uma investigação completa sobre os cidadãos honrados de Caribou Crossing, ele precisava de um disfarce completamente novo. Significava que tinha de falar com Jamal. Ele olhou para o telefone na mesa de cabeceira. Não, era muito

arriscado. Brooke estava em algum lugar da casa, e poderia pegar o telefone sem intenção.

A cabeça do gato se intrometeu em seu ombro e Jake o acariciou, sentindo-o palpitar antes de ouvir seu ronronar. Sim, Jamal poderia ajudá-lo a criar um novo disfarce e arrumar a identidade necessária, mas antes de telefonar, seria útil saber um pouco mais sobre Caribou Crossing. Ele deveria aparecer como um vendedor, um mochileiro procurando alguma boa caminhada pelas colinas ou um cara que queria bancar o caubói?

Não pretendia arrastar Brooke ainda mais em seus assuntos, entretanto, ela poderia ser uma fonte de informações muito útil. Ela morava nesse lugar havia anos e, ainda mais importante do que isso, era cabeleireira. Pessoas conversam com seus cabeleireiros.

Será que ele poderia levá-la a conversar sobre a cidade? A ideia parecia bem improvável, tendo em vista o que Brooke pensava que ele fosse...

Se ao menos tivesse certeza de que poderia confiar nela. Contudo, mesmo que tivesse, poderia ser perigoso para ele se lhe contasse tudo.

Deu um afago final no gato e moveu-se cautelosamente em direção ao lado da cama. As dores estavam fortes demais, mas sua mente estava clara e a dor na cabeça estava dez vezes melhor do que no dia anterior.

Enquanto se dirigia ao banheiro do lado oposto do corredor, notou um roupão xadrez depositado ao pé da cama. Ele teria preferido jeans e uma camisa, mas sua busca da noite anterior informou-lhe que não havia roupas masculinas na casa de Brooke. O roupão teria de servir, e pelo menos isso significava que ele poderia lavar as cuecas.

Foi o que fez, pendurando-as depois na travessa do box. Ela havia lhe deixado uma escova de dentes, ainda no invólucro, e o frasco de aspirina tinha sido uma visão bem-vinda. Sondou suas ataduras com cautela e concluiu que a mulher tinha feito um bom trabalho. Sem calor, sem inchaço, provavelmente sem nenhuma infecção. Ele teria gostado de tomar banho, a oportunidade para lavar o cabelo, mas achou melhor apenas limpar-se com uma esponja de banho e encharcar a cabeça na pia. Enxugou os cabelos com a toalha e correu os dedos por eles.

Sentindo-se bem mais humano, ele abriu a porta do banheiro, planejando voltar para o quarto e vestir o roupão.

Nu, pisou no corredor e parou abruptamente.

— Ah — Brooke suspirou.

Ela estava prestes a entrar no banheiro e ficou paralisada no corredor, seu olhar deslizando pelo corpo do homem e depois se demorando em seu pacote. O rosto corou e uma consciência sexual surgiu pelo corpo de Jake. Ela estava totalmente feminina, com uma blusa rosa e calças bege justas, que revelavam os quadris curvilíneos e as pernas longas. Totalmente maravilhosa.

Lembrou-se da suavidade de sua pele sob seus dedos, e sentiu que estava tendo uma ereção. Ele queria aquela mulher. E, por mais que Brooke o odiasse, ela sentiu o mesmo também. Havia um calor abrasivo entre os dois, como nada que ele houvesse experimentado antes. Se desse um passo na direção dela e...

Em vez disso, ele passou por ela e foi para o quarto, pegou o roupão e segurou-o na frente dele.

Brooke agarrou o batente da porta como se a ancorar-se a ele. Olhando por cima do ombro esquerdo, ela disse:

— Você já está de pé.

Por trás do roupão, ele definitivamente estava.

— Como você está se sentindo? — perguntou ela.

Com tesão. Não era óbvio? Ele respirou fundo e a dor na lateral de seu corpo o trouxe de volta aos seus sentidos.

— Muito melhor.

— Ótimo — ela mordeu o lábio, e depois, finalmente, focalizou o rosto dele.

— Eu acho que você não quer que eu vá trabalhar hoje.

— Não, hoje não; mas será só isso e pronto. Eu vou embora amanhã.

Tinha de ser assim. Quanto mais tempo ele se escondesse na casa dela, maior seria o risco de ser descoberto, e maior o perigo para ela.

— Ontem à tarde, minha chefe ligou e concordamos que eu tinha de tirar mais um dia, assim não espalharia germes aos nossos clientes.

— Que tipo de trabalho você faz, afinal?

Jake não poderia deixar que ela soubesse que havia revistado sua casa e já sabia onde ela trabalhava.

— Eu sou consultora de beleza — ela pigarreou. — Estou descendo para ir fazer o café. Você consegue descer as escadas?

— Obrigado, parece ótimo. Sim, vou descer em um minuto.

Ela franziu o cenho com perplexidade e ele percebeu tarde demais que estava se comportando fora do personagem, sendo muito educado. Ele tinha feito isso na noite anterior também. Seu único domínio sobre ela era a ameaça de que poderia ferir sua família, então teria de bancar o cara mau de maneira convincente. Tinha agido disfarçado muitas vezes, e, no entanto, com Brooke, era fácil demais revelar isso.

Ele fez cara de mau.

— Ovos. Bacon. Completo. E café também. Muito café.

Os sulcos em sua testa se aprofundaram e ele vociferou:

— Agora!

Ela estremeceu, e em seguida, correu para longe.

Jake franziu a testa quando começou a vestir o roupão. Ele odiava maltratar seu anjo misericordioso.

Tentou prender o roupão pequeno demais ao redor de seu corpo, e se encolheu de novo por causa da dor. Ele tinha feito besteira na plantação de maconha, e agora não tinha sequer um par de calças para vestir.

Pensou brevemente em abandonar por completo a parte do assassinato da investigação, e devolver o caso ao Departamento de Polícia de Vancouver. No entanto, a questão havia se tornado pessoal e ele estava determinado a trazer o assassino de Anika à justiça, por homicídio, não apenas pelo tráfico.

Quando ele mancou ao descer as escadas, o cheiro de bacon frito e café fresco trouxe um punhado de saliva à boca, e seu humor melhorou. A visão de Brooke, inclinando-se para a geladeira para procurar alguma coisa, era puro prazer. Um cara poderia se acostumar com aquilo, caso a motivação da mulher fosse outra coisa que não medo, ou casamento...

Jake tinha o hábito de se mover em silêncio e ele adivinhou que ela não o percebeu até que puxou uma cadeira da mesa, porque a mulher deu um salto repentino para trás, para longe da geladeira. Ela lançou-lhe um olhar rápido, talvez para tranquilizar-se de que o homem estava decentemente coberto, e então disse:

— O bacon está pronto. Quer os ovos fritos ou mexidos?

— Mexidos.

Brooke serviu o café em uma caneca e depositou-o na mesa da cozinha ao lado de um jarro de leite azul e do açucareiro.

O homem sentou-se, encolhendo-se, e pegou a caneca de café. Ele soprou o café para esfriá-lo, em seguida, tomou um gole. Ela fez um belo café.

Quase inconscientemente, observou a porta traseira aberta, o ar fresco do exterior e seu cheiro subjacente aos cheiros mais fortes do café e do bacon, o chilrear dos pássaros, o gato em uma janela. O rádio tocava baixinho, aparentemente sempre ligado na estação country. Um jornal estava sobre a mesa. O *Caribou Crossing Gazette*.

Enquanto bebia a primeira xícara de café, ele folheou o jornal. Aquele lugar poderia ser o modelo para cidades pequenas em todos os lugares do mundo. Havia algumas histórias sobre eventos nacionais e internacionais, mas o foco principal era o turismo e as personalidades e os eventos locais: fotos e notas de um rodeio em Little Britches, a programação do evento para o Gold Rush Days Park, um mercado de agricultores, um enorme peixe que algum turista do Texas tinha pegado, esportes para crianças, uma venda de bolos na igreja no sábado, um anúncio do Comitê do Patrimônio sobre arrecadação de fundos na praça da cidade.

Ele ficou tenso ao ouvir o som de um motor de carro à distância, em seguida relaxou quando o carro foi embora. E voltou sua atenção para o artigo sobre a arrecadação de fundos. Sua presa tinha fama de ser um cidadão de sólida reputação, portanto, ele poderia estar presente. Poderia até mesmo ser o presidente da comissão, um homem chamado Dave Cousins, que também era dono de uma pousada chamada Wild Rose.

Qual identidade Jake poderia assumir que lhe desse uma entrada para o evento?

Brooke colocou um prato de bacon, ovos mexidos e purê de batatas na frente dele. Acrescentou ainda algumas fatias daquele pão delicioso que havia servido na noite anterior, tostado até ficar meio dourado.

— Geleia de morango? De pera? E você gostaria de suco de laranja? Leite?

— Hã... — tanta coisa para escolher. — Geleia de morango. E suco de laranja — ele fechou bem os lábios antes que dissesse “por favor” e “obrigado”. — Vejo que este lugar tem um Comitê do Patrimônio. As pessoas estão realmente empenhadas em restaurar edifícios antigos?

Ela deu-lhe um copo de suco e colocou um pote de geleia na mesa. Depois, sentou-se em frente a ele, segurando o próprio prato com uma pequena porção de ovos mexidos e uma fatia de pão.

— Caribou Crossing teve início como uma cidade ligada à mineração de ouro por volta de 1860. Muitas das cidades da corrida do ouro tornaram-se então cidades fantasmas quando o ouro acabou, como Barkerville, mas isso não aconteceu aqui. O pessoal entrou na pecuária, e por mais de uma centena de anos Caribou Crossing teve gado, vaqueiros e rodeios.

Enquanto ela falava, Jake comia a refeição que a mulher tinha preparado.

— Então — continuou Brooke — nós somos um local histórico. Uma das nossas principais fontes de renda é o turismo, com foco tanto na corrida do ouro quanto nos vaqueiros. Preservar e restaurar nossos edifícios antigos é uma questão de bom negócio, bem como de orgulho para a comunidade.

— E esse cara, Dave Cousins, que é presidente do Comité do Patrimônio?

Ela franziu a testa, desconfiada.

— Por que você está perguntando sobre Dave?

— Nada em especial, só vi o nome dele no jornal.

— Ele é um bom homem.

Ela passou uma leve camada de geleia em sua torrada e mordeu um canto, dando a impressão de que ela não diria mais nada sobre o assunto.

Certo. Cousins era exatamente o tipo de cara que poderia estar levando uma vida dupla, vendendo drogas como negócio paralelo. Viajando para Vancouver, sob o pretexto de negócios com o hotel, fazendo acordos com traficantes, visitando as prostitutas e matando uma menina de quinze anos que se meteu em seu caminho.

— Você pensa em ir nessa festa de arrecadação de fundos que eles estão planejando? — perguntou ele.

Ela olhou para ele, nervosa.

— Sim. Eu me ofereci para ajudar a preparar lanches. Dave é... — de repente, ela parou e correu os dedos pelo cabelo. — Por que todas essas perguntas?

— Só puxando conversa.

— Não pense que você tem de ser educado por minha causa — ela rebateu.
— Prefiro que você me diga quando planeja ir embora.

Jake apertou os olhos por um momento. Ele precisava das informações, mas sem dúvida poderia entender por que ela não queria fazer fofocas sobre seus amigos e vizinhos com ele.

Ele tinha de tomar uma decisão e não era fácil fazer isso. Era algo que ia contra sua natureza e seu treinamento, confiar em alguém, mas as evidências — sem falar em seu instinto — diziam que Brooke não era uma criminosa. Contudo, se ela fosse de fato inocente, contar-lhe a verdade poderia significar colocá-la em perigo. Ele não podia fazer isso.

— Você está pensando em ir embora hoje, não é?

Ele olhou para cima, ansioso para ver os olhos azul-esverdeados. E por um momento, viu outros olhos — os olhos castanhos da senhora Janssen, inchados e úmidos quando lhe contou sobre Anika. Anika, uma adolescente problemática que se tornou prostituta e acabou descartada em um contêiner de lixo.

Ele era um policial disfarçado. Ele contava com suas fontes o tempo todo. Aquele não era o momento de começar a ter escrúpulos. Se Brooke fosse a sua melhor chance de encontrar o assassino de Anika, teria de usá-la. E se o fizesse, ele tinha de protegê-la.

Sunny, o gato dela, saltou sobre seu joelho e ele acariciou-o, sentindo o ronronar pulsando contra a mão dele.

— Sunny! Para baixo! — por causa do tom de voz firme da dona, o gato saltou para o chão.

— Tudo bem, João Ninguém. O que está acontecendo? Não é tempo de eu saber? Você se parece com um membro de uma gangue de motoqueiros, fica me ameaçando com uma arma, e ainda assim alguma coisa não bate. Se você roubou uma loja ou está envolvido em uma guerra de gangues, se alguém está tentando matá-lo, como falou antes, não faz sentido você ficar sentado aqui comendo bacon e ovos, perguntando sobre edifícios históricos em Caribou Crossing.

Seus olhos da cor do mar brilhavam para ele.

— Além disso — ela afirmou —, Sunny é um bom juiz de caráter e ele o aprovou.

Jake soltou um suspiro surpreso de riso. Era impossível não gostar daquela mulher, assim como não querer transar com ela. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você confia no julgamento do seu gato?

— Ele era um gato de rua maltratado quando o encontrei. Aprendeu da forma mais difícil sobre a natureza humana. Se ele diz que está tudo bem com você, vou ouvi-lo.

Um gato vira-lata maltratado. O gato tinha aparecido em sua porta e ela o tinha levado para dentro. No dia anterior, Brooke tinha feito a mesma coisa com ele. Bem,

a analogia não o incomodava. Ele podia estar ferido, mas era um cara forte, independente. Não tinha sido abandonado na rua, e certamente não era um vira-lata. Era um profissional, fazendo seu trabalho.

— Sou membro da Polícia Montada do Canadá.

Ela lançou-lhe um olhar de cima para baixo, demorando-se em seu cabelo desalinhado e na barba, no roupão acanhado.

— E eu deveria acreditar nisso por que...

Porra, mas ele gostava dela.

— Não estou com minha identidade aqui. Estou trabalhando disfarçado, minha base é em Vancouver. Você pode telefonar para lá e confirmar, se quiser. Sou membro da polícia.

— Ou posso pedir que nosso destacamento local verifique para mim.

— Não, foi por isso que não pude deixá-la chamar ninguém. Pode ser que um dos membros daqui seja corrupto.

A boca de Brooke se abriu.

— Não pode ser!

Ele se levantou com cuidado, tentando não abrir os ferimentos, e encheu a caneca de café. Empurrou o jarro para ela.

— Mais?

Ela ergueu a caneca sem dizer uma palavra — ele notou que ela tomava café preto também — e serviu-a. Quando olhou para o rosto dela, notou que ela deu uma espiada rápida em suas pernas nuas, depois subiu, e então desviou o olhar. Lembrou-se como aquela mulher ficou olhando para ele quando estava nu. Sua pele se aqueceu e o corpo respondeu, do mesmo jeito que tinha feito naquela hora. Então, voltou-se para esconder a reação.

Uma metade do pão caseiro estava sobre o balcão, tentadora. Ele cortou algumas fatias.

— Mais torradas?

Brooke respirou fundo com os lábios abertos. O ar escapou novamente.

— Uma fatia, por favor.

Ele colocou o pão na torradeira e seu corpo, sob controle agora, virou-se e encostou-se ao balcão, olhando para ela.

— Tivemos uma dica de que o cara que estamos procurando é visto aqui como um membro respeitado da comunidade. Isso poderia significar um policial.

— Ou um banqueiro, empresário, advogado, médico. Um professor, pelo amor de Deus.

— Sim, mas talvez um policial. O que eu sei é que não posso anunciar minha presença para eles. E isso não sou só eu falando, é o meu sargento também, e ele está dirigindo essa operação. Se eu tivesse deixado você ligar para a emergência ontem, o hospital teria de informar o ferimento de bala.

Ela assentiu devagar. Compreendendo, mas não necessariamente de acordo, e ele se lembrou de que ela lia contos policiais e de mistério.

Lá fora, ouviu outro motor do carro e virou-se para a porta da cozinha aberta, esperando até que o veículo passasse. A torrada apareceu e ele levou as fatias para a mesa, pondo uma em cada prato. Deu uma garfada nas últimas fatias de bacon e nos ovos, depois passou grandes quantidades de manteiga e geleia de morango na torrada. Tudo tinha um sabor maravilhoso.

— Você mesma é quem fez a geleia?

A boca de Brooke se abriu e fechou.

— Sim, fiz.

Ela passou geleia na torrada, usando o dobro do que tinha usado antes.

Jake tinha desequilibrado aquela mulher; ele era capaz de ler os sinais. Contudo, não tinha certeza de qual poderia ser o maior problema: a atração sexual entre os dois ou a história que ele estava contando. Talvez ele devesse ser transparente agora. Ela era uma alcoólatra em recuperação. Quanto estresse aquela mulher poderia suportar? Além disso, tinha aquele frasco de medicamentos que vira em seu banheiro na noite passada. Era algo chamado Eskalith. Para que se toma Eskalith? Jake tinha planejado pesquisar na internet, se conseguisse abrir o computador dela, mas desmaiou antes que pudesse fazer isso.

Ela estendeu a mão para empurrar o frasco de doce para longe dela e deu um pequeno gemido.

— O que há de errado?

— Meu pescoço e meus ombros doem. De lidar com você e sua moto ontem.

Jake não conseguiu resistir à desculpa de se levantar e ir para mais perto dela, com sua mistura única de feminilidade e força. Ele foi se colocar atrás dela e as suas mãos repousaram sobre os ombros.

O corpo dela estremeceu.

— Eu não vou machucar você. Apenas massagear um pouco para aliviar as dores.

Começou a esfregar e a apertar delicadamente, sentindo como os músculos da mulher estavam tensos e cheios de nós. Por causa da tensão, além do trabalho que ela estava desacostumada a fazer, na manhã anterior.

Sua vontade era de apenas desfrutar das sensações de tocá-la, mas seu cérebro produziu uma lista mental de coisas para ele percorrer.

— Você disse que escondeu a moto no galpão. Está completamente fora de vista?

— Sim. No meu barracão.

Ela disse a ele que havia consertado a cerca. Na noite anterior, Jake tinha encontrado sua camiseta e as calças jeans, limpas, cortadas num cesto de trapos em sua lavanderia. Brooke tinha inclusive lavado as próprias roupas, aquelas que ele tinha manchado de sangue. Ela realmente tinha pensado em tudo; era evidente que os romances de mistério a haviam treinado bem. Exceto que...

— Onde está minha jaqueta?

O corpo dela ficou tenso sob suas mãos.

— Está estragada.

— É, imaginei mesmo. Eu gostava daquela jaqueta — ele afundou os dedos mais profundamente nos músculos presos, sentindo que estavam relaxando lentamente, quase a contragosto. — O que eu quero dizer é, aonde você a colocou? Você não jogou no lixo, não é?

Droga, ele não tinha pensado em verificar o lixo na noite anterior.

Brooke balançou a cabeça, negando, seus cachos fazendo cócegas suaves contra os dedos.

— Eu não coloquei nada no lixo. Sua jaqueta está no barracão em um saco de lixo, suas roupas são agora trapos para limpeza, e eu lavei todos os panos com sangue que usei. Até mesmo a colcha que você manchou está na secadora. As manchas saíram.

— Isso é bom — seus dedos se acalmaram momentaneamente enquanto Jake avaliava quantos problemas tinha causado. — Obrigado — e começou a massagear de novo. — Obrigado por tudo, Brooke. Se não fosse por você...

Os músculos dela subiam e desciam sob suas mãos em um encolher de ombros.

— Estou aliviada que seu perseguidor não tenha aparecido na minha porta. Não conseguiria lidar com duas armas em um mesmo dia.

— Aposto que conseguiria. Você seria capaz de lidar com praticamente tudo, se colocasse isso em sua mente.

Deus, ela era muito gostosa, o corpo tão firme e quente sob o tecido fino da blusa. Ele queria inclinar-se e enterrar o rosto naqueles cabelos.

— Não deve me superestimar — ela murmurou, arqueando sob as mãos dele do mesmo jeito que seu gato fez quando ele o acariciou — Ontem eu estava bem no limite, mal conseguindo me controlar.

— Mas você se controlou. Não entrou em pânico. Você não bebeu. Você decidiu que precisava ir a uma reunião e me fez deixá-la ir. Contra minha vontade.

Ela virou a cabeça para o lado para poder vê-lo. Lá havia um brilho malicioso em seus olhos azuis-esverdeados.

— Quer dizer que derrotei você, de certa forma?

Ele riu.

— Acho que foi isso mesmo. E sequer precisou de uma arma para fazer isso.

Ele olhou em seus olhos sorridentes e novamente sentiu a centelha se inflamar entre os dois. Jake percorreu um dedo ao longo da linha de sua mandíbula, depois levou-o por cima de seu lábio superior, contente por ela não estar usando batom. Aqueles lábios rosados se entreabriram para deixar escapar um pequeno suspiro. Sob o roupão de banho, ele estava ereto.

O mundo parou enquanto olhavam nos olhos um do outro.

Um som quebrou o silêncio. Desta vez, Jake nem tinha notado o ruído do motor, mas agora ele definitivamente ouviu o ruído de cascalho. Alguém tinha virado para entrar na passagem de carros da casa de Brooke.



JAKE SALTOU DO LUGAR, passando por ela, ignorando as pontadas de dor das lesões, mal consciente de que sua ereção foi rapidamente murchando. Ele pegou prato, talheres e caneca, as únicas coisas na cozinha que poderiam denunciar sua presença. Onde ele poderia se esconder? Lá fora, no galpão que ela havia mencionado? Ele se arriscaria a sair em disparada pela porta dos fundos, quando alguém poderia, a qualquer momento, aparecer por aquele lado da casa?

Sua arma, aquela que tinha encontrado escondida no cesto de roupas, estava no andar de cima. Ele tinha decidido deixá-la no local onde Brooke a havia escondido, toalmente pensando mais na mulher do que no perigo.

E agora ela estava de pé e seus olhares se encontraram do outro lado da mesa.

— Estarei em seu armário, no seu quarto — disse ele. — Lembre-se: você nunca me viu.

Ele correu para a escada, sentindo-se ridículo com os pés descalços e o roupão xadrez, carregando a louça do café. No andar de cima, correu para o armário, deixando a porta aberta apenas uma fenda, e recuperou a Beretta. Agora tudo estava nas mãos de Brooke.

Uma batida firme soou na porta da frente.

Ele prendeu a respiração. Será que poderia confiar nela? Se ela acreditou em sua história, saberia que a ameaça à sua família havia sido blefe puro.

Ele deveria ter contado tudo para aquela mulher. Sobre a morte de Anika, o remorso dos pais dela, e a prostituta que se chamava Sapphire que tinha contado a ele sobre o produtor de maconha de Caribou Crossing que levava Anika ao seu último “encontro”.

Jake ouviu Brooke falando: — Sargento Miller? O que está acontecendo?

Era um membro da Polícia Montada. Miller. Jake sabia, por causa das pesquisas que tinha feito antes de ir para a cidade, que Miller era o comandante do

destacamento local. Droga! Que motivos Jake tinha dado a Brooke para confiar nele em vez da polícia local?

Ele ouviu Miller perguntar se poderia entrar. Brooke mal fez uma pausa antes de dizer:

— Acabo de fazer café. Quer um pouco?

Brooke não gostava daquele homem. Jake podia dizer isso a partir de seu tom excessivamente educado. Boa. Foi um ponto a favor dele, porque sabia que, apesar de seu bom senso, ela estava começando a gostar dele.

— Obrigado, senhora Kincaid, mas eu não tenho tempo para nada — respondeu Miller. — Só queria lhe fazer algumas rápidas perguntas.

— Claro.

O que poderia significar o comandante do destacamento local da Polícia Montana estar ali, na porta da casa de Brooke? Será que Miller era o criminoso que Jake estava perseguindo, e agora estava usando sua posição para rastrear a pessoa que havia se infiltrado em sua operação clandestina?

Ele apertou ainda mais a arma em suas mãos. Brooke já poderia estar em perigo.

— Acho que você está com pressa para chegar ao trabalho — disse Miller.

— Ah, na verdade eu vou ficar em casa hoje. Eu não estava me sentindo bem ontem. Estou muito melhor agora, mas não quero passar os germes para minhas clientes.

Jake notou que nada do que ela dissera parecia uma mentira evidente.

— Quer dizer que você ficou em casa ontem o dia todo?

— Sim, até de noite. Não queria perder a minha reunião no AA

Jake apostou que Brooke tinha ficado mortificada ao mencionar a reunião. Contudo, numa cidade pequena como aquela, seu alcoolismo não era susceptível de ser segredo, especialmente para a polícia. Talvez fosse por isso que ela não gostava do sargento Miller. Pode ser que ela tivesse tido problemas com ele em seus dias de bebedeira.

— Você ouviu ou viu algo incomum ontem?

— Incomum? Como o quê?

Jake deu um suspiro silencioso de alívio. Ela estava do seu lado. Deus sabia o porquê, mas ela decidiu não o entregar.

— Como estranhos passando na estrada?

Jake ficou tenso. Miller estaria em seu encalço? Se fosse isso mesmo, será que não significava que o sargento era um policial sujo, envolvido com a plantação de maconha, quem sabe até era ele mesmo o próprio assassino?

— Não, não notei nenhum estranho na estrada.

Apesar de sua ansiedade, Jake teve de sorrir para aquilo tudo. Tecnicamente, ele tinha estado no acostamento, e não na estrada, propriamente dita. Ele tinha percebido ontem que Brooke não gostava de mentir, e seu comportamento naquela manhã confirmava isso.

— Ray Barnes passou por aqui ontem cedo, depois do café — disse ela — e conversamos por alguns minutos. Percebemos um pequeno avião sobrevoando a região. Ray achou que poderia ser o mais velho dos Paluski.

Um avião de pequeno porte? Procurando por ele? Será que o piloto viu quando Brooke o ajudou a entrar na casa, guardando a Harley? Era por isso que Miller estava ali? Não, se fosse esse o caso, certamente ele teria vindo ontem.

— Depois disso, ou fiquei dentro de casa ou sentada na varanda dos fundos — continuou ela. — Por que você está perguntando isso? O que aconteceu?

Jake, também, com certeza, queria saber por que Miller estava lá.

— Houve um assalto na loja de Patel. Aconteceu bem cedo, na terça de manhã.

— Ah, não, e o que eles levaram?

— Não muito. Quebraram a vitrine e pegaram algumas joias. Ele pode ter ficado assustado e fugiu antes de roubar mais coisas.

Um assalto na mesma noite em que Jack foi baleado? Uma coincidência, ou foi encenado? Por Miller, se ele era o vilão da história, para dar-lhe uma desculpa para caçar Jake?

— Ele?

— Sim, é o mais provável. Alguns moradores disseram que eles ouviram uma moto descendo as estradas vicinais perto daqui, pouco antes do amanhecer. Indo depressa.

— Humm... Não tenho certeza de que seria capaz de reconhecer um motor de motocicleta do motor de um carro. No entanto, não me lembro de ter tanto tráfego assim na estrada...

— Tudo bem, então, senhora Kincaid. Acho que é isso... Ah, antes que me esqueça, Ray Barnes disse que a senhora teve um pequeno acidente com o carro. Na segunda de noite, a mesma noite do assalto?

— Ah... — pela primeira vez, ela parecia nervosa. — Sim, claro. Foi na segunda, mas ainda não era noite fechada. Eu, hã, bati de ré na minha cerca e quebrei uma ou duas tábuas.

Uma mentira. A primeira mentira completa.

— Como isso aconteceu?

— Bem, foi tão bobo... Eu estava indo ao Bly Ranch para uma reunião do conselho do campo. Daí, percebi que tinha me esquecido de levar a torta que havia feito. Deveria ter estacionado o carro na estrada e caminhado de volta para casa, mas em vez disso quis virar, calculei mal a distância e bati na cerca.

— Não se machucou?

— Ah, não, estou bem.

— Não notei nenhum dano ao seu Toyota. Espero que você não se importe, mas dei uma volta em sua entrada de carros e dei uma olhada.

Jake quase podia ouvir Brooke rangendo os dentes em um esforço para se manter educada.

— Não, foi apenas a cerca que sofreu danos.

— Vi o reparo que você fez nela. Você fez isso sozinha ontem? Quando estava em casa doente?

Droga, pensou Jake, o homem não era tão inocente assim.

— Eu não gosto de deixar coisas por fazer.

No entanto, Brooke era muito boa, também. Alcoólicos tinham experiência em contar mentiras e meias-verdades. Ele sabia que ela não mentira sobre a reunião do conselho, porque tinha visto a agenda e as anotações em sua mesa. Isso era bom, porque apostou que Miller verificaria essa história.

— E contou à sua família e ao resto dos membros do conselho sobre o seu pequeno acidente?

— Não. Fiquei envergonhada e eu não queria que eles se preocupassem.

— Hum... Bem, caso se lembre de mais alguma coisa, me telefone.

— Claro. Provavelmente, eu me lembraria se tivesse visto um homem acelerando em uma motocicleta.

Jake prendeu o punho contra a boca para abafar um resfolegar de riso, então ficou ouvindo enquanto os dois se despediam educadamente. Quando ouviu a porta da frente se fechar, correu para a janela do quarto, ficou ao lado encostado na parede e viu quando o carro da polícia foi embora. Ele ficou lá por alguns minutos, para garantir que o sargento não voltasse.

As tábuas do assoalho rangeram e ele se virou, ainda com a Beretta apertada em sua mão, quando Brooke entrou no quarto.

Os olhos dela se arregalaram.

Ele enfiou a arma no bolso do roupão.

— Obrigado. Eu... encontrei a minha arma.

Ela pensou por um momento.

— Na noite passada. Por isso você subiu até aqui.

Ele meneou a cabeça, concordando.

— Muito bem, senhor João Ninguém, volte para baixo e me conte toda a história. Começando com o seu nome verdadeiro.



Brooke arrastou o hóspede não convidado enquanto ele descia cuidadosamente os degraus da escada. Ela ouviu seus passos correndo quando ele subiu, havia dez minutos, e imaginou que agora esse João Ninguém estava sofrendo os efeitos colaterais. Não sabia se devia sentir pena dele. Nem sabia ao certo se ela acreditava naquela sua

história ou se ele era simplesmente um bandido comum que tinha roubado a loja de presentes de Vijay Patel e levado um tiro durante o assalto. Brooke tinha vasculhado os bolsos da jaqueta ao escondê-la no galpão; não havia a tal joia, nem identidade, nem nada.

Falando em bolsos, não gostou nada da ideia de que ele havia escondido a arma no bolso do roupão de banho.

Tampouco de aquele roupão parecer tão apertado nele, deixando descobertas grandes áreas do peito viril e de suas pernas, lembrando-a de tudo o que estava sob aquela flanela fina. Ele deveria ter parecido ridículo naquele roupão, juntamente com a barba e os cabelos enrolados caindo sobre os ombros. Em vez disso, parecia sexy e perigoso.

Brooke também não gostara de sentir como as mãos dele tinham sido boas ao massagear os ombros, ao tocar seus lábios como num beijo. Muito menos do jeito que aquele homem, com apenas um olhar, a fazia queimar por dentro por causa dele. E detestava a forma como a imagem dele continuava voltando, o homem saindo nu do banheiro. Odiava ainda ter visto o corpo dele ficar excitado sob o escrutínio...

Ela era uma avó, pelo amor de Deus. Ela não deveria ficar alimentando esses pensamentos. O que era aquilo, uma segunda adolescência? Se assim fosse, deveria realmente se preocupar. Basta olhar para onde a tinha levado a primeira...

Brooke pegou a cafeteira, encheu de novo as canecas — era sua terceira e, normalmente, ela se permitia apenas uma — e sentou-se numa das cadeiras da cozinha. Sombriamente, falou:

— Pode começar.

Ele sentou-se em frente a ela.

— Meu nome é Jake Brannon.

— Jake Brannon — ela repetiu, pensando que o nome combinava com o homem.

— Cabo Brannon. Você pode ligar para a sede em Vancouver e mandar chamar o sargento Jamal Estevez...

— Jamal Estevez? — interrompeu Brooke.

Aquele nome era tão incomum quanto Mohinder McKeen, seu ex, e ela imaginou que o sargento, também, deveria ter uma origem mestiça.

— Sim, ele está coordenando esta operação. Ele vai confirmar minha identidade.

— Esta operação... A tal operação em que está trabalhando disfarçado em Caribou Crossing, caçando algum homem que é conhecido como um pilar da comunidade. Por quê?

— Porque ele matou uma menina de quinze anos, em Vancouver.

— Ah!

Aquelas palavras enviaram um calafrio pelo seu corpo. Seria possível? Seria um dos cidadãos respeitados de Caribou Crossing um reles assassino? Talvez até o sargento Henry Miller?

Ela nunca gostou de Miller — não desde que tinha sido tão sarcástico e sugestivo com ela no tempo em que ainda bebia — mas não conseguia imaginá-lo assassinando uma menina. Contudo, na verdade, ela não era capaz de imaginar ninguém em Caribou Crossing cometendo um crime horrível daqueles.

— E quem era essa menina? Como é que alguém de Caribou Crossing se envolveu com uma adolescente de Vancouver?

— Anika, a vítima, tinha pais muito religiosos, antiquados, rigorosos. Ela se rebelou. Isso é normal, certo? Bem ela se envolveu com drogas, sexo, noitadas. Uma noite, não voltou para casa. Quando finalmente apareceu, os pais dela disseram que, se fizesse isso de novo, não precisaria se preocupar em voltar porque não seria mais bem-vinda em casa.

Brooke pensou na própria adolescência. Ela havia sido uma princesa mimada até que ficou grávida. Seus pais não a tinham mandado para a rua, ao contrário, tentaram consertar as coisas.

— Isso foi cruel — disse a mulher lentamente —, mas acho que só queriam que ela se endireitasse.

— Sim, bem, você não consegue fazer um adolescente endireitar ao insultá-lo e ameaçá-lo — Jake parecia irritado, e Brooke se perguntou se era com ela ou com os pais de Anika.

— E Anika dormiu fora de novo?

— Ela fugiu. Para a rua. Ela queria ser independente, viver a própria vida. Eu consigo me identificar com isso, e você, consegue?

Claro. Ela ansiava por emoções, afirmou sua independência e se apaixonou por um sexy jovem rebelde.

— Acho que sim. E de que modo ela conseguiu sobreviver?

— Foi se virando com trabalhos ocasionais, garçonne, e assim por diante, mas acabou se envolvendo muito pesadamente em drogas. Era inevitável que acabasse no comércio do sexo, para poder pagar por seu vício.

Viciada em drogas e prostituta aos quinze anos. Com a mesma idade, Brooke estava casada e tinha um bebê. Já era uma coisa ruim e estúpida, mas nada parecido com o que acontecera com Anika. Os próprios pais de Brooke, do jeito deles, tinham ficado ao lado da filha. Eles fizeram com que se casasse com Mo, e depois aceitaram os dois em sua casa. Mo se deu bem com seu pai, melhor do que com o próprio pai; os dois haviam compartilhado mais do que algumas cervejas.

Empurrando para longe essas lembranças, Brooke perguntou:

— Os pais dela não foram à polícia denunciar sua fuga?

— Foram, mas a polícia tem muitas dessas denúncias. A garota nunca tinha sido presa, por isso ela não chamou a atenção das autoridades. De qualquer forma, ela tingiu o cabelo de vermelho, arrumou um cafetão, usou na rua o nome de Foxy... As mais novas são populares.

Jake tomou todo o café e colocou a caneca na mesa.

Aquela história toda soava tão distante do mundo pacífico de Caribou Crossing. Brooke tinha crescido na cidade — em Los Angeles, uma cidade grande — e quando Mo e ela foram embora, passou anos ansiando por aquela agitação e excitação. No entanto, quando se desintoxicou e assumiu o comando da sua vida, ela optou por ficar em Caribou Crossing, em vez de voltar para a vida da cidade. Brooke tinha trocado emoção por serenidade; com seus problemas de saúde, isso era uma necessidade. Além disso, queria testar-se ali, com todo mundo olhando. Na cidade, como mais uma pessoa anônima, poderia ser muito fácil escorregar de novo para a bebida. Agora, quando pensava em Robin e no novo neto que chegaria, estava grata por todos eles viverem no campo.

Se, porém, tudo aquilo que Jake Brannon estava dizendo era verdade, Caribou Crossing não era o lugar seguro que ela acreditara que fosse. Tomou um gole de café, então percebeu que estava ficando ansiosa e a cafeína não ajudaria. Ela pôs a caneca na mesa e empurrou-a para fora de seu alcance.

— Continue.

— O corpo de Anika foi encontrado em uma lixeira in Blood Alley.

Ela estremeceu.

— Blood Alley?

— Fica em Gastown. Empresários, turistas, viciados, todos eles frequentam o lugar. O corpo de Anika não foi o primeiro a ser encontrado lá. Ela foi barbaramente esfaqueada e havia sido estuprada ou fez sexo violento antes de morrer.

Brooke colocou os braços em torno de si mesma.

— E você está investigando a morte dela?

— Bem, mais ou menos. Veja, o sistema de polícia não funciona da mesma maneira em Vancouver e aqui. Vocês têm um destacamento da Polícia Montada que cuida de tudo em Caribou Crossing. Vancouver tem sua força policial própria. O Departamento de Polícia de Vancouver lida com a maioria dos casos, como os homicídios.

Ela assentiu.

— Sim, eu vi isso nos livros e na TV.

— Então, a Polícia Montada investiga os crimes relacionados a drogas, contrabando de estrangeiros ilegais, crimes nacionais e internacionais. Em Vancouver, às vezes trabalhamos junto com os policiais, mas no fundo não havia nenhuma razão para que fôssemos trazidos ao caso de Anika. Parecia ser mais um caso simples de assassinato de uma prostituta por um zé-ninguém qualquer.

Caso simples de assassinato. Ah, sim, ainda bem que ela não morava na cidade grande, onde um crime desses era considerado um “caso simples de assassinato”...

— Então, como foi que você se envolveu?

— Para começar, fui o cara que a encontrou.

— Ah...

Brooke imaginou o choque de descobrir o corpo de uma menina parcialmente coberto, manchado de sangue, jogado em uma lixeira como se fosse lixo podre.

— Tive um encontro com uma informante em Blood Alley. Quando acabamos e eu saía do beco, ouvi um barulho em uma lixeira, e encontrei-a.

— Um barulho? Ela estava viva?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Foi... Um animal.

Um rato? Ela estremeceu e abraçou-se com mais força.

— Assim que confirmei que ela estava morta, chamei a polícia. Minha parte teria acabado aí, então. Mas fui arrastado de volta...

Como sua caneca estava vazia, ele pegou a de Brooke, levantou-a e tomou um longo gole.

— Como?

— Os pais dela entraram em contato comigo. Eles queriam falar com o homem que tinha encontrado sua filha. Eles se sentiam culpados e queriam entender o que havia acontecido.

Jake girava a caneca para frente e para trás entre suas mãos.

— Não pude dizer nada de útil a eles. E eles... Não sei, me impressionaram. Claro, tinham sido muito rigorosos, mas pelo menos eles fizeram isso porque amavam a filha. Eles estavam assustados com as coisas que ela estava fazendo, com o tipo de companhia com quem andava, e não sabiam o que fazer. Eles fizeram a coisa errada, mas pelo menos tentaram.

Ele engoliu em seco.

— Quando foram chamados para identificar o corpo dela, quase não a reconheceram. Anika tinha perdido dez quilos, o cabelo estava cortado e tingido de vermelho com listras roxas, tinha feito uma dúzia de piercings e duas tatuagens. E as marcas de picadas, claro. Algumas das marcas e dos piercings estavam infeccionados — ele engoliu de novo. — A pobre menina ainda era HIV positiva, mas essa informação não foi divulgada a seus pais.

— Eles nunca vão perdoar a si mesmos — disse Brooke, sabendo disso com certeza.

Os danos que ela mesma havia causado em Evan eram de natureza diferente, mas ela jamais perdoaria a mulher que tinha sido. Culpa. Isso nunca morre. Você aprende apenas a superá-la, e isso se tiver sorte.

— Eles cometeram esses erros porque a amavam — disse Jake mais uma vez. — Contudo, algum cretino a fатиou e a jogou fora como se fosse o lixo da cozinha. Não é justo que ele saia impune dessa.

— Não, não é... — Brooke estudou seu rosto preocupado. — Você já deve ter visto uma série de assassinatos. O que tem de diferente sobre esse?

— Eu encontrei o corpo dela, e ela era tão jovem, e seus pais estão assim tão... Atormentados...

Aquele homem poderia fazer com que ela se lembrasse superficialmente de Mo, mas, na verdade, ele era muito diferente.

Como para reforçar sua percepção, Sunny pulou da janela, atravessou o piso inteiro da cozinha e saltou casualmente no colo de Jake. Jake acariciou-o sob o queixo. O gato fechou os olhos e começou a ronronar.

Jake Brannon tinha a boa aparência marcante de Mo e seu magnetismo sexual, mas parecia um homem decente. Enquanto os longos dedos acariciavam o pelo do gato, Brooke pensou nos mesmos dedos em seus ombros, e imaginou-os em seus seios.

Não, isso era impossível. Poderia haver química entre eles, mas isso era tudo que haveria entre os dois. Jake era mais jovem do que ela, além de que ele era um policial com trabalho de alto risco, em Vancouver. E ela, pelo amor de Deus, era uma avó. E uma alcoólatra com transtorno bipolar, como se não bastasse. Ela precisava de estabilidade, e não de uma aventura louca com...

A voz dele interrompeu sua linha de pensamento.

— Então eu comecei a perguntar por aí, casualmente como quem não quer nada, enquanto estava trabalhando em outros casos. Acabou que uma de minhas informantes, uma prostituta não muito mais velha do que Anika, a conhecia muito bem.

— Você tem uma informante que é uma prostituta adolescente?

— Eu já a tinha visto nas ruas. Então ela foi presa quando foi atrás de um bêbado que atacou outra prostituta, impedindo o cara de espancá-la. Ela é uma boa garota. Conhece tudo o que acontece na rua e sabe das coisas. Fuma um pouco de erva, mas fica longe das coisas pesadas. De qualquer forma, Jamal e eu tivemos uma conversa com ela, e ela está trabalhando conosco há mais de um ano. Ela já veio com algumas boas dicas.

— Não é perigoso ter uma prostituta que conhece sua identidade? Quero dizer, se você estiver trabalhando disfarçado? Ela poderia, sei lá, acabar com seu disfarce...

— Jamal e eu não fazemos muitas operações secretas em Vancouver. Na maior parte das vezes, somos enviados a outros lugares.

Ela tentou por um momento imaginar sua vida, mas era impossível.

— De qualquer modo — ele estava dizendo —, Sapphire é de confiança.

— Esse é um nome incomum.

— Nome de rua. Não nos diz o nome verdadeiro dela, de onde ela é. É uma idiotinha. Ela tem tanta coisa boa acontecendo para ela, poderia muito bem entrar na escola, conseguir um trabalho decente.

Brooke podia ouvir em sua voz quanto ele gostaria de tirar Sapphire da rua.

— E aqueles arquivos sobre crianças fugitivas? Você poderia encontrar essa menina lá.

— Já tentei, não tive sorte. É que há muitos fugitivos, esse é o problema. Boa parte deles não são registrados, os pais não dão queixa. Ou eles largam os lares adotivos, pais violentos ou que simplesmente não dão a mínima. De repente, Sapphire está fugindo de alguma coisa que é tão ruim, ou pior, do que aquilo que encontrou. Além disso, como eu disse, ela é uma das espertas. Está economizando dinheiro em vez de gastá-lo em drogas. Ela é esclarecida, ao triar os clientes, ao insistir em usar preservativos, a nem chegar perto de uma agulha...

Brooke meneou a cabeça tristemente.

— E o que ela lhe contou sobre Anika?

— Na noite antes de morrer, o cafetão de Anika a enviou para um encontro com um cliente que queria uma garota nova pela noite toda. No dia seguinte, Anika estava muito machucada, mas deu uma de durona. Disse a Sapphire que aquilo não era nada, que o cara tinha pagado bem, que tinha fumado coisa de ótima qualidade e que o cara tinha dito que queria vê-la de novo naquela noite. Essa foi a noite em que ela foi morta. Aposto que foi esse cliente que a matou.

— Parece que foi mesmo.

— O cara tinha dado a Anika uma BC Bud de primeira e...

— BC Bud? — interrompeu Brooke?

— Maconha da Columbia Britânica, de alta qualidade. Na tarde de sábado, ela e Sapphire fumaram um pouco. Anika fumou mais do que Sapphire, porque ela diz que muita maconha deixa sua mente meio confusa, e ela detesta isso. Que a faz ficar descuidada. Bem, a maconha deixou Anika falante e ela contou algumas coisas sobre seu cara. Ela sabia que ele era produtor porque ficava se gabando de que “sua erva era melhor do que a de qualquer um”.

Brooke tentou, por um momento, imaginar o mundo de Anika, então decidiu que não queria.

— Outro cara foi ao seu quarto de hotel — continuou Jake. — Anika nunca disse qual hotel, por sinal. Ela foi empurrada para o banheiro, mas não se importava, afinal tinha o baseado para lhe fazer companhia, mas ainda conseguiu ouvir alguns pedaços de conversa. O suficiente para perceber que os dois rapazes estavam discutindo. Ela conseguiu entender que o seu cara vendia normalmente o que chegara, mas que estava tentando sair do negócio. O cara disse que ficaria melhor vendendo diretamente nos Estados Unidos. Vangloriou-se sobre como já tinha feito isso antes. O outro cara disse que eles realmente estavam enfrentando uma linha dura na fronteira, e que tinha havido um monte de prisões, mas o cliente de Anika apenas riu e disse que com ele não haveria problema.

— Bem, se ele estivesse vestindo um uniforme da polícia, e dirigindo um carro da polícia, realmente não teria. É nisso que você está pensando?

— É uma possibilidade. Ou se ele fosse um empresário ou profissional com uma razão comercial legítima para cruzar a fronteira. Eles prendem os caras que dirigem

caminhões supostamente de transporte de água, cerveja, papel reciclado, por isso não há garantias, mas se ele dirige um carro comum, leva uma pasta cheia de papéis comerciais, as chances são de que ele possa contrabandear uma carga de cada vez.

— Tudo bem, então o cliente dela era um traficante de drogas. Por que matar Anika?

— Talvez ele tenha pensado que Anika ouviu demais. Ou então é apenas um cara doente que fica excitado ao fazer essas coisas.

Brooke estremeceu mais uma vez. Depois de um momento, disse:

— O que fez você pensar que o homem veio de Caribou Crossing?

— Ele estava bebendo um uísque de centeio chamado Caribou Crossing e ofereceu um gole a Anika. Ela provou e disse que era muito forte para ela. Ele disse: “Não despreze a bebida de minha cidade natal”.

— Ele não parecia preocupado com o fato de ela descobrir de onde ele tinha vindo.

— O cara tinha bebido, fumado maconha com a garota. Talvez tenha escapado e, quando mais tarde ele se deu conta, decidiu matá-la.

— Então, você está à procura de um homem de Caribou Crossing que bebe uma bebida de centeio com o mesmo nome, e viaja para os Estados Unidos a negócio.

— E é um pilar da comunidade. Anika ouviu algumas brincadeiras sobre isso. Do tipo: “O que as pessoas em casa pensariam se soubessem da verdade?”.

— E Sapphire não denunciou isso para a polícia de Vancouver?

— Não. Ela já foi presa por prostituição e não confia neles.

Brooke poderia se identificar com não querer falar com a polícia. Contudo, era interessante que a menina, sabendo que Jake era da Polícia Montada, houvesse confiado nele. Assim como tinha feito Sunny.

Brooke queria confiar nele também, mas não era tão ingênua assim. Antes de ligar para confirmar sua identidade, havia outra coisa sobre a qual tinha curiosidade:

— E você não passou essas informações de Sapphire para a polícia?

— Passei. Sem dar o nome dela, senão eu a perderia como informante. Conversei primeiro com Jamal, e depois fomos falar com o investigador encarregado do caso de Anika. Eu lhe disse que poderia estar conectado com uma investigação sobre drogas, e por isso estamos trabalhando juntos nisso. Os tiras estão tocando em Vancouver, e Jamal e eu estamos lidando com a conexão aqui em Caribou Crossing. Definimos que a melhor maneira de começar era ter um cara — eu — vindo para cá disfarçado. Normalmente, a gente trabalharia com o destacamento local, mas obviamente, neste caso, isso não seria uma opção. Na verdade, se eu conseguir alguma prova irrefutável de que Miller ou um dos outros membros da corporação é corrupto, Jamal provavelmente entregará o caso para Assuntos Internos e eles o tirarão de lá.

— Mas você prefere lidar com isso sozinho.

— Não quero prejudicar a reputação de ninguém a menos que tenha absoluta certeza. E... Sim, eu gostaria de pegar o assassino de Anika pessoalmente. Essas investigações internas podem levar uma eternidade.

Brooke assentiu e foi até o telefone que ficava no balcão da cozinha.

— Seu sargento em Vancouver chama-se Jamal Estevez?

— Isso, e o número do telefone é...

— Não, obrigada. Vou pedir ao Auxílio à Lista.

Jake assentiu em aprovação à cautela da mulher. Enquanto discava, Brooke ficou observando as mãos dele. Será que ele usaria a arma para impedi-la de telefonar?



NÃO, JAKE SÓ continuou a acariciar o gato.

O Sargento Jamal Estevez tinha uma voz profunda e reconfortante, e tudo o que ele disse confirmou a história de Jake.

— Eu preciso falar com ele — disse Jake.

Ela entregou o telefone.

Era verdade. Aquele homem era membro da Polícia Montada. Isso significava que sua família estava a salvo. Ele os ameaçara apenas como um meio de controlá-la, até que tivesse certeza de que era uma pessoa confiável. A raiva se espalhou primeiro, mas então o alívio a inundou, amolecendo seus joelhos. Brooke deixou-se afundar numa cadeira.

— Sim, encontrei a plantação — estava dizendo Jake a Jamal Estevez. — Eu aluguei um Cessna e sobrevoei ao amanhecer e ao anoitecer, então descobri um monte de reboques que me pareciam suspeitos.

Ele olhou para Brooke, e ela sentiu que o homem estava falando com ela e com o sargento ao mesmo tempo.

A mulher ouviu enquanto ele resumia como tinha localizado a tal plantação clandestina, entrado sorrateiramente e, em seguida, teve o azar de topar com uma porta estridente e com um homem armado. Agora ela sabia de onde tinha vindo a bala que o ferira.

— Não, eu estou bem — disse ele ao telefone. — Brooke é uma boa enfermeira — seus olhos momentaneamente se arregalaram; em seguida, ele rapidamente acrescentou: — Ah, ainda não lhe contei. Eu errei uma curva com minha moto e acabei me espatifando no quintal da casa dela. Por enquanto, me serve de esconderijo. Foi hoje de manhã que decidi contar a ela a minha história. Parece-me uma senhora de confiança.

Seus músculos do rosto estavam tensos e Brooke teve uma revelação. Não só tinha encontrado a arma na noite passada, Jake relatara tudo a Jamal e lhe pedira para checar os antecedentes de Brooke. Quando ele olhou para ela mais uma vez, ela fez uma careta.

Jake ergueu as sobrancelhas em uma pergunta, porém, ela lhe virou as costas e começou a arrumar a cozinha. Ele continuou falando com Jamal, ou melhor, ouvindo. Ela ouviu-o dizendo “Ahã” algumas vezes e adivinhou que o sargento estava lhe contando a história de sua vida, ou, pelo menos, toda a história à qual a Polícia Montada do Canadá tivera acesso. Sentindo-se irritada e vulnerável, ela abriu a torneira e começou a enxaguar pratos e a carregar a máquina de lavar louça.

Quando terminou, Jake estava dizendo:

— Bem, caramba, uma placa roubada, então, hein? Tudo bem, então tem outra coisa a verificar. Brooke recebeu uma visita do comandante local, o sargento Miller. Ele tinha uma história meio difícil de engolir, sobre um arrombamento em uma loja local e o criminoso fugir em uma moto. Quer dizer, ou Miller está falando um monte de bobagens ou ele inventou a história toda. Não gosto de pensar assim, mas é de desconfiar que ele próprio esteja fazendo essas investigações iniciais, em vez de enviar um de seus policiais.

Fez uma pausa.

— Sim, me informe se a loja foi mesmo arrombada. Ah, e alguém esteve sobrevoando por aqui em um avião pequeno, ontem de manhã. Poderia estar me procurando. Seria bom checar os planos de voo nos aeroportos.

O aviãozinho. Nunca lhe ocorrera que... Ela virou-se para Jake e tocou em seu braço para chamar sua atenção.

— O avião ficou voando por aqui um bom tempo. Quando eu estava consertando a cerca, ele estava muito ao sul, longe demais para me ver. Então, quando estava conversando com meu vizinho, aquele que passou cavalgando, o avião estava em cima de nós.

Jake repetiu a informação para Jamal, escutou por um momento, então perguntou a Brooke:

— Qual é a loja que foi supostamente arrombada?

— Loja de presentes de Vijay Patel. É chamada de Presentes de Caribou.

Ele repetiu as informações para Jamal, que ouviu, em seguida, virou-se a Brooke novamente.

— Precisamos saber a quem pertence a terra onde eles estão com a plantação de maconha. Eu estava em uma estrada chamada Pike, cerca de uma hora a sudoeste daqui, e que depois se transformou numa estrada de terra sem nome. Eu a segui por mais ou menos uns dez quilômetros até acabar nos trailers. Tem alguma ideia de quem pode ser o dono dessas terras?

— Nunca nem ouvi falar dessa Pike Road.

— Ela não sabe — disse ele ao telefone, então deu as coordenadas da plantação clandestina.

Brooke refletiu novamente sobre a história, as peças que ele contara e aquelas que estava juntando com essa conversa ao telefone com Jamal.

— Vocês não podiam simplesmente... — ela estava pensando em voz alta, mas interrompeu-se quando Jake se virou para ela e perguntou:

— O quê?

Brooke encolheu os ombros, se desculpando.

— Atacar esse lugar? Fechar tudo?

— Não seria bom. O homem que queremos certamente não está lá. E quem trabalha naquele lugar são apenas seus empregados.

— Mas eles devem saber quem é ele.

— Não necessariamente. É provável que ele tenha imigrantes ilegais escondidos por lá, trabalhando na plantação. E mesmo que eles o conheçam, e estejam dispostos a fazer um acordo e o identificar, só o pegaríamos por drogas. Eu o quero também por assassinato.

Ele estava certo, e ela sentiu-se ingênua demais.

Então Jake perguntou:

— Você já ouviu os nomes Herb e Jango?

— Jango. Tinha um hippie já velho que costumava viver nas colinas e plantar a própria maconha. Só para seu uso, disso tenho certeza. Ele descia até a cidade para comprar suprimentos uma vez por semana, mais ou menos, e cheirava a maconha, mas não era um cara do mal. Ele integrava o Partido da Maconha e acreditava que a maconha deveria ser legalizada. Tinha um amigo, outro cara como ele, cujo nome poderia muito bem ser Herb...

— O que aconteceu com eles?

— Eu não sei. Faz um ou dois anos que eles não são vistos por aqui.

Jake passou a informação a Jamal.

— Nosso criminoso pode muito bem ter colocado nossos amigos numa bela operação nas colinas, mantendo-os felizes com a erva de ótima qualidade, trazido suprimentos para eles. E dizendo que ficassem longe da cidade.

Ele escutou por um momento.

— A próxima coisa que precisamos fazer é elaborar um novo disfarce para mim.

— Tirar a barba e o cabelo comprido... — ela murmurou.

— Só um segundo — disse Jake ao telefone. Então, para ela: — O quê?

Opa, ela provavelmente deveria manter a boca fechada.

— Nada.

— Diga-me o que você falou.

Ele parecia exasperado.

— Bem, eu acho que se você pretende se misturar aos pilares da comunidade, deveria ir bem barbeado e de cabelo curto. Além disso, se a pessoa que atirou em você o viu de relance, então eles estarão esperando alguém cabeludo.

— Eu ligo de volta — disse Jake a Jamal, e desligou o telefone.

Ele se recostou na cadeira e estudou Brooke.

— Eles me viram de costas, só o cabelo, não o rosto. Diga-me uma coisa, você corta cabelo masculino ou só feminino?

— Claro que eu corto cabelo de homens. Posso transformar você, posso... Acrescentar um terno e gravata conservadores, talvez óculos de aro fino... — ela o estudou, a vitalidade animal tão aparente mesmo quando ele vestia um roupão de banho de mulher. — Você deveria se comportar de maneira diferente. Tente não parecer tão... Masculino.

Ele esboçou um sorriso que lhe roubou o fôlego.

— Em que você está me transformando, hein?

— Bem, pense um pouco. O que faria você se mostrar mais inofensivo?

Brooke o estudou, tentando imaginar se aquele homem poderia parecer inofensivo. E então, teve uma ideia brilhante.

— Você precisa ser apresentado por um morador da cidade que o conheça. De forma que não seja alguém totalmente desconhecido — aquilo era muito empolgante. Mais uma vez ela estava em um romance de mistério, mas agora que o perigo tinha passado, estava se divertindo.

— Tem razão, mas a única pessoa que conheço por aqui é você, e não vou colocá-la em risco.

Ela ficou insultada e aliviada ao mesmo tempo, mas o insulto venceu.

— Desde que eu conheci você, vem me dando ordens. Quem pensa que é, tomando as decisões por mim?

— Esta é para sua própria proteção.

Para protegê-la, Jake assumiria mais riscos. Brooke deveria deixar que ele fizesse isso, afinal, era seu trabalho. A última coisa que ela queria era ser alguém que corresse riscos. Contudo, ela conhecia Caribou Crossing, e Jake não. Sem ela, o perigo para ele seria maior.

Isso era bem mais do que ficar brincando de novelas policiais. Brooke realmente se preocupava com a segurança daquele homem. O suficiente para arriscar a própria segurança...

Ou talvez estivesse fazendo isso por causa daquela pobre moça morta e seus pais. Seria uma espécie de expiação por suas falhas como mãe?

Ah, bem, quaisquer que fossem seus motivos, Brooke sentia um forte senso de propósito em tudo aquilo:

— Precisamos de uma história que possa sustentar seu papel e que lhe permita conduzir a sua investigação sem lançar suspeitas sobre qualquer um de nós.

— Eu não vou deixar você fazer isso.

Ela rangeu os dentes. Por que queria ajudar aquele homem tão detestável?

— Vamos discutir o assunto, então — propôs Brooke —, e ver o que sai disso.

— Você conhece Caribou Crossing — admitiu ele. — E gostaria de suas dicas.

Aceitando essa pequena concessão, a mulher apoiou os cotovelos na mesa.

— Você está mancando e fazendo caretas de dor, então que tal colocar algum tipo de acidente na história?

Ele balançou a cabeça com firmeza.

— Amanhã ninguém será capaz de notar que estou machucado. Pelo menos não quando eu estiver vestido...

Jake lhe deu uma piscadela marota.

Brooke se esforçou para imaginar aquele homem vestido, desde o colarinho abotoado até as meias e os sapatos. A sugestão comum para quando você fica nervoso demais perto de outras pessoas é imaginá-las de roupas de baixo. O problema com Jake era que imaginá-lo vestido era muito melhor para a sua paz de espírito.

O telefone tocou. Ela levantou uma sobrancelha e Jake disse:

— Pode atender, mas tome cuidado.

Era Evan, que tinha ouvido as pessoas comentarem que Brooke não estava muito bem. Como era incrível isso, ter um filho que ficasse preocupado com sua saúde.

— Estou me sentindo muito melhor — garantiu a ele. — Eu vou ficar em casa hoje, só para ser mais seguro.

— Precisa de alguma coisa? Eu ficaria feliz de passar por aí para levar.

— Não, mas obrigada. E estarei de volta ao trabalho amanhã.

— Nesse caso, que tal vir jantar amanhã, para comemorarmos o novo membro da família?

— Jantar amanhã? — Brooke olhou para Jake, que levantou as sobrancelhas interrogativamente. Pensando que aquela poderia ser uma boa oportunidade de experimentar a história que eles estavam inventando, ela respondeu: — Posso esperar e ver como me sinto na parte da manhã? Com Jessica grávida, eu não quero levar germes para sua casa.

— Claro. E se você sentir que está a fim, venha mais cedo e vá cavalgar com Robin. Ela adora sair com você.

— Vou amar fazer isso — apesar de viver no campo, Brooke nunca tinha montado antes do ano anterior, quando a filha de Jess a convenceu a tentar. Agora, uma de suas atividades favoritas era dar um passeio a cavalo com a neta. — Telefono a você logo de manhã.

— Meu filho — explicou a Jake depois de desligar.

Sua nova proximidade com Evan ainda lhe parecia um presente inesperado e imerecido.

Voltando aos negócios, ela apoiou ambos os cotovelos sobre a mesa e olhou para Jake.

— Tudo bem, vamos trabalhar isso. O que um cara saudável da sua idade estaria fazendo em Caribou Crossing agora? Um turista? Um desempregado à procura de emprego? Talvez um advogado querendo abrir sua firma numa cidade pequena? — ela assentiu. — Gostei disso. Iria lhe dar um motivo para falar com muita gente na cidade.

— Sim, mas um advogado pode ser muito ameaçador para o homem que estou caçando.

— Certo. Queremos alguém inofensivo. Inócuo. Um contador? — mas então, Brooke balançou a cabeça. — Não, você provavelmente não tem nenhuma experiência com contabilidade. Você é mais um cara de ação, certo?

— Sim, eu gosto da parte de ação do trabalho. O perigo, o risco. Mas tenho um talento especial para números. Às vezes sou deslocado para esse tipo de trabalho disfarçado. Crimes do colarinho branco, entende? — acrescentou Jake com um toque de desdém.

— É, e em vez disso, você preferiria estar... Digamos, deixe-me ver... Atuando disfarçado como um membro de uma gangue de motoqueiros ligados ao tráfico de drogas?

— Bem, sim — ele deu de ombros, de uma forma semelhante ao “dããã” de Robin.

Brooke prontamente decidiu transformá-lo em um contador.

— Decidido, esse disfarce de contador pode funcionar mesmo. A gente tinha apenas três contadores e um deles, Ellen Christiansen, acaba de fechar o escritório e se aposentou com o marido em Victoria.

— E como fiquei sabendo dessa possibilidade de trabalho aqui? Ela anunciou que queria vender o escritório, ou coisa assim?

— Não. A única forma de ficar sabendo disso seria por meio de um contato. Você teria de conhecer alguém na cidade, ou seja, eu.

— Eu poderia dizer que conheço Ellen.

Brooke balançou a cabeça.

— A filha dela mora na cidade e elas se conversam regularmente. Que tal isto? Você é meu primo. A gente costumava brincar juntos quando crianças — ela balançou a cabeça de novo. — Não, você é muito jovem. Quantos anos você tem, afinal?

— Trinta e cinco anos.

Oito anos mais jovens. Jovens, bonito, sexy, viciado em perigo. Ela não deveria estar se sentindo atraída por ele.

— Eu costumava dar uma de babá com você — disse ela, gravemente.

— Humm... Todo menino precisa de uma babá sexy... — ele enviou a Brooke um daqueles olhares quentes que faziam o corpo dela formigar.

Contudo, ela tentou ignorar a distração.

— Olha, eu tinha esse primo com mais ou menos a sua idade em Los Angeles. Filho do irmão do meu pai. Meu tio morreu em um acidente de carro e minha tia arrumou um emprego. Eu fui babá dele e da irmã muitas vezes depois das aulas, e outras vezes durante os finais de semana. Então, minha tia se casou de novo e a família se mudou para outro lugar. Então, vamos dizer que você é ele. Diremos que o novo marido da sua mãe era canadense, e sua família mudou-se para Vancouver. Você cresceu, estudou contabilidade...

Brooke estalou os dedos.

— Tente isso. Você trabalha para uma grande empresa, mas recentemente vem pensando em ser seu próprio patrão e cair fora da loucura da cidade grande. Quando Ellen foi embora no mês passado, pensei em você e telefonei, convidando-o a vir para cá.

— Um primo que você nunca mencionou a seu filho? — perguntou Jake com ceticismo.

— Nós não nos falamos durante anos, e mantínhamos contato apenas com cartões de Natal a cada ano — respondeu Brooke, triunfante. — No último Natal, você comentou que estava pensando em fazer algumas mudanças em sua vida, e então quando Ellen foi embora, eu o avisei de que poderia haver trabalho por aqui para um contador. Daí, você decidiu vir para Caribou Crossing e dar uma checada nas coisas por si mesmo. Para ver se gostaria de morar aqui.

Ela estava excitada e podia sentir a energia fluindo em suas veias.

Era como um daqueles ciclos de sua bipolaridade.

O pensamento foi como um tapa na sua cara.

— Você é boa nisso, pode funcionar — respondeu Jake a contragosto. — Eu teria mais credibilidade com você me endossando, mas não estou contente em deixá-la fazer isso — ele a estudou atentamente. — E você está nervosa, também. Você ficou pálida.

— Eu... — ela apertou as mãos ao rosto e as esfregou, para dar alguma cor a ele. O lítio tinha dado certo, lembrou-se. Energia natural era uma coisa diferente de mania. — Estou bem. Excesso de cafeína.

— Sem essa — Jake se levantou para encher a caneca de novo, franzindo a testa quando o jarro rendeu apenas uns goles da bebida. Depois de beber avidamente, ele colocou a caneca sob a torneira da pia e a encheu de água. Depois, veio para perto e pousou as mãos sobre o ombro de Brooke. — Eu não posso deixar você fazer isso.

Ela, e não ele, estava no controle de sua vida e ela é quem tomava as decisões. Olhou para ele com uma careta raivosa:

— Você quer ou não quer pegar o assassino de Anika?

As mãos dele caíram ao lado do corpo, a mandíbula se apertou e ele meneou a cabeça, assentindo.

— Bem, eu também quero.

E Brooke desfrutou dos últimos minutos, planejando e trabalhando com ele como se fossem parceiros.

Jake estudou seu rosto de novo e deve ter visto sua determinação, porque deu um aceno resignado.

— Assim seja. Mas nós vamos tomar muito cuidado.

Enquanto ele interpretava o rosto de Brooke, ela ouvia sua voz. Ele odiava a ideia de precisar ter cuidado, da necessidade de cuidar dela. Bem, aquilo era uma coisa com a qual Jake teria de viver, porque ele precisava dela.

— Jamal vai me construir uma história sólida — disse ele — no caso de alguém aparecer para me checar.

Brooke inclinou a cabeça para um lado.

— Ele é seu chefe?

Jake encolheu-se ligeiramente.

— Mais ou menos. Nós nos conhecemos há mais de dez anos, desde que entramos na polícia. A gente tinha o mesmo objetivo, passar pela rotina pela via rápida e entrar nesse trabalho disfarçado, nos infiltrar nas gangues. Trabalhamos juntos há uns cinco anos e formamos uma boa dupla.

— Ele era seu parceiro antes de ser promovido?

Ela perguntou-se porque Jamal, e não Jake, tinha sido promovido a sargento.

— Nós não temos parceiros, mas sim, às vezes fazemos parte da mesma equipe. Ainda funciona desse jeito, exceto que agora é ele o cara que coordena a operação. Ele é bom. Muito bom.

Ela conseguiria imaginar o forte vínculo que poderia se desenvolver entre as pessoas que arriscavam a vida juntos. Disfarçados, em território inimigo sem ninguém em quem pudessem confiar, exceto os outros membros de sua equipe.

Jake pegou a mão dela.

— Você me perguntou o meu nome, mas nunca o usou. Diga meu nome, Brooke. A mão dela ficou tensa sob a dele, mas Brooke não a retirou.

— Jake — disse baixinho, e o nome foi saboroso de dizer em seus lábios.

Ele apertou a mão dela.

— Vou manter você em segurança. Eu prometo.

Os olhos esfumaçados dele olharam atentamente o rosto dela e Brooke viu sinceridade neles.

— Acredito em você, Jake.

— Vamos trabalhar nessa história juntos, até que ambos estejamos perfeitos nela, dominando todos os seus aspectos.

Ela assentiu.

— E eu não vou deixá-la sozinha. Seria lógico convidar seu primo para ficar com você, certo?

— Você quer ficar aqui?

— Para mantê-la em segurança.

Em segurança. Como ela poderia se sentir segura com toda aquela masculinidade viril compartilhando sua casa?



De pé na frente do espelho de corpo inteiro de Brooke, Jake avaliou como estava.

Ele estava bem barbeado e o cabelo ondulado foi cortado de modo tão curto que não se encaracolava mais. O terno cinza ajudava a adicionar respeitabilidade à imagem, junto com a camisa amarela pálida e a gravata listrada de cinza e amarelo. Assim como os óculos dourados de aro fino. Sim, ele poderia passar por um contador. Desde que deixasse a Beretta para trás.

Brooke, disfarçada com as roupas mais velhas e com um capuz cobrindo os cabelos, tinha ido fazer compras em Williams Lake, uma cidade de porte médio e que ficava distante uma hora e meia de carro. Ela assegurou a ele que não tinha visto ninguém conhecido enquanto comprava roupas masculinas, acessórios e produtos de higiene.

Enquanto ela estava fora, Jake passou o tempo descansando, ou no telefone com Jamal ou fazendo uma pesquisa no computador de Brooke.

Uma parte dessa pesquisa ainda o assombrava. Eskalith, o medicamento de Brooke, era lítio. Comumente usado para tratamento de transtorno bipolar, também chamado de doença maníaco-depressiva.

Não só Brooke era uma alcoólatra em recuperação, como ainda tinha uma doença mental.

Em sua busca na internet, ele descobriu que muitas vítimas dessa doença responderam muito bem à medicação. Seus olhos tinham se arregalado quando leu a lista de pessoas famosas que eram bipolares. Sim, algumas funcionavam extremamente bem. Seus olhos tinham parado no nome de Patty Duke. Ele tinha visto um livro do qual ela era coautora na estante de Brooke.

Enquanto a anfitriã ainda estava fora, fazendo compras, Jake folheou o livro, cujo coautor era um médico. Era esclarecedor, mas ele teve alguns problemas para identificar o que estava lendo, especialmente na leitura da descrição que Patty Duke fazia de suas crises, com o que sabia de Brooke.

Quando ele ouviu o motor de um carro, e ao olhar pela janela, viu que era o Toyota de Brooke, devolveu apressadamente o livro à estante. A doença era o seu segredo e ele não quis confrontá-la. Contudo, de fato, não poderia envolver essa mulher na investigação. Ela era frágil demais.

Entretanto, estava sendo difícil conciliar essa imagem de fragilidade com a mulher vibrante que tinha descarregado seus pacotes na mesa da sala de estar enquanto falava

da expedição de compras, e lançava a ele novas ideias que concebeu para o disfarce.

E Jake percebeu uma coisa. As doenças não eram a mesma coisa que as fraquezas, e a forma como Brooke estava lidando com o alcoolismo e o transtorno bipolar era uma prova de sua força. Então, ele foi junto com ela e a deixou transformá-lo. Agora, ele era Arnold Pitt.

Ele supôs que, quando criança, o apelido de Arnold era “armpit”, axila em inglês. Quando contou isso a Brooke, ganhou uma risada. A primeira risada que tinha ouvido dela. O que o fez ter vontade de ouvir mais vezes.

Isso o fez querer conhecer aquela mulher em diferentes circunstâncias. E, à medida que seu corpo ficava curado, tornava-se cada vez mais difícil resistir à sua atração por ela. Brooke poderia ser avó, poderia ser vítima de duas doenças graves, mas era também uma mulher explosiva, com seus cabelos sedosos, suas belas curvas e sua vontade de ferro.

Tinha lhe comprado aparelhos de barbear, um pente, desodorante. Ela não tinha comprado preservativos. Jake sabia, depois de vasculhar a casa dela, que Brooke não estava tomando pílula e não tinha também nenhum outro contraceptivo naquela casa. Tudo bem. Sua vida era complicada o suficiente sem dormir com Brooke, mesmo se ela o permitisse.

Ela entrou no quarto e ele se virou.

— Será que vou passar?

A mulher deu um tapinha no ombro dele, aprovando.

— Você está muito bem, Arnold. Parou de parecer o Rambo...

— Estou parecendo um bundão, isso sim — resmungou ele.

— E não era isso que a gente queria? Que parecesse um cara inofensivo, o oposto de sua aparência anterior.

Aparência? Apenas uma mulher chamaria um disfarce à paisana de “aparência”.

— Bem, pelo menos é melhor do que o roupão.

Jake piscou para ela, sabendo que isso encheria de rubor suas bochechas.

Ele tinha quase se afeiçoado àquele velho roupão, especialmente quando percebeu como Brooke não conseguia desviar o olhar das partes do corpo dele que o roupão revelava.

Talvez ela realmente deixasse Jake dormir com ela.

Não que ele fosse tentar. Bem, talvez não...

— Posso tirar essas roupas agora? — perguntou, com um dedo enganchado no nó da gravata e puxando para soltá-lo.

— Claro, por isso comprei roupas casuais para Arnold.

Ele tirou o paletó e começou a desabotoar o colarinho da camisa. O olhar dela seguiu seus dedos. Jake gostava da maneira como ela o observava; gostava da eletricidade que surgia entre eles. Contudo, não deveria desejar que um dia desse a visse tirando a roupa. Ou melhor ainda, fazendo isso por ela.

Estava no quarto botão quando o telefone tocou. Ambos pularam para ficar em pé.

Brooke correu pelo quarto e pegou o aparelho da mesa de cabeceira.

— Ah, Jess, estou contente que você ligou — disse, deixando-se cair sobre a beirada da cama, e sentando-se na colcha que tinha acabado de ser lavada. — Eu ia ligar para vocês hoje de noite.

Seus olhares se encontraram e Jake acenou com a cabeça, para que ela soubesse que ele havia notado que, do outro lado da linha, estava a nora. A história do “primo” estava prestes a ser testada pela primeira vez.

Jake continuou a desabotoar a camisa e depois, puxou-a para fora das calças, percebendo que Brooke continuava a observá-lo. De forma um pouco desajeitada, ele tirou a camisa sem machucar o lado ferido de seu corpo. Depois de pendurar cuidadosamente a camisa na parte de trás de uma cadeira, colocou aqueles óculos irritantes sobre o gaveteiro.

Jess tinha, obviamente, perguntado a Brooke como estava se sentindo; e ela respondera que definitivamente, tinha vencido os germes. Por sua vez, perguntou sobre a saúde de Jess e ouviu, respondendo com alguns “Ahãns”.

Agora, era hora de ter algum divertimento real com Brooke. Para avaliar a probabilidade de deixá-lo dormir com ela. Assim, estritamente no interesse da ciência. Ele tirou o cinto da calça e viu quando os olhos da mulher se arregalaram.



BROOKE ESTAVA DIZENDO a Jessica:

— Eu tenho uma surpresa. Alguma vez eu mencionei o meu primo Arnold?
Ele desabotoou a calça.

O olhar dela deslizou para longe, em seguida, sob os cílios abaixados, voltou.

— Ah, não? Bem, quando eu era menina em L. A. costumava ser a babá dele.

Ela mostrou a língua para Jake e ele deu um sorriso surpreso. Agora, ela não escondia mais que o estava olhando enquanto ele deslizava o zíper para baixo. Jake gostava desse humor corajoso e brincalhão dela.

— Ele era um menino muito fofo, meio nerd. Moleque fracote, molengão.

Jake mal conseguia reprimir a risada. Tirou os chinelos de couro dos pés que Brooke tinha comprado e as calças deslizaram para baixo, e depois as tirou ao mesmo tempo em que as meias.

— De qualquer forma — disse Brooke —, ele é um contador em Vancouver e trocamos cartões de Natal. Uma vez me contou que estava pensando em fazer uma mudança, sair da firma e abrir o próprio escritório em uma cidade menor, e eu pensei em...

Brooke parou de falar, aparentemente interrompida por Jessica — ou, ele gostaria de pensar, muda por vê-lo em suas cuecas boxer. Negras, da mesma marca que ele normalmente usava.

— Sim, esse era exatamente o meu pensamento. Eu ouvi uma série de pessoas dizendo quanto sentiam falta de Ellen. Então eu comentei com meu primo e ele está vindo amanhã. Deve ficar por alguns dias e conferir a cidade, ver se é o lugar em que ele possa vir a querer morar.

Jake tinha de devolver a ela aquela menção ao cara “fracote” que tinha feito a Jess. Esticou os ombros, então virou o pescoço para checar o curativo ao lado do corpo, com os quadris retorcendo na direção dela.

— Hummm? — perguntou Brooke, distraída, com o olhar seguindo cada movimento dele.

Ele ainda não tinha provado se ela iria para a cama com ele, mas sabia que ela gostava de seu corpo.

Deslizou o lado direito da cueca e verificou a bandagem no quadril. Quando ele olhou para Brooke, suas bochechas estavam ainda mais vermelhas.

— Ah, ele vai ficar aqui comigo. Vai nos dar uma chance de recuperar o atraso sobre os velhos tempos — ela passou a língua ao redor do exterior dos lábios. Não nervosamente, mas deliberadamente. — E podemos nos conhecer novamente — Brooke virara o jogo de volta para Jake.

Contudo, ele não sabia se ela estava apenas brincando, ou enviando um convite, mas seu corpo reagiu e a cueca começou a parecer muito apertada. Ele deveria se virar, mas não o fez. Jake queria que ela soubesse o efeito que causava sobre ele. E queria ver se ela desviaria o olhar.

Ela levantou a mão e brincou com uma mecha de cabelo, torcendo-a em torno do dedo enquanto ela segurava o telefone em sua outra orelha. Contudo, manteve os olhos sobre ele.

— Jantar amanhã seria adorável. Arnold adoraria conhecer todos vocês.

Sob o olhar da mulher, ele estava crescendo cada vez mais.

Ela cobriu o receptor com a mão e engoliu alto, mas não desviou o olhar.

— Não — disse ela distraidamente ao telefone —, nada de andar a cavalo desta vez. Mas em breve — uma risada suave. — Ah, não acho que Arnold seja do tipo de quem anda a cavalo.

Jessica disse algo que fez Brooke rir.

— Sim, você converteu Evan, então de fato, tudo é possível.

Ele tinha de tocá-la. Então, caminhou em direção à cama. Os olhos dela ficaram mais arregalados enquanto o homem se aproximava, mas não se mexeu. Ele parou a menos de um metro de onde ela estava sentada.

O olhar de Brooke focou na virilha de Jake, e depois se ergueu para o rosto dele. Então, foi apressadamente:

— Tudo bem, estaremos aí por volta das cinco e meia. Vejo vocês depois — ela desligou o telefone, com a mão trêmula.

— Jake? — a palavra era um suspiro ofegante.

— Brooke — ele agarrou seus ombros, e puxou-a para ficar na frente dele.

— Eu... Eu sou uma avó! — ela deixou escapar.

Ele ficou de boca aberta, em seguida, jogou a cabeça para trás e riu.

— O que é que isso tem a ver com alguma coisa?

— Como você pode ficar... Com tesão por uma avó? Eu sou mais velha do que você.

— E parece que eu me importo com isso?

— Eu... — a testa dela franziu. — Você tem uma tara por mulheres mais velhas? Ele riu de novo.

— Eu tenho uma tara por você, Brooke Kincaid. Assim — e ele a puxou contra o seu corpo, deixando que ela sentisse toda a força de seu desejo.

Ela engasgou, seu corpo ficou tenso, e então ela começou a derreter-se contra ele.

Jake afrouxou o aperto nos ombros da mulher para que ele pudesse envolver seus braços ao redor dela.

Contudo, Brooke se esticou de novo e saltou longe.

— Não!

Num piscar de olhos, ela desapareceu pela porta.

Jake deixou escapar um gemido de pura frustração.

— Calma, rapaz — murmurou.

Ela estava certa, porém. Misturar negócios com prazer não era o mais inteligente a fazer.

Ele pendurou as roupas descartadas no armário de Brooke. Ela insistira em lhe dar o seu quarto, apontando que a cama do outro quarto, aquele de sua neta, era muito curta e estreita para ele.

Brooke dormiria lá sozinha. Do outro lado do corredor. E eles compartilhariam um banheiro. Como ele poderia — como eles poderiam — sobreviver àquela proximidade?

Jake tentou virar sua mente para os negócios e rever o plano que ambos tinham desenvolvido. Jamal estava providenciando um carro com placas registradas em nome de Arnold Pitt e uma carteira cheia de identidades falsas. Jamal dirigiria até ali para entregar tudo isso, e assim os dois poderiam confirmar tudo pessoalmente. No dia seguinte, na hora do almoço, Brooke levaria Jake escondido para se encontrar com Jamal em um local isolado chamado Zephyr Lake. Uma hora ou duas mais tarde, Arnold chegaria oficialmente na cidade, no salão de beleza onde ela trabalhava. Ela lhe daria a chave reserva de sua casa e as indicações para que o primo pudesse chegar até lá. De noite, jantariam na casa do filho dela.

Tiveram de trabalhar duro durante a noite, enquanto ele estudava a história da família de Arnold e as notícias que ele e Brooke poderiam ter trocado ao longo dos anos.

Depois, Jake examinou as roupas que ela havia comprado, e escolheu uma calça caqui cuidadosamente passada e uma camisa polo. Riu abafado. Ele queria era uma calça jeans e uma camiseta, mas Brooke não comprara esse tipo de roupa para Arnold. Mesmo em suas horas de lazer, Arnold era um arrumadinho.

A vontade de Jake era deixar aqueles óculos esquecidos na mesa de cabeceira, mas sabia que precisava adquirir o hábito de usá-los. Se ele os deixasse em algum lugar, alguém poderia pegá-los e perceber que não tinham lentes de grau.

Satisfeito com a rapidez com que seu corpo estava se curando, ele passeou para o andar de baixo. Realmente, descansar era algo notável. Normalmente, quando era ferido, Jake voltava logo ao trabalho e levava mais tempo para se recuperar. E começou a assobiar, alguma melodia inventada.

Um cheiro delicioso o levou para a cozinha, onde Brooke virou-se de algo que estava mexendo em uma panela no fogão.

— Jake...

Ele não queria discutir de novo a ideia de ser rejeitado. Rapidamente, disse:

— Arnold. Como estou?

— Muito Arnold — Brooke conseguiu dar um sorriso. — Mas você tem certeza de que o Arnold assobia?

Ótimo, ela não ia mencionar o incidente lá de cima.

— É seu único vício. Um cara não pode ser sério o tempo todo.

— Acho que não...

— Algo cheira muito bem. Frango?

— Sim, frango com páprica. Tem páprica e pimenta de caiena. Espero que não seja muito aventureiro para você, Arnold.

— Eu odeio esse nome. Você sabe disso, não é?

Ela riu, uma risada de verdade, e o coração de Jake deu um pulo.

— Sei. Por isso é tão bom. É tão diferente do verdadeiro você. Nada a ver com Jake.

Gostava do jeito que Brooke dizia “Jake”. E gostaria ainda mais se ela tivesse dito algo do tipo “Por que não vamos para a cama agora, Jake?”.

Em vez disso, ela disse:

— Sente-se. Você ainda é um inválido.

— Eu estou bem.

— Então você pode fazer a salada — ela apontou para uma cesta no balcão da cozinha. — Tem alface, rabanetes e ervas do jardim, e os tomates e pepinos estão na geladeira.

A alface era verde-escura e cheia de folhas, e os rabanetes eram rosa e branco com a terra ainda presa às suas raízes. Ele lavou os legumes, em seguida, começou a picar a alface em uma tigela de cerâmica que Brooke tinha disposto sobre o balcão.

A mesa da cozinha foi arrumada para dois, o gato cochilava em um tapete trançado no canto e Brooke tinha acabado de colocar uma panela de água para ferver. Agora, ela estava juntando azeite, vinagre e ervas para fazer o próprio molho de salada, ele imaginou.

Jake tinha visto mais cenas domésticas desde que conhecera aquela mulher do que podia se lembrar em todos os últimos anos de sua vida.

— Você gosta de jardinagem? — perguntou.

— É gratificante. Ordenada, produtiva e econômica — ela entregou-lhe alguns tomates, metade de um pepino, e uma faca com aspecto cortante.

— E você faz geleia.

— E também sei congelar frutas e legumes. Faço molho de tomate, chutney, molho adocicado..

— Todas essas coisas domésticas.

Jake adivinhou que tudo isso era novidade para ela, desde os dias que deixara de beber.

— Sim. Provavelmente pode parecer trivial a você, mas eu gosto. Isso me mantém ocupada e é um bom exercício. Como bem e faço coisas gostosas para compartilhar com a minha família — ela parecia um tanto na defensiva.

— Não estou menosprezando você, Brooke. É bom a gente encontrar as coisas que gostamos de fazer.

Brooke deixou cair o macarrão na água fervente.

— E quanto a você? Do que você gosta? Quais são seus hobbies?

— O trabalho ocupa a maior parte do meu tempo. Mas eu gosto ...

— De trazer os criminosos à justiça.

Agora ela estava misturando farinha num copo de medida com creme de leite. Ela não era claramente obcecada com o controle de calorias, como tantas mulheres. Outra coisa que gostava nela.

Jake colocou o tomate e as fatias de rabanete dentro da tigela de salada, e começou a cortar o pepino.

— Isso. Mas também gosto da emoção, do perigo. Faz a minha adrenalina se agitar.

Ela inclinou a cabeça e observou-o de onde estava, perto do fogão, misturando o creme que tinha feito na panela com o frango.

— As pessoas que se importam com você devem se preocupar.

— Não há ninguém. Minha vida não permite esse tipo de relacionamento.

— Sua vida ou seu trabalho?

— São a mesma coisa.

— Humm. Quer dizer, não há nenhuma mulher em especial?

Jake deu uma breve risada.

— Não sou propenso a relacionamentos. Só encontros casuais, de curto prazo. Sou franco sobre isso.

Talvez tivesse sido por esse motivo que Brooke tinha fugido, lá no quarto. Era bastante óbvio o tipo de cara que Jake era. Tão óbvio quanto a cerca branca e toda a domesticidade dela.

— E seus pais? — ela perguntou. — Irmãos?

— Não tenho irmãos e faz muito tempo que não vejo meus pais. Eles odeiam o que faço.

Ele estava cansado de ter Brooke sondando sua vida. Não que ele não gostasse dessa centelha de interesse, a ponta de preocupação em seus olhos, mas ele sabia que ia apenas despontá-la. Ela queria que ele fosse algum tipo nobre de cruzado, quando na verdade ele havia sido apenas um garoto perdedor que tivera a sorte de ter sido colocado no caminho certo e encontrado um emprego onde ele poderia fazer algo de bom, e ainda aceitar o cara temerário dentro dele.

— E você? — perguntou, vendo o modo com que ela misturava o molho de azeite e vinagre e regava sobre a salada.

— Tenho pais e uma irmã. Mal mantemos contato — Brooke colocou a tigela de salada na mesa e escorreu o macarrão. — Acho que você vai ter de conhecer alguns dos antecedentes familiares — ela disse com relutância.

Colocou o macarrão numa travessa e o cobriu com pedaços de frango revestidos num pálido e espesso molho cor de laranja com fatias de cebola.

Jake levou a travessa para a mesa, cheirando apreciativamente o prato enquanto seu estômago roncava.

Brooke colocou a mão na geladeira.

— Você gostaria de uma cerveja?

— Cerveja? Pensei que você não mantinha nada alcoólico na casa...

— Comprei algumas hoje.

Era algum tipo de teste?

— Eu não preciso beber.

— Bem, isso é uma boa notícia — ela disse secamente. — Mas eu não me importo se o fizer. Eu não sou tão fraca a ponto de arrancar a garrafa de cerveja de sua mão.

— Tem certeza?

Ela bufou.

— Eu não teria oferecido se não tivesse certeza.

Jake imaginou que seria um insulto se não acreditasse na palavra de Brooke.

— Obrigado, eu adoraria uma cerveja.

Ela abriu a geladeira, pegou uma garrafa e entregou-a ele.

— Copo?

— Não.

— Claro que não. Mas quando você estiver sendo Arnold, eu aconselho a sempre beber no copo.

Ela serviu-se de água mineral de uma garrafa, colocou uma fatia de limão no copo e gesticulou para que ele se sentasse.

— Vamos comer, e eu vou lhe contar sobre a minha família.

Eles sentaram-se um de frente para o outro e serviram-se. Quando Jake provou o frango, quase gemeu de prazer.

— Está ótimo, você é mesmo uma ótima cozinheira. Aprendeu com sua mãe?

Ela deu um sorriso triste.

— Que maneira sutil de me levar a contar a minha história. Não, só comecei a cozinhar há poucos anos. Desde que fiquei sóbria.

Ele balançou a cabeça em reconhecimento, confirmando o que já suspeitava.

Brooke suspirou.

— Tudo bem, a minha família. Meus pais eram tradicionais. Meu pai trabalhava, ia para casa, bebia muito, assistia esportes na TV. Ele devia ser alcoólatra, mas se fosse, era um bem sossegado. Mamãe era dona de casa e era bem despojada, quieta. Se fosse hoje, provavelmente diria que ela sofria de depressão.

A leitura que Jake tinha feito naquela tarde lhe ensinara que o transtorno bipolar poderia vir de família, e era muitas vezes associado com álcool ou abuso de drogas. O golpe poderia ter sido acumulado contra Brooke desde o início, em termos de genética e ambiente. E então ela ficou grávida na adolescência e se casou com um cara que bebia. Que vida ela teve.

— No geral, porém, eu tive sorte — as palavras dela eram um contraste nítido contra os pensamentos de Jake. — Meus pais me amavam, Erin não era assim tão má como irmã mais nova, eu tinha roupas bonitas, muitos amigos, dinheiro no bolso o suficiente para comprar brilho labial e ir ao cinema. Primos com que eu saía, e é aqui que você entra.

— Arnold era filho do irmão de seu pai e tinha uma irmã.

Ela engoliu um pedaço de frango.

— Boa memória. Acho que é crucial para o seu trabalho. Sim, Arnold era o filho mais novo do irmão de meu pai, Mark. Sua esposa era Becky. Tio Mark morreu, deixando a tia Becky com três filhos para cuidar, Arnold ainda bebê. Tinha o irmão mais velho, atlético, mais ou menos da minha idade, mas muito chato para que eu me interessasse, e a fofa da irmã dois anos mais velha que você. Você era o mais quieto, o mais comportado.

Ele bufou.

— É, isso parece mesmo comigo.

— Não, isso é Arnold.

— Tudo bem.

— Seja como for, quando Arnold tinha nove anos, mais ou menos, a tia Becky casou-se com Peter Pitt e eles se mudaram para longe. Nossas famílias perderam o contato.

— Certo — refletiu Jake. — Vamos passar nomes, idades e outros detalhes mais tarde. Quer dizer que a prima Brooke foi babá de Arnold e sua irmã?

Deu um gole na cerveja, que desceu perfeitamente bem com o frango picante.

— Sim, para ganhar dinheiro para comprar roupas, discos, revistas, maquiagem. Eu gostava de Arnold — ela lhe deu um sorriso provocante. — Você era uma criança engraçada, mas bonitinho.

Ele fez uma careta para ela, e ela riu.

— Do que você falava quando cuidava da gente? — perguntou ele. — De rapazes?

— De um rapaz em especial — respondeu Brooke, já não sorrindo. — Mo. Mohinder McKeen. O pai de Evan.

— Um nome incomum.

— A mãe dele era indo-americana e seu pai era branco. Mo era atraente, e me fascinou. Eu tinha quatorze anos; ele tinha dezenove, largado. Ele pertencia a uma gangue, ou talvez fosse apenas conversa de macho. Fazia os meninos na escola parecerem crianças — um canto de sua boca inclinou-se em uma expressão irônica. — Ele tinha cabelos longos, andava de moto, usava uma jaqueta de couro preta.

— Oh-oh. Definitivamente um problema.

— Eu tinha sido criada como uma princesa em um castelo protegido, e aquela vida me pareceu tão mansa a partir do momento em que Mo começou a prestar atenção em mim. Percebi então que eu tinha um lado selvagem, apenas esperando para se libertar.

— Daí ele levou você para dar uma volta em sua moto e você ficou toda excitada e perturbada?

— Excitada e perturbada — disse ela com ironia —, e depois, grávida. Aos quatorze anos.

— Ops... E o que você fez?

— Nossos pais eram convencionais. Fomos atropelados e enfiados em um casamento. Mo não gostou nem um pouco, mas foi junto, provavelmente achando que nada tinha que mudar. Mo não tinha emprego — nunca conseguiu ficar num trabalho por muito tempo — então foi morar comigo e minha família. Durante as primeiras semanas, foi divertido. Ótimo sexo, a gente vivia na cama. Era legal sair com o meu “marido”. Sabendo que eu tinha fígado o cara mais gostoso do bairro. As meninas estavam roxas de inveja.

Jake tinha quase limpado o prato, mas Brooke estava brincando com a comida.

— Coma seu jantar — disse ele. — Você pode me contar isso mais tarde.

Ela olhou para o frango, depois deu uma mordida.

— Eu não vou deixar Mo arruinar meu apetite. Não a esta altura do campeonato — ela arrastou o macarrão no molho e girou-o em torno de seu garfo.

— Eu era tão jovem, parecia uma brincadeira. Eu tinha esse marido lindo e ia ter uma menina linda. O meu bebê sempre foi uma menina, na minha cabeça, igual a uma boneca que tive uma vez.

— Loura e de olhos azuis?

— É claro... Embora a razão pela qual eu tenha pensado assim, com Mo sendo tão moreno, está além da minha compreensão. De qualquer forma, eu comecei a engordar, que foi como Mo definiu. Ele começou a passar mais tempo no bar com os

amigos. E com as amigas, também. Ele vinha para casa fedendo a cerveja e perfume. Ele admitiu que vinha trepando por aí, mas disse que a culpa era minha. Ele era um cara normal, com necessidades normais, e com certeza não ia ter relações sexuais com um dirigível como eu.

— Que idiota.

Jake se perguntou o que tinha acontecido com McKeen. Coisas ruins, esperava.

Ela assentiu.

— Ele me bateu algumas vezes que veio para casa bêbado. O meu pai lhe deu um sermão. O pai podia ter sido um alcoólatra também, mas nunca bateu em mamãe ou em nós, suas filhas. Então, ele disse a Mo que não podia se comportar dessa maneira enquanto estivesse vivendo sob o nosso teto. A resposta de Mo foi se alistar no Exército.

— No Exército? Um membro rebelde de uma gangue? — Jake estalou os dedos. — Lógico, a violência autorizada.

— Sim. Uma desculpa para ser um valentão; tenho certeza de que é o que ele pensava. O acesso a armas.

O ex de Brooke era realmente uma figura. O que tinha na cabeça para se relacionar com um cara desses? É claro, aos quatorze anos, quem pensava com algo mais do que seus hormônios?

— Bem — continuou ela —, depois que ele foi embora, eu tive um menino. Uma espécie de cruzamento entre Mo e eu. Cabelo castanho-amarelado, olhos azuis-esverdeados. Bonito, mas absolutamente incontrolável. Inquieto, curioso, barulhento. Evan me deixava louca. Fiquei realmente infeliz por um tempo. Depressão pós-parto, acho.

Ou o início de seu transtorno bipolar, Jake imaginou.

— De qualquer forma — disse ela — Evan era como um novo sopro de vida para minha mãe. Ela o adorava e era tão paciente. Ela me deu a desculpa para evitar a responsabilidade, para ser uma criança novamente. Comecei a me sentir melhor, voltei para a escola, andava com os amigos, não agia como mãe de forma nenhuma. Às vezes eu quase esquecia que tinha um bebê.

Egoísta, sim, mas tinha sido uma criança sozinha. Todo mundo era concentrado em si mesmo nessa idade. Além disso, onde estava o pai desse bebê?

— E Mo ficou no exército?

— Ele desertou.

A palavra caiu pesada entre eles.

Jake soltou um assobio.

— Não suportou a estrutura, disciplina, o trabalho duro?

— Tenho certeza de que ele tinha problemas de receber ordens e acho que se meteu em muitos problemas, mas conseguiu terminar o treinamento básico. Daí, a

coisa ficou pessoal entre Mo e um tenente. Mo disse que o cara era um babaca, que vivia sempre provocando. Mais provavelmente, foi o contrário.

Brooke deixou escapar um longo e resignado suspiro.

— Uma noite, um grupo estava bebendo em um bar, e eu acho que Mo estava bêbado, quem sabe o tenente também... Só sei que Mo atacou o tenente com uma garrafa de cerveja quebrada. E fugiu antes que pudessem prendê-lo.

— E continuou a correr? Você disse que ele desertou.

— Sim, ele continuou correndo, pegando Evan e a mim pelo caminho. Ele enrolou uma senhora de um grupo ativista pela paz. E a convenceu de que era um deles, tinha visto o erro que havia cometido e que por isso tinha desertado. Foi essa mulher e seus contatos que nos fizeram entrar no Canadá com identidades falsas. Ele deixou de ser Mohinder para ser apenas Mo, e nós nos tornamos os Kincaids. Uma pessoa o empregou como mecânico em Saskatchewan.

— Por que você foi com ele?

Ela deu um pequeno sorriso, triste.

— Porque nós nos casamos. Estranhamente, isso significava alguma coisa para nós dois. Eu gostaria de não ter feito isso.

Jake bebeu o último gole de sua cerveja.

— Outra? — perguntou Brooke.

Se este era outro teste, ele não sabia a resposta certa.

— Obrigado. Eu mesmo pego.

— Seja Arnold — respondeu ela, enquanto Jake arrastava a cadeira para longe da mesa.

Ele endireitou a cadeira ordenadamente junto à mesa, e deu passos pequenos até a geladeira.

— Se não há refrigerante de cereja — disse ele, numa voz meticulosa —, suponho que devo me contentar com cerveja.

— Ora, Arnold — ela disse suavemente —, eu deveria ter pensando nisso. Amanhã vou garantir que comprarei uma garrafa de refrigerante de cereja para você.

— Faça isso e você estará morta, boneca — ele rosnou em sua melhor voz de motoqueiro de gangue.

A risada dela era maravilhosa, um som melódico, sem reservas.

Jake retomou seu personagem Arnold, abrindo a cerveja com cuidado e despejando-a lentamente em um copo.

— Posso trazer-lhe alguma coisa enquanto estou de pé, prima Brooke?

Quando ela balançou a cabeça negativamente, ele voltou a se sentar.

— Se não for muito indelicado de minha parte, querida prima, posso lhe perguntar como você e seu marido acabaram se separando?

— Acho que eu gostava mais de você como Jake...

— Deus, eu espero que sim!

Ela apoiou o queixo em uma mão.

— Ficamos rodando pelo Canadá, mudando de lugar pelo menos uma vez por ano. Mo vivia perdendo o emprego, entrando numa briga ou algum outro problema desse tipo. Ele não podia ser preso porque estava fichado com as suas digitais, mas isso não o impedia de se meter em problemas. Apenas nos manteve em movimento...

Brooke ergueu os ombros e baixou em seguida.

— Mo bebia bastante. Eu idem. Algumas vezes a gente festejava, e beber fazia parte disso. Mas, na maior parte do tempo, eu me sentia infeliz e bebia basicamente para afogar as mágoas. Perdi minha família e Mo também.

— Perdeu por que...

— Se a gente ficasse em contato com eles, o Exército teria conseguido rastrear Mo até o Canadá. Além disso, eu estava envergonhada demais pela confusão que fizemos de tudo.

— Isso deve ter sido difícil.

— Nem tanto para Mo, que não se dava bem com os pais, mas para mim, foi. E ficamos apenas os dois, e Evan.

Brooke suspirou, e seus olhos estavam tristes.

— A pior coisa foi eu não saber como cuidar de uma criança. Eu tinha sido uma criança mimada e era... Mal-humorada. Evan teria ficado melhor se eu o tivesse deixado com a avó, minha mãe.

Ela balançou a cabeça, desolada.

— De vez em quando, bancava a supermãe. Comprava roupas para Evan, brincava com ele o tempo todo. E então acontecia alguma coisa. Eu bebia com Mo e me esquecia de Evan, ou ficava tão deprimida que o negligenciava. Ele se tornou tão bem-comportado, provavelmente tentando ganhar nossa atenção, nosso amor, que isso acabou tendo o efeito oposto. Ficávamos tão aliviados de ele ser autossuficiente que o deixávamos sozinho.

Jake detestou ver a expressão triste de culpa naqueles olhos lindos.

— Eu honestamente o amava demais — disse Brooke em voz baixa —, mas às vezes odiava o fato de ele existir. Se eu não tivesse ficado grávida poderia ter sido uma menina normal e feliz em Los Angeles. Poderia me divertir, namorar, encontrar um bom homem para me casar.

Isso poderia ser verdade. Jake tinha lido que as pessoas com predisposição genética para o transtorno bipolar nem sempre acabam desenvolvendo a doença. Influências ambientais como estresse, poderiam precipitar seu aparecimento. Ele se perguntou quando Brooke foi diagnosticada pela primeira vez. E se ela alguma vez lhe contaria sobre a doença.

— Uma coisa eu aprendi sendo policial — disse. — Como uma única ação pode ter enormes repercussões, que alteram a vida de uma pessoa.

Ele pensou nos pais de Anika dizendo a ela que se não obedecesse suas regras, não seria mais bem-vinda em sua casa. Eles teriam retirado suas palavras em um instante se pudessem voltar no tempo.

Brooke assentiu rapidamente.

— Isso mesmo. Transar com Mo sem insistir que ele usasse camisinha. Foi estúpido.

— Se você soubesse, certo? Isso é o que as pessoas sempre dizem.

— A pior parte é como isso afetou Evan — ela mexia com o garfo. — Foi muito errado da minha parte culpá-lo, mas eu não era uma pessoa bem equilibrada. Eu era inconstante, irresponsável, às vezes tão desesperadamente infeliz que pensei em me matar.

Ela empurrou o prato para longe, com a refeição pela metade.

— De qualquer modo, nós viemos para Caribou Crossing. Mo piorou. Ano após ano bebendo, a violência aumentando.

Brooke respirou fundo e soltou o ar lentamente.

— Ele batia em Evan. E eu não o impedi. Não via isso acontecer e dizia a mim mesma que Evan era um menino desajeitado. E ele era, mesmo. Desajeitado, pouco atlético, mas superinteligente. No entanto, em algum nível, eu sabia o que vinha acontecendo. Só que não sabia o que fazer e tomei o caminho mais fácil, fingindo que estava tudo bem. Não há desculpa para meu comportamento.

A dor em seus olhos refletia um nível de tristeza que ele nunca tinha experimentado.

— Você era alcoólatra — e os alcoólatras são especialistas em negação.

— Eu era. E devia ter percebido isso — ela respondeu com firmeza — e procurado ajuda. Tive outros problemas, também, que a medicação teria ajudado, mas eu estava numa bagunça que nunca me ocorreu pedir ajuda. Evan sobreviveu graças à bondade dos pais de Jessica Bly.

— Jessica? A mulher com quem ele é casado?

— Eles eram melhores amigos desde o dia em que ele começou a escola aqui. Eles perderam contato após o ensino médio e apenas se encontraram outra vez no ano passado, quando Evan voltou.

— Como assim, voltou?

— Ele deixou a cidade logo depois de terminar o ensino médio. Conseguiu uma bolsa de estudos em Cornell e, mais tarde, um emprego como consultor de investimentos em Nova York. Lá, ele abriu a própria empresa. Sempre acreditou que não pertencia a este lugar, e trabalhou duro para sair. Mas então voltou para conferir um investimento para um cliente, reencontrou Jessica e eles se apaixonaram. Ele decidiu ficar.

— Essa é uma grande diferença, de Manhattan para Caribou Crossing.

— Ele se encaixa aqui, agora que está disposto a dar uma chance a este lugar — e Brooke sorriu um pouco. — E, graças à intervenção de Jessica, ele também me deu outra chance. Antes do verão passado, eu não o via nem conversava com Evan fazia dez anos...

Dez anos. Ela realmente devia ter sido uma mãe terrível, a ponto de afastar o filho desse jeito. Isso era tão difícil de acreditar, quando a olhava agora.

— A mãe para quem ele voltou deve ser muito diferente daquela que ele deixou para trás.

— Deus, é o que eu espero.

— O que aconteceu com Mo?

— Quando Evan tinha dez anos, os Bly descobriram que ele vinha sendo espancado, e notificaram as autoridades. Quando a polícia veio interrogar Mo, eu estava fazendo compras, e quando voltei, ele estava fazendo as malas. Ele não me contou sobre a polícia, pois só descobri no inverno passado o que os Bly tinham feito, e só me disse que deveríamos nos mudar de novo.

— E você não foi com ele?

Os cotovelos de Brooke descansavam em cima da mesa e ela baixou a cabeça em suas mãos, como se fosse muito pesada para manter de pé.

— Eu disse que Evan precisava ficar em uma escola, ficar com Jessica, fazer alguns outros amigos. Já tinha dito isso a Mo antes, e foi por isso que ficamos em Caribou Crossing por mais tempo do que em qualquer outro lugar. Acho que ele sabia que eu não ia mudar de ideia, mas ele não ficaria nem endireitaria.

Brooke não tinha sido completamente insensível às necessidades do filho. Contudo, ela não se endireitou depois que Mo partiu. Tinha dito antes que estava sóbria por menos de cinco anos.

Com o rosto pálido, tenso, quase torturado, olhou nos olhos de Jake:

— Eu detesto estar lhe contando isso. É mais difícil, muito mais difícil, do que fazê-lo no AA. Lá, eles entendem. Eles sabem o que é; eles mesmos já passaram por situações como essa.

— Eu tenho uma ideia, Brooke, e não estou julgando. E por que está me contando tudo isso?

— Porque Caribou Crossing sabe. Eles me viram quando eu era assim. Se você vai ser meu primo e, mais importante, se você vai confiar em mim para ajudá-lo, tem de saber quem eu sou.

Olhando para o rosto dela, ele foi capaz de acreditar pela primeira vez que Brooke tinha idade suficiente para ser avó. E ainda assim não se afastou dela, nem por sua confissão. Em vez disso, sentiu um esmagador desejo de protegê-la.

— Isso não é quem você é, Brooke. É quem você era.

Os músculos da garganta dela ondularam quando engoliu em seco. Seus olhos brilhavam, e quando ela falou com a voz tensa, revelando sua batalha contra as

lágrimas.

— Quem eu era faz parte de quem eu sou. As pessoas em Caribou Crossing têm sido generosas comigo, permitindo-me uma segunda chance, mas certamente não se esqueceram de quem eu era. Como com a história da cerca. Eu contei ao senhor Barnes e ao sargento Miller que bati nela, e assim, automaticamente, eles se perguntaram se eu estava bebendo novamente.

— Por que você ficou aqui? Não teria sido mais fácil se mudar quando você se equilibrou?

— Sim e não. Na superfície, teria sido mais fácil, mas você não vê, Jake? Ficando aqui, toda a cidade é a minha consciência. Se algum dia eu escorregar, todo mundo vai saber.

— Você não vai escorregar — ele disse isso com certeza.

A boca de Brooke inclinou-se em um canto, mas não havia calor por trás do sorriso.

— Obrigada. Mas eu nunca vou ter certeza disso. Eu vivo cada dia com o conhecimento de como seria fácil escorregar e cair naquela vida de novo. Graças a Deus por Evan e Jess e Robin. Eles são minha verdadeira motivação.

Ele franziu a testa, pensando novamente sobre a linha do tempo da sua história.

— Você disse que Evan não voltou até o ano passado. Naquela altura, porém, você já estaria sóbria por cerca de quatro anos. Ele e sua família não foram sua motivação para parar de beber.

A testa da mulher começou a se enrugar e ele estendeu a mão sobre a mesa e segurou a mão dela.

— Por que você parou, Brooke?

A mão dela tremeu sob a de Jake e ele apertou-a suavemente.

— Diga-me.

Ele precisava saber, e não apenas por causa da história que tinham inventado para seu disfarce, mas também porque ele tinha um forte desejo de entender o que havia transformado a vida daquela mulher especial.

Ela olhou para a mão do homem, depois para cima de novo, e ele percebeu algo mais sobre Brooke. Ela era uma daquelas raras pessoas que não mentiriam para parecer melhores do que são.

— Eu tinha ficado nos bares, bebendo muito, farreando demais. Como sempre. Fui para casa. Como de costume. Eu já tinha recebido uma multa por dirigir alcoolizada, mas até então, e só Deus sabe o motivo, tinha conseguido evitar acidentes. Mas naquela noite eu estava realmente voando e bati o carro em um poste. Foi a noite mais sortuda da minha vida, e de duas maneiras. Eu não machuquei ninguém, e eu me machuquei. Eu não estava usando cinto de segurança e rachei minha cabeça. Eles me mantiveram no hospital durante vários dias.

— E isso a forçou a se desintoxicar.

— O que doeu muito mais do que a minha cabeça. E a coisa realmente surpreendente foi... — Brooke parou de falar e seus olhos se arregalaram ansiosamente.

Brooke estava prestes a lhe contar que foi então que tinha sido diagnosticada com transtorno bipolar. Jake apostaria sua Harley nisso.

Ela deslizou a mão por debaixo da dele e ficou em pé.

— Vou fazer chá. Quer um pouco? Ou café? Tenho torta de maçã de sobremesa. Quer acompanhada de sorvete?

Por que ela estava tão assustada? Como ela acha que ele reagiria? Entretanto, Jake lhe deu o respiro que ela buscava.

— Café para mim está ótimo. E sorvete com torta de maçã é inseparável. Aliás, tudo com sorvete fica com sabor melhor.

Quando ele se levantou da mesa para ajudar, Brooke falou:

— Vamos comer a sobremesa na sala de estar. Você vai colocar os pés para cima. Tenho certeza de que você está cansado agora.

Sim, embora a cerveja tivesse ajudado, ele estava sentindo cada contusão e cada arranhão do corpo, para não mencionar o ferimento da bala. Jake foi mancando até a acolhedora sala de estar de Brooke e se esparramou agradecido no sofá. Sunny o seguiu e pulou para se acomodar ao lado. Aquilo era tranquilo. Muito tranquilo.

Jake, porém, não estava conseguindo relaxar. Como ele poderia persuadir Brooke a se abrir? E por que significava tanto para ele — para o Jake homem, não para o Jake policial — que a mulher se abrisse?



FICAR SOZINHA NA cozinha trouxe pouco alívio à ansiedade de Brooke. Então, ligou o rádio para ouvir Merle Haggard cantando *I Think I'll Just Stay Here and Drink*. Quantas vezes ela havia bebido cerveja no The Gold Nugget Saloon, escutando o bom e velho Merle entoando canções sobre bebedeiras?

Ela desligou o rádio novamente e começou a trabalhar, preparando café e chá e servindo a torta de maçã. Jake sabia sobre seu problema com bebidas. E deveria agora lhe contar sobre seu transtorno bipolar?

Brooke tinha vergonha de admitir isso e, particularmente, a ele. Não só porque se sentia atraída por aquele homem sexy e bonito, mas também porque ele era do tipo de homem que ela respeitava. Um homem como Evan e como Dave Cousins, ex-marido de Jessica. Uma pessoa com uma força tranquila, com integridade profunda de alma, com a convicção de seguir adiante com aquilo em que acreditava. Ela queria que Jake pensasse bem dela.

Brooke deu um suspiro. Manter um segredo importante era uma coisa tão ruim quanto contar uma mentira. Se ela não lhe contasse, quem não pensaria bem dela seria a própria Brooke.

Ela tirou as tigelas com a torta de maçã do micro-ondas, colocou uma colherada de sorvete em cima da de Jack, e então colocou a tampa de volta no recipiente do sorvete. Observou o sorvete derreter até as bordas da sobremesa, absorvendo o aroma das maçãs com canela. Então, tirou a tampa do pote de sorvete e serviu-se de uma colherada também. Aquele não era um momento para se preocupar com sua dieta saudável.

Carregou tudo numa bandeja, marchou em direção à sala de estar, e depositou-a sobre a mesa de café.

Jake, descansando no sofá como se ele pertencesse ali àquele lugar, ergueu uma sobrancelha ao ouvir o barulho. Sunny, que tinha estado cochilando ao lado dele,

lançou-lhe um olhar interrogativo.

Brooke pegou a tigela de torta de maçã, deu uma mordida e então anunciou:

— Eu tenho transtorno bipolar.

Jake se balançou desajeitadamente para ficar sentado, evitando muito peso para o lado ferido, e pegou sua tigela.

— Eu sei.

— Você...? — Brooke ficou boquiaberta, em seguida, deixou-se cair em uma cadeira.

— Seu Eskalith. Eu verifiquei.

— Como você se atreve?

— Eu sinto muito, mas precisava saber tudo sobre você. Para ter certeza de que poderia ser de confiança...

Ela fechou os olhos, em seguida, abriu-os quando Jake disse:

— Quando você estava na sua reunião de ontem à noite, liguei para Jamal e pedi que fizesse uma verificação de antecedentes sobre você.

— Eu sei. E você revistou minha casa e encontrou a arma.

— Ah — ele deu uma gargalhada. — Você sabe meus segredos e eu sei os seus.

Ela balançou a cabeça, sabendo que não era mesmo um jogo equiparado, conforme estava sugerindo. Ela mal sabia coisas sobre aquele homem.

Ele pegou um pouco de sobremesa, então parou com a colher a meio caminho de sua boca.

— Coma todo o sorvete antes que derreta. É melhor assim.

Automaticamente, ela pegou outra colherada, tentando desfrutar do sabor enquanto pensava sobre o que ele tinha dito. Não só esse cara sabia quanto era sua conta de energia elétrica, que tipo de lingerie usava e que marca de absorventes comprava, ele também sabia sobre sua doença. Por mais incrível que pudesse parecer, Brooke não tinha ficado tão ofendida com isso quanto esperava. Talvez fosse porque tinha compreendido a necessidade que o motivara.

Jake já sabia que ela sofria de transtorno bipolar quando pressionara seu corpo duro e excitado contra o dela. Ele não só sabia que ela era uma avó, como também já sabia que ela era alcoólatra e bipolar, e mesmo assim a queria. Ele a queria fisicamente, e confiava nela para ajudá-lo com seu disfarce.

Sorriu para a tigela com a torta de maçã e pegou outra colherada. Estava realmente delicioso.

— Brooke? Você está sorrindo — ele parecia surpreso. — Em que está pensando?

— Você não gostaria de saber?

Como Brooke poderia se sentir tão confortável provocando aquele homem? Ele era poderoso, hábil e familiarizado com o uso de força. Não era um homem para brincadeiras.

Mo tinha sido um cara menor e mais fraco, e ainda assim fora grande o suficiente para brutalizar a ela e a Evan. Contudo, de alguma forma, ela sabia que Jake nunca usaria sua força contra ela.

— Brooke?

— O q...

O telefone a interrompeu e ela correu para a cozinha com Jake mancando atrás. Era Dave Cousins, ex de Jess e proprietário do Wild Rose.

— Oi, Brooke, ouvi falar que você não estava muito bem.

— Onde diabos você ouviu isso?

— Fui cortar meu cabelo hoje e fiquei sabendo que minha cabeleireira favorita estava em casa doente.

— Ah, sinto muito, Dave. Estou bem agora, vou voltar a trabalhar amanhã. E não se preocupe com a arrecadação de fundos. Fiz mais da metade dos salgadinhos e eles estão no meu freezer.

Ela fizera uma parte durante o final de semana, e mais um pouco no dia anterior, enquanto Jake cochilava no sofá.

— Eu não estava preocupado com isso, só queria ter certeza de que você estava bem.

Por que era tão difícil permitir-se acreditar que pessoas como Dave e Kate se importavam com ela? Durante décadas, ela havia se distanciado das pessoas que a rodeavam, e agora era difícil derrubar essas barreiras.

— Obrigada, Dave — respondeu suavemente. Vendo o olhar de Jake sobre ela, respirou fundo e continuou. — Vou levar um visitante na sexta-feira. Meu primo, Arnold Pitt, de Vancouver, está chegando à cidade. Ele é contador e talvez se interesse em se estabelecer aqui.

— Não me diga, isso seria ótimo.

— Sim. Ele é meu primo favorito.

Jake descansava por perto, com o quadril encostado no balcão da cozinha, parecendo muito masculino e muito Jake.

— E como ele é? — perguntou Dave.

— Não o vejo desde os nove ou dez anos de idade. Quando criança, ele era muito legal, e completamente nerd.

— É casado, tem filhos?

— Não, é solteiro. Tem trinta e poucos anos. Pode muito bem ser gay, não sei... — disse isso e piscou a Jake.

— Coitado... Se ele está acostumado com a cena gay de Vancouver, vai achar Caribou Crossing bem aborrecida.

— É por isso que ele está vindo. Quero dizer, não para checar a cena gay, especificamente — ela fez uma pausa, seus lábios se contraindo enquanto os ombros de Jake sacudiam com uma risada silenciosa. — Ele quer ver a cidade, conhecer pessoas,

verificar a taxa de criminalidade com a polícia, falar no banco sobre o financiamento. Reunir-se com algumas das pessoas na Câmara Municipal e da Câmara de Comércio. Achei que essa festa de arrecadação de fundos seria um bom lugar para começar.

— Sem dúvida. Vejo vocês lá, então. E estou realmente feliz por você estar se sentindo melhor, Brooke.

— Boa noite, Dave, e obrigada.

Ela desligou, sentindo-se contente por sua preocupação.

Então, rapidamente, ela se virou para Jake.

— Isso me lembrou que ainda tenho miniquiches para preparar para a arrecadação de fundos. Eu vou fazê-las antes de ir para o trabalho na parte da manhã — estava parecendo que Brooke não iria à academia uma vez sequer nesta semana. — É melhor a gente terminar sua apresentação. Não quero ir para a cama muito tarde.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela queria trazê-las de volta. Cama não era o tipo de assunto que ela gostaria de ver pendurado entre os dois. Como poderia pegar no sono com esse homem do outro lado do corredor, deitado em sua cama? Nu. Brooke tinha tanta certeza de que Jake dormia pelado que nem se tinha dado ao trabalho de comprar pijamas, embora tivesse comprado um roupão de banho.

Ela se virou e entrou na sala de estar novamente.

— Tudo bem, eu estava falando de meu transtorno bipolar. Meu psiquiatra acha que há um componente genético, e então um trauma no ambiente onde eu vivia fez esse transtorno se manifestar. Ter um bebê aos quinze anos, e depois perder a família, os amigos, tudo o que eu conhecia e amava, ser dependente de Mo em nosso relacionamento, tudo isso foi disfuncional demais.

— Sim, isso devia ser muita coisa para qualquer jovem suportar.

— Eu nunca tinha ficado deprimida na minha vida até que tive Evan. E uma vez que comecei a sofrer esses ciclos, eu tendia mais para a depressão do que para as manias, embora tivesse algumas, também. Daí, eu conseguia um emprego e me tornava superprodutiva, o centro das atenções, mas também comecei a beber demais e fazer coisas malucas. Eu estava nesse estado maníaco quando sofri o acidente de carro, e também durante os primeiros dias no hospital. Realmente maníaca. Não conseguia ficar parada, ficava falando depressa demais e ninguém conseguia me acompanhar, tinha inventado uma cura para o câncer...

Brooke parou de falar, percebendo que estava falando tão depressa como quando tinha suas crises. Ele devia mesmo pensar que ela era maluca.

— Dei uma folheada naquele livro da Patty Duke hoje à tarde — Jake apontou com a cabeça na direção da estante. — Tenho uma ideia de como deve ser.

— Ah...

Quer dizer, ele sabia como era e ainda assim não a tinha rejeitado. Brooke engoliu em seco. A pior parte já tinha passado.

— Seja como for, quem me deu esse diagnóstico foi o médico no hospital. Fui ter uma consulta com um psiquiatra, ele me receitou lítio e tem sido incrível. Meu problema agora está controlado.

Ela pegou a caneca com chá de maçã e canela e se enrolou em sua cadeira favorita, enquanto Jake se acomodava confortavelmente no sofá.

— Foi tudo uma grande surpresa. Eu tinha um monte de razões para beber, mas as principais foram Mo e minha depressão. Bem, Mo tinha ido embora e eu percebi que, pelo menos, um pouco da minha depressão se devia a um desequilíbrio químico no meu cérebro. Minha estadia no hospital me desintoxicou e, na noite em que tive alta, fui para a minha primeira reunião no AA.

Lá estava. Tudo em cima da mesa, toda a verdade sobre Brooke Kincaid. Ela estava se sentindo exausta, esgotada, mas também mais leve e mais livre.

— E você nunca mais bebeu desde a noite do acidente?

Droga, ela havia relaxado cedo demais. E que droga ele fazer essa pergunta... Claro, ela poderia apenas assentir e deixar para lá...

Seus olhos esfumaçados estavam firmes nela. Como ele conseguia ser tão isento assim?

— Eu vacilei algumas vezes, durante os primeiros meses, mas detestava a forma como me sentia, então finalmente me preendi à sobriedade.

— Quatro anos, dez meses e treze dias — o sorriso dele era muito caloroso.

Calor sexual, e agora um sorriso de genuína cordialidade. Brooke não sabia como lidar com aquilo.

Depositou sua caneca na mesa, determinada a voltar a um porto seguro.

— Bem, temos de repassar a árvore genealógica e mais algumas histórias da família. Depois, acho que você gostaria de um resumo sobre algumas pessoas da cidade. Os caras da Polícia Montada, o prefeito e os membros da Câmara, o pessoal da Câmara do Comércio, e assim por diante?

— Vamos ficar com o assunto da família hoje, certo? Sei que está cansada. Afinal, foram dias bem estressantes. Vou acordar na mesma hora que você amanhã e a gente pode conversar enquanto estiver fazendo os salgadinhos. De repente, posso até lhe ajudar.

— Por acaso você sabe fazer miniquiches? — ela perguntou, maliciosamente.

— Ei, eu aprendi a tirar o cozido para fora da lata antes que explodisse. Sou um cara treinável.

Houve dias em que ela comeu comida em lata no jantar, fria, diretamente na lata. Isso quando se preocupava em comer... Será que Jake também se alimentou dessas comidas em lata? Talvez quando estivesse trabalhando disfarçado e não houvesse uma mulher bonita em sua vida para compartilhar suas refeições.

Ontem, com a barba malfeita e vestindo jaqueta de couro, armado, tinha sido mais fácil de acreditar que aquele homem estava familiarizado com o perigo. Hoje à

noite, em sua personificação de Arnold Pitt, era bem mais difícil. E isso, é claro, era justamente o objetivo do disfarce. E ela não deveria ser enganada. Não poderia jamais se esquecer de quem esse cara era, na verdade, e como a vida deles estava em polos totalmente opostos. Ele arriscava a vida diariamente; e ela, lutava por manter sua estabilidade e seu equilíbrio um dia de cada vez.

— Quanto aos cidadãos respeitáveis de Caribou Crossing — disse ele —, eu vou levantar o assunto amanhã na casa de seu filho. Seria um tópico que Arnold naturalmente teria o maior interesse em discutir.

— Tudo bem, então, vamos falar sobre a família. Você quer bloco de papel e uma caneta?

— Vou me lembrar.

E, enquanto Brooke recitava detalhes, respondia às perguntas ocasionais de Jake, com a sensação de que o cérebro dele estava metodicamente arquivando cada pedaço de informação. O corpo podia estar dolorido, mas ele não dava nenhum sinal disso.

Para ela, era extremamente estressante falar da família. Ela sempre fora muito próxima dos pais e da irmã, então tinha largado tudo isso e ido para tão longe, deixando seu marido abusivo ser a âncora que a mantinha para baixo. E depois que Mo foi embora, tinham sido suas bebedeiras e a depressão, o sofrimento e a vergonha pela confusão que tinha feito de sua vida, que a mantiveram fora de contato com eles.

Como parte de seu processo de doze passos do AA, ela havia entrado em contato com a irmã e seus pais e confessado o alcoolismo e seu transtorno bipolar. Desde então, Brooke vinha enviando cartões de Natal e e-mails ocasionais, e eles faziam o mesmo, mas eram pessoas que tinham a própria vida, e não precisavam dela.

Enquanto contava tudo aquilo para Jake, de repente lhe veio a consciência de que estava com vontade de tentar com mais afinco. Talvez até pegar um avião e voar até lá para fazer uma visita. Ou então convidá-los para vir para cá, quando Jess tivesse o bebê. Seus pais não tinham visto o neto desde que era um garotinho, e agora estavam deixando de conhecer o bisneto também. Tudo por culpa dela. E daí, tinha sua irmã, Erin. Elas duas dividiam o mesmo quarto, eram tão próximas...

Brooke percebeu que Jake tinha se levantado do sofá e estava de pé em frente a ela, chamando-a pelo nome.

— Você está exausta. Dormiu na cadeira.

— Eu não dormi. Estava apenas pensando. E tomando algumas novas decisões.

— Ah, é? Quer falar sobre isso?

Ela sorriu para ele. O homem parecia sincero. E Brooke se viu querendo mesmo compartilhar com ele. Não naquela noite, porém. O rosto dele estava marcado pela dor e pela fadiga.

— Fica para outra vez. Nós dois já tivemos o bastante por hoje.

Ele se agachou em frente a ela, o que deveria ter sido um esforço absoluto para seu corpo ferido, e agarrou as mãos dela que estavam cruzadas no colo:

— Tem certeza de que você está bem com isso? Nós ainda podemos encontrar outra maneira, sem envolver você.

As mãos dela estavam quentes e seguras, envolvidas nas dele. E Brooke balançou a cabeça.

— Conte comigo. A menos que esteja reconsiderando. Afinal, eu não tenho essa formação profissional que você tem, mas...

— Você foi perfeita com o sargento Miller. Não estou preocupado com a sua competência, mas estou preocupado com você. Isso é muita coisa para pedir que faça...

O estresse, ele quis dizer, e não apenas a sua segurança. Ela estava um pouco preocupada, também. Afinal, ela era a mulher que vivia a vida pela estrutura e pela rotina. E, no entanto...

— Sabe de uma coisa? — Brooke começou a dizer, com um novo sentido de descoberta. — Estou realmente animada. E de uma forma positiva, acho. Não estou em crise, não, estou apenas energizada. Como já lhe disse, eu tinha um lado selvagem quando era menina, um lado que desejava emoção e aventura. Estou entrando em contato com essa parte de mim novamente. É como viver em uma história de mistério. É quase divertido ter uma desculpa legítima, mesmo que honrada, para mentir, para fazer um papel. Além do mais, não estou sozinha nisso tudo, estou? Eu tenho você.

— Parceiros — disse ele calorosamente.

— Parceiros — repetiu Brooke, tentando manter a voz firme enquanto rezava, pedindo que fosse capaz de estar à altura das expectativas de Jake.

— E agora — disse ele — aposto como gostaria de um bom banho relaxante.

Essa seria a segunda coisa em sua lista de desejos. A primeira seria dar um puxão nas mãos dele, puxá-lo para mais perto, sentir o gosto daquela boca sensual...

Não, ela estava desacostumada, deixando-se levar pela excitação de permitir alguma emoção em sua vida.

— Eu adoraria um banho... — ela murmurou. — Use o banheiro primeiro, daí já pode ir dormir primeiro.

— Até parece que vou conseguir dormir com você nua, espirrando água naquele banheiro...



Em geral, Brooke achava banhos de banheira muito relaxantes. Contudo, naquela noite, mesmo extenuada como estava, só o fato de saber que Jake estava logo ali, do outro lado do corredor, manteve em estado de alerta todos os nervos de seu corpo. Não custaria nada para ele dar alguns passos e abrir a porta.

Ela sabia que Jake estava pensando naquilo. Do mesmo jeito que ela.

Não custaria nada para ela sair da banheira e dar aqueles mesmos passos.

Brooke girou a cabeça sobre os ombros doloridos e espirrou água quente e perfumada, com lavanda e pétalas de rosa de sais de banho caseiro, por cima dos seios. Olhou para baixo, para o corpo nu. Sim, desde que tinha recebido o diagnóstico do médico, ela vinha se exercitando e mantendo-se numa dieta para conseguir essa boa forma. No entanto, o fato permanecia, de que era ela uma avó de quarenta e três anos.

Ainda era difícil para ela acreditar que Jake a achava atraente, mas a resposta do corpo dele era inegável. Talvez ele estivesse trabalhando disfarçado e sem fazer sexo há muitos meses, e estava apenas com tesão. No entanto, havia uma espécie de brilho em seus olhos. Algo que lhe dizia que ele estava realmente olhando para ela, Brooke Kincaid, e não apenas para um corpo com seios e quadris.

Quanto a ela sentir-se atraída por ele, bem... Qualquer mulher ficaria. Ele era um homem impressionante, fosse ostentando aqueles cabelos longos e barba por fazer, ou com aqueles cabelos curtos que ela mesma havia cortado. Completamente deslumbrante. Sexy. Em perfeita forma. Viril. Sem mencionar que era forte, corajoso e inteligente, mas também sabia ser gentil, compreensivo e imparcial.

Ele era realmente um cara muito incrível.

Que mal faria transar com Jake?

Brooke apertou as coxas juntas contra a dor que sentia entre elas.

Os dois queriam a mesma coisa.

Ela nunca antes tinha desejado um homem, o que fez com que a reação ousada de seu corpo para Jake fosse uma surpresa total. Então, por que não se entregar a isso? Eles poderiam ter um caso. Uma aventura libertina sem absolutamente nenhuma consequência.

Apertou gel de banho numa esponja e sentou-se para ensaboar o pescoço e os ombros. A esponja tinha a mesma textura áspera da língua de Sunny. Brooke sentiu sua carne se arrepiar e se eriçar com as carícias. Sexo...

Ela e Mo tinham feito um belo sexo em seus primeiros dias, mas gradualmente o sexo tornou-se um ato cheio de tensão. Raramente eles se uniam por causa de afeto e prazer. Era um sexo fingido depois de uma briga, ou sexo para distrair Mo e não deixá-lo ficar com raiva, senão ele bateria nela. Ela alguma vez desfrutou de sexo sem reservas?

Na verdade, será que ainda se lembrava de como era fazer sexo? Brooke tinha tido apenas um amante em sua vida. E Jake, quantas ele tivera? Dúzias? Ele devia ser bom, muito bom.

Brooke encostou-se na banheira e avaliou essa noção. Talvez não. Ele era um homem que vivia pela excitação e pelo perigo. Podia ser também rápido e ganancioso, mas de alguma forma ela não pensava assim.

Poderia achá-la chata, inadequada. Uma mulher de meia-idade. Ela estremeceu. Isso não poderia acontecer.

Em que ela estava pensando? Mesmo que a luxúria superasse o bom senso, Brooke sabia que isso não poderia acontecer. Ela não tinha comprado camisinha e certamente não se arriscaria a ficar grávida!

Respirou fundo e deixou o ar escapar lentamente. Lá, a pergunta foi respondida e ela podia relaxar. Aos poucos, a tensão escorregou de seu corpo e, na sua ausência, a exaustão se infiltrou em seus ossos. A cama ia ser muito boa naquela noite. Se ela conseguisse reunir energia suficiente para sair da banheira.



Jake com certeza não estava dormindo. Ele estava deitado na escuridão suportando o tédio e se perguntando quanto tempo Brooke ia demorar no banho. Se ela adormecesse na banheira, ele teria de ir resgatá-la.

O telefone estridente o fez ficar de pé, amaldiçoando enquanto a dor irradiava por seu corpo ferido. O telefone estava na mesa de cabeceira. Brooke tinha se esquecido de levá-lo para o outro quarto, e a extensão estava na cozinha. Quem estaria telefonando àquela hora e o que a pessoa faria se ninguém atendesse?

Ele ouviu passos no banheiro, e logo em seguida ela entrou no quarto, uma linda visão gotejante enrolada em uma toalha macia cor-de-rosa. Seu tédio entrou em alerta total.

As pernas dela, que Jake tinha visto até agora apenas dentro de calças, eram longas e esguias. Os braços, também, eram benfeitos. Por cima da toalha, os ombros eram fortes e a curva de cima de seus seios era pura feminilidade. A mulher tinha lavado os cabelos; estavam úmidos, empilhados a esmo por cima de sua cabeça, algumas mechas rebeldes agarradas à testa e ao pescoço. Sua pele estava vermelha, quase tão rósea como a toalha, e o ar se encheu com o perfume de rosas.

— Não, você não me acordou — ela disse, sem fôlego ao telefone. Ela cobriu o bocal com a mão e sussurrou: — Está tudo bem, é o meu vizinho, ele é um coruja...

Jake meneou a cabeça, assentindo, e recostou-se contra os travesseiros.

O olhar de Brooke seguiu o torso nu do homem, e depois desceu mais baixo, para onde apenas um lençol cobria a parte inferior do corpo. Um lençol que estava tenso por causa da ereção.

Brooke umedeceu os lábios e desviou o olhar.

Ao telefone, continuou a falar:

— Sim, o sargento Miller passou aqui também. Ele estava à procura de um homem que roubou a loja de Vijay. Eu não tinha visto ou ouvido nada de estranho, e você? Foi capaz de dar-lhe alguma ajuda?

Enquanto ouvia, com a mão livre mantinha o topo da toalha bem fechado.

Ele poderia estender o braço e, com uma mão, puxar a toalha para longe.

Talvez ela tivesse percebido sua intenção. Deu mais um passo para longe da cama e virou-lhe as costas.

Jake ficou admirando a curva de sua coluna, o traseiro redondinho sob a toalha, a firmeza de suas batatas da perna.

— Sim, ele me perguntou sobre isso — ela disse. — Ainda que eu não possa entender o que isso tem a ver com o ladrão que ele está procurando — ela ouviu de novo, e falou: — Está tudo bem.

Outra pausa, e depois, suavemente:

— Ray, como você sabe, eu não bebi.

Depois da resposta, ela disse:

— Obrigada. Eu apreciei seu interesse, boa noite.

Brooke ficou ali em pé por um momento, ainda de costas para Jake, e então se virou:

— Ray queria se desculpar por ter contado à polícia sobre meu acidente. Tinha ficado perturbado ao ver o sargento Miller em minha porta. E também disse que não achava que eu tivesse bebido.

Brooke parecia solene, aliviada. Linda. Sem aparentar estar ciente disso, ela se aproximou dele e colocou o telefone de volta no criado-mudo.

Jake não pôde resistir por mais tempo. Ele estendeu a mão, agarrou a bainha de sua toalha, e deu um pequeno puxão. Não foi forte o suficiente para puxar a toalha de sua mão, apenas o suficiente para convencê-la a se aproximar dele.

Brooke não se moveu.

Se ela resistisse, os dois poderiam acabar num cabo de guerra. E Jake teve uma súbita visão de ambos completamente nus, a toalha esticada entre eles enquanto cada um puxava a sua ponta.

— O sargento Miller perguntou ao meu vizinho se ele tinha ouvido uma moto — ela disse, com a voz ofegante de novo. — Ele não ouviu, porque é um pouco surdo.

Jake deveria prestar atenção, mas no momento tudo o que importava era Brooke. Ele puxou de novo, suavemente.

Ela deixou-o puxá-la para a cama, até sentar-se na beira da cama.

— Jake...

— Você é linda, Brooke. Deus, você é tão bonita.

Os dedos dele, ainda segurando a bainha da toalha, repousavam sobre a coxa dela. Se ele mexesse os dedos apenas alguns centímetros... Mas ele não o fez. Ele não queria assustá-la.

Aquele aroma floral preenchia suas narinas e ele respirou avidamente. Nessa noite ela era um jardim. Aromas simples como rosa e lavanda, mas por baixo pairava aquele aroma tropical exótico que tinha notado antes.

— Que perfume é esse em seu xampu?

— Meu xampu?

— É, algum tipo de flor tropical. Ele me lembra a Polinésia que a gente vê nos filmes, com as mulheres de saia de capim e flores presas atrás da orelha — e seios nus.

— Chama-se plumeria — ela respondeu. — E você tem razão, é uma flor tropical.

Jake estendeu a mão para pegar uma mecha de cabelo entre seus dedos.

Uma pulsação saltou na garganta dela.

— Eu tenho de ir.

— Não, não tem. Por que lutar contra isso? Você também está atraída, não está?

Uma pausa, então ela disse:

— Sim.

Jake puxou a mão que segurava o cabelo dela e assentiu.

— Você não gosta de mentir.

Brooke olhou para a outra mão, onde descansava metade na toalha e metade em sua coxa nua.

— Não. Houve um tempo em que contar mentiras era como um hábito, eu não conseguia nunca dizer a verdade. Hoje em dia, significa muito para mim saber a diferença e escolher a honestidade.

Ele sentiu uma onda de arrependimento.

— E eu estou fazendo você mentir.

E soltou a mão da toalha.

Brooke poderia ir embora, mas não fez isso.

— Acho que devíamos desistir dessa coisa de primos — disse ele. — Você não deveria ter de mentir por mim. Eu vou pensar em alguma outra história.

Entretanto, ela negou com a cabeça com força.

— Não, já passamos por isso antes. Desta vez, não me sinto culpada por estar mentindo. Como eu disse, isso é muito empolgante. Além do mais, é a maneira mais segura. Vai dar a você a melhor cobertura em suas investigações.

Jake pegou a mão dela e seus dedos se entrelaçaram.

— Mas não é o modo mais seguro para você. Seria mais seguro se você nem me conhecesse.

Ela olhou ferozmente em seus olhos.

— Não! Você é o meu primo, Arnold Pitt.

— Por quê, Brooke?

— Por causa de Anika e de seus pais. Por causa de mim; eu quero fazer isso. E por que... — seu olhar flutuou para baixo para tocar suas mãos unidas. —... Eu me preocupo com o que acontece com você...

Brooke e sua honestidade. Isso fazia com que ele quisesse ser honesto também.

— Eu também me preocupo com o que acontece com você. Não quero colocá-la em risco, e não quero obrigá-la a mentir.

— Você não está me obrigando a fazer nada. É tudo minha escolha. E eu já a fiz. Então, você poderia, por favor, parar de falar sobre isso?

Seus olhos da cor do oceano brilhavam, e a energia que fluía entre os dois era tão forte que Jake não podia resistir.

— Ei, Brooke?

Ela inclinou a cabeça cautelosamente.

— O quê?

— Se você tem vontade de sentir emoções fortes, talvez pudéssemos começar com algo que é emocionante, mas não muito perigoso.

As bochechas de Brooke ficaram rosadas.

— No que você está pensando?

— Num beijo, que tal?

O rosto dela se acalmou; em seguida, seus lábios se curvaram em um sorriso travesso.

— Você não acha que isso é perigoso?

O único perigo que ele sabia era que pudesse entrar em combustão espontânea, porque aquela mulher o deixava em chamas por dentro.

— Um beijo só. Talvez dois.

Ela desceu os olhos para o lençol esticado e sentiu um arrepio.

— Isso não é tudo o que você quer.

— Eu não tenho nenhum preservativo. Então, a menos que você tenha...

Brooke negou com a cabeça.

— Eu estou limpo — disse ele. — Juro. Mas a gente não pode correr o risco de gravidez.

— Certamente que não!

— Então isso não pode ficar muito perigoso.

Ele soltou sua mão e colocou o dedo na parte superior da toalha, onde estava enrolada na parte da frente do corpo de Brooke.

A própria mão dela ainda segurava um canto com firmeza.

Ele correu os dedos até os dela, segurou-lhe a mão, e puxou-a para mais perto.



BROOKE SEGUROU FIRME a toalha, embora sua mão estivesse tremendo. Assim como os joelhos. Aquela era a coisa mais emocionante que tinha acontecido com ela em décadas.

Um amante, isso fora tudo que jamais tivera na vida. Ela nunca estivera atraída por ninguém além de Mo. Pelo menos até aquele momento. E agora ela estava seriamente atraída. Tão atraída que seu corpo se enrolava apertado de desejo e de expectativa.

Que mal teria em, por apenas uma vez, abandonar a cautela e se deixar levar por isso? Embora conhecesse Jake por apenas um curto espaço de tempo, ela sabia que aquele homem nunca a machucaria. Não fisicamente. E ele não podia machucá-la emocionalmente, porque ela sabia que era apenas sexo, e que ele iria embora depois que seu trabalho estivesse feito.

Contudo, o sexo com ele não seria um ato frio, sem emoção, também. Ela se importava com ele, assim como ele se importava com ela. E isso era uma coisa que se devia comemorar.

Brooke tinha duas escolhas: seu relacionamento platônico e ficar sofrendo de “como poderia ter sido”, ou aproveitar ao máximo o tempo juntos.

Jake não era um cara que se envolvia em relacionamentos sérios, o que era perfeito. Ela não poderia se deixar envolver em nada muito sério porque não se sentia capaz de assumir esse tipo de responsabilidade. Muito menos lidar com o estresse de estar com um homem que vivia diariamente enfrentando o perigo. No entanto, Jake estava oferecendo algo muito diferente, algo que seu corpo cheio de desejo estava lhe dizendo que ela era mais do que capaz de aceitar.

— Brooke? — os dedos dele acariciaram seu peito por cima da toalha, fazendo-a tremer. Era tão bom ser tocada, ser tocada sensualmente, e ser desejada sexualmente por aquele homem. — Deite-se aqui comigo — insistiu ele.

Ah, ela queria fazer isso. Ela queria apagar a luz e deslizar por baixo da coberta e pressionar seu corpo macio contra o corpo firme e viril dele. Ela não conseguia se lembrar de alguma vez ter desejado tanto uma coisa. Nem mesmo uma bebida.

— Você mostra interesse e desinteresse — murmurou ele. — Por que isso?

Era verdade. Naquela tarde, quando estava ao telefone com Jess e ele estava se despindo, Brooke estivera flertando. Ela, de alguma forma, se sentia segura com o telefone na mão. Estava se sentindo bem, fazendo seu papel sexy, até que desligou. Até que ele a tomou nos braços. Daí, ela entrou em pânico.

— Não quero ficar provocando.

— Eu sei. Mas você tem medo do quê?

Essa era uma boa pergunta. Estava com medo de que ele a achasse feia? Não era verdade. Jake tinha visto as rugas em seu rosto; umas duas estrias na barriga não foram suficientes para afastar aquele homem. Ela não era uma garota das páginas centrais dessas revistas de mulher pelada, mas também não estava toda flácida e caída.

Ele não era casado; ela também não; ambos eram adultos e fariam sexo consensual. Além do mais, hoje eles não fariam sexo. Não de verdade.

Brooke estremeceu com a ideia do que eles poderiam fazer. Se eles tivessem camisinhas, o resultado seria facilmente previsto. Na verdade, quando pensava nisso, era muito mais tentador desse jeito. As pessoas podiam fazer muita coisa na cama, além de ter relações sexuais. Ela se lembrou... E com essas lembranças veio também a certeza de que poderia dar muito prazer ao homem.

De repente, ela se viu sorrindo para ele.

Ele parecia tão surpreso que ela sorriu ainda mais, até que ele sorriu de volta.

— De que eu tenho medo? — disse ela. — De que eu possa gostar disso demais.

Os risos borbulhavam nela e ela os deixou fluir para fora.

— Pois eu espero que sim — respondeu ele, com os olhos esfumados sensuais brilhando mais ainda.

Sem compromisso. Apenas diversão. Uma noite só, ou quem sabe mais, de contemplar o sentimento de estar totalmente viva como mulher. Lembranças sensuais que trariam um sorriso secreto para os lábios dela durante seus anos como avó.

Sim, Jake Brannon era exatamente o que ela queria agora.

Ela deu um passo para trás, de forma que sua mão caiu para longe da toalha, e em seguida ela se inclinou para frente e bateu no quadril dele, coberto pelo lençol.

— Vá mais pra lá, João Ninguém, Arnold, Jake, qualquer que seja o diabo do seu nome.

Ele deu uma gargalhada e obedeceu enquanto ela estendia a mão para apagar a luz da cabeceira.

— Ei!

Jake protestou, mas Brooke deixou cair a toalha e se arremessou na cama ao lado dele, e isso o fez se calar.

Brooke prendeu a respiração enquanto seu corpo subia sobre o de Jake. Por alguns momentos, ela ficou se deliciando com aquela pura sensação, sentindo a pressão dura, o cabelo crespo, inalando o cheiro viril e masculino. Ela enterrou o nariz no peito dele e respirou fundo, então espirrou quando alguns pelinhos lhe fizeram cócegas no nariz.

Os dois ficaram de lado, um de frente para o outro, e gradualmente seus corpos se entrelaçaram e se ajustaram. Os braços de Jake vieram em torno dela e ela o abraçou em resposta, envolvendo o braço bem alto nas costas, para evitar a atadura na cintura.

O rosto dele estava em seu cabelo ainda úmido e ele deu pequenos beijos no topo de sua cabeça.

— Ah, Brooke, você é maravilhosa.

A mão desceu lentamente pelas costas da mulher, mergulhando nas curvas da cintura, estendendo-se para apertar uma nádega. Puxando o corpo ainda mais perto para que a ereção se pressionasse apertada entre os dois.

Ela se contorceu para frente mais alguns centímetros, buscando o contato íntimo pelo qual seu corpo tanto ansiava. Sentiu a umidade do desejo entre suas pernas, uma sensação de que tinha se esquecido até que Jake entrou em sua vida. Brooke pressionou essa umidade na base do eixo de Jake, e ele empurrou convulsivamente, tocando os lábios inchados dela, o centro dolorido de seu clitóris.

Ela gemeu de prazer, com a necessidade, surpresa como a excitação tinha se acumulado tão rapidamente. Era o efeito de tantos anos de celibato ou foi Jake? Quem se importava? O que ela sabia era que, se esse homem continuasse fazendo o que estava fazendo, ela explodiria em segundos.

Ele gemeu, pressionou o pau mais uma vez, e então agarrou os quadris da mulher e a empurrou.

— Muito rápido — ele suspirou —, muito, muito rápido — e inspirou ruidosamente mais duas vezes. — Vai acabar antes mesmo de eu beijar você.

Como era delicioso saber que Jake estava tão excitado quanto ela.

— Ah — sussurrou ela — você queria beijos, também?

Ele riu.

— Eu quero tudo. Eu quero provar você da cabeça aos pés, e, especialmente, entre os dois. Eu quero as minhas mãos prontas para conhecer cada centímetro do seu corpo. E eu não me importaria muito se você explorasse o meu...

Aqui na cama, com as luzes apagadas, ela não era uma mulher e avó se recuperando do alcoolismo; ela era apenas uma mulher. Uma mulher sexy:

— Não tenho nada contra em explorar — murmurou com voz rouca. — Hummm, por onde devo começar?

Excitada demais agora, Brooke afastou o lençol e então, corajosamente, envolveu as duas mãos no pênis dele.

— Será que este é um bom lugar?

Uau, ele era incrível, enchendo as mãos dela com seu calor pulsante. Assim como o resto do corpo, essa parte dele também era muito maior que Mo. Ficou imaginando como seria aquilo dentro dela, e esse pensamento a fez apertar as coxas. Ela queria esfregar o pênis para cima e para baixo, mas adivinhou que se fizesse isso, Jake gozaria em dois segundos.

Entretanto, quem disse que um orgasmo significava o fim? A sensação de Brooke era a de que Jake se recuperaria rapidamente. E, enquanto ele fizesse isso, talvez cumprisse a promessa de prová-la inteira. Então, por que não, ao menos uma vez, deixar a cautela de lado e voar para onde seus impulsos a conduziam?

Ela fechou os dedos em torno do pau e começou a deslizá-los para cima e para baixo. Devagar. Circulou a cabeça aveludada com a ponta dos dedos, encontrou gotas úmidas e as espalhou. Jake gemeu, resmungou um protesto, mas Brooke continuou mexendo. E enquanto o acariciava, ficava imaginando aquele pau movimentando-se dentro dela.

Os quadris dele se impulsionaram convulsivamente e ela sabia que não tinha como parar agora. Só que queria que ele...

E então os dedos dele estavam nela, entre as pernas da mulher, acariciando também, e a pressão se construiu dentro dela. Ela choramingou e se contorceu contra a mão, e foi quando os dedos de Jake encontraram seu centro inchado.

Eram tantas sensações. E contrastes. Aquele enorme órgão em sua mão, latejando e pulsando, os dedos dele rodeando dentro dela, apertando suavemente, levando seu corpo a um frenesi de necessidade. A qualquer momento, agora...

Ah, sim! O clímax explodiu em ondas de sensações deliciosas, balançando seu corpo, arqueando-a contra a mão em concha de Jake que se apertava em torno dela.

Brooke desfrutou de deliciosas ondas de sensações. Como poderia ter vivido todo esse tempo sem essas sensações?

Quando sua respiração desacelerou, ela percebeu que sua mão ainda circulava o membro dele. Tinha ficado tão focada no próprio prazer, no prazer que aquele homem estava dando a ela, que acabou se esquecendo de continuar a acariciá-lo.

Ele ainda estava duro, dolorosamente duro, imaginou, e quando ela apertou, ele gemeu:

— Isso, Brooke.

Jake tinha dado a ela tamanho êxtase que ela queria ter mais contatos, mais íntimos. Então soltou o membro e mudou de posição, ajoelhando-se ao lado dele, inclinando-se. Ela circulou a ponta do pau com a língua, provando-o, surpresa ao perceber que sua pele era tão suave e acetinada. Começou a girar a língua mais depressa, e os quadris dele começaram a se movimentar novamente. Então, Brooke abriu a boca e levou-o para dentro.

Ele estremeceu e suspirou:

— Brooke, eu...

Ela deslizou os lábios para cima e para baixo, passou a língua ao longo de seu eixo, e ele gemeu de novo, então explodiu. Querendo esse homem por inteiro, ela engoliu e ele gozou de novo, e de novo, esvaziando-se dentro dela.

Finalmente, quando Jake acabou, ela levantou a cabeça.

Ele agarrou-a pelos ombros e puxou-a para cima do corpo dele.

— E agora nós nos beijamos — murmurou ele, instantes antes de sua boca se prender na dele.

Aquele não era um carinho preguiçoso e satisfeito depois do sexo; era um beijo faminto e exigente, quase um assalto na boca de Brooke. O beijo disse a ela, em termos inequívocos, que Jake Brannon não tinha terminado ainda o que queria fazer com ela.

Brooke o beijou de volta com a mesma fome. Desde que ela viu aquele homem pela primeira vez, queria beijar aqueles lábios sensuais, queria — sendo honesta — ficar nua com aquele homem. E agora tinha tudo e desfrutaria totalmente.



Jake acordou ao ver a luz do sol se infiltrando pelas cortinas finas. Cortinas de uma cor de pêssego, bem clarinha. Nada a ver com as persianas imundas de seu apartamento de Vancouver. Eram as cortinas de Brooke.

O corpo dela não estava tocando o dele, mas ele sentiu seu calor, ouviu o sussurro de sua respiração suave contra o travesseiro. Ele sorriu para si mesmo, depois rolou o corpo — meu Deus, estava doendo, desde o ferimento da bala até o lábio que tinha mordido — e olhou para ela. Ela estava enrolada em seu lado, de frente para ele, ainda dormindo. Cílios sedosos e castanhos espanavam a curva superior das maçãs do rosto; mechas emaranhadas do cabelo escondiam sua orelha. Os lábios estavam curvados em um sorriso.

E o sorriso de Jake se alargou. Dynamite. Ambos tinham muitos motivos para sorrir. A noite anterior tinha sido pura dynamite. Aquela mulher era dynamite. Ele não se lembrava de ter tido um sexo tão bom assim com alguma outra mulher. Tinha sido porque, ou apesar de, eles não terem realmente tido a relação sexual em si? Hoje ele compraria camisinhas e descobriria isso de noite.

O sol da manhã era gentil, mas ainda revelava as linhas delicadas gravadas perto dos olhos e da boca da mulher. Ele tinha dado um amasso numa avó.

A avó mais sexy de todo o planeta, diabos.

Droga, ela era Brooke. E não um monte de rótulos como “Avó” e “alcoólatra em recuperação”, ela era Brooke. E ela era dynamite.

E ele tinha seu tesão para provar isso. Jake tinha pensado que, depois do número de orgasmos que tinha experimentado na noite anterior, seu pau estaria hoje em estado de choque e ia querer descansar, mas esse com certeza não era o caso. E ficou se perguntando quais as coisas imaginativas que Brooke poderia descobrir para lidar com esse tesão...

Foi então que se lembrou de que Brooke tinha a intenção de levantar-se cedo para fazer suas miniquiches. Provavelmente ela teria programado o despertador ou quem sabe acordava com a luz da manhã, mas a noite passada obviamente a deixara desgastada.

E sorriu de novo. Tinha acabado de encontrar uma forma ou duas bem imaginativas para fazê-la gozar.

Brooke merecia dormir, mas ele sabia que ela ficaria irritada consigo mesma se não fizesse aqueles salgadinhos. Se fosse ele, teria ido até a loja mais próxima e comprado alguma coisa, mas percebeu que esse não era o jeito dela.

Jake inclinou-se sobre ela, estremecendo com sua grande variedade de dores. Engraçado como não tinha prestado a menor atenção a elas, na noite anterior. Encostou os lábios na bochecha dela, e depois se afastou.

Ela torceu o nariz, fez uma careta. A mão se ergueu, afastou um fio de cabelo, e depois caiu de novo.

Ele beijou seu nariz e recuou.

Os olhos dela se apertaram, e depois seus lábios se curvaram. Lembrou-se com quem estava. E, graças a Deus, ela alegrou-se.

— Ei, sua fingida, eu sei que você está acordada — ele murmurou, beijando seu ouvido.

Ela não abriu os olhos, mas seu sorriso se alargou.

Ele imitou uma voz de vendedor de carros usados:

— Tenho um tesão grandão aqui para você.

Ela deu uma gargalhada, mas manteve os olhos fechados.

— Ou você poderia me ensinar a fazer miniquiches...

— Ah! — ela disparou de pé, com os olhos arregalados de horror. — Eu me esqueci. Que horas são?

As cobertas se agruparam em sua cintura e, pela primeira vez, Jake viu seu corpo nu. Ou metade dele, pelo menos. E era tão lindo quanto ele imaginara, ao explorá-lo no escuro. Contudo, essa metade ainda não era suficiente. Ele jogou as cobertas para trás e estudou a mulher. Já tinha visto mulheres com seios maiores, barrigas mais planas, mas nunca tinha visto um corpo feminino nu que lhe despertasse tanto desejo como o de Brooke fazia. Ele estendeu a mão para traçar uma marca prateada.

— Jake! — ela procurou as cobertas.

Ele deu outro puxão e elas caíram no chão. Agora ele, também, foi revelado em toda a gloriosa — e apreciativa — nudez.

— Ah! — Brooke ficou boquiaberta com sua ereção. Em seguida, ela balançou a cabeça, como se para limpá-la. — Nós realmente fizemos... Quero dizer, ontem à noite nós...

— Com certeza fizemos.

Ela transferiu seu olhar para o seu rosto.

— Ah, meu Deus.

— Para dizer o mínimo.

Ele se inclinou para frente para tocar seus lábios nos dela.

As mãos dela se aproximaram e seguraram o rosto dele entre elas, e Brooke olhou nos seus olhos.

— Ah, Jake.

Ele a beijou novamente e a boca da mulher abriu-se sob a dele. Apesar de sua excitação, ele deu um beijo calmo e gentil, e ela respondeu na mesma moeda.

— Bom dia, Brooke. E obrigado por uma incrível noite.

— Você também — ela abaixou a cabeça. — Incrível é a palavra certa.

Ele ergueu o queixo dela.

— Sem arrependimentos. Por favor?

— Não! Não! Como eu poderia me arrepender? Eu só estou me sentindo... Meio acanhada... — e soltou uma bufada. — Cara, isso é bobagem, depois das coisas que fizemos um ao outro.

— Somos amantes agora. Sem timidez, sem arrependimentos. Fechado?

— Amantes. Eu gosto disso. Tudo bem, Jake, fechado. E agora preciso tomar banho e ir até a cozinha — Brooke saiu da cama, dando-lhe uma vista fantástica de suas costas esbeltas, bumbum cheio de curvas e pernas bem torneadas.

— Eu vou com você.

Ela lançou um olhar sedutor sobre o ombro.

— Para o chuveiro?

Jake também saiu da cama e deu uma olhada em sua ereção.

— Se for banho frio!

Ela ficou esperando até que ele caminhasse até ali. Então, envolveu os dedos ao redor do pênis e ele engasgou com a forma como aquilo era gostoso.

— Ou não — murmurou Brooke.



Brooke desceu o carro de ré até a estrada. Deu uma olhada para sua casa, viu Jake parado na janela da sala e acenou. Ele acenou de volta.

Seu amante. Ela estava com aquela dor deliciosa entre as pernas que comprovava isso, e sua boca não conseguia parar de sorrir.

Forçou-se a manter a concentração na estrada, a conduzir o carro no meio do tráfego da rodovia quando chegou até lá, e quando fez uma parada para comprar uma rosquinha, como uma penitência particular por ter enganado a patroa.

Kate a cumprimentou com um abraço.

— Uau, o descanso lhe fez bem! Você está ótima.

O sexo é que faz isso, pensou Brooke. Especialmente sexo com um homem tão imaginativo e totalmente sexy como era Jake. Ela entregou-lhe o saco de rosquinhas.

— Geleia e chocolate duplo.

— Delícia! — Kate enfiou a mão dentro do saco de papel e tirou uma rosquinha revestida de açúcar. — Primeiro a de geleia, e a de chocolate vou deixar para a sobremesa. E você?

— Talvez mais tarde. Passei as últimas duas horas fazendo as miniquiches para a festa de arrecadação de fundos do Comité do Patrimônio e eu não posso nem ver comida no momento — tinha sido divertido trabalhar na cozinha com Jake. Namorar, ficar se tocando. Surpreendentemente, as quiches tinham ficado boas...

— E não é uma grande notícia essa, sobre a gravidez de Jessica? — exclamou Kate.

— Com certeza é. Eu não posso esperar para vê-la. Falando nisso, não marque nada para mim muito tarde hoje. Vou jantar na casa dela. E, a propósito, também tenho notícias de minha parte.

— Por isso é que você está assim, tão radiante?

— Pode ser. Combinado com o fato de que tenho um neto a caminho. De qualquer forma, tenho um primo que deve chegar à cidade para ficar alguns dias. Ele deve chegar hoje à tarde.

— Um primo? Bem, isso vai ser divertido para você.

Brooke tentou não corar.

— Seu nome é Arnold Pitt. Ele é contador em Vancouver e vem pensando em se mudar para uma cidade menor e abrir o próprio escritório.

— O timing perfeito, com Ellen tendo ido embora.

Kate limpou o açúcar de seus dedos com um guardanapo, em seguida, enfiou a mão no saco das roscas novamente.

— É por isso que eu mencionei isso a ele.

Acenando uma rosquinha de chocolate, Kate disse:

— Não seria ótimo ter seu primo morando na cidade? Mal posso esperar para conhecer esse rapaz.

— Você vai ter a sua chance. Ele está vindo para cá neste momento e lhe disse para vir para a cidade e me encontrar aqui.

— Acho que você vai querer sair mais cedo e levá-lo até a sua casa.

— Não há necessidade. Vou dar-lhe as indicações e ele pode ir para lá e se ajeitar sozinho — Brooke abriu a agenda. — Quem está marcado para hoje? — ela bateu um

dedo entre dois compromissos. — Tudo bem se eu fizer minha hora de almoço aqui? Preciso fazer algumas coisas rápidas — como pegar Jake e levá-lo a Zephyr Lake, onde ele pegaria seu carro e os documentos de identidade com o sargento Jamal Estevez.

— Tudo bem.

Kate serviu-se de uma xícara de café para acompanhar a segunda rosquinha, e Brooke vestiu o avental da “Beauty is You” e colocou os apetrechos apropriados nos bolsos certos. A campainha da porta tilintou e ela foi cumprimentar a primeira cliente.

— Bom dia, Maria, entre. Quer uma xícara de chá ou café?

Na medida em que percorria a rotina familiar, Brooke começou a sentir uma crescente sensação de inquietação. Sentia-se como duas pessoas. Kate e Maria estavam interagindo com ela do jeito que sempre faziam, e ela estava se comportando normalmente também. No entanto, ela não se sentia normal. Ela não estava normal.

Quando Maria saiu, Brooke correu para o banheiro e olhou para seu rosto no espelho. O mesmo rosto de sempre, embora uma pessoa diferente a estivesse olhando. Durante a noite, ela havia se tornado uma mulher que estava envolvida em uma investigação de assassinato, uma mulher que estava mentindo para seus amigos. Uma mulher que estava fazendo sexo tórrido com um homem mais jovem.

Ela estava se sentindo excitada, e isso a assustava. Será que ela poderia estar a caminho de um ciclo maníaco, apesar de estar tomando lítio regularmente? Ficou tentada a tomar mais uma cápsula, mas havia prometido ao seu psiquiatra que não se automedicaria. Talvez devesse telefonar para ele e perguntar se a dose não deveria ser aumentada temporariamente. O pânico surgiu dentro dela. Ela não podia lidar com isso. O que estava pensando, diabos?

O sino tilintou na porta e Brooke achou que devia ser Chester Morton, que tinha marcado hora para fazer um corte de cabelo. Ela apressadamente espirrou água fria no rosto, em seguida, foi cumprimentá-lo.

Chester era um homem quieto e ela estava grata por isso enquanto trabalhava em seu cabelo grisalho e tentava suprimir seu pânico. Talvez ela devesse telefonar para Anne, sua madrinha no AA. Se bem que ela não estava com vontade de uma bebida; estava apenas nervosa.

Depois de Chester veio a senhora Battison, uma daquelas queridas senhorinhas que vinham cortar o cabelo e fazer permanente a cada poucos meses. Ela era uma viúva que morava sozinha e este era um passeio social para ela. Ela fora uma vaqueira há muitos anos, participara de competições, e Brooke sempre gostara de ouvir suas reminiscências do tempo em que a senhora vivia no circuito dos rodeios, antes de vencer o evento do Williams Lake Stampede e também conquistar o coração de um dos juízes. Bill Battison a convencera a largar sua sela em Caribou Crossing. Hoje, Brooke estava muito nervosa para se concentrar, e ficou respondendo “Ahãs” periódicos, que torcia para estarem cronometrados de forma adequada.

Quando enrolou o cabelo branco da senhora Battison e aplicou a solução para a permanente, Brooke foi ao pequeno escritório e telefonou para seu psiquiatra, o doutor Allenby. Felizmente, ele não estava com um paciente. Sua esposa, que dirigia o consultório, passou-a para ele.

— Estou me sentindo um pouco... — ela fez uma pausa, não querendo usar a palavra maníaca. Não era exatamente correta. — Tensa. Excitada, nervosa... Tenho medo de estar começando um novo ciclo...

— Você está tomando o lítio regularmente?

— Claro.

— Você não tem tido dessas crises há quatro anos. Checamos o seu nível de lítio na semana passada e ele estava bem.

— Eu sei.

— Bem, você está se sentindo tensa, excitada. Tem alguma coisa especial acontecendo em sua vida?

Brooke deu uma risada nervosa. O que ele diria se ela contasse a verdade?

— Jessica está grávida, o que é uma emoção. E também uma preocupação, claro.

Quando Jess e Evan tinham falado em ter filhos, toda a família se sentou com o doutor Allenby para discutir as chances de o bebê ter transtorno bipolar.

— Os bebês nunca vêm com garantias — disse o médico. — Concentre-se em ser feliz, em vez de se preocupar.

— Estou tentando. Além disso, tenho um primo chegando à cidade, alguém que não vejo há anos, e virá hoje à tarde para uma visita.

— E isso é emocionante também. Você está ansiosa para ver esse primo, mas nervosa também. Brooke, está tudo certo ter sentimentos. Você não quer ser emocionalmente morta, quer?

Não, porém, ela havia tomado cuidado para não se envolver em situações emocionais. Até o dia em que Evan retornou à cidade, a maior emoção que ela experimentara até então foi que o penteado de uma noiva acabou ficando perfeito, ou o prazer da companhia de Sunny em uma noite gelada de inverno.

— Nós já conversamos sobre isso — disse Allenby. — As pessoas normais passam por altos e baixos, e assim será também com você, com ou sem o lítio. Como quando seu filho voltou para a cidade, e quando ele e Jess se casaram.

Verdade, mas sua emoção primária então tinha sido o deleite. Embora fosse verdade também que ela estivera nervosa sobre comparecer ao casamento do filho, uma vez que toda a cidade conhecia a história dela e de Evan.

— Parece-me que esse momento deve ser apenas um evento emocionante e ao mesmo tempo estressante em sua vida — estava dizendo o médico.

Ela riu.

— Definitivamente, é... Então, você acha que é normal, o que eu estou sentindo?

— Quando minha esposa e eu soubemos que nosso primeiro neto estava chegando, você teria jurado que estávamos maníacos. Corremos para Williams Lake e estouramos nossos cartões de crédito comprando roupas, jogos e brinquedos.

Era difícil imaginar o suave doutor Allenby voando pela cidade como um avô enlouquecido, ele era um homem honesto e Brooke acreditou nele. Como de costume, ele a fez se sentir melhor.

— Quer vir e conversar um pouco mais? — perguntou ele. — Eu vou testar o seu nível de lítio de novo, se você quiser, mas realmente acho que é apenas emoção.

— Eu acho que você está certo, doutor. E já ajudou, porque acho que estou me normalizando. Doutor Allenby, a minha verificação da realidade.

— Pode me ligar a qualquer hora. Ou marque uma consulta e a gente pode ter uma conversa bem comprida.

Quando voltou para verificar como estava a permanente da senhora Battison, Brooke sorriu para a senhora idosa.

— Adivinha! Minha nora está grávida! Não é a notícia mais emocionante de todas?

— Ah, querida! Isso é maravilhoso. Você deve estar muito feliz!

Feliz e emocionada, sim, estava. Pela gravidez de Jesse e também por ter passado uma noite selvagem e tórrida com Jake. Brooke tinha o direito de ser feliz, de ficar emocionada. O doutor Allenby lhe tinha dado permissão. Não, mais importante que isso, ela mesma tinha se dado essa permissão.

Depois de terem falado sobre o bebê, ela comentou com a senhora Battison sobre o primo Arnold. Enquanto falava, percebeu a ironia. Um policial a estava usando, Brooke Kincaid, para criar uma história de respeitabilidade. Quanto ela havia melhorado nos últimos cinco anos!



QUANDO BROOKE LIGOU para dizer que iria buscá-lo em quinze minutos, Jake já tinha trocado de roupa e estava em seu terno cinza, mas não tinha conseguido abotoar o colarinho da camisa. Relutantemente, dobrou a gravata e enfiou-a no bolso do paletó. Tinha imaginado que Arnold seria um cara iria se vestiria formalmente para causar uma boa primeira impressão.

Com fome, fez dois sanduíches de manteiga de amendoim e geleia e comeu de pé, enquanto esperava. Então, fez um para Brooke e embrulhou em papel. Ela precisava comer regularmente; tinha aprendido isso em suas pesquisas sobre o transtorno bipolar.

Quando colocou os ingredientes de volta na geladeira, seus olhos pousaram sobre a torta de maçã da noite anterior, e ele não conseguiu resistir. Arrastou a panela, tirou a tampa e cavou uma colherada no conteúdo. Aquilo ainda era muito bom mesmo frio, sem o sorvete, como tinha sido na noite anterior. Deu outra colherada.

Um carro parou na entrada, em cima do cascalho, e ele correu até a sala de estar para ter certeza de que era Brooke. Ela saiu de trás do volante e caminhou em direção da casa, as pernas longas e bem torneadas sob uma saia casual. Subiu os degraus da frente e ele abriu a porta.

— Belas pernas — comentou Jake.

— Pelo que me lembro, as suas não são tão ruins.

Ele trancou a porta, pegou-a nos braços e beijou-a do mesmo jeito como de manhã, com tesão reprimido.

Brooke pressionou o corpo contra o dele e respondeu sinceramente.

Cara, aquela mulher era demais. Uma vez que havia finalmente superado os escrúpulos que a seguravam, ela se mostrara a amante mais generosa e sexy que se poderia imaginar.

Ela se afastou dos braços dele, dando uma risada trêmula.

— Pode se segurar aí, Jake.

Ele agarrou a mão dela e a apertou contra a braguilha.

— Prefiro que você segure...

Os olhos azuis-esverdeados de Brooke brilhavam para ele.

— Mais tarde. Eu prometo. Você tem de se encontrar com Jamal, e eu tenho uma cliente à uma e meia.

Ele gemeu resignado.

— Ah, antes de irmos, eu fiz um sanduíche para você.

— Jura?

— Achei que você poderia ficar sem tempo de almoçar.

— Isso é muito gentil de sua parte. Obrigada, Jake.

Ela se dirigiu à cozinha e ele a seguiu. Brooke viu a panela com a torta de maçã em cima do balcão e tirou a colher de dentro. Então, levantou uma sobrancelha em sua direção.

Percebendo o que tinha feito, ele disse em tom de desculpa:

— Deveria ter colocado num prato...

— Essa seria a forma civilizada — ela concordou. Segurou um prato para ele.
— Quer mais um pouco antes de irmos?

Depois que ele comeu mais um pedaço, ele pegou um pequeno bocado e levou a colher aos lábios dela.

Ela fez uma pausa apenas um momento antes de aceitar.

— Sobremesa antes do prato principal. Você é uma má influência — pegou o sanduíche enrolado. — Este é meu?

— Manteiga de amendoim e geleia. Nada de especial. Espero que esteja bom.

Agora, ele quase desejou não ter feito isso. Ela era uma cozinheira tão boa, que provavelmente nunca comia coisas simples assim.

No entanto, ela estava sorrindo.

— Parece ótimo. Ah, e há duas rosquinhas no carro. Caso não esteja cansado de comer tortas de maçã e coisas assim...

Quando chegaram à porta da frente, ele olhou em volta para garantir que o caminho estava livre. Eles correram para o Corolla, onde ele pulou para a parte de trás e se deitou no assento, de modo que parecesse que Brooke estava sozinha no carro. Graças a Deus não ficou enjoado com o movimento, porque já era ruim o suficiente que suas feridas estivessem latejando, embora cicatrizando.

Brooke jogou para ele o saco com as rosquinhas, e ele deu uma mordida em uma de geleia enquanto ela avançava pela estrada.

— Espero que o sargento Estevez consiga encontrar o Zephyr Lake — disse ela.
— Fica meio fora do caminho.

— Mas a ideia é essa. Não quero que ninguém nos veja. E não se preocupe com ele, o carro em que ele está tem GPS.

— Os adolescentes se reúnem por lá ao anoitecer no verão, mas durante o dia, e especialmente nesta época do ano, não deverá ter ninguém por lá — parecendo um pouco nervosa, ela estava repetindo informações que tinha ouvido, mas agora acrescentou um dado novo. — Evan propôs casamento a Jess nesse lago.

Ele terminou a rosquinha..

— Ah, é? — pegando outra rosquinha do saco, perguntou: — Quer um pedaço?

Ela olhou para trás.

— Chocolate? — eu não deveria. Vou engordar.

— Não vai, não. Além disso, se acontecer, vou ter de exercitar muito você, para que perca tudo...

Se Jake se contorcesse do modo certo, ele poderia espreitar entre os dois assentos dianteiros e ver Brooke, seu braço, a coxa coberta pelo denim da saia, o joelho nu. Ele ficou observando o joelho se mover para cima e para baixo, enquanto ela trabalhava no pedal do acelerador.

— Vou parar em algum lugar e comprar camisinhas — anunciou ele.

Os ombros de Brooke tremeram.

— Agora isso é um plano, mas não faça isso em Caribou Crossing ou você terá pessoas realmente querendo saber sobre Arnold.

— Vou guiar pela rodovia até a cidade mais próxima e procurar uma farmácia. Tem alguma marca preferida?

Ela explodiu em uma risada.

— Você acha que eu sei alguma coisa sobre as marcas de preservativos? Escolha a que você mais gosta e eu tenho certeza de que ficará tudo bem comigo.

E ela sentiu um arrepio dos grandes, que percorreu de seus ombros para baixo, por todo o seu corpo.

Ele sabia exatamente o que Brooke estava pensando.

— Hoje à noite eu vou entrar em você, Brooke — e lá estava, ereto novamente.

Depois de alguns momentos de silêncio, ela disse:

— Jake? Sinto-me mais ou menos... Desequilibrada com você. Eu lhe contei os detalhes mais íntimos da minha vida. Isso é diferente de sexo. O sexo é uma coisa íntima, mas é... Bem, para nós, é diversão, certo?

— Claro que é.

— E é mútuo. No entanto, com todas as nossas conversas, no fim é tudo sobre mim. Sinto que estamos numa situação meio injusta. Quero dizer, eu queria saber mais sobre você. Não sobre Arnold, mas sobre Jake.

— O que há para saber? Tenho trinta e cinco anos, solteiro, sou policial que trabalha disfarçado, infiltrado em gangues. Minha vida é praticamente toda devotada ao trabalho, mas tudo bem porque amo o que faço. Nunca há um momento de tédio, ou quase nunca.

— Você disse que não tem muito tempo para relacionamentos, exceto os casuais.

— O trabalho me mantém ocupado.

— Você disse que seus pais não gostam de seu trabalho?

— Não. Faz muito tempo que não os vejo. Eles ficaram desapontados com quem eu me tornei.

A cabeça de Brooke se virou na direção dele.

— Desapontados? — ela bufou. — Eu acho que eles deveriam ficar orgulhosos.

Jake gostou do modo como Brooke ficou ao lado dele.

— O que Evan faz? — Brooke já havia comentado, mas ele queria fazer um comentário.

— Ele é assessor de investimentos, aconselhando seus clientes.

— E Jessica começou esse campo de treinamento com cavalos por aqui?

— Sim, e ela está sendo maravilhosa com o negócio.

— Certo, e como você se sentiria se um deles fosse um policial que trabalha disfarçado, investigando tráfico de drogas, guerras de gangues? Ou se essa fosse a carreira que seu neto escolhesse?

— Eu ficaria doente de preocupação — respondeu ela, prontamente. — Mas não ficaria desapontada com eles.

Brooke freou o carro e parou, e o som do tráfego lhe disse que era um cruzamento.

— Bem, que ótimo. A questão é que meus pais tinham outros planos para mim — e deixou escapar uma risada um pouco amarga. — Droga, mesmo contabilidade não os deixaria satisfeitos. Eles queriam Medicina ou Direito.

— E o que eles fazem? — ela colocou o carro em movimento de novo.

Jake desejou que pudesse ficar sentado e se orientar.

— Mamãe faz obras de caridade. As culturais. Papai é advogado. Comercial, em empresas. Ele ganha muito dinheiro.

— E isso é o que eles queriam para você?

— Exatamente.

— E você não é esse tipo de homem. Eu não imagino que você fosse esse tipo de menino.

— Não, mas eles continuaram tentando fazer com que me tornasse um desses. Respeitável, chato. Eles não me enxergavam. Não queriam me ver. Não se importavam com aquilo que eu queria.

— Suspeito que isso fez você se rebelar.

— Pois é. Eu estava determinado a ficar longe deles e ser o mais diferente possível.

Brooke assentiu, e quando falou, sua voz era triste.

— Evan era assim, mas por diferentes razões. O pai e eu éramos dois fracassados sem igual. Ele sabia que queria uma vida diferente, e teve de ficar longe de nós para

conseguir. Era um menino motivado, e chegou lá. O melhor de sua classe, uma bolsa de estudos em Cornell.

— Como um canadense?

— Na verdade, ele tem dupla cidadania. Mesmo desconfortável na presença da polícia, depois que Mo foi embora eu os procurei e contei tudo. Acho que eles poderiam ter me acusado porque ajudei meu ex a esconder sua identidade, mas não o fizeram. E recebi de volta meus documentos de identidade e os de Evan. Provas de que ele era um cidadão norte-americano.

— Você ficou com o Kincaid, no entanto, em vez de voltar para McKeen ou o seu nome de solteira?

Ela encolheu os ombros.

— Foi mais fácil. Dessa forma, apenas a polícia ficou sabendo sobre Mo, e não a cidade inteira — Brooke fez uma curva e os pneus do carro saíram do asfalto da rodovia e entraram em uma superfície mais áspera. — Esta é a estrada para Zephyr Lake.

Ele arriscou levantar a cabeça, e viu uma estrada estreita que mal dava passagem para dois carros, serpenteando entre áreas cercadas e com pastagem para o gado.

Preferindo o seguro, abaixou-se novamente.

— Por que Cornell?

— Eles tinham um programa que interessava a ele e era perto de Nova York, que era onde ele queria se estabelecer. Sempre disse que Manhattan era o centro do mundo — ela deu uma risada suave. — O filho de Mo e Brooke em Cornell. É simplesmente incrível, mas esse é o Evan. Ele pode fazer qualquer coisa se orientar sua mente para isso.

Brooke parou o carro.

— O sargento Estevez ainda não chegou. Não tem ninguém, então você pode sair.

Jake saiu lenta e dolorosamente do banco de trás e se espreguiçou, fazendo um levantamento cuidadoso de seu entorno. Era um lugar bonito. Um lago azul profundo brilhava à luz do sol de maio. Árvores dispersas e formações rochosas o circundavam. Ele conseguia imaginar a rapaziada indo ali para conversar, nadar, beber um pouco de cerveja; fumar um pouco de maconha, dar uns amassos.

Brooke abriu a porta do motorista para receber um pouco de ar fresco, desembrulhou seu sanduíche e deu uma mordida.

— Jamal estará aqui em breve — disse Jake. — Se você precisa voltar para o trabalho, pode ir e me deixar aqui, ficarei bem.

Ela olhou para o relógio.

— Ainda não há pressa.

Ele subiu no banco do passageiro, imaginando que poderia se abaixar fora de vista caso alguém aparecesse.

Brooke virou-se para estudar seu rosto.

— Você, Evan e Anika têm algo em comum. Você sentiu que tinha de escapar de seus pais. É por isso que você se importa tanto com crianças como Anika e Sapphire?

Ele não tinha avaliado dessa forma. Pensativo, respondeu:

— Realmente saí de casa muito cedo. Estava cansado de meus pais ficarem me empurrando para ser uma coisa que eu não era — olhou para o rosto bonito e preocupado da mulher ao seu lado e admitiu. — Eu era muito parecido com Mo. Um cara que vivia procurando emoções, adrenalina. Corria muito no carro, bebia demais, provei algumas drogas, saí com um pessoal da pesada. Vivía no limite. Trabalhava nisso e naquilo.

Brooke franziu o cenho.

— Um caminho estranho para levar à Polícia Montada.

— Sim, mas eu tive sorte. Estava trabalhando numa empresa de construção civil, e o patrão estava envolvido em tráfico de seres humanos. A polícia recebeu uma denúncia e foi investigar. Conversei com dois membros sobre o trabalho à paisana e decidi me juntar a eles.

— E eles o aceitaram? Quero dizer, depois das drogas e tudo o mais?

— Não de imediato. Esses dois caras meio que me adotaram, tipo como uma causa. Acho que eles viram algum potencial. Pode apostar que eles me fizeram me limpar por completo. Felizmente, eu nunca havia sido preso, então não tinha antecedentes criminais. Fui a Simon Fraser University, fiz o curso de criminologia, depois fiz muito trabalho voluntário com crianças de alto risco, juntei meus amigos da polícia com alguns informantes.

Brooke tocou em seu braço.

— Você de fato se transformou totalmente. Parabéns, Jake.

— Ora, não me dê tanto crédito assim. Aquilo continuava sendo uma injeção de adrenalina, mas de outro tipo.

— Humm... Você não disse que assim que eles o aceitaram, você e Jamal meio que correram internamente para chegar ao trabalho de agentes disfarçados?

— Sim, normalmente você começa no trabalho geral, mas meus amigos da polícia me deram algumas dicas sobre como se mover com rapidez pelo sistema.

— Como?

Os olhos de Brooke brilhavam de interesse, e Jake se lembrou daqueles livros policiais em suas prateleiras.

— Fomos aos caras da divisão de trabalhos à paisana. Fomos voluntários nos tempos de folga. Ajudamos com vigilância e flagrantes de drogas, descobrimos algumas fontes. Continuamos trabalhando com crianças de alto risco; fomos voluntários nos centros de policiamento comunitário. Nós provamos que tínhamos aquilo que eles queriam. Recebemos referências, ganhamos algumas comendas, fizemos o teste com cinco anos.

— Ficou longe das drogas. Tomou cuidado com as bebidas.

— Ahã.

— Você não é alcoólatra.

Ele balançou a cabeça, negando.

— Mas você sabe muito sobre o AA. Tipo a forma como contamos a sobriedade em dias, e sobre o broche de cinco anos.

Ele tentou não se contorcer.

— Você aprende um monte de coisas nas ruas.

Ela inclinou a cabeça e sustentou o olhar.

— Pareceu mais como um conhecimento pessoal. Como se alguém próximo a você fosse alcoólatra. Um dos seus pais?

— De jeito nenhum.

— Então...

— Não devo dizer. Você sabe disso.

— É claro — ela estudou seu rosto um pouco mais. — Jamal.

— Merda, Brooke.

Como diabos ela percebera aquilo?

— Ele é a única pessoa sobre quem você comenta. É óbvio que são próximos — Brooke franziu o cenho ligeiramente. — Ele está sóbrio agora, não é?

— Dois anos. Olha, você não pode contar isso a ninguém.

— Claro que não. Alcoólicos não fazem isso; você sabe.

Ele confiava nela com tantas coisas já... Estendeu a mão e agarrou seu ombro, sentindo sua força firme.

— O negócio é que ninguém na Polícia Montada sabe disso.

Ela assentiu lentamente.

— Então haveria consequências, certo?

— Eles ficariam cautelosos em confiar em Jamal, em especial com esse trabalho à paisana. Há uma grande quantidade de álcool e drogas por perto quando você trabalha disfarçado.

— Muita tentação — a testa dela franziu. — Isso, porém, não é justo. Ele está sóbrio.

— É por isso que continuo mantendo seu segredo. Ele não está colocando em risco a vida de ninguém mais.

Droga, sua boca continuava correndo solta quando ele estava com essa mulher.

Claro que ela prestou atenção em suas palavras.

— Ninguém mais?

Jake suspirou.

— Estávamos trabalhando juntos numa missão há muito tempo. Eu trabalhava disfarçado, ele era meu treinador. Eu estava nas ruas havia mais de um ano. Foi quando descobri que Jamal tinha um verdadeiro problema. Não era mais confiável.

O sulco na testa de Brooke se aprofundou.

— Seu trabalho é perigoso. Você precisa de alguém em quem possa confiar absolutamente. Você não o denunciou?

Ele balançou a cabeça vigorosamente.

— Estávamos juntos por um longo tempo. Eu disse que nós não trabalhamos com parceiros, mas Jamal e eu somos muito próximos a isso.

— E... O que você fez? Nada?

— Não. “Fazer nada” não é algo em que eu seja bom...

Um sorriso rápido brilhou no rosto da mulher.

— Acredito nisso. E daí?

— Assim que a missão terminou e tivemos algumas semanas de licença, eu o levei para fora da cidade e o arrastei para algumas reuniões no AA.

— Você não pode fazer um viciado desistir de seu vício. Eles têm tem de querer.

— Ele estava cansado de eu ficar enchendo o saco dele por isso. Então, saiu da bebida e eu saí do pé dele.

Brooke balançou a cabeça.

— Aposto que ele percebeu que ia desapontar você, mas que você estaria ao lado dele se precisasse. Que alguém se importava o suficiente com ele para tentar ajudar. Eu acho que isso seria um bom incentivo.

Ele deu de ombros e, em seguida a estudou.

— Você não teve ninguém, não é?

Ela balançou a cabeça.

— Sorte do Jamal — ela murmurou — por tê-lo como amigo.

— Qualquer um teria feito isso.

— Claro — ela inclinou-lhe um sorriso. — O que você disser, Jake.

Ela parou de comer, enquanto eles estavam falando, mas agora levantou a segunda metade do seu sanduíche e deu uma mordida.

— Está gostoso. Obrigada.

— De nada.

Jake recostou-se no banco do carro, mantendo um ouvido aberto para o som de um veículo se aproximando e desfrutando da mulher a seu lado. Percebendo uma cicatriz branca irregular em seu braço direito, ele correu um dedo por ali:

— O que aconteceu aqui?

Ela olhou para onde ele estava apontando.

— Sunny. Quando o trouxe para dentro na primeira vez. Eu talvez devesse ter dado uns pontos, mas estava uma tempestade muito forte e fiquei com medo de ir dirigindo até o hospital.

— Estou surpreso por você não colocar o gato de volta na chuva.

— Do mesmo jeito que você abandonou Jamal quando ele o decepcionou? — ela abanou a cabeça. — Eu lhe disse que Sunny foi espancado. Ele estava sofrendo, ele estava com medo, e por isso atacou. Não posso culpá-lo.

— Você é uma pessoa generosa. E paciente — como Jake bem sabia.

— Bem, eu tive um pouco de experiência — ela olhou para o volante. — Eu mesma ter sido machucada. E machucar pessoas, decepcioná-las. Eu machuquei principalmente a Evan, mas houve outros. Eu estava sofrendo tanto que nem me importava, nem percebia, se estava ou não magoando os outros.

Brooke se virou para Jake com uma expressão séria.

— Você não pode imaginar o alívio que é saber que tem uma doença. Isso não lhe alivia ou retira a culpa, ou conserta alguma coisa que fez, mas pelo menos você entende que não é realmente aquela pessoa horrível que achou que fosse.

— Eu não posso imaginar alguém pensando isso de você...

— Você não me conhecia na época... — ela retrucou, sem rodeios. — Eu era horrível.

Ele circulou seu pulso com a mão.

— Conheço você agora. É uma ótima pessoa.

Jake estava se inclinando para beijá-la quando sua audição aguçada captou o som de um motor.



Jake era bom para seu ego, Brooke pensou, quando ele se encolheu sob o painel do carro. Ela observou um carro parar no estacionamento de terra, e olhou para ver quem era.

— É um Lexus prata — contou a Jake.

Um homem saiu e ficou ao lado do carro.

— Alto, um pouco mais alto que você, e maior. Musculoso, não gordo. Pele escura, de boa aparência — ela apertou os olhos mais uma vez, para aguçar a visão. — Suas características faciais parecem uma mistura de negros e hispânicos.

Jake ergueu a cabeça para cima e verificou.

— Sim, é Jamal. Você acha que ele é bonito?

Ela riu.

— Quase tão bonito quanto você. Mas, uau, ele é peculiar e chama a atenção. Como esse cara consegue se disfarçar?

Alcançando a maçaneta da porta, Jake respondeu:

— Ele é versátil, bom em disfarces. Temos de ser, para poder fazer nosso tipo de trabalho.

Os dois desceram do carro e caminharam até Jamal, que veio em direção a eles. Ele era um homem formidável, ela concluiu, exceto pelo brilho em seus olhos quando ele parou e estudou Jake.

— Arnold Pitt — ele disse suavemente —, vivo e respirando — então, deu uma risada poderosa e disse: — Muito, muito engraçado, cara — e deu um tapa nas costas de Jake.

Jake devolveu o tapa nas costas dele, com um pouco mais de força.

Jamal virou-se para Brooke.

— Senhora Kincaid, sou Jamal.

— Brooke — ela estendeu a mão e ele apertou.

Seu aperto era firme e ela se viu capaz de gostar dele. Brooke conseguiu imaginar esse homem se misturando em uma gangue de motoqueiros, mas agora os olhos dele sorriam. Seus cabelos encaracolados estavam cortados curtos, os jeans e a camiseta preta estavam limpos.

— Então foi você que transformou meu homem? — perguntou Jamal.

— Eu mesma. O que você achou?

— Acho que você deveria estar trabalhando para nós. Fez um trabalho tão bom que eu quase não reconheci Jake — e riu de novo. — Você não ia querer ter conhecido esse cara antes.

Jake bateu-lhe novamente.

— Dá um tempo. Eu não queria me conhecer também.

Parceiros. Amigos. Sua proximidade era óbvia para ela. Embora suspeitasse que eles nunca tivessem conversado sobre isso. Spencer e Hawk, pensou, lembrando-se dos romances policiais de Robert B. Parker. Então, onde isso a colocaria? Como Susan Silverman, a “namoradinha” de Spencer?

No entanto, o relacionamento de Susan e Spencer, por mais não convencional que fosse tinha seus alicerces em um amor profundo e durou anos. Ela e Jake, bem, o relacionamento deles era baseado no desejo e acabaria em poucos dias. O pensamento lhe trouxe tristeza e alívio ao mesmo tempo. Ela já sabia que sentiria falta dele, mas precisava de uma vida segura e estruturada. Cuidar de Jake seria qualquer coisa, menos algo seguro.

E, por falar em estrutura, ela informou aos dois:

— Preciso voltar ao trabalho — dizendo isso, puxou uma chave de seu bolso. — Jamal, isto abre meu galpão. Coloque-a sob a minha porta de trás quando for embora.

No dia anterior, Jake havia constatado que sua Harley estava funcionando. Contudo, era perigoso. Eles não podiam correr o risco de ter alguém bisbilhotando por lá e acabar encontrando-a. Jake e Jamal voltariam para sua casa, e Jamal pegaria a moto e iria com ela para Vancouver. Em seguida, Jake iria de carro até Caribou Crossing para encontrá-la no salão de beleza.

Depois de ter feito a viagem para comprar preservativos. Brooke esperava que ele fizesse isso depois, e não antes, de se separar de Jamal. Tentando não corar com essa ideia, ela se despediu de Jamal.

— Boa sorte.

— Para você também, Brooke. Nosso rapaz vai tomar conta de você.

Ela lhe respondeu com um sorriso açucarado.

— E eu farei o máximo para devolvê-lo inteiro. Sem mais nenhum buraco de bala.

Jamal deu um tapa na coxa e riu.

— Eu gosto de você, garota.

Garota. Uma avó de quarenta e três anos. Era quase lisonjeiro.



BROOKE DECIDIU QUE, em vez de ficar prestando atenção a Jake e ao que ele fazia, ajudaria na investigação. Naquela tarde, ela sutilmente dirigiria as conversas com suas clientes.

Silvia Campinelli foi a primeira, com uma foto de Angelina Jolie tirada de uma revista, e pedindo o mesmo penteado. Brooke descobriu que a mulher e seu jovem marido advogado estavam vivendo muito além de suas posses. Suspeitava, porém, que seu comportamento não tinha nada a ver com atividades criminosas, e tudo a ver com inexperiência. Eles teriam sua punição quando deixassem de pagar uma prestação da hipoteca.

A próxima cliente, Melody Sampson, era gerente de empréstimos de um dos bancos locais. Mulher solteira, estava focada na carreira. No passado, tinha comentado que esperava ser transferida para uma agência numa cidade maior, como Williams Lake e, depois, finalmente para Vancouver. Enquanto Brooke se preparava para fazer luzes no cabelo da mulher, perguntou a Melody como o trabalho estava indo.

— Bem, muito bem — a jovem respondeu rapidamente. — Na semana que vem, estou indo para Vancouver para uma sessão de treinamento em desenvolvimento de clientes. É muito prestigioso ser escolhida para isso.

— Parabéns, e quem a escolheu? Foi o senhor Cray?

Howard Cray era o gerente do banco onde Melody trabalhava. Brooke nunca tinha gostado dele; ele era um homem frio e sempre parecia estar olhando para baixo a partir do nariz adunco para ela. Ela estava feliz usando a cooperativa de crédito.

— Sim, ele frequentou o curso e achou que seria útil para mim.

— Ah! E o senhor Cray vai a muitos cursos?

— Algumas vezes por ano. E há reuniões sobre planejamento financeiro, reuniões de gestão, e assim por diante. Ele vai para Vancouver frequentemente. Cara de sorte!

Hummm. Um homem respeitável que fazia muitas viagens de negócios.

— Eu imagino que Margaret e seu filho devem aproveitar essas viagens — sondou.

— Ah, eles não costumam ir. Margaret está focada na própria carreira. Acho que ele... — a moça parou de falar, então acenou para Brooke chegar mais perto para sussurrar. — Eles não são muito próximos. Vivem vidas muito distintas, quero dizer, ambos estão muito focados na própria carreira — e acrescentou em voz alta. — Não que haja algo de errado com isso.

— Nem um pouco — Brooke separou alguns fios de cabelo, espalhou-os em um pedaço de papel alumínio e passou a tintura.

— Eu só acho que não é justo você se casar e ter filhos, se vai ficar obcecado com o seu trabalho.

— Concordo, mas o filho dos Cray é um adolescente, certo? Ele provavelmente não quer que seus pais fiquem interferindo em sua vida. Além disso, tenho a impressão de que eles são muito generosos com ele.

O rapaz sempre estava vestido com roupas da moda e tinha os últimos aparelhos eletrônicos, e os pais lhe tinham dado um carrão quando ele fez dezesseis anos.

— Nem me fale... Mas acho que você tem razão, que eles não estão sendo maus pais. Margaret não tirou sua licença de corretora de imóveis até que Anthony entrou no ensino fundamental. Antes disso, ela ficava em casa com ele.

— Eles vivem em uma casa muito legal, não é? Acho que foi ela quem conseguiu para eles, não foi?

— Sim, faz alguns anos. É absolutamente fabuloso. Poderia estar no *Architectural Digest*. Os Cray convidam suas equipes a cada Natal.

— Muito generoso.

A garota fungou.

— É nada, é esnobismo. Eles só querem mostrar a mobília, a casa, as obras de arte. Além disso, acho que é política do banco que o gerente socialize com a equipe, por isso o Howard pede a Margaret que organize um serviço completo na festa.

— Deve ser bom ser rico — Brooke murmurou.

— Um dia eu vou ter um lugar muito legal para mim mesma — afirmou Melody, confiante. — Mas não vai ser uma casa qualquer no interior.

— Não?

— Claro que não. Será uma cobertura na cidade. É nisso que eu me concentrei. Chega desse cheiro de merda de vaca e de cavalo. Chega de galos cantando antes do amanhecer. Não quero mais ficar matando mosquitos e tirando a neve da porta de entrada...

Brooke sorriu.

— Parece meu filho falando quando era adolescente.

— É, mas ele acabou voltando. Você não vai me ver fazendo isso.

A campainha da porta tocou e ambas voltaram a cabeça para olhar.

Era Jake. Ou melhor, era Arnold Pitt, com a gravata perfeitamente atada e a luz refletindo em seus óculos.

Brooke limpou as mãos em uma toalha e deu um passo em direção a ele, mas Kate chegou lá primeiro. Ela estava dizendo:

— Posso ajudá-lo?

E Brooke interrompeu:

— Arnold? É você?

Ele virou-se para ela.

— Brooke? Prima Brooke? — então ele pegou-lhe as mãos. — Eu a reconheceria em qualquer lugar. Os mesmos cabelos lindos e sedosos.

Ela apertou suas mãos, e então ambos soltaram. Brooke tocou seu cabelo conscientemente.

— Ele tem alguma ajuda ultimamente.

— Você trabalha no lugar certo para isso.

Kate limpou a garganta e ele se virou para ela, que lhe estendeu a mão:

— Sou Kate Patterson, amiga e colega de trabalho de Brooke. Ela está muito animada sobre você ter vindo para uma visita, Arnold.

O homem a cumprimentou.

— Eu também tenho estado animado com a ideia. E Brooke era minha parente favorita quando éramos crianças.

— Ela diz que você é um contador em Vancouver?

Brooke não podia deixar Melody com metade do cabelo feito, então ela se afastou, deixando Jake se virar com as perguntas de Kate.

— Quem é esse? — Melody assobiou.

— Um primo meu. Ele mora em Vancouver, mas está pensando em se mudar para cá.

— Ele é louco.

Brooke viu Melody observando Jake no espelho.

— Ele ainda não se decidiu — disse ela à cliente. — Seria uma grande mudança.

— Ele é um bonitão desses de cidade grande, não é? Quase consigo ver esse cara andando na Georgia Street com sua pasta e o smartphone. Indo para um almoço importante com um cliente.

— Imagino... Mas Evan era desse jeito quando estava em Manhattan, e veja só como ele se adaptou bem a Caribou Crossing. Ele está se sentindo mais em casa com um chapéu de caubói do que usando uma gravata.

Ela terminou e deu um tapinha no ombro de Melody.

— Vou colocar o temporizador para quinze minutos, daí venho ver você. Gostaria de outra revista? Uma xícara de café ou chá?

— Eu adoraria um café, obrigada. Preto.

Brooke levou para ela, em seguida, voltou para Kate e Jake.

— Desculpe-me, mas eu estava no meio de um trabalho de acertar a cor. Melody é uma das gerentes mais promissoras em um de nossos bancos locais.

Jake inclinou a cabeça.

— A imagem é importante. Isso é realmente o que você faz, não? É mais do que apenas cortar o cabelo ou acertar a cor, é um visual. Um que eles escolhem para expressar sua personalidade. Ou para esconder sua verdadeira personalidade, eu suponho.

Brooke quase riu. Como um policial disfarçado, ele sabia tanto sobre a criação de uma imagem quanto ela própria.

— Exatamente — Kate concordou. — Por exemplo, eu posso dizer, só de olhar, que você não é de Caribou Crossing. Esse corte de cabelo é ótimo, mas urbano. Se você decidir se mudar para cá, terá de pedir a Brooke para remodelar seu cabelo para algo um pouco mais casual. Caso contrário, as pessoas podem hesitar em se aproximar de você.

— Exceto Melody — disse Brooke secamente. — Ela já está decidida que você é um bonitão da cidade grande, e é isso exatamente o que a agrada.

— Deus do céu, prima, você está querendo me arranjar uma namorada?

As duas mulheres riram e Brooke ficou maravilhada como Jake conseguiu transmitir um personagem completamente diferente do que ele era. Não estava demasiadamente certinho, só mais formal e menos macho do que o seu verdadeiro eu, e isso fez uma diferença enorme.

— Arnold, esbocei um mapa para mostrar para você como chegar de carro até a minha casa — Brooke procurou no bolso de seu avental e puxou um pedaço de papel dobrado. — Dê uma olhada e veja se está claro.

Ela se virou, tentada a escrever para ele um recado sexy e bobinho, mas tinha imaginado que a curiosa Kate poderia querer dar uma espiada no mapa, que é o que ela estava fazendo agora ao esticar o pescoço.

— Está excelente — disse ele — mas não precisava ter tido esse trabalho. Meu carro tem GPs, e meu smartphone também. Os contadores não gostam de se perder.

As duas mulheres riram e, em seguida, Brooke entregou a chave reserva.

— Sinta-se em casa.

— Obrigado — disse Jake. — Agora, vou deixar você trabalhar, senão vai começar a arrancar os cabelos... Com o perdão da expressão.

Ele olhou para Brooke e, por um segundo, ela viu o verdadeiro Jake atrás dos óculos de Arnold. Ele queria tocá-la. Ela sabia disso. Contudo não o fez, considerando que isso estaria fora do personagem.

Brooke lhe deu um sorriso rápido e se inclinou para a frente para agarrar seus ombros e plantar um beijo em sua bochecha.

— É tão bom tê-lo aqui, Arnold.

— Ah! Bem, obrigado, Brooke. É bom estar aqui. Bom vê-la novamente.

Ele conseguiu parecer ao mesmo tempo satisfeito e aturdido, uma reação perfeita para Arnold.

Quando ele foi embora, Kate disse:

— Que moço simpático. Ele mudou muito desde que era criança?

— Bem, Arnold era um garoto viciado em computador, e agora ele tem mais equilíbrio e polidez. Os óculos são novos, mas eu acho que ficar processando números o dia todo deve ser difícil para os olhos. Quanto à personalidade, é difícil dizer ainda. Ele era um garoto doce, então espero que tenha se transformado num bom homem.

— Ele vai ficar no fim de semana?

— Esse é o plano. A não ser que a gente venha a assustá-lo demais.



Jake realmente não esperava que eles fizessem sexo quando Brooke chegasse em casa do trabalho, por isso ele tentou não se decepcionar quando ela se apressou em dizer:

— Desculpe-me, estou atrasada, vou ficar pronta em cinco minutos.

Ele teve a sensação de que aquele não seria o momento ideal para se juntar a ela no banho. Ainda assim, ele se viu terrivelmente tentado quando a água começou a correr.

Ela foi quase fiel à sua palavra. Não demorou mais do que dez minutos quando ela desceu as escadas, vestida em um jeans apertado e uma blusa azul esverdeada que deixou seus olhos marcantes ainda mais intensos. Quando Brooke se esticou para dar um beijo rápido nos lábios de Jake, ele sentiu o cheiro de creme dental mentolado. E não conseguiu resistir a puxá-la para mais perto para um longo abraço.

— Você conseguiu os preservativos? — sussurrou ela, com a respiração fazendo cócegas sedutoramente em sua orelha.

— Tenho minhas prioridades.

Agora já completavam doze horas desde a última vez que Jake a tinha visto nua, e ele não sabia como suportaria aquela noite...

Brooke correu até a cozinha para buscar o bolo com cobertura de chocolate e menta que tinha tirado do congelador naquela manhã.

Ele a seguiu.

— Qual é a distância da casa de Jessica e Evan daqui?

— Apenas cinco minutos de carro.

— Vamos trocar algumas ideias antes de ir. Temos tempo para isso?

Ela verificou o relógio de pássaros na parede da cozinha.

— Dez minutos. Eu não gosto de chegar atrasada, mas estou curiosa. Será que Jamal tinha alguma informação nova? Eu gosto dele, por sinal.

— Ele gosta de você também. Vamos ver. Aquela loja, “Presentes Caribou”, foi realmente assaltada.

— É, Kate me contou.

— Se alguém estava à procura de uma razão para fazer perguntas sobre um cara em uma moto, fingir esse assalto lhe deu a cobertura que ele queria. Jamal não conseguiu encontrar nada contra o proprietário da loja, Patel. O que você sabe sobre ele?

— A família veio da Índia, ele cresceu por aqui, e é casado com uma mulher que conheceu na Índia, numa visita aos parentes. Acho que foi um casamento arranjado, mas parece que tem funcionado bem. Eles têm três filhos. Vijay me parece um cara legal, educado, mas um pouco agressivo. Um típico vendedor. A loja é agradável; a família é legal. Não consigo ver a possibilidade de que esse homem possa ser um criminoso.

— E sabe se ele viaja sempre para fora da cidade, para fazer compras para o estoque ou coisa assim?

Ela balançou a cabeça, negando.

— A família vai para a Índia a cada dois anos para visitar parentes. E Vijay tem um irmão que é médico, em Vancouver, a quem visita uma ou duas vezes por ano. Eu não posso imaginá-lo esgueirando-se da família e indo fazer uma visita a uma prostituta, fazendo tráfico de drogas — suspirou. — Mas essa é a questão, não é? O assassino não é a pessoa mais provável.

Então Brooke disse:

— Sua informante, a Sapphire, não disse nada sobre a nacionalidade do bandidão?

— Não, Anika não lhe deu nenhuma descrição física. Se você tivesse de apontar o cara mais provável, quem seria ele?

— Hummm... O sargento Miller é um valentão sexista que se acha o tal. Tenho quase certeza de que Randy Sorokin, o presidente da câmara de Comércio, bate na esposa. Depois de viver com Mo, reconheço os sinais. No entanto, mesmo que ele bata na esposa e Miller seja um porco sexista, existe um longo caminho daí até ser um traficante de drogas e andar com prostitutas — Brooke fez uma pausa.

— Sim? — perguntou Jake.

— Tem aquele Howard Cray, o gerente do Banco Nacional. Seu olhar me assusta. Ele sorri, mas os olhos estão sempre gelados — e Brooke lhe contou sobre a conversa que teve com Melody, que era umas funcionárias de Cray.

— Viagens para Vancouver — disse Jake pensativo —, principalmente sozinho. Gasta dinheiro a rodo. O gerente de um banco em Caribou Crossing não ganha tanto dinheiro a ponto de comprar uma casa dessas que saem em revistas. E você diz que ele e sua esposa e filho, todos têm BMWs?

Ela assentiu.

— A esposa vende imóveis e talvez ela ganhe muito dinheiro, mas a economia está retraída nos últimos anos e os valores das propriedades andam baixos.

— Bem, pode ser que um dos dois tenha herdado dinheiro — refletiu Jake. — Vou falar com Jamal e ver o que ele pode descobrir. Cray pode ser uma boa pista, Brooke. E será lógico se Arnold procurar o gerente do banco para conversar uma vez que está pensando em montar um negócio. Que tal Miller e Sorokin? Você sabe se eles costumam viajar muito para fora da cidade?

— Não, não sei.

— Eles vivem acima das suas possibilidades?

— Não. Os Sorokin parecem... Gente normal, vistos de fora — a voz de Brooke deu um pequeno tremor.

As mãos de Jake ficaram tensas, querendo se fechar em punhos. Ele odiava os homens que batiam em mulheres, e especialmente odiava a ideia de que alguém tivesse feito isso com Brooke.

— Miller é um jeca — ela continuou a falar. — Passa muito tempo no bar assistindo programas esportivos, bebendo, jogando sinuca, saindo com os caras. Ele tem uma casa em estilo rancheiro, uma esposa que não trabalha fora, um filho de uns doze anos e uma menina alguns anos mais nova. O filho é grande para sua idade, bom em esportes, mas um valentão como o pai. A filha é um pouco mais estilo princesa. Roupas bonitas, aulas de dança.

— Nada muito suspeito por lá.

— Acho que não — ela disse com relutância. — Mas eu realmente não gosto daquele homem.

Jake reprimiu um sorriso. Se a Polícia Montada agisse de acordo com a intuição feminina, Miller era, obviamente, o seu homem. Se fosse assim fácil...

— O que ele bebe?

— Eu sempre o vi com cerveja. Mas bebe coisas mais fortes, também, só não sei exatamente o quê — Brooke fez um gesto na direção do relógio e pegou o bolo. — Vamos no seu carro.

Uma vez no carro, Brooke equilibrou o prato do bolo em seu colo. Que pena. Jake teria gostado de colocar sua mão ali. Bem dentro da parte interna daquelas coxas. Ele virou o carro na direção que ela indicou.

— Você disse que eles vivem perto?

— Nós todos vivemos no Bly Ranch.

— Ah, é? Isso me parece perigosamente perto.

— Bem, de modo surpreendente tem funcionado bem. Wade, o pai de Jessica, teve um acidente vascular cerebral há um tempo. Jessica e Robin se mudaram para ajudar com as coisas, e Wade e Miriam acrescentaram Jess como proprietária do rancho. Quando ela se casou com Evan, acrescentaram-no também, e ele passou a lidar com as finanças. Agora todos eles alocaram uma parte do rancho para a casa onde vivem Jess e

Evan e onde está situado o seu Riders Boot Camp. Evan ganhou dinheiro com alguns investimentos e eles construíram sua casa no ano passado.

— E a sua casa fica no rancho Bly também?

— Eu vivia numa casa alugada, caindo aos pedaços na cidade e essa casa dos Bly estava vazia. Eles me fizeram a oferta e me convenceram de que não era caridade, então eu me mudei para cá. Amo estar aqui no interior, é muito calmo e tranquilo — ela deu uma gargalhada. — Ou era, até o cara da Harley aparecer. De qualquer forma, porém, eu adoro estar perto da família. Robin me ensinou a andar a cavalo e nós saímos algumas vezes por semana. E além disso, sou sócia nesse novo negócio de Jess...

— Sócia em um novo negócio? Isso parece um pouco arriscado. — e Brooke lhe dissera que ela era avessa a riscos. — É o tal Riders Boot Camp que você mencionou?

— Sim. E o dinheiro que investi é o dinheiro que Evan me enviou ao longo dos anos.

— Por que você não o usou?

— Eu não podia. Não parecia certo. Então eu o guardei, com a ideia — que parecia louca na época — de que talvez um dia Evan pudesse vir a precisar de minha ajuda. Como se viu, Jess tinha esse sonho de abrir esse negócio e precisava de investidores, ou doadores, na verdade, porque o campo foi estruturado como uma fundação de caridade. Parecia um uso perfeito para o dinheiro.

— Verdade — quanto mais ele conhecia Brooke, mais ele a respeitava e gostava dela. — Uma fundação de caridade? Como funciona isso?

— Basicamente, aqueles que podem pagar participam. E as pessoas que não têm esses meios, mas que poderiam de fato se beneficiar e não podem pagar, ganham bolsas. Os fundos de investimento dos doadores bancam o funcionamento central do negócio e os doadores conseguem deduções fiscais e privilégios no acampamento. Evan trabalhou em todos esses detalhes. Ele é um gênio em coisas desse tipo.

— Diz a mãe orgulhosa.

Jake estava curioso para conhecer essa família. Ainda lhe parecia difícil acreditar que Brooke tinha um filho crescido e que estava casado, a mulher tinha uma filha e um bebê a caminho.

Ela riu.

— Eu certamente sou coruja. Você não pode imaginar como é bom sentir que o tenho em minha vida, e logo ao lado de casa. Por falar nisso... — ela fez um gesto em direção a duas placas de madeira que marcavam uma estrada à direita.

Um sinal, desgastado pelo tempo, dizia “Bly Ranch” e o outro, recentemente colocado, avisava “Riders Boot Camp” e mostrava o logotipo de duas botas de caubói encostadas uma na outra.

— O logotipo foi ideia de Robin — disse Brooke, orgulhosa. Em seguida, com preocupação em sua voz, ela continuou: — Eles são muito boas pessoas. Eu odeio

enganá-los. Particularmente Evan, porque menti tanto quando ele era criança. Não podemos dizer-lhes a verdade?

— Eu sinto muito. Não é uma questão de confiança, Brooke; é pela própria segurança deles. É fácil deixar escapar alguma coisa. Já é ruim o suficiente você estar assumindo o risco, mas eu vou cuidar de você. Não podemos colocar em risco os membros de sua família também.

— Não, claro que não — ela disse rapidamente.

A estrada estreita era ladeada por cercas e o gado, com um bom número de bezerros, pastava em ambos os lados da estrada. Logo adiante, viam-se algumas construções. Uma casa de fazenda à moda antiga com flores no jardim, um celeiro, dependências mais adiante, tudo antigo, mas em bom estado. Outro sinal “Bly Ranch”, este mais novo.

— Mantenha-se na estrada principal — disse Brooke, a excitação iluminando a voz. — O campo é logo ali. É tudo novo desde o verão passado. É incrível a rapidez com que tudo aconteceu, mas Jessica queria iniciar as operações ainda neste ano.

Agora Jake viu cavalos em vez de gado, em seguida, outra placa do campo. Brooke apontou os vários edifícios: um estábulo e um cercado circular, um alojamento rústico, um punhado de pequenos chalés de madeira para casais e famílias e um barracão para grupos de crianças e adultos solteiros.

— É sem frescuras, não é um resort — ela lembrou a Jake. — Aqui tudo é orientado apenas para os cavalos e para aprender a cavalgar.

Assim como as placas, tudo parecia novo e um pouco cru demais, mas ele se admirou com a forma como as construções tinham sido feitas entre as árvores.

— Uma boa configuração — comentou ele.

Ela concordou com a cabeça e dirigiu-lhe um pouco mais para longe. Depois, apontou dizendo:

— Lá. A casa de Jess e Evan.

Essa casa, também, parecia nova em folha, mas Jake podia ver como seria atraente e aconchegante assim que a madeira envelhecesse. O paisagismo era mínimo, e ele apostava que Brooke estava com as mãos coçando para mexer no jardim.

— Ah, meu Deus — disse ela, sem fôlego —, agora a ficha caiu mesmo, sobre o que estamos fazendo.

Ele estacionou na frente da casa e virou-se para ela. A testa de Brooke estava vincada de ansiedade. Ele teria beijado aquelas marcas se não tivesse medo de que alguém pudesse espiar para fora por uma das enormes janelas frontais. Em vez disso, preferiu tocar a mão dela por alguns instantes.

— Vai ficar tudo bem. Lembre-se, eu sou Arnold. Nenhum de nós pode se esquecer disso. Mas você e eu somos da mesma família, por isso não tem de ser tudo muito formal um com o outro.

Quando ela estendeu a mão para a maçaneta da porta, ele disse:

— Espere por mim. Eu sou um cavalheiro.

Jake deslizou para fora do carro e parou por um momento para ajustar sua gravata e desamassar o paletó. Então, deu a volta no carro, tomando cuidado para mover-se como um homem sem ferimentos, e abriu a porta do passageiro. Ele pegou o bolo de Brooke, equilibrando o prato em uma mão, e estendeu o braço para ajudá-la.

— Eu sou sua prima, não sua avó velhinha — assobiou Brooke entre os dentes.

Ele sufocou uma risada.

— Você é uma dama.

Ela saiu do carro tão rapidamente e com tanta agilidade que Jake teve de dar um passo para trás. Então Brooke pegou o bolo dele e marcharam ambos para a porta da frente.

— Bata levemente algumas vezes — ela instruiu —, e depois abra a porta. Vai estar destrancada.

Ele obedeceu, então se afastou para deixá-la entrar primeiro.

Brooke disse “Olá”, enquanto Jake olhava em volta, avaliando a sala de estar agradável e esparsamente mobiliada. Assoalho de madeira com tapetes espalhados, pinturas e fotos de cavalos em todas as paredes, uma escada de madeira que levava até o segundo andar. Essa sala contou uma história bem diferente da sala principal da casa de Brooke. Ela era uma pessoa caseira que tinha construído para si mesma um ninho aconchegante; a família do filho dela estava muito ocupada para se importar com o que a cercava.

— Vó!

Uma voz jovem gritou lá de cima. Uma menina correu escada abaixo, aparentemente preparada para se lançar diretamente para Brooke.

Jake resgatou o bolo em cima da hora, tentando não estremecer com o movimento súbito que fez seus ferimentos quase cicatrizados doerem.

— Robin! — e Brooke abraçou com força a menina.

Sim, ela realmente era uma avó. Quando as duas se afastaram, Jake pôde dar uma boa olhada em Robin. Brooke dissera que a menina tinha onze anos, mas ele teria dado a ela um ou dois anos a mais. Brooke tinha quase um metro e setenta, e Robin, magra e elegante, já batia em seus ombros. Ela ia acabar mais alta do que a avó, Jake apostaria de bom grado.

E ia ser tão bonita quanto, provavelmente. Ela já estava mostrando os sinais, com os mesmos traços, um cabelo castanho brilhante preso em um rabo de cavalo, e expressão de vivo interesse.

— Você deve ser o senhor Pitt — ela disse.

— Me chame de Arnold.

Ele colocou o bolo sobre um aparador perto da porta e estendeu a mão.

Ela estendeu a dela e sacudiu com firmeza.

— E você é a Robin.

— E nós somos uma espécie de parentes, mas mamãe, Evan e eu não conseguimos descobrir exatamente como chamar você.

— Bem, eu sou o primo de sua avó. Filho do irmão do pai dela. Por isso, a gente pode deixar as coisas mais fáceis e apenas dizer que somos primos também? Primos pelo casamento, eu suponho.

— É isso mesmo, porque Evan é meu padrasto.

— Eu ouvi o meu nome?

Uma voz masculina perguntou, e Jake virou-se para ver um homem entrar na sala de estar.

O filho de Brooke. Um verdadeiro homem adulto, com mais ou menos a mesma altura que ela e sua compleição física. Evan olhou para ele com uma expressão amigável e curiosa, mas antes de cumprimentá-lo, Evan abraçou Brooke.

— Oi, mãe. Que bom que você está se sentindo melhor.

Os olhos de Brooke se iluminaram, dizendo a Jake que ela não recebia os abraços do filho com desatenção.

Ela o abraçou de volta, quase ferozmente.

— O futuro papai. Ah, Evan, estou tão feliz por você — ela o soltou e virou-se para Robin. — Por todos nós. Puxa, Robin, você vai ter um irmãozinho ou uma irmãzinha.

— Sim, vai ser muito divertido!

— E uma grande responsabilidade também — disse Brooke, lançando um rápido olhar de desculpas na direção de Evan, um reconhecimento pelas próprias falhas.

Ele respondeu com uma expressão triste e um encolher de ombros que parecia dizer “O que está feito está feito. Vamos seguir em frente”. Talvez sentindo que sua mãe precisava de tranquilidade, ele disse:

— Que bom que você se sente dessa forma, mãe, porque estamos contando com você para ajudar a cuidar dela ou dele.

Brooke engoliu em seco.

— A qualquer hora. Absolutamente a qualquer momento.

Observando os dois, Jake pensou no que eles tinham passado, e ainda estavam passando. Anos durante os quais Brooke estava doente e não sabia disso, e tinha abusado de Evan emocionalmente, embora não fisicamente. Sua reconciliação final. A integração de Brooke na nova família de Evan.

E agora, um ciclo que ia recomeçar. Um bebê. Jake teria apostado sua moto que Brooke seria a mais perfeita e confiável avó que qualquer bebê poderia esperar. Ele também tinha a máxima certeza de que Evan sabia disso. Contudo, como o pobre rapaz deve ter desejado que sua mãe estivesse ao seu lado, da forma como estaria ao lado de seus filhos.

Evan estendeu a mão.

— Eu sou Evan Kincaid. Bem-vindo à nossa casa.

— Eu aprecio sua hospitalidade. Sou Arnold Pitt.

Porra! A falta de vontade de Brooke de mentir era contagiante. Jake se viu detestando enganar aquele homem.

— Onde está Jessica? — perguntou Brooke. — E como ela está se sentindo?

— Ela está no sétimo céu. Sem enjoos ainda e...

Ele parou de falar quando uma porta se abriu em algum lugar da casa, em seguida, bateu novamente.

— Ela teve de correr até Boots para verificar um novo castrado.

Boots, Jake concluiu, devia ser a abreviatura do nome do lugar, Riders Boot Camp.

— É o novo cavalo que o encantador de cavalos mandou — disse Robin animadamente. — Ele é uma beleza.

— Encantador de Cavalos? — perguntou Jake.

— Um homem chamado Ty Ronan — explicou Brooke. — Ele fica lá embaixo, em Fraser Valley, e ele cura cavalos que sofreram violência física e emocional. Jessica pega alguns deles para treinar e usar em seu acampamento.

Assim, o campo era uma instituição de caridade, não só para seres humanos desfavorecidos, mas para cavalos também. Cara, ele gostava daquelas pessoas.

Uma jovem em jeans e botas de caubói correu para a sala.

— Desculpe-me pelo atraso.

Ela era Robin, na forma adulta. Adicione algumas curvas, uma beleza mais madura; mas era o mesmo rabo de cavalo, o mesmo sorriso.

Ela abraçou Brooke.

— Vovó pela segunda vez. Dá para acreditar nisso?

Bem, ninguém por aqui o estava deixando esquecer que Brooke era mais velha do que ele, e tinha todo aquele emaranhado de ligações familiares. Graças a Deus, o relacionamento deles era temporário, ou ele poderia estar tendo reservas.

Em que ele estava pensando? É claro que ele estaria tendo reservas, e a idade dela e sua família seriam as menores delas. A expressão “relacionamento de longo prazo” não estava em seu vocabulário.

Ele, no entanto, queria seriamente apertar o bumbum bonito de Brooke. Ela estava dando abraços em todo mundo menos nele, e Jake estava se sentindo de fora.

Jessica o recebeu com um caloroso aperto de mão.

— Isso é o máximo, Arnold. Você é a primeira pessoa da família de Brooke que nós conhecemos. Você vai ter de nos dizer tudo sobre como ela era quando menina.

Ele riu.

— Eu tenho algumas histórias.

Brooke deu-lhe um soco no braço.

— Tenho mais histórias sobre você.

— Isso soa como uma ameaça, prima. Você sempre foi boa em ameaças. Será que eles lhe ensinaram isso na escola de babás?

Depois que todos tinham compartilhado uma risada, Jessica disse:

— Arnold, receio que nós não sejamos exatamente chefes de cozinha por aqui.

Temos bifes marinados para jogar na grelha. Você come carne, não é?

— Está ótimo, obrigado.

— Vamos comer no pátio lá nos fundos — e Jessica deu um sorriso. — O ar aqui é o melhor que você já respirou, e os mosquitos geralmente não saem até depois do anoitecer.

— Mentirosa — Evan brincou.

Ele os levou por uma cozinha grande e bem equipada e para um pátio com uma mesa de jantar em madeira de ripas e cadeiras com poltronas estofadas.

— Agora, o que posso pegar para você beber, Arnold?

Jake hesitou. Qual seria a coisa socialmente correta de fazer, dado o alcoolismo de Brooke? Talvez Evan reconhecesse seu dilema, porque disse:

— Eu vou tomar uma taça de vinho. É um *gamay noir* do Grey Monk em Okanagan.

— Obrigado. Eu gostaria muito.

Vinho não era sua bebida, mas Jake imaginou que combinaria com Arnold.

Evan serviu vinho para os dois e suco de frutas com *club soda* para as três mulheres. Robin informou que as batatas cozidas no forno ainda levariam mais dez minutos. Evan acendeu a churrasqueira, e Jess trouxe uma tigela com bifes marinados da cozinha.

Quando Jess se sentou, Evan ficou atrás dela, com as mãos apoiadas em seus ombros.

— Então, Arnold, a mãe disse que você está pensando em sair da cidade. Ela lhe contou que recentemente fez a mesma coisa?

— Sim, depois que você trabalhou em Nova York por muitos anos. Deve ter sido uma grande mudança.

— Sim, mas, definitivamente vale a pena — e inclinou-se para soltar um beijo no topo da cabeça de Jessica.

— Brooke disse que você criou seu escritório de assessoria financeira aqui. Tem sido difícil ou a cidade foi receptiva?

— É uma cidade amigável. Conservadora, mas de uma forma positiva. O ritmo de vida mais lento é uma coisa que levou algum tempo para me acostumar, mas é ótimo. É muito, muito mais saudável.

— Posso entender isso. E lá em Vancouver, a taxa de criminalidade é preocupante, como é o caso na maioria das grandes cidades.

— Caribou Crossing não é exatamente uma cidade sem crimes — Brooke pegou a dica de forma perceptível. — Mas nossos crimes tendem a ser dos menores. Como vandalismo, da parte de jovens entediados e infelizes — ela olhou para Evan. — Você ouviu que a Presentes de Caribou foi arrombada?

— Ouvi. Parece que não levaram muita coisa. Vijay tinha um sistema de alarme, por isso, quando o ladrão arrombou a porta ele foi acionado. O cara quebrou uma vitrine, pegou algumas peças de joias e fugiu antes que a polícia chegasse.

— Um desses adolescentes entediados? — perguntou Jake.

— Provavelmente, sim.

— E quanto a drogas? Isso é um grande problema em Vancouver.

— Não aqui — disse Jessica. — É uma comunidade muito limpa.

— Só que não — contribuiu Robin, e todas as cabeças se viraram para ela.



A GAROTA REVIROU os olhos acima da borda do copo.

— As pessoas usam drogas aqui. Mesmo na minha escola. Não somos todos tão bonzinhos assim...

— Do que diabos você está falando? — a mãe dela perguntou, a voz estridente. Evan, também, ficou boquiaberto com a menina.

— Quer dizer que há alunos na sua escola que usam drogas? Ela deu de ombros e colocou o copo na mesa.

— Bem, você sabe, eles são desse tipo.

— De que tipo? — perguntou a mãe.

— Você sabe — repetiu Robin. — Como vovó disse, o cara é entediado e infeliz. Irmãos e irmãs mais velhos usam drogas e eles acham legal.

— Legal?

Evan parecia chocado.

A menina deu de ombros novamente.

— Eu não, eu não acho isso. É como fumar, certo? É simplesmente estúpido, eles estão se matando, mas essa molecada não vê assim. Ou então, não se importam — Robin virou-se para Arnold. — Oops. Você não fuma, não é?

— Você acha que eu confessaria agora, se fumasse? — brincou.

Ele não tinha percebido que a especialista em drogas no meio daquele povo seria a menina de onze anos, mas agora que tinha conseguido fazer Robin entrar no assunto, imaginou que poderia muito bem sondar um pouco mais.

— Onde eles conseguem as drogas?

— E você acha que eles me contariam? Acho que eles devem conseguir com os irmãos e as irmãs, ou com os amigos dos irmãos e das irmãs.

— Então não há traficantes rondando nas escolas? — perguntou Jessica ansiosamente.

— Eu não sei. Ninguém nunca tentou me vender drogas.

— E a polícia aqui, faz alguma coisa sobre essas crianças que usam drogas?

— perguntou Jake.

— Eles têm uma política de não tolerância — disse Jess.

Robin deu um suspiro muito adulto.

— Os policiais são tão idiotas. Uma ou duas vezes por ano o pessoal de Williams Lake vem na escola com cães. Cães farejadores de drogas.

— Isso não parece idiota — disse Jessica.

— Os drogados sempre sabem antes do tempo. Os policiais quase nunca pegam ninguém, e se o fazem é algum idiota que tentou usar a droga pela primeira vez, não é um dos viciados de verdade.

Jessica saltou, de repente.

— Aproveitando a deixa, vou ver a salada e Evan, é melhor começar a grelhar os bifos. Antes que Robin assuste Arnold a ponto de ele desistir de se mudar para Caribou Crossing.

Obedientemente, Evan transferiu os bifos marinados para a churrasqueira. E disse a Jake:

— Nossas refeições são assim meio simples porque somos todos tão ocupados, mas nós descobrimos que o importante é que temos a oportunidade de sentar e conversar.

Jake se lembrou dos “jantares de família”, com seus pais, onde eles o apertavam para saber como tinha ido na escola, mas não queriam saber nada sobre ele. Nada sobre seus interesses, seus sonhos. Ele tinha certeza de que os jantares na casa dos Kincaid eram muito diferentes.

Ele tomou um gole de vinho e tentou imaginar-se no lugar de Evan. Voltando para casa do trabalho, colocando a mesa junto com a esposa e a filha, em seguida, sentando-se para comer e falando sobre como tinha sido seu dia. Ele sufocou um suspiro. O que ele diria?

— Hoje só vi duas dúzias de viciados tomando picada. Entrevistei a namorada de um membro de gangue que tem apanhado muito de seu homem e ela gostaria de falar, mas está apavorada que ele vai matá-la.

Virou-se para Robin.

— A prima Brooke me disse que você a ensinou a andar a cavalo.

O rosto da menina se iluminou. Tinha grandes olhos castanhos, assim como sua mãe. Os olhos de Evan, ele havia notado, eram azuis-esverdeados, como os de Brooke. E Jake se perguntou como seriam os olhos do bebê de Evan e Jess.

E então o pensamento o atingiu. Acreditava-se que o transtorno bipolar teria um componente genético. Evan não sofria disso, mas ele poderia levar o gene? Ele e Jessica iam ter um bebê. Eles corriam o risco de que o bebê pudesse sofrer desse transtorno? Enquanto tentava se concentrar no que Robin estava dizendo, Jake se viu esperando que tudo corresse bem para aquela família.

Logo, o jantar simples estava servido e todos começaram a comer. A comida era abundante e deliciosa.

Enquanto comiam, Jake ouviu a história de como Evan e Jessica, amigos de infância, tinham redescoberto um ao outro no ano anterior, quando Evan se hospedara no hotel Crazy Horse, onde Jessica estava trabalhando como chefe dos vaqueiros do lugar.

E também ficou sabendo sobre os pais de Jessica e o pai de Robin, que acabou sendo Dave Cousins, o cidadão íntegro, dono do Wild Rose Inn e presidente do Comitê do Patrimônio.

O assunto voltou-se então para o Riders Boot Camp de Jessica, onde os amantes de cavalos não só teriam aulas de equitação no estilo do Oeste, mas também sobre como cuidar dos cavalos e se comunicar com eles. Do jeito que Jessica falava, era óbvio que sua paixão por cavalos era profunda e permanente.

— Brooke me falou sobre o aspecto de caridade de seu negócio — disse Jake. — Isso é admirável.

Com olhos brilhantes, Jess disse:

— Há tantas pessoas desfavorecidas que poderiam facilmente tomar o caminho errado. Nós vamos ajudá-las a desenvolver a confiança, a competência física e um senso de responsabilidade. E aprender a cuidar de um cavalo e se relacionar com ele também poderá ajudar com as relações humanas.

Se adolescentes como Anika e Sapphire, ou um jovem como ele mesmo, tivessem ido a um lugar assim, isso poderia ter mudado a vida deles.

— Estou impressionado — disse a ela.

— Nós poderíamos ter um bom contador que estivesse disposto a trabalhar como voluntário — respondeu prontamente, e todos riram.

— Falando sério — continuou Jessica — eu adoraria levar você a conhecer nosso acampamento, se você tiver tempo um dia.

— E eu vou levá-lo para andar a cavalo! — exclamou Robin. — E se você não souber, vovó e eu lhe ensinamos.

— Hummm — disse Jake em dúvida. — Essa é uma boa oferta, mas os cavalos são um pouco fora do meu alcance.

— É difícil viver em Caribou Crossing e evitar cavalos — Evan disse ironicamente.

Depois que o bolo com cobertura de chocolate e menta de Brooke tinha sido consumido com prazer, Robin disse:

— Eu tenho de ir fazer a lição de casa. Prazer em conhecê-lo, Arnold. E eu espero que você decida se mudar para cá.

— Obrigado, Robin. Foi um prazer conhecê-la também.

— Qual é o seu dever de casa hoje à noite? — perguntou Brooke.

— Eu tenho de terminar a história que venho escrevendo. A única coisa é que não tenho certeza se deve ter um final feliz. Talvez isso seja... Sei lá, fácil demais? — e inclinou a cabeça. — O que você acha, vó? Você acredita em finais felizes?

Brooke inclinou a cabeça de forma idêntica.

— Sim, mas eu não acho que eles deveriam vir com muita facilidade. Um final feliz significa mais se a pessoa tem de trabalhar para isso — ela deu à menina um abraço. — Você é o meu final feliz, Robin. Você e Evan e sua mãe, e o novo bebê.

Robin sorriu.

— Obrigada. Ah, e não se esqueça do primo Arnold. Se ele se mudar para cá, isso seria outro final feliz, não é?

Brooke olhou para ele.

— Sim, acho que sim.

— Lição de casa significa lição de casa — disse Evan. — Mãos à obra, mocinha. E nenhum e-mail ou mensagens de texto até que você tenha terminado.

— Ah, Evan, você é tão mau comigo.

No entanto, Robin disse isso de maneira provocativa e torceu o nariz depois.

O padrasto estendeu a mão para apertar seu ombro quando ela passou por sua cadeira e ela deu um beijo no topo de sua cabeça. Os dois sorriram um para o outro e Jake pensou: *Ela tem o sorriso do pai*, antes de se lembrar de que Dave Cousins, não Evan, era o pai biológico da menina.

— Está começando a esfriar — disse Evan. — Arnold, por que não vamos para a sala e aí você pode me fazer algumas perguntas? Eu sei que deve haver um monte de coisas que você quer verificar se está avaliando a abertura de um negócio aqui. Eu acabo de passar por todo o processo, e posso dar-lhe um monte de informações.

— Tentando se livrar de lavar os pratos — Jess resmungou em tom de brincadeira.

— Quem, eu? — Evan perguntou com inocência fingida.

— Acho que é uma boa ideia — disse Brooke. — Jessica e eu cuidamos disso e arrumamos tudo. Vocês homens podem ir conversar.

Jake assentiu agradecido. Evan havia lhe dado a oportunidade que estava esperando, e ele pretendia aproveitar ao máximo. Além disso, por mais que gostasse de Brooke, ele ficaria feliz em se distanciar dela por um tempo. Ao vê-la com sua família estava ficando louco. Ele sabia que ela pertencia a eles; estava feliz por sua felicidade com eles. Contudo, de alguma maneira, e por um espaço de tempo muito curto, sua vontade era que Brooke pertencesse a ele também. Não queria que seu relacionamento com ela fosse um segredo. Ele queria tocá-la, reclamá-la, tê-la sorrindo daquela maneira especial que ela só sorria com ele.

Daquela forma sexy e atrevida que era pura mulher.



Enquanto Brooke caminhava para o carro ao lado de Jake, ela descobriu que quase chegou a pensar nele como Arnold. Ela podia entender por que esse homem foi tão bem-sucedido trabalhando à paisana.

Eles acenaram para Evan e Jessica, que estavam na porta iluminada, então Jake saiu da entrada de carros. Depois que ele apontou o carro na estrada, ela tocou seu braço hesitante.

— Jake? Você ainda está aí?

Ele riu. A risada de Jake. Com uma mão ele soltou o nó da gravata de Arnold, e então esticou o braço e colocou a mão sobre sua coxa. No alto de sua coxa.

— Enganei você?

— Você é muito bom.

— Espere até chegarmos em casa, gata, e eu vou mostrar-lhe como posso ser bom!

Gata? Talvez ela devesse ficar ofendida, porém, ela até que gostou disso. Depois de uma noite em que foi avó e mãe, era muito bom ter seu jovem amante sexy chamando-a de gata.

— Você vai manter essa promessa? — ela disse, e sua voz saiu em um ronronar sensual. — Ou sou eu quem deveria manter alguma coisa?

Ela soltou o cinto de segurança e inclinou-se para correr um dedo sobre o zíper da calça de terno dele. Eles estavam passando pela casa de Wade e Miriam Bly, e ela pensou como os pais de Jessica ficariam chocados ao vê-la assim.

Jake pegou a mão e apertou-a nele enquanto ele crescia sob aquele toque. À distância, ela viu os faróis de um carro na estrada.

Ele puxou o Lexus para o acostamento estreito da estrada e desligou a ignição e as luzes. Desafivelando seu cinto de segurança, perguntou:

— Existe a probabilidade de alguém passar nesta estrada?

Brooke tinha começado a sacudir a cabeça quando ele a puxou para um beijo. Um beijo que roubou o fôlego e parecia continuar para sempre. Ele manteve a mão dela sobre sua ereção, e sua própria mão entrou sorrateiramente entre as pernas dela e apertou com força.

Quando ambos vieram à tona para respirar, ele disse:

— Na cama ou no banco do carro?

— Banco do carro? — as palavras explodiram como se nunca as tivesse ouvido antes.

— Isso foi um sim ou uma pergunta?

— Eu nunca fiz isso antes na minha vida. Quando eu era menina em Los Angeles, Mo tinha uma moto e não um carro, e...

— Brooke, não é que eu não me importe com sua história de vida, mas este não é o momento.

— Hã, certo... Mas e os preservativos?

— Na minha pasta. Eu nunca mais vou ser apanhado desprevenido novamente. No banco do carro. Como adolescentes com tesão.

— Eu escolho o banco do carro. Nós poderíamos ir para o lago ou...

— Aqui. Bem aqui. Ninguém pode nos ver.

Ela olhou para a frente, para as ocasionais luzes distantes na rodovia, e em seguida, de volta na direção da casa de Wade e Miriam e as construções do rancho. Era possível que alguém do Boot Camp pudesse ir para a cidade, ou estivesse voltando de lá. Contudo, Jessica praticamente desgastava seus hóspedes com seu vigoroso programa de equitação.

No banco do carro... Aquilo parecia mais emocionante, menos sério do que fazer sexo numa cama. E, afinal, era isso que ela queria desse homem, não era? Diversão e emoção.

Jake tirou o paletó e jogou-a no banco de trás, e agora estava arrancando a gravata. Ele tirou os sapatos e ela se curvou para remover os dela. Ele estendeu a mão sobre ela, encontrou a alavanca que reclinava o banco do passageiro, e de repente ela estava caindo para trás.

— Vou dar a volta — disse ele. — Não é possível passar por cima do console.

Ele escorregou para fora da porta do motorista.

Eles nunca se encaixariam no banco do passageiro. A parte de trás poderia ser uma escolha melhor, mas Jake parecia saber o que estava fazendo. Ele abriu a porta do passageiro.

— Vá um pouco para lá.

Ela se torceu, deslizando sobre seu quadril direito e sentindo o console pressionar contra suas costas.

Ele deslizou ao lado dela e de alguma forma conseguiu fechar a porta atrás dele.

A luz do carro se apagou e ela se contorceu, tentando na escuridão fazer seu corpo se encaixar no dele, perguntando-se como diabos eles conseguiriam tirar roupa suficiente para completar o ato. Quando Jake havia sugerido o banco do carro, isso parecera divertido, mas agora Brooke estava pensando melhor.

— Isso nunca vai dar certo.

— Mas é claro que vai.

Ele se contorceu um pouco também e deixou escapar um pequeno silvo de dor.

— Jake! Eu me esqueci completamente de seus ferimentos. Você não pode fazer isso.

— Acredite em mim, querida, a dor no meu lado não é nada comparada com a dor no meu...

Ele parou de falar e puxou a blusa dela para fora do cóis da calça jeans. Sua mão esgueirou-se para dentro, a mão quente nas costas dela. Ele abriu o fecho do seu sutiã, e em seguida, sua mão encontrou seu caminho para o peito dela e ela resfolegou de prazer.

— Deus, Brooke, você é muito gostosa.

Jake apertou seu mamilo suavemente entre os dedos e passou o polegar sobre a ponta.

— Isso é maravilhoso.

Seus dedos exploraram o seio, despertando uma magia que seguiu diretamente para baixo de seu corpo e terminou entre as pernas dela.

Ela e Jake conseguiram puxar a blusa por cima da cabeça e libertá-la de seu sutiã. Em seguida, ela atacou os botões da camisa social sob medida que ele estava usando. Finalmente, foi capaz de correr os dedos pelo peito cabeludo e pressionar seus seios nus contra Jake.

— Acima da cintura — ela murmurou. — Como isso é chamado? Amasso ou pegação?

— Não se preocupe com isso, porque nós não vamos parar por aí.

Jake desabotoou a calça dela, deslizou o zíper e apertou a mão dentro, esfregando-a na frente da calcinha. Calcinha de biquíni de seda rosa. Não que ele soubesse a cor, mas ela sabia que isso a faria sentir-se mais feminina. Ela sempre amara lingerieis sensuais, mas tinha desistido delas por muitos anos. Recentemente, começou a se dar isso de presente de vez em quando.

Ela nunca havia pensado que um homem veria essas suas peças rendadas.

Os dedos de Jake estavam perto, tão tentadoramente perto, para onde ela queria que eles fossem, mas suas calças estavam muito apertadas para permitir que ele tivesse acesso adequado. Descaradamente ela levantou os quadris, contorcendo-se para tirar as calças e a calcinha, escorregando-as por suas pernas até que elas estivessem enroladas a seus pés.

Completamente nua agora, ela se deliciava com as sensações, mesmo as levemente desconfortáveis, como a borda dura do console se apertando nela. O deslizar da mão de Jake, descendo a curva de seu quadril, mais do que compensava seu desconforto.

— Você é um anjo — ele murmurou.

Brooke olhou para baixo para ver o corpo dela, pálido e brilhante. Seus olhos se ajustaram à luz fraca; realmente não estava tão escuro. Ela olhou para fora da janela.

— A luz das estrelas.

As estrelas eram tão brilhantes ali, mas quando ela veio para Caribou Crossing, nunca tinha reparado nelas. Estava tão brava com Mo; tinha tanta saudade de Los Angeles e de sua família. Agora, ela nunca olharia para as estrelas de novo sem pensar nesse momento com Jake.

Querendo aquele homem, Brooke se atrapalhou com os botões na cintura dele. Foi preciso os dois para livrá-lo de suas calças e cuecas. Ele pegou sua carteira e tirou um preservativo, que colocou no painel.

— Você tem certeza de que está bem? — Ela perguntou.

— Não, eu estou morrendo de frustração sexual.

Ela deu uma risadinha.

— Diga-me novamente por que as crianças passam por tudo isso?

— Porque eles não têm acesso a uma cama.

— Hummm. E nós temos.

Ele capturou o peito dela de novo.

— Ei, isso foi ideia sua.

— Mentiroso.

Ela estendeu a mão e agarrou sua ereção.

— Ok, eu confesso. Brooke, eu faria sexo com você em qualquer lugar.

— Em qualquer lugar?

— Você está levando isso como um desafio, não é?

Ela acariciou o pênis para cima e para baixo e ele prendeu a respiração. A vontade de Brooke era se inclinar e circular o pênis com a língua, mas não havia nenhuma maneira possível que pudesse dobrar o corpo assim.

— Tudo bem — ela disse. — Eu sei como as peças devem se encaixar, mas simplesmente não consigo descobrir como fazer com que isso aconteça em um assento de carro.

— Quando chegar a hora, eu vou mostrar para você.

— Ainda não chegou?

— Nem perto. Sua linda boca rosada ainda está falando. Eu quero você gemendo, chorando e suspirando.

— Você está assistindo muitos filmes pornô.

— Ahã...Eu estava ouvindo você, Brooke Kincaid. Na cama na noite passada...

— Ah! Eu fiz... Sons? Nem percebi.

— Você fez música, gata!

— Foi um dueto — ela disse em voz baixa.

— Foi mesmo. Sua parte foi um pouco mais bonita. Eu provavelmente soava como um homem das cavernas.

— Bastante!

Ele colocou a mão sobre a dela, que ainda o estava acariciando, e acalmou sua ação.

— Pare, eu estou ficando muito à frente de você. E o sexo é um lugar onde o cara nunca deve ir à frente da dama.

Um de seus braços estava embaixo dela, embalando-a de uma forma que, certamente, não era confortável nem para ela e não poderia ser para ele também.

Entretanto, não havia outro lugar para colocar o braço. A outra mão, porém, caía, descendo pelo corpo de Brooke, acariciando aqui, fazendo cócegas suavemente lá, fazendo-a esquecer do desconforto.

— Senhoras primeiro — ela murmurou, tremendo quando a mão dele se moveu mais para baixo. — Que cavalheiro.

— Eu não. Você está falando de Arnold?

— Não é Arnold quem eu quero.

A mão de Jake encontrou o ponto que ela estava esperando que ele encontrasse, e Brooke suspirou.

— Posso tocar você de novo? — ela perguntou.

— Acima da cintura.

— Muito puritano.

Ela encontrou um dos seus mamilos e o girou por entre seus dedos, mas a maior parte de sua atenção estava voltada para a mão dele. E abriu as pernas.

— Me diga o que é mais gostoso — murmurou Jake.

— Isso. Tudo isso. Tudo o que você faz.

Ela choramingou e se contorceu, prendendo a mão entre as próprias coxas, perguntando-se como aquele homem poderia conhecer tão bem o seu corpo. Quando ela relaxou as coxas novamente, ele colocou um dedo dentro dela e ela apertou, molhada e necessitada.

E a mão de Brooke voltou a encontrar a ereção dele.

Ele empurrou e engasgou.

— Ei, isso é abaixo da cintura.

— Eu já alcancei você, Jake. Que tal um pouco de ação?

— Você consegue alcançar essa camisinha?

Ela se esticou para recuperá-la em cima do painel de instrumentos, rasgou o pacote e rolou o látex em cima dele.

— É melhor você ficar em cima — disse ele —, ou eu vou esmagá-la.

— Como eu...

Ele, porém, já estava segurando seus quadris, movendo-a e segurando-a enquanto deslizava embaixo dela. Algumas contorções menores, mais um gemido abafado de dor dele, e Jake já estava deitado de costas no assento do carro com ela montando suas coxas.

— Graças a Deus são apenas feridas superficiais — murmurou ele.

— Não é tarde demais para desistir.

— Ah sim, é.

Sua ereção era uma coluna dura e quente que subia irresistivelmente em frente dela e ela estava estendendo a mão para pegá-la, quando ele disse:

— Olhe lá fora.

— O quê? Por quê?

— Veja se não tem policiais com lanternas.

Brooke jogou a cabeça para trás e riu, e ainda estava rindo quando ele agarrou seus quadris e a trouxe mais para cima de seu corpo para pressionar firmemente contra ele. Ela se acomodou apenas ligeiramente e deslizou o corpo contra seu pênis, acariciando-o com o calor úmido de sua vagina, encontrando o ângulo certo, sabendo que, se ela se mantivesse muito mais tempo assim, ambos iam gozar. Assim como tinham feito na noite anterior.

No entanto, hoje à noite eles tinham outra opção. Ela ergueu o corpo, equilibrando-se desajeitadamente com um joelho no assento e outro entre o assento e a porta. Ela pegou o pênis em sua mão, segurou-o apertado, então se mexeu suavemente para baixo, começando a levá-lo para dentro dela.

O corpo de Jake arqueou e ele gemeu. Ela sabia que ele estava se segurando, queria mesmo era transar com força e profundamente, mas estava deixando que ela controlasse o ritmo. Agora, porém, ela também queria que ele entrasse duro e profundamente lá no fundo, e assim Brooke se empurrou para a frente, envolvendo-o em um movimento rápido.

Ele agarrou seus quadris novamente e segurou-a firmemente contra ele, nenhum deles se movendo durante vários segundos muito longos. Depois, ele afrouxou o aperto e ela começou a deslizar para cima e para baixo, às vezes depressa, às vezes dolorosamente lenta. E, então, a necessidade a dominou e ela empurrou seu corpo contra o dele, torcendo, esfregando, ofegando.

E Jake mergulhou para encontrá-la, seu corpo arqueando fora do assento do carro e levando-a com ele. Ela agarrou seus quadris, usando seu corpo para alavancar enquanto eles se separavam e depois mergulhavam juntos.

Então, ele fez aquele som na garganta, que significava que ele estava perto, não podia segurar, e sua própria excitação a levou a outro patamar.

Ela sabia como era quando ele gozou em sua mão, e em sua boca. Agora, ela ainda se segurava, esperando por ele, sabendo que quando Jake dava esses golpes finais rápidos, iria levá-la com ele.

Foi o que ele fez. E Brooke não conseguia se lembrar de ter sentido antes aquela pura felicidade física.

Quando as ondas poderosas de orgasmo finalmente diminuíram, ela desmoronou sobre Jake quando ele afundou-se no banco com um gemido abafado.

— Está tudo bem? — ela perguntou. — Continuo esquecendo que você está ferido...

Os dentes de Jake brilharam sob a luz fraca.

— Sou macho. Um pequeno buraco de bala não vai me abalar.

— Acho então que foi outro cara que desmaiou no outro dia.

— Eu não desmaiei. Só apaguei pela perda de sangue. É diferente.

— Essa é a sua história, e você está se apegando a ela?

Brooke beijou seu ombro.

Os braços dele se apertaram ao redor dela e Jake beijou o topo de sua cabeça.

— Exatamente. E se você valoriza sua vida, não vai dizer a ninguém o contrário.

— Ah, estou com tanto medo. Vai vir atrás de mim com sua arma?

— Não. Com a outra coisa no meu bolso.

O riso sacudiu o corpo dela.

— Ah, Jake, eu gosto de você.

— E eu gosto de você, Brooke. Um montão.

— Então, você não acha que deveríamos levar este ato para a cama, em casa?

— Essa é a alegria de sermos adultos. Temos uma cama. Poderíamos muito bem fazer uso dela — ele acariciou as costas de Brooke em um longo movimento, que foi do topo da cabeça até as nádegas e a fez estremecer. — Além disso, você precisa de um bom sono. Eu não a deixei ter muito descanso na noite passada.

— Eu estou bem.

— Pode não ficar se não descansar o suficiente.

Ela percebeu sobre o que ele estava falando, e gemeu.

— Aqueles danados daqueles livros sobre o transtorno bipolar. Você sabe demais sobre mim.

— O sono, refeições regulares, o exercício. Jess e Evan já a alimentaram, nós cuidamos da parte do exercício e agora é hora de dormir.

Ela se perguntou o que significava isso, ele estar tão preocupado com ela. Isso era parte de ser um policial?

— Então, sem me encher de comprimidos para dormir, como você poderá garantir que eu tenha uma boa noite de sono?

— É só lhe dar uma canseira, gata!



Uma hora e meia mais tarde, Jake presunçosamente pensou que ele tinha conseguido manter sua promessa, apesar de ter dado uma canseira em si mesmo. Enquanto estava deitado no escuro com Brooke aninhada ao lado dele, ele doía da cabeça aos pés. E sentia-se maravilhoso. Desde que tinham chegado em casa, eles tinham usado mais dois preservativos.

— Mmmm — ronronou ela. — Sei que definitivamente dormirei bem hoje à noite. Você é exatamente o que o médico receitou.

Ele sorriu e acariciou-lhe o ombro nu.

— Os medicamentos que você toma — o lítio — isso realmente funciona para você?

— Sim, eu tenho sorte.

— Você vai ter de ficar com ele para o resto de sua vida.

— Até que eles descubram algo ainda melhor ou curem a doença.

— E os efeitos colaterais?

— Pouquíssimos.

— Isso é ótimo — ele pensou em Evan e no bebê de Jess, e ficou imaginando seu futuro. — Nem todo mundo, porém, é tão sortudo. Os remédios nem sempre funcionam. Algumas pessoas odeiam os efeitos colaterais. Alguns se recusam a tomar os medicamentos.

— Você absorveu grande quantidade de informações.

— Estou acostumado a ler para obter informações. É uma espécie de leitura dinâmica focada.

— E você se lembra de tudo, sem tomar notas.

— Sim, bem...

— Honestamente, Jake, eu estou bem. O lítio realmente funciona para mim.

— Eu... Eu estava pensando sobre Evan. E o novo bebê.

— Ah. Agora entendi aonde você queria chegar.

— Sim, mas se você não quiser falar sobre isso...

— Está tudo bem. Sim, pode haver um componente genético para esse transtorno bipolar. Para mim, veio pela minha mãe e, provavelmente, pela mãe dela. Bem, Evan está bem até agora, e ele está quase com trinta anos. O surgimento geralmente ocorre no começo da idade adulta, especialmente se há muito estresse, que houve com certeza, quando ele era mais novo. Eu realmente não acredito que Evan vá ser bipolar. Ou alcoólatra.

— Difícil para ele, sem saber ao certo, no entanto. Difícil para Jessica também, eu acho.

Ela assentiu contra seu peito.

— Jess e Evan vieram falar comigo depois que ela aceitou sua proposta. Ela o amava muito e não tinha problemas em se casar com ele, mas ambos queriam saber exatamente o que poderia acontecer. Tivemos algumas discussões francas sobre bipolaridade e alcoolismo.

— E agora eles terão um bebê.

Ela suspirou, sua respiração quente contra sua pele.

— Eles conversaram com o médico deles, com o meu médico e meu psiquiatra, e decidiram assumir o risco. As probabilidades são de que seu bebê ficará bem.

Ele ouviu a preocupação em sua voz e adivinhou que se o bebê de Jess e Evan tivesse transtorno bipolar, ela culparia a si mesma. Contudo, lembrou-se de todas as coisas a que ela sobrevivera, e sabia que ela era forte o suficiente para lidar com qualquer mão ruim de cartas que o destino trouxesse a ela.

— O bebê não poderia ter melhores pais ou uma avó melhor. Ou irmã, em Robin.

— Obrigada, Jake. Pelo menos, se houver um problema, saberemos quais sintomas procurar, e quais seriam os tratamentos. Como meu psiquiatra diz, nenhum bebê vem com garantia.

— Verdade, acho que não... Eu realmente nunca pensei em ter filhos.

— Nunca?

— Meu relacionamento com meus pais é foda, e meu trabalho é a minha vida. Não, eu não consigo me imaginar casando e tendo filhos — no entanto, ele teve de admitir, estar com a família de Brooke havia lhe causado uma pontada de inveja, ou duas...

— Você não é exatamente o tipo doméstico.

Jake ouviu um sorriso na voz de Brooke.

— E quanto a você? Você teria outro filho?

Ela balançou a cabeça, o cabelo sedoso acariciando-o.

— Não. Parcialmente por causa da chance de que o bebê herdaria a minha doença, mas também, eu não sei como eu faria com as tensões de criar um filho. Sou ótima enquanto tiver uma vida ordenada. Netos são toda a emoção que estou preparada para aceitar.



BROOKE ACORDOU COM uma série de sensações agradáveis. O calor do sol em seu rosto. Uma bola de gato enrolada contra seu estômago. E, melhor de tudo, o corpo nu de Jake encaixado em seu traseiro.

O corpo excitado e nu de Jake.

— Nham...

Ela estendeu o braço para trás e tocou-lhe o quadril, sua nádega. Depois, se encolheu para trás, contorcendo-se ainda mais perto dele e rompendo contato com o gato.

Sunny se virou para dar-lhe seu olhar “Não achei graça”. E depois, levantou-se devagar, espreguiçou-se languidamente e caminhou para a beirada da cama. Sunny olhou por cima do ombro, mas Brooke não disse “fique”, e ele saltou para o chão.

— Ele sempre me teve para si mesmo por muito tempo — disse ela, quando Jake lhe abriu as pernas por trás e enfiou sua ereção entre elas.

O corpo de Brooke estava inchado e dolorido de tanto fazer amor na noite passada, no entanto, ela sentiu uma onda rápida de excitação.

— Dolorida... — murmurou, mesmo quando ela mudou de posição para dar-lhe melhor acesso.

— Não quero te machucar— dizendo isso, ele se afastou.

— Não, não vá.

Ele agarrou seu quadril, induzindo-a a permanecer deitada de costas. Então, ele ficou por cima dela e beijou-a suavemente, apenas um rápido toque em seus lábios. Depois, beijinhos leves sobre seus ombros, seus seios, sua barriga. Ele abriu-lhe as pernas e se ajoelhou entre elas, descendo pela cama. Jake passou as mãos debaixo de Brooke e levantou a parte inferior do corpo, elevando-a na altura do rosto. E, em seguida, usando os lábios e a língua, ele alimentou a chama de seu desejo.

Ela estava indefesa em suas mãos; não conseguia sequer tocá-lo. Tudo o que ela podia fazer era responder. Finalmente, quente e escorregadia e chegando perto do clímax, Brooke disse:

— Eu quero você em mim, Jake. Agora.

Ele olhou para cima, com o rosto corado.

— Tem certeza?

— Absoluta!

Jake a desceu e ela rolou rapidamente, com a mão arranhando na mesa de cabeceira, procurando um preservativo.

Em segundos, ele estava dentro dela e em apenas mais alguns segundos ela estava desmoronando ao redor daquele homem.

Ele empurrou duro e profundo, de modo que ela sentiu cada centímetro maravilhoso de seu pênis. Em seguida, o corpo estremeceu e ele gemeu seu nome.

Depois que Jake deitou-se ao lado de Brooke, quando estavam novamente enrolados juntos, ela disse:

— Se você ficasse por aqui mais tempo, eu tomaria pílula. Porque adoraria realmente sentir você gozar dentro de mim.

— Eu gostaria disso também.

Ela sorriu contra seu peito.

— Será que você se contentaria com panquecas?

— Hã?

— Para o café da manhã. Eu tenho um desejo de panquecas de banana com xarope de bordo.

Ela também adorava ter alguém para quem cozinhar.

— Parece ótimo. Existe algum lugar na cidade em que se possa ir para tomar o café da manhã? Então, você poderia me apresentar a algumas pessoas locais.

No mesmo instante, ela ficou séria. Jake não estava ali para seu desfrute pessoal; ele era um homem com uma missão.

— Sim, é claro.



Depois que os dois tomaram banho, Jake foi fazer a barba para poder assistir Brooke se arrumar.

Vestida com um robe azul, ela enxugou o cabelo, penteou, então o amassou entre os dedos. Nada de secador de cabelo, nada de chapinha. Sem barulho. Um tipo de loção em volta dos olhos, outra no resto do rosto, e ainda outra no corpo. Ela acrescentou um pouco de maquiagem ao redor dos olhos, o rímel marrom, e não o

negro que a maioria das mulheres usava. E foi isso. Aqueles lábios rosados não precisavam de reforço, nem seu rosto brilhante.

Ela sorriu para Jake.

— Eu sei que Arnold é louco por limpeza, mas acho que sua barba já está benfeita nesse lugar.

Percebendo que raspava o mesmo lugar pelo menos dez vezes, ele largou o aparelho de barbear e foi buscar as roupas. Imaginando que marcaria reuniões com pessoas como o sargento Miller e o banqueiro Cray, decidiu usar o terno azul-marinho de Arnold com uma camisa branca e uma gravata azul que tinha uma faixa cor de vinho.

Ele estava vestindo as calças quando Brooke entrou no quarto, tirou o roupão e vestiu sutiã e calcinha. O tecido era cor de pêssego, pouco mais escuro que sua pele, e tão fino que Jake podia ver os mamilos e os pelos pubianos. Uma minúscula faixa de renda cobria a parte superior de cada peça de roupa. A calcinha era cavada bem alta dos lados, fazendo com que suas longas pernas parecessem ainda mais longas.

Ela lançou-lhe um sorriso.

— Meu Deus, que olhos grandes você tem, senhor Pitt.

— Eu estava no meu caminho, indo para a casa de minha avó, e veja no que tropecei. Como vou poder esperar até hoje à noite?

— Humm, deixe-me ver. A força de vontade? Melhor ainda, o poder de Arnold. Basta ser Arnold.

Ele fechou a braguilha sobre uma ereção crescente.

— Pobre Arnold. Ele nunca chega a ter alguma diversão, coitado.

Brooke vestiu uma blusa verde menta e uma saia cáqui.

— Depressa, malandrinho.

Cara, ele estava se atrapalhando. Demorando mais tempo para se vestir do que uma mulher. Claro, estava um pouco distraído.

Eles foram com o carro dele para a cidade, uma viagem cênica de doze quilômetros passando pelas terras do rancho, colinas e trechos com floresta.

Quando chegaram à periferia da cidade, ele fez um gesto para o sinal de trânsito “Travessia de Caribous”, como um pedestre que atravessa uma faixa, mas com a silhueta de um caribu no lugar.

— Não há caribus por aqui, certo?

— Faz muito tempo que não tem. É uma coisa de turismo. Este símbolo se tornou o logotipo extraoficial da cidade.

Jake assentiu e, em seguida, perguntou:

— Onde você quer comer?

— No Wild Rose Inn.

— O hotel do Dave Cousins — disse ele.

Brooke assentiu.

— É um local popular para o café da manhã, não só com os turistas, mas com um bom número de habitantes locais.

Ele tinha feito uma varredura rápida, mas completa da cidade de Caribou Crossing na tarde anterior, portanto dirigiu diretamente para o pitoresco hotel.

— O estacionamento fica no beco de trás — disse Brooke.

— É um belo edifício — comentou ele. — É patrimônio da cidade?

— Ele remonta por volta de 1860. Foi hotel e bar da época da corrida do ouro, mas é claro que foi muito reformado ao longo dos anos.

No estacionamento, Jake ficou surpreso ao ver dois palanques com três cavalos amarrados.

— As pessoas vêm a cavalo para a cidade?

— As pessoas andam a cavalo por toda parte — ela passou a acariciar um cavalo marrom com uma mancha branca no focinho. — Este é Timony. Ele pertence ao meu vizinho, Ray Barnes. Ray certamente vai querer conhecer meu primo — ela sorriu. — Você pode tocar o cavalo, Arnold. Se está pensando em se mudar para cá, terá de se acostumar com cavalos.

— Eu não odeio cavalos — disse ele, colocando a voz de Arnold e um tom duvidoso.

Ela riu, olhou ao redor e disse, em voz baixa,

— Você faz isso tão bem. Bem o suficiente para que eu não fique nem um pouco atraída por Arnold. Você continua gentil, apresentável, mas a centelha que o faz ser Jake fica escondida.

— Você fica com o trabalho mais fácil, então.

— Como assim, o que você quer dizer?

— Quando estamos em público, você não fica atraída por mim porque eu sou Arnold. Mas você ainda é Brooke e me deixa louco por saber que eu não posso tocá-la, piscar para você, até mesmo fazer um contato olho no olho entre Jake e Brooke.

Brooke lhe deu um sorriso satisfeito e muito feminino.

— Fico feliz em saber que lhe deixo louco.

A porta dos fundos do hotel se abriu e um jovem casal com uma menina saiu. A criança vestia uma camiseta com o mesmo logotipo do sinal de estrada.

— Ah, olhe! — a menina disse entusiasmada. — Cavalos! Posso tocá-los?

— Não sem os donos por perto — avisou a mãe. — Eles podem morder.

— Palavras de sabedoria — Jake comentou em sua voz de Arnold.

Ele e Brooke entraram pela porta pela qual os turistas tinham saído, e ele estudou o saguão do Wild Rose Inn. O lugar tinha um ar de “casa no campo”, incluindo fotos em sépia dos mineiros e caubóis, móveis que eram mais rústicos do que antigos e música country fanhosa que tocava em volume baixo, embora houvesse também uma elegância sutil.

O tema se espalhava pelo restaurante, que estava quase cheio naquela manhã de sexta-feira, o murmúrio de conversa quase abafava a música.

Enquanto os dois abriam caminho para uma mesa vazia, uma mão acenou e um cavalheiro idoso com óculos de aro de tartaruga e uma cabeça coberta por espesso cabelo prateado disse:

— Brooke. Não a vi muitas vezes por aqui.

— Bom dia, Ray. Não, eu costumo tomar café da manhã em casa, mas meu primo veio me visitar. Ele está pensando em se mudar para cá e abrir um escritório de contabilidade e eu quero dar-lhe um gosto da cidade. Ray Barnes, meu vizinho, este é Arnold Pitt, meu primo de Vancouver.

Os dois homens apertaram as mãos. O velho tinha um aperto forte e olhos cinzentos astutos por trás daquelas lentes grossas.

— Por que vocês dois não se juntam a mim? — ele ofereceu.

Brooke olhou para Jake, que decidiu que não era uma má ideia.

— Isso é gentil de sua parte, senhor Barnes — disse ele.

— Ray, por favor. Nós, gente do interior, não nos prendemos em formalidades.

Quando estavam todos acomodados na mesa, Jake observou que Brooke não pediu as panquecas, em vez disso preferiu escolher uma mistura de frutas, iogurte e granola. Tentando equilibrar o próprio apetite com a sensibilidade da cidade de Arnold, Jake ficou com bacon, ovos e torradas, embora preferisse o especial do rancheiro — bife, ovos e batatas — como Ray.

Sentar-se com Ray Barnes provou ser uma boa decisão, como se descobriu depois, pois o homem era um farmacêutico aposentado que sabia tudo sobre os habitantes da cidade. Jake só podia imaginar os segredos que ele tinha conhecido ao longo dos anos, mas o homem não deixou escapar nenhum deslize, nem mesmo a menor mudança de expressão quando cumprimentou o gerente da loja de bebidas, em seguida, uma mulher que possuía uma loja de roupas, um casal de médicos que dividiam um consultório, e vários outros.

Brooke silenciosamente tomou o café da manhã e deixou Ray Barnes tomar a iniciativa, apresentando Jake como Arnold e dizendo às pessoas:

— Vamos fazer este jovem entender que cidade maravilhosa temos aqui.

Infelizmente, as pessoas seguiram as instruções de Ray, falando sobre oportunidades de negócios e sobre o ambiente saudável, quando o que Jake queria ouvir falar era sobre o lado sórdido de Caribou Crossing. Ainda assim, foi um ponto de partida. Ele estava fazendo muitos contatos.

Brooke saiu para ir ao trabalho, e Jake sentou-se por um tempo com Ray.

— Este Wild Rose Inn parece ser um negócio impressionante — disse ele para o homem mais velho. — Sei que é de propriedade de um homem chamado Dave Cousins. Ele está aqui?

— Não o vi pela manhã — disse Ray. — Ele estará na festa de arrecadação de fundos mais tarde hoje. Você deveria fazer Brooke trazê-lo.

Jake assentiu.

— Nós estamos planejando fazer isso. E você? Você vem?

Ray balançou a cabeça.

— Já dei meu cheque a Dave, mas sou um cara diurno, não gosto muito de sair à noite. Gosto de ficar em casa com um bom livro. Isso me lembra de todos os anos em que minha esposa e eu nos sentávamos na varanda no verão ou junto à lareira no inverno — os olhos cinzentos tinham uma expressão melancólica.

— Eu sinto muito que ela tenha partido — disse Jake. — Deve ser difícil.

— Sim, mas uma pessoa tem de seguir em frente. Tivemos um monte de bons anos, e tenho milhões de boas lembranças para me fazer companhia — seu olhar se aguçou. — Meu amigo, na sua idade, você deveria estar procurando uma garota legal para compartilhar sua vida. Caribou Crossing é um bom lugar para se estabelecer e criar uma família.

Da forma como Evan Kincaid tinha feito. Sim, se ele fosse realmente Arnold, essa ideia teria algum atrativo para ele.

— Você provavelmente está certo. É difícil encontrar mulheres bonitas e legais em Vancouver. Elas estão tão ocupadas com seus empregos, seus amigos.

— Guarde minhas palavras, Arnold Pitt, você se muda para Caribou Crossing, e eu estarei dançando em seu casamento antes do fim do ano.



No fim da tarde, Jake voltou para a cidade com Brooke para a festa de arrecadação de fundos. Eles foram para uma área de carga e descarga na praça, onde vários adolescentes ajudaram a descarregar os aperitivos que ela havia feito, então foram procurar onde estacionar o carro em uma rua lateral.

Quando caminhavam de volta para a praça, Jake percebeu que seus passos estavam mantendo o ritmo da música que preenchia o ar. Ele não reconheceu a música, mas, inevitavelmente, tinha o inconfundível sotaque de country e western.

Quando chegaram e compraram os ingressos, Jake viu que a praça — um parque com gramados, canteiros, bancos, um coreto, um gazebo e vários caribus decorativos de arame trançado — tinha sido enfeitada com banners e cartazes do Comitê do Patrimônio, que mostravam seus projetos de restauração. Mesas espalhadas tinham comidas, bebidas, itens que seriam leiloados, e jovens com chapéus de caubói de palha e camisetas do Comitê do Patrimônio circulavam com bandejas de comida.

— Haverá de tudo, desde ensopado até sushi — Brooke comentou. — Cada um traz a sua especialidade.

A multidão era diferente também, com idosos em cadeiras de rodas, bebês em carrinhos, e tudo o mais entre os dois. As roupas variavam de ternos, como o cinza que ele usava, até bermudas e chinelões, mas havia uma preponderância de camisas de caubói, chapéus e botas de vaqueiro. Dois membros da Polícia Montada, um homem e uma mulher, estavam misturados na multidão; ambos eram mais jovens do que o sargento Miller, que não se via em lugar nenhum.

A cena era colorida e alegre, o cheiro de comida estava fazendo o estômago roncar e, embora ele nunca tivesse sido fã de música country, estava começando a se acostumar ao som. Ele também não estava assim excitado em bancar Arnold, mas estava achando agradável trabalhar disfarçado em um lugar como aquele, em vez de um bar decadente de motoqueiros.

Ele passou um dia moderadamente produtivo. O Sargento Miller tinha saído quando chegou ao destacamento, mas Jake tinha conversado com dois gerentes de banco e um número razoável de empresários. Ele até almoçou com Howard Cray, o gerente do banco sobre o qual Brooke tinha sido tão negativa. No entanto, precisava concordar com ela; superficialmente, o cara disse as coisas certas, mas por baixo, ele não era nem um pouco simpático.

Agora, aqui estava Cray mais uma vez, trabalhando a multidão com um copo alto de plástico na mão. Ele viu Jake e se dirigiu a ele.

— Pitt, nos encontramos de novo.

— Cray. Sim, a minha prima teve a gentileza de me trazer.

— Senhora Kincaid.

O homem cumprimentou-a com uma inclinação da cabeça, mas não havia calor em sua voz.

— Senhor Cray — ela retribuiu no mesmo tom, então: — Com licença, senhores.

Brooke parecia fantástica em um vestido azul sem mangas que gentilmente moldava suas curvas. Curvas que os dedos de Jake coçavam para tocar. Ele tentou não prestar atenção a sua bunda balançando enquanto ela corria para longe deles, e se conteve para não fechar as mãos em punhos quando ele pegou Cray cobiçando a mulher.

— É uma produção impressionante — disse ele a Cray, a disciplina mantendo o seu tom de voz civilizado. — Você está no Comitê do Patrimônio?

— Não, mas eu lhe disse que sou um membro da câmara de comércio, não foi?

Somente quatro vezes.

— Você disse. Vocês são, em um sentido muito real, os líderes da cidade. Eu certamente gostaria de conhecer alguns dos outros membros.

Cray estufou o peito.

— Vamos pegar uma bebida, então eu vou apresentar você a Randy Sorokin, o presidente da câmara.

Jake atravessou a praça na esteira de Cray.

Brooke estava perto de um arbusto, em conversa animada com um homem de boa aparência mais ou menos da mesma idade de Jake. Eles pareciam muito amigáveis, até demais. Esse era um dos momentos em que ele desejava que Brooke realmente se parecesse com uma avó.

Quando ficou com Cray na pequena fila do bar, perguntou ao homem:

— O que você está bebendo?

— Uísque de centeio Caribou Crossing Single Barrel.

Jake esperou para ver se ele adicionaria as mesmas palavras que o cliente de Anika dissera, sobre essa ser a bebida de sua cidade natal. Quando o homem não disse nada, Jake perguntou, já sabendo a resposta por conta de sua pesquisa,

— Isso é feito por aqui?

— Não, mas é canadense. Desde o seu lançamento há alguns anos, tornou-se a bebida adotada como da cidade natal por todos os apreciadores de uísque.

A pulsação de Jake deu um salto, mas ele manteve seu rosto inexpressivo.

— Eu acho que era inevitável, dado o nome.

— Se a pessoa deseja se encaixar aqui, deve tomar um copo.

Jake gostava de centeio. Ele não tinha tanta certeza quanto a Arnold, mas percebeu que o contador tentaria se encaixar, como Cray tinha dito.

— Então, faremos isso.

Jake pediu uma dose e então provou a bebida.

— O que você acha? — perguntou Cray.

Jake balançou a cabeça em aprovação.

— Suave. Um pouco de madeira, um pouco de especiarias. Eu gosto.

— Achei mesmo que gostaria — Cray olhou além do ombro de Jake, em seguida, acenou com a mão e gritou. — Randy, o homem que eu queria ver. Venha aqui um minuto.

Sorokin era um homem atarracado numa camisa de caubói, com rosto amigável. Ele cumprimentou calorosamente Jake, então, quando Jake ergueu seu copo de novo, perguntou:

— Qual é o seu veneno? Por acaso o Howard fez você beber o uísque de nossa cidade natal?

Droga. Parecia que todos se referiam ao uísque de centeio assim.

— Fez — confirmou Jake. — Quando em Roma, como eles dizem...

Sorokin deu uma gargalhada.

— Você está mais longe de Roma do que da Lua, meu amigo. Contudo, é uma bela cidade, Caribou Crossing.

Descobriu-se que ele possuía a maior empresa de construção na cidade, e Jake o avaliou como o tipo de homem que não teria nenhum problema em arregaçar as mangas e pôr as mãos no batente ao lado de sua equipe. Ele era um homem saudável e tinha um monte de ideias para oferecer sobre a economia da cidade e seus amigos

empresários. Arnold tinha pouco em comum com ele, e Jake não estava disposto a confiar no homem. Os instintos de Brooke disseram que Sorokin batia na esposa.

Durante as próximas horas, Sorokin, Cray e Brooke apresentaram Jake aos outros, e ele também falou com as pessoas que tinha conhecido durante o café da manhã e durante o dia. Ele foi de grupo em grupo ao redor da praça, tomando o excelente uísque de centeio, apreciando as guloseimas servidas pelos jovens com camisetas do Comitê do Patrimônio, fazendo as perguntas que pôde sem levantar suspeitas.

Não havia nenhum sinal de Miller, mas os dois policiais mantinham olhar atento na multidão. Com eficiência serena, eles tranquilizaram alguns adolescentes que estavam ficando alvoroçados, ajudaram uma jovem mãe que tinha perdido temporariamente seu menino e pegaram um cão pela coleira e o devolveram ao seu dono para ser controlado. Eles também se misturavam e socializavam, e Jake buscava uma oportunidade de conversar com um deles, ou com os dois, quando viu Brooke conversando com a policial feminina.

Ele debateu se devia juntar-se a eles, mas decidiu que deveria ouvir primeiro o que Brooke teria a dizer. Quando as duas se separaram, ele derivou casualmente na direção de Brooke.

Ela o cumprimentou alegremente:

— Divertindo-se, Arnold?

— As pessoas estão sendo muito gentis comigo — respondeu ele em “arnoldês”.

— Eu sei que você mencionou que uma das suas preocupações é encontrar uma comunidade com uma baixa taxa de criminalidade — a voz era alta o suficiente para se sobrepor à música, e ele notou algumas pessoas em sintonia com a conversa. Ótimo. Se alguém ficasse nervoso isso poderia dizer-lhe alguma coisa.

— Conversei com o prefeito e o presidente da câmara de comércio. Eles têm sido muito reconfortantes.

— Você deveria falar com a Cabo MacLean. Ela estava me contando agora mesmo como o chefe dela, o sargento Miller, se mantém atualizado com os últimos desenvolvimentos na prevenção e na detecção do crime.

Brooke puxou seu braço suavemente e ele deixou-se conduzir pelo parque, enquanto ela continuava a falar.

Jake admirava suas táticas. Se ela sussurrasse, despertaria a curiosidade das pessoas.

— Isso é admirável — disse ele, igualmente alto.

— Sim, Karen diz que ele frequenta seminários e faz visitas a departamentos de polícia, laboratórios criminais, e assim por diante, em todo o país e nos Estados Unidos também. Ele está sempre trazendo de volta material para compartilhar com seus policiais.

— Não me diga, isso é interessante... — Jake deu um aceno de agradecimento.

Ela o levou para a morena atraente uniformizada.

— Cabo Karen MacLean, este é o meu primo, Arnold Pitt. Tenho certeza de que você pode aliviar algumas de suas preocupações sobre a criminalidade em Caribou Crossing.

— Obrigado. — Ele estendeu a mão e recebeu um aperto firme de volta. — Eu esperava conversar também com o sargento Miller. Ele está por aqui hoje?

O cabo balançou a cabeça.

— Ele está em viagem de negócios pessoais neste fim de semana.

— Ah? Fora da cidade?

Ela estreitou os olhos ligeiramente.

— Eu acredito que sim. Ele vai estar de volta na segunda-feira. Nesse meio-tempo, você pode falar comigo.

— Claro. Obrigado por me deixar tomar seu tempo.

Brooke disse:

— Eu vou deixar vocês dois conversando. Evan e Jessica acabaram de chegar, e eu quero dizer oi para eles.

— Diga oi por mim também.

Ele olhou enquanto ela caminhava para o outro lado da praça.

— Jessica parece bem — disse MacLean. — Ouvi dizer que ela está esperando um bebê.

Jake voltou os olhos para o rosto dela.

— Eu acho que as notícias voam rapidamente numa cidade pequena.

— Pode apostar — os olhos escuros dela o avaliaram. — É difícil ter segredos aqui.

A moça estava apenas sendo policial, ele disse a si mesmo, curiosa sobre qualquer desconhecido, e especialmente um que estava pensando em se mudar para cá.

— Isso deve demorar algum tempo para se acostumar — disse ele com um sorriso reservado. — Vancouver é tão anônima. Você tende sequer a conhecer seus vizinhos. Admito que a ideia de uma comunidade é atraente, apesar de tudo.

Ele olhou para Evan e Jessica novamente, notando que os dois estavam recebendo parabéns de um bom número de habitantes da cidade.

Naquela noite, Evan usava boas calças com uma camisa, um paletó sob medida e gravata. Jessica usava jeans, uma camisa de estilo western e extravagantes botas de caubói vermelhas. O brilhante cabelo — solto sobre os ombros — estava úmido. Ele achou que ela tinha vindo dos cavalos e tomara um banho rápido. Jake adivinhou também que ela não era uma mulher muito chegada a usar roupas femininas. Ainda assim, era muito atraente. Quando chegasse à idade de Brooke, provavelmente continuaria linda. Como Brooke.

Quando ele olhou para MacLean novamente, ele a pegou estudando o casal feliz também. Seus olhos castanhos afiados tinham suavizado com uma expressão melancólica.

— Eu imagino que este seja um bom lugar para criar uma família — disse ele.

— Pode ser, desde que você os mantenha ocupados com atividades saudáveis.

— E você, tem família?

Jake estava curioso sobre a mulher, que trabalhava sob um sargento que se atritava com Brooke da maneira errada e poderia até ser um criminoso.

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Eu não acho que o casamento e filhos estejam nas cartas para mim.

A mulher parecia estar na casa dos trinta anos. Era alta, esbelta e impressionante, com o tipo de rosto com maçãs altas que pareciam mais o rosto de uma modelo.

— Humm, perdoe-me se estiver sendo muito pessoal, mas por que não?

Ela torceu o nariz, por um momento, parecendo mais bonita do que impressionante.

— Tudo bem. Eu levantei o assunto. E a resposta seria o meu trabalho. Eu amo o que faço. É o que sempre quis fazer. Mas a maioria dos homens acha uma mulher policial um pouco intimidador.

E Arnold, a acharia intimidante? Não, o cara podia agir de modo muito formal e correto, mas não tinha falta de autoconfiança.

— São homens inseguros. Você não ia querer alguém assim, de qualquer maneira.

— É verdade — ela disse —, mas parece que não há um grande número de homens seguros em Caribou Crossing. Aqueles que o são, estão casados com mulheres como Jess. Ou estavam.

Ela inclinou a cabeça na direção do cara de boa aparência com quem Brooke tinha sido tão amigável antes.

— Desculpe-me?

— Ah, não você conheceu Dave Cousins?

— Não, ainda não — ex-marido de Jessica; o pai de Robin.

Brooke tinha mencionado que Dave era parte muito importante da família, que o divórcio tinha sido amigável e que Robin passava a metade de seu tempo com Dave e metade com a mãe e Evan. Ela não disse por que Dave e Jessica tinham terminado.

Voltou-se para a Cabo MacLean.

— Então olhe para você. Dave está disponível e gosta de mulheres fortes.

Ela estava examinando a multidão, sem dúvida, verificando se havia qualquer coisa que precisasse de sua atenção.

— Não, ele não está disponível. O coitado. — seu olhar voltou para o rosto de Jake. — O amor de sua vida, Anita, morreu de câncer no cérebro e é como se o coração dele tivesse morrido com ela. Ele ainda é eficiente, amigável, ativo na comunidade, mas é como se o verdadeiro Dave não estivesse em casa.

— Isso é triste.

— Não é? Quer dizer, imagine amar alguém tanto assim e depois perdê-lo.

Ele não podia sequer imaginar amar alguém. Ou querendo amar. O amor, em seu livro, era um palavrão. Quando seus pais mandavam-no fazer isso ou aquilo, eles

sempre diziam que era para seu próprio bem, e porque eles o amavam. Mulheres falavam de amor quando estavam pressionando para o casamento. Na experiência de Jake, as pessoas usavam a palavra “amor” quando queriam algo de você, não porque realmente se importassem com você.

É claro que o que ele tinha visto na noite anterior na casa de Evan e Jessica era uma coisa totalmente diferente. E depois tinha visto a maneira como Ray Barnes falou sobre sua falecida esposa, e sobre as lembranças dela e que lhe ainda lhe faziam companhia...



— VOCÊ ESTÁ PENSANDO em se mudar para Caribou Crossing? — a voz de MacLean invadiu os pensamentos de Jake.

Que percebeu que a policial estava olhando para ele com um interesse pessoal, bem como profissional. Ele gostou da cabo e duvidava que ela estivesse envolvida com a plantação de maconha. Ele provavelmente ia gostar de trabalhar com ela, mas era uma mulher que não provocava nada em sua libido.

— Estou pensando em sair de Vancouver. Uma razão é a quantidade de crimes. Os assassinatos causados por guerras de gangues, tiroteios, perseguições policiais, mortes relacionadas com drogas.

— Sim, esse é o lado negativo de uma grande cidade.

Ela parou de falar quando uma adolescente ofereceu um prato com sushi e as miniquiches de Brooke. Pegando um sushi, ela disse:

— Nós temos um ótimo restaurante japonês na cidade.

Ele colocou um sushi na boca e pegou uma quiche também.

— E a prima Brooke fez estas, então você sabe que estão ótimas.

MacLean sorriu e serviu-se de uma. Quando a adolescente seguiu em frente, ela fez mais um rápido exame da multidão, em seguida, retomou a conversa.

— Eu trabalhei em Vancouver, e não é o lugar que eu escolheria. Aqui, nosso crime geralmente se compõe de arrombamentos, um ou outro carro roubado, vandalismo, violência doméstica e maus-tratos. É desagradável, mas não na mesma proporção das cidades grandes.

Ela mordeu a quiche e fez um som “mmm”.

— Fiquei muito chocado quando Robin falou sobre o uso de drogas por alunos.

— Ela falou? — as sobrançelas escuras de Karen arquearam. — No colégio Sir Matthew Baillie Begbie Elementary?

— Eu não ouvi o nome da escola, porém, ela disse que alguns alunos usam drogas. Ela acha que eles podem conseguir isso com os irmãos mais velhos.

Karen balançou a cabeça lentamente enquanto dava outra mordida na quiche.

— Eu acho que ela tem visto muitos programas de TV. Nós temos tolerância zero para as drogas em Caribou Crossing. É uma das políticas do sargento Miller. Ele lida com a maioria dos casos de drogas pessoalmente; ele que se envolveu nisso.

Ainda que suas palavras fossem positivas, seu tom de voz quando se referia ao seu oficial superior era neutro.

Jake se perguntou se o homem estava mais envolvido do que Karen MacLean sabia ou estava dizendo. Ele estava protegendo o próprio negócio, ao lidar com os casos ele mesmo? E essa bonita morena, estaria ela também envolvida, ou apenas suspeitava de alguma coisa?

— Ah. Robin disse algo sobre os policiais que trazem cães para vistoriar as escolas.

— Sim, eles fazem isso algumas vezes por ano — ela disse, parecendo um pouco perturbada — com cães treinados para farejar drogas.

— Parece que os drogados mais graves sabem das datas antes do tempo.

— O quê?

Os olhos afiados da policial o esquadrinharam e Jake pensou que a surpresa dela fora genuína.

Ele estava prestes a cutucar ainda mais quando uma voz masculina disse:

— Karen, você vai me apresentar ao novo cara na cidade? — era Dave Cousins.

MacLean, ainda franzindo a testa ligeiramente, fez as apresentações e Jake apertou as mãos do ex-marido de Jessica. Dave tinha um aperto de mão forte, seu olhar era avaliador, mas amigável. Em breve os três estavam envolvidos em uma animada discussão sobre as virtudes e os defeitos de Caribou Crossing.

Jake teve dificuldade em acreditar que algum deles estivesse envolvido em alguma atividade criminosa, mas ainda era muito cedo para descartar alguém.

Cousins olhou para o relógio.

—Tenho de ir. É hora do discurso.

— E eu deveria patrulhar o perímetro — disse MacLean.

A banda no palco terminou seu número e Dave Cousins pegou o microfone, em primeiro lugar para agradecer aos músicos, em seguida, a todos os outros por terem vindo. Ele falou brevemente e com entusiasmo sobre o trabalho realizado pelo Comitê do Patrimônio e seus planos para os próximos anos. Depois, chamou o prefeito, que falou sobre a forma como o trabalho do comitê tinha beneficiado a cidade. Dave, então, agradeceu o apoio oferecido por todos com a compra de ingressos, e lembrou-lhes que envelopes para doações adicionais poderiam ser conseguidos com qualquer uma das pessoas que estivesse vestindo a camiseta do comitê.

Em seguida, a mulher que tinha organizado o leilão anunciou os vencedores e, logo depois, os visitantes voltaram às suas atividades.

À medida que a noite avançava, Jake conheceu a maioria das pessoas que estava lá, além de renovar seus cumprimentos com Evan e Jessica. Ele comeu uma série de petiscos saborosos e bebeu um segundo copo de uísque de centeio, depois passou para o refrigerante. Ao longo da noite, ele obteve uma riqueza de informações, muitas das quais teriam sido úteis para Arnold, mas, infelizmente, de pouca relevância para a morte de Anika.

Às dez horas, a maior parte da multidão foi embora. Seu corpo doía e ele queria ficar sozinho com Brooke. Jake foi até ela. Brooke tinha vestido um suéter de cor creme que parecia macio e agradável. Ele esforçou-se para manter suas mãos nos bolsos quando murmurou:

— Que tal irmos?

— Estou pronta se você quiser, Arnold.

Quando os dois caminhavam em meio aos demais convidados, dizendo educadas palavras de despedida aqui e ali, Dave parou Brooke e eles se abraçaram.

— Um sucesso — disse ela.

— Obrigado por sua ajuda.

— A qualquer hora.

À medida que se afastava, Jake disse:

— Ele parece ser um cara legal.

— Eu honestamente acho que ele é o homem mais legal da cidade.

— Karen MacLean mencionou que a mulher que ele amava tinha morrido, mas você disse que ele é ex-marido de Jessica. Estou confuso.

— Jess e Dave se casaram logo após o colegial. Ela estava grávida de Robin.

Brooke fez uma pausa, levantou o rosto para o ar da noite e respirou fundo.

Jake fez o mesmo, apreciando a pureza, o perfume de uma flor cujo nome ele não sabia e o vento ligeiramente frio que cortava o que sobrara do calor diurno. A banda ainda estava tocando, mas baixinho agora, com uma cantora que cantava outra música country que ele não conhecia, mas era obviamente uma balada de amor.

— Eles tinham um casamento feliz — continuou Brooke quando deixaram o gramado bem cuidado do parque e pisaram na calçada. — Eles ainda se amavam, como ainda se amam, mas era, ah, um tipo calmo de amor. Não é o mesmo tipo de coisa que Evan e Jessica têm. Ou Dave e Anita tinham.

Toda aquela conversa sobre amor. Era um conceito tão estranho para ele. O corpo da mulher estava tentadoramente perto enquanto caminhavam para onde tinham deixado o carro, mas havia algumas pessoas nas ruas e por isso ele não se arriscou a tocá-la. Logo, ele prometeu a si mesmo. Muito em breve.

— Então, Dave e Jessica se divorciaram, e daí ele conheceu Anita — disse Jake.

— Não — retrucou Brooke. — Anita era professora do ensino médio em Toronto. Ela estava procurando por uma vida mais calma, exatamente como em nossa história de Arnold, e conseguiu um emprego aqui. Ela era fascinada pela história da cidade, juntou-se ao Comitê do Patrimônio, e ela e Dave... Bem, eu acho que foi amor à primeira vista. Contudo, ele era casado. Eles tentaram fazer a coisa honrosa e resistir à atração.

Um casal caminhava em direção a eles na calçada e Brooke ficou em silêncio, e depois continuou a falar quando eles estavam fora do alcance da voz.

— Jess percebeu que Dave estava chateado com alguma coisa. Ela finalmente o fez falar sobre isso.

— Ela mesma deve ter ficado muito chateada com isso.

Em sua experiência, as mulheres poderiam ser possessivas e ciumentas, mesmo quando você deixa muito claro que a relação é puramente casual.

— Sim, no entanto ela entendeu. Jessica é uma mulher muito generosa. Ela disse que eles deveriam se divorciar para que Dave pudesse ficar com Anita, pois esse tipo de amor é algo raro.

— Bem, não consigo imaginar muitas mulheres reagindo dessa forma.

— Não, mas Jess sabia algo sobre esse tipo de amor. Ela e Evan eram amigos desde o momento em que se encontraram, no ensino fundamental. E em algum lugar ao longo desse período eles se apaixonaram. Entretanto, o objetivo motivador de Evan era escapar de Caribou Crossing, e Jess sabia disso. Eles não reconheciam o seu amor, nem mesmo para si próprios. Jess de fato amou Dave, e ele foi um pai e um marido maravilhoso, mas era um tipo diferente de amor. Quando Dave falou sobre como se sentia sobre Anita, ela percebeu que era assim que ela amava Evan, e talvez ainda o amasse.

Jake achou que ele podia entender que havia diferentes tipos de amor, e alguns eram melhores do que outros. Alguns eram generosos, não egoístas.

— Então, ela deu o divórcio a Dave e, em seguida, Evan chegou de volta à cidade e eles voltaram a ficar juntos?

Brooke assentiu.

— Um final feliz.

Era muito claro quanto Evan e Jessica se amavam.

— Para todos, menos para o pobre Dave. Ele ficou destruído quando Anita morreu de câncer no cérebro.

— Isso é o que Karen disse. Mas ele parecia bem para mim.

— Ele é um homem muito controlado. E não quer infligir sua dor para o resto de nós, porém, ela está lá. Se você o conhecesse antes, veria a diferença. Ele... Envelheceu. Quantos anos você acha que ele tem?

— A minha idade, eu acho.

— Pois nem chegou aos trinta anos...

Tinham chegado ao carro, e pararam de andar.

— Pobre homem. Acho que é muito mais seguro você nunca se apaixonar.

Ela se virou para ele, piscando um sorriso rápido.

— Essa é a verdade. Se eu não tivesse caído de amores por Mo... — então, ela parou de falar e parecia pensativa. — Bem, quem pode dizer? Eu não teria Evan. E ele e sua família são a alegria da minha vida.

Enquanto Jake segurava a porta do passageiro e a observava deslizar para dentro do carro, ficou pensando sobre esse comentário. A alegria da vida de Brooke. Será que ele tinha alguma alegria em sua vida? Seu trabalho, talvez... Era ótimo, sempre desafiador e excitante. No entanto, você não poderia chamá-lo de alegre.

Pensou na Cabo Karen MacLean falando sobre quanto ela amava seu trabalho, mas a forma melancólica como observava Evan e Jessica disse que ela ansiava por mais do que isso.

Ah, mas isso era ela. Não ele.

Jake deu a volta no carro e subiu para o assento do motorista.

— Vamos dar o fora daqui, gata. Eu quero levá-la para a cama e explodir seus miolos.

Brooke riu.

— Bem, você está definitivamente sendo Jake de novo.

— Esse negócio de bancar o Arnold está me deixando louco. Eu queria lhe dar um apertão na bunda — ele estendeu a mão para empurrar o vestido dela para cima e colocar as mãos na coxa nua, e sair das palavras e entrar em ação. — Fiquei de olho com quem estava conversando e o que você estava fazendo.

— Você está me parecendo quase...

Ela parou de falar e ficou tentando fechar o cinto de segurança, mas de uma forma que não desalojasse a mão de Jake.

Contudo, o cérebro de Jake lhe deu a palavra que Brooke tinha evitado. Ciumento.

Hã? Isso não poderia ser ele. Ele não podia ter ficado com ciúme. Isso era uma coisa que as mulheres sentiam. E tentou se explicar:

— Durante o tempo que eu estiver aqui, você é a minha mulher. Eu quero poder tocá-la.

— Sua mulher?

Merda. Agora ele parecia possessivo. Rapidamente, ele corrigiu a si mesmo.

— Desculpe, eu não quero dizer, tipo, propriedade. Quero dizer que estamos juntos, e eu gostaria de poder agir dessa forma em público.

— Estou um pouco surpresa — ela disse lentamente. — Quer dizer, dificilmente eu poderia passar por uma linda jovem com quem pudesse desfilarmos pendurada em seu braço.

Jake ficou de boca aberta olhando para ela.

— Você era a mulher mais atraente lá hoje à noite.

Ela bateu a mão para fora da perna.

— Ah, que besteira. Bajulação é muito bom, mas só quando for crível. Jessica estava lá, sem falar na Karen, cuja companhia você parecia estar apreciando bastante e Silvia Campinelli, e...

— Eu mantenho o que eu disse — ele agarrou o volante com força. Por acaso Brooke pensava que ele era um cara que usaria bajulação barata? Ele deu-lhe um olhar direto. — Karen MacLean é impressionante, Silvia poderia ser bonita se ela não usasse tanta maquiagem, e Jessica vai ser ainda mais maravilhosa quanto tiver a sua idade e algumas linhas de expressão. Mas você é única, Brooke. Sem dúvida — Jake fez uma pausa. — Eu nunca bajulo mulheres. Se um cara mente para uma mulher, isso vai apenas causar-lhe problemas no final.

Brooke ficou em silêncio por um tempo. Ele tinha sido totalmente sincero e esperava que ela percebesse isso. Sim, ele sabia que ela era mais velha. E não estava negando isso. É que simplesmente não tinha importância. Brooke tinha um rosto lindo, um corpo sexy e, acima de tudo, tinha o tipo de beleza que vinha de dentro. Quanto mais ele conhecia Brooke, mais bonita achava que ela era.

— Podemos ir para casa? — perguntou.

— Sim, por favor.

Enquanto o carro se afastava do meio-fio, ela disse:

— Jessica trouxe uma mensagem de sua filha. Robin quer que passemos lá amanhã à tarde. Ela decidiu que vai ensinar você a montar.

— Eu não acho que isso esteja no topo das prioridades de Arnold. Nem nas minhas. Estou tentando pegar um assassino.

— Qual é o seu próximo passo?

— O único suspeito que identificamos e a quem eu ainda não encontrei é o Sargento Miller, mas ele está fora neste fim de semana. Nesse meio-tempo, há muita pesquisa a fazer sobre as pessoas que conheci.

— O Jamal pode ajudar?

Na verdade, Jamal poderia fazê-lo mais facilmente a partir de Vancouver, em vista de todos os recursos que eles tinham lá, em comparação com o velho computador e a conexão lenta de internet de Brooke.

— Sim, acho que sim — admitiu.

— Os cavalos fazem parte do modo de vida aqui. Isso dará mais credibilidade à história de Arnold se disser que cavalgou. Você já montou a cavalo?

Ele balançou a cabeça.

— Depois de ter montado uma Harley, quem vai querer montar um cavalo?

— É surpreendentemente divertido. Kate já me disse que eu poderia sair cedo amanhã. As tardes de sábado não têm movimento.

Seu tom de voz era mais neutro do que persuasivo, mas ele percebeu que Brooke raramente colocava os próprios desejos em primeiro lugar. Era quase como se não acreditasse que merecesse ter o que desejava — ou mesmo que parecia ter medo de querer coisas demais.

— Você gostaria de cavalgar — disse ele.

Ela encolheu os ombros.

— Eu gosto. E é claro que eu amo estar com Robin. Além disso, isso lhe daria a desculpa perfeita para comprar um par de jeans.

— Ah, bem, nesse caso, com certeza, vamos embora.

— Ah, sim! Obrigada, Jake. Vai ser divertido. Você vai ver.

— Talvez — ele estendeu a mão em sua coxa novamente. — Mas eu sei de uma coisa que com certeza será divertida. Vou levá-la para casa, querida.



A manhã de sábado voou para Brooke, enquanto ela e Kate preparavam uma noiva e três damas de honra para um casamento à tarde e cuidavam de um punhado de outros clientes. Elas mal tiveram tempo suficiente para uma pausa para devorar saladas gregas da loja de frios. Normalmente, Brooke levaria o próprio almoço, mas Jake tinha jogado fora sua rotina. Isso seria um pensamento preocupante se Brooke se permitisse debruçar-se sobre ele, mas ela se sentia feliz e saudável. E lembrou-se do que o doutor Allenby tinha dito: era normal sentir-se animada quando as coisas boas estavam acontecendo em sua vida.

Quando chegou a hora de ir embora do salão de beleza, Brooke disse:

— Você tem certeza de que não se importa, Kate? Você já ficou de pé durante o dia todo. Eu me sinto mal por deixá-la sozinha.

— Só mais duas clientes hoje. Eu vou ficar bem. Além disso, quantas vezes você já me cobriu quando eu tirei folgas? Basta ir lá e aproveitar. E tirar fotos. Seu primo parece ser um cara legal, mas eu não consigo imaginá-lo em cima de um cavalo com um chapéu de vaqueiro.

— Se alguém pode deixá-lo mais solto é a Robin.



Cantarolando, Brooke dirigiu de volta para casa.

Quando Jake foi até a varanda para cumprimentá-la, ela sorriu ao ver suas longas pernas envoltas em denim. Felizmente, o cabelo cortado, a camisa polo e os óculos o faziam parecer muito diferente do motociclista de jaqueta de couro.

Entraram na casa juntos, onde ele a beijou longamente.

Relutante, ela se empurrou para fora de seus braços.

— Robin estará esperando. Eu só vou correr para cima e mudar de roupa.

— Posso ver?

— De jeito nenhum. Você não tem força de vontade suficiente.

Ela adorou saber que seu lindo e sexy e experiente cara a achava tão atraente.

Rindo de seu gemido exagerado, apressou-se a subir as escadas. Rapidamente, Brooke vestiu seus jeans bem usados, uma camisa western com guarnição azul e as botas de vaqueiro trabalhadas que ela sempre limpava e polia após cada passeio. Pegou um chapéu de caubói Resistol, a marca preferida de Jessica e Robin, colocou na cabeça, levou a câmera que estava numa gaveta e desceu as escadas de novo.

Jake, que estava sentado em frente ao computador, virou-se ao ouvir o som, e ficou boquiaberto.

— Cara, olhe para isso. Você está a mais sexy das vaqueiras!

Brooke corou com o elogio, enquanto ele desligava o computador.

E quando subiram no carro de Jake, ela teve uma súbita preocupação.

— Como está se sentindo? Você está curado o suficiente para fazer isto?

— Eu estou bem. É só sentar em um cavalo, certo? Quanto isso pode ser extenuante?

— Sério? Você nunca viu um rodeio?

— Na verdade, não.

— Não subestime os caubóis. Nem as vaqueiras. Você deveria ver Jessica e Robin. Mas tenho certeza de que Rob vai ter calma com você, não vai pegar tão duro. Ela ajuda a mãe com os alunos em treinamento, então está acostumada com os moleirões da cidade.

— Ei, cuidado, senhora — devolveu ele, e os dois riram.

— Você conseguiu falar com Jamal hoje cedo? — perguntou Brooke, curiosa para saber se havia alguma coisa nova com a investigação.

Na noite anterior, ela e Jake tinham se envolvido em fazer amor, e acabaram adormecendo depois. Ela até dormiu depois de o despertador tocar e teve de correr para chegar ao trabalho na hora certa.

— Sim, nós conversamos por uma hora, mais ou menos.

— Alguma pista do lado dele?

— Ele rastreou a localização do campo de maconha, fez umas pesquisas. O terreno é de propriedade de um indivíduo idoso com Alzheimer, que vive em um asilo em Williams Lake. O nome é Bob Baxter. — ele olhou para Brooke.

Ela balançou a cabeça.

— Não, nunca ouvi esse nome. E se ele tem mal de Alzheimer, com certeza não é o seu homem. Será que ele tem parentes por aqui?

— Não, seu único parente e provavelmente a pessoa que vai herdar as terras é um sobrinho que vive em Toronto. Ele é médico. Vem a Williams Lake, uma vez por ano, para ver seu tio. Gideon Baxter.

— Um nome incomum. Eu não o conheço.

— Foi checado e está limpo — Jake continuou. — Achamos que o pessoal montou a operação ilegal, plantando maconha no terreno deles, sem os Baxter estarem sabendo. Tem um longo riacho que atravessa a propriedade, de forma que estão pegando água dali. Não há contas de energia elétrica indo para aquele endereço; eles fizeram uma gambiarra no medidor de energia ou conseguiram um de seus homens trabalhando na companhia de energia. Jamal conseguiu os nomes e vai começar a verificá-los.

— Você disse que eles estão usando reboques?

— Estão. Portanto, em teoria, se alguém estivesse atrás deles, eles poderiam mudar toda a operação para algum outro lugar remoto, se quisessem. Como se o tio morre e o sobrinho vende as terras, ou se eles suspeitam que a polícia pode aparecer.

— Se o sobrinho for um cara íntegro, ele odiaria saber como a terra está sendo usada.

— Eu sei. E uma vez que tivermos apanhado o assassino de Anika, vamos arrebentar essa plantação toda e prender quem estiver associado a ela.

— Quanto mais cedo, melhor — ela disse com firmeza.

Apesar de que isso significaria Jake partir da cidade...

— Concordo. Falando nisso, eu contei à Cabo MacLean o que Robin disse sobre as drogas nas escolas. Ela parecia genuinamente surpresa. Disse que Miller tem tolerância zero, contudo, ela também disse que ele lida pessoalmente com os casos de drogas. Pode ser que ele esteja acobertando a própria operação.

Por mais que ela não gostasse do sargento, a ideia de que ele pudesse estar fazendo alguma coisa assim ainda chocou.

— E como você poderia descobrir?

— Não tenho certeza. Pelo menos não fazendo isso de forma legal e encontrando provas que fossem admissíveis em tribunal. Você tem de odiar o sistema quando criminosos têm mais direitos do que as vítimas — resmungou.

— Eu acho que isso faz com que seja difícil para você deter os bandidos.

— Com certeza faz. Eu gostaria de simplesmente entrar na casa do cara, e talvez no destacamento da Polícia Montada.

— Sim, mas as regras estão aí por uma boa razão — protestou Brooke, mesmo que uma parte dela concordasse com ele.

Se alguém estivesse vendendo drogas a crianças inocentes, como Robin, deveria ser detido.

— Aqui está outra pergunta para você — disse ele. — Veja se algum desses nomes significa algo — e Jake citou três nomes de memória.

— O senhor Yarrow é um advogado aposentado e eu acho que Julia Reddick é instrutora de voo. Qual foi o outro, de novo?

— Richard Snyder.

Ela balançou a cabeça.

— Não conheço. Qual é o significado desses nomes?

— Eles pegaram pequenos aviões na terça-feira de manhã — Jake virou o carro na estrada do Bly Ranch. — Jamal está checando esses nomes e procurando conexões com Miller, Cray ou qualquer outro que identificarmos como possível suspeito.

Passaram pelo local onde eles tinham estacionado, e seu corpo se aqueceu com as lembranças.

— Vamos encontrar Robin no campo de treinamento. É lá que eles mantêm os próprios cavalos, bem como os cavalos para os alunos.

Ele dirigiu passando em frente da casa dos pais de Jessica e da sede do rancho, e então virou na entrada de automóveis do campo e parou no estacionamento. Três cavalos selados estavam amarrados a um palanque, mas não havia uma alma à vista.

— No sábado — disse Brooke —, Jess geralmente leva os hóspedes para um longo passeio, com um piquenique no meio.

Robin saiu correndo para fora da porta do estábulo, vestida de jeans, camiseta e botas. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo e seu chapéu pendurado em suas costas, preso por um cordão em volta do pescoço.

Enquanto corria ao encontro deles, Brooke saiu do carro. Ela cumprimentou Robin com um abraço caloroso.

— Oi, meu amor.

— Oi, vovó — a menina respondeu animadamente.

Ela se virou para Jake, que tinha ido se juntar a elas.

— Oi, primo Arnold. Isso vai ser tão legal. Confie em mim, não há nada a temer. Brooke viu o brilho de humor em seus olhos quando ele respondeu na voz de Arnold:

— Espero que você tenha razão.

A menina olhou para seus pés, vestido com sapatos engraxados.

— Venha para o estábulo. Temos umas botas de reposição.

Brooke enganchou o braço no dele quando todos eles começaram a andar para o estábulo.

— Se você ficar viciado, como eu, vai ter de comprar seu próprio par.

— E um chapéu Stetson, suponho — retrucou.

— Resistol — Brooke e Robin disseram em um dueto, e ambas riram.

— Ahã — respondeu Jake em um tom que indicava que isso nunca ia acontecer.

— Mamãe disse que Evan era assim também, no início — disse Robin a Brooke.

— Tenho certeza disso — ela concordou, ainda levemente surpresa que seu filho mauricinho, que estava viciado em Manhattan, tivesse se adaptado tão bem em Caribou

Crossing.

Ele havia sofrido uma transformação incrível, principalmente graças a Jessica e ao seu amor um pelo outro.

Brooke e seus companheiros saíram do pátio ensolarado para dentro do estábulo escuro, fazendo uma pausa para que seus olhos se ajustassem. Ela inalou alegremente, saboreando o doce aroma de feno novo e maçãs. Ocorreu-lhe que a sua transformação tinha sido ainda mais dramática do que a de Evan. Ela deixou de ser a bêbada da cidade e uma mãe terrível e se tornou uma mulher saudável que conseguia sua satisfação a partir de coisas como as flores que desabrocham, o cheiro de feno e, principalmente, a companhia de sua família.

— Tire os sapatos — Robin disse a Jake.

Quando ele obedeceu, ela avaliou seus pés cobertos de meia, então escolheu um par de botas de caubói da meia dúzia disponível em uma prateleira.

— Experimente estas.

Ele deslizou seus pés para elas.

— Hã... Não ficaram ruins.

Ela assentiu.

— Eu sou boa em julgar essas coisas. Agora você só precisa de um chapéu.

Robin escolhe um Resistol preto.

— Você é um cara que gosta de preto?



— ESCURO E PERIGOSO? — perguntou Jake. — Não mesmo.

Brooke sufocou uma risadinha.

— Dê ao primo Arnold o preto, mesmo. Isso vai ajudá-lo a encontrar seu espírito de aventura.

Por trás dos óculos de armação de arame, Jake revirou os olhos para as duas. Ele pegou o chapéu e pousou-o em um ângulo de bobo na cabeça.

Robin, que ficava mais alta a cada dia, subiu na ponta dos pés e ajustou-o.

— Você nunca vai ganhar dela — Brooke avisou. — Você poderia muito bem se render agora.

— Por que tenho a sensação de que é assim com todas as mulheres da família? — perguntou Jake.

Ele estava brincando, mas Robin levou a questão a sério.

— Porque nós somos fortes. Mamãe diz que somos todas fortes. Ela e eu, a vó Brooke e a vó Miriam.

— Eu posso ver isso — Jake disse em um tom sério. — E isso é uma coisa muito boa para ser.

Eles se dirigiram para o quintal novamente, onde Brooke acariciou a égua que ela costumava montar.

— Olá, Beanie.

O nome completo do cavalo era Full o' Beans, mas todo mundo abreviava. Apreciando o cheiro do cavalo e a sensação do pelo quente e áspero, sob a palma da mão, Brooke assistiu Robin introduzir Jake a um cavalo baio chamado Sage. Enquanto Jake tentava deixar o cavalo cheirar sua mão, e em seguida, dava palmadinhas no animal, Brooke se perguntou quanto dessa sua cautela era encenação. Seria possível que Jake, o homem que caçava os criminosos mais difíceis, estivesse nervoso perto de cavalos?

Com Robin instruindo-o sobre como montar, ele colocou o pé esquerdo no estribo, estendeu a mão para agarrar a sela, em seguida, fez uma pausa, como se a tarefa estivesse além dele.

Robin tocou em seu braço, logo abaixo da manga de sua camisa polo.

— Você tem músculos — ela disse com firmeza. — Use-os.

Com uma risada surpresa, Jake deu um impulso para cima, passou sua perna para o outro lado e pousou na sela.

Brooke montou facilmente e Robin saltou para as costas de sua égua baia, Concha. Eles começaram pelo curral em uma caminhada, Robin andando ao lado de Jake, emitindo instruções. Brooke veio logo atrás, sorrindo. No verão anterior, ela havia sido a aluna, aprendendo com aquela garota talentosa.

Robin levou a todos ao longo de uma estrada de terra em primeiro lugar, em seguida, avançou na frente de Jake para liderar o caminho em uma trilha bem usada.

Brooke observava as costas de Jake. Quando ele bancava Arnold, caía os ombros um pouco, para disfarçar seu tamanho, seus músculos e sua força. Agora, montado a cavalo, seu corpo caía naturalmente na postura da equitação do campo, que, tinha aprendido, era uma postura mais relaxada do que o estilo de costas retas dos cavaleiros ingleses. Ela podia vê-lo recebendo a sensação de sua montaria, começando a mover-se como se fossem um único ser.

Quando o caminho se alargou, ela se colocou ao lado dele e perguntou em voz baixa, para que Robin não pudesse ouvir:

— Como ele se compara em estar em cima de uma moto?

— Lento — respondeu Jake com um sorriso. — Mas há algumas semelhanças. Tenho de reconhecer, eu gosto mais do chapéu do que de um capacete.

— Espere até você correr por um campo com o vento em seus cabelos. Seus olhos brilharam.

— Você faria isso? Brooke, a supercautelosa?

— Bem, eu não corro tão depressa como Robin, mas sim, corro. É como um sentimento de liberdade, entende?

Jake a estudou, e Brooke percebeu que ele entendera. Naquela vida estruturada dela, havia poucas coisas que pareciam tão livres e libertadoras quanto deixar Beanie correr com o vento.

— Pronto para tentar o trote? — Robin gritou lá da frente.

— Claro — respondeu Jake. — Estou me sentindo corajoso.

— O trote pode realmente lhe dar algumas sacudidas — avisou Brooke.

Ela estava preocupada com seu ferimento de bala, e disse isso enquanto segurava seu cavalo.

— Não se você sentar-se corretamente — disse Robin.

Ela parou Concha, à espera que Jake chegasse para que ela pudesse andar ao lado dele.

— Você precisa realmente sentir os movimentos do Sage e tentar absorvê-los. Não fique tenso, querendo jogar contra, mas não ceda também. Deixe a parte inferior do seu corpo seguir o movimento, de modo que suas costas e barriga se movam para a frente e para trás um pouco. Mantenha a parte de cima do corpo e as mãos calmas e firmes.

— É muita coisa para prestar atenção — disse ele, em dúvida.

— É como aprender qualquer outra atividade física — replicou a menina. — No início, você se concentra, quase demais da conta, então apenas meio que dá um clique e você começa a sentir, em vez de pensar sobre isso.

— Eu vou tentar.

Eles começaram em um trote lento e Brooke estava orgulhosa de estar fazendo automaticamente todas as coisas que Robin tinha anotado, sentindo seu corpo mover-se confortavelmente junto com o de Beanie. Ela sorriu para si mesma, lembrando-se da dor em seu bumbum e nas coxas após seus primeiros passeios.

Jake fez a sua parte, debatendo-se e gemendo, enquanto Robin ria, provocava e o treinava, sem sucesso. A menina desacelerou a todos para o ritmo de passeio.

— Tudo bem, primo Arnold, vamos entender. Que tipo de exercício você costuma fazer?

— O que faz você pensar que eu faço algum?

— Como eu disse, você tem músculos. Você não passa a sua vida inteira sentado na frente do computador apertando números.

— Menina esperta — disse ele, em tom de admiração e, para os ouvidos sensíveis de Brooke, também com um toque de pesar por ser pego por uma criança. — Você está certa. Esse trabalho é ruim para o corpo, então eu tento passar na academia antes de ir trabalhar todos os dias. Eu faço as típicas de rotina: esteira, aparelhos...

— Hã... — essa única sílaba de Robin deixou claro que ela achava que a academia era um pobre substituto para a equitação e o trabalho no rancho. — Quando você corre na esteira, você não apenas usa as pernas, certo? É uma coisa de corpo inteiro. A força, o equilíbrio, mantendo todas as partes que trabalham em harmonia. Não é assim?

Jake estudou-a com surpresa quando ele concordou, mas Brooke não estava nada assombrada com o conhecimento da menina e o jeito como o aplicava. Ela tivera uma ótima professora em sua mãe, e era uma parte integrante do Riders Boot Camp.

Robin treinou Jake um pouco mais; em seguida, eles tentaram um trote novamente e dessa vez ele foi melhor, ou permitiu que Arnold fizesse melhor.

— Você é uma boa professora — elogiou Robin sem fôlego.

Quando a trilha saiu por um pequeno lago, Brooke fez Jake posar para algumas fotos e ele disse:

— Eu vou ter de conseguir cópias de você. Minha mãe e os meus irmãos nunca vão acreditar.

— Você poderia ter um escritório na cidade — disse Robin — e uma casa que ficasse a poucos quilômetros de distância, perto de onde vivemos, e então você poderia arrumar um cavalo e cavalgar para o trabalho.

— Você tem tudo planejado, não é? — Jake brincou com ela.

Brooke sabia que o plano da menina nunca se tornaria realidade, embora as palavras de Robin enviassem uma pontada em seu corpo. Ter Jake por perto parecia muito interessante. Imaginar esse homem como parte de sua vida, então... Mas não, isso era ridículo. Não era o que ela queria, e certamente não era como Jake enxergava sua vida.

E a mulher forçou um sorriso.

— Rob, você acha que Arnold está pronto para aprender a galopar?

— Além do trote, galopar? — perguntou Jake.

Robin prontamente se lançou em explicações sobre os dois andamentos e as diferenças em relação ao galope de equitação Inglesa, e Brooke ficou pensando em como esses dois se deram bem. Mesmo quando Jake estava em seu papel de Arnold, suas qualidades, como respeito pelos outros, a curiosidade e o intelecto aguçado apareciam.

Eles continuaram o passeio, com Robin instruindo Jake e contando-lhe um pouco sobre a flora e a fauna do lugar, e Brooke deixou-se relaxar e se divertir. Meia hora mais tarde, Jake segurou Sage para andar ao lado de Beanie.

— Divertindo-se? — perguntou.

— Eu adoro fazer isso. Quando me desintoxiquei, aprendi a fazer meditação como forma de aliviar o estresse, mas andar no campo é ainda melhor. Perco a noção do tempo, vivo o momento. Jessica e Evan sempre falam em parar para cheirar as rosas, e isso é incrivelmente curativo.

Sua expressão educada, mas perplexa disse a ela que Jake não tinha entendido. De fato, Brooke realmente não esperava que um policial disfarçado fosse entender.

— E você pode percorrer um bocado de terreno também — disse ele pensativo.

Adivinhando sua linha de pensamento, ela disse:

— Sim. E você vê cavaleiros em todo o lugar. Ninguém vai pensar nada ao ver cavalo e cavaleiro seguindo alguma trilha pelo campo.

Se ele quisesse visitar de novo a plantação de maconha, fazê-lo a cavalo seria menos indiscreto do que usando um veículo. Ainda assim, ela desejou que ele não o fizesse. Brooke não queria outro buraco de bala em seu sexy policial.

— Vocês podem ficar para o jantar, certo? — Robin falou com os dois atrás dela. — Papai vai chegar daqui a pouco, e vovó e vovô.

Um sorriso triste puxou os lábios de Brooke. Quando ela foi atraída para um desses grandes jantares de família, ela se sentiu tão desconfortável. Agora ela sabia que todos a aceitaram e ela achava que não havia nada melhor do que uma reunião de

família. Naquela noite, porém, ela teria preferido ficar a sós com Jake. Deixando pensamentos egoístas de lado, disse a Jake:

— Além de serem pessoas maravilhosas, os pais de Jessica vivem em Caribou Crossing desde sempre, e Dave é um dos líderes da comunidade. Você não podia encontrar melhores pessoas para conversar.

— Parece ótimo — disse ele com entusiasmo. — Se não se importarem que eu esteja cheirando a cavalo. Eu não trouxe roupas limpas para me trocar.

Robin exclamou.

— Nós amamos o cheiro de cavalo, primo Arnold!



Quando Jake entrou no curral com Brooke e Robin, a menina disse:

— O grupo da mamãe está de volta.

O pátio não parecia diferente, mas ele notou algumas pessoas nas varandas dos chalés e do barracão, muitas com uma cerveja ou um refrigerante nas mãos. Robin acenou para eles, que acenaram de volta, e Jake pensou que ele poderia mesmo gostar de uma cerveja, agora.

Ele desceu com a imperícia de Arnold do lombo de Sage, com o corpo dolorido. Não era apenas o ferimento de bala; montar um cavalo usava um conjunto diferente de músculos dos que eram utilizados ao andar de Harley. Ele experimentou outro sentimento incomum também. Apesar da persistente dor, estava relaxado e quase... Contente.

Em geral, ou se via intensamente envolvido em seu trabalho, ou exausto depois de uma tarefa que lhe exigisse demais, ou inquieto e querendo voltar logo ao trabalho. Sim, de vez em quando ele e Jamal relaxavam com uma pizza e um jogo na TV, mas o contentamento não tinha sido uma palavra no vocabulário de Jake. Isso devia ser o que Brooke tinha tentado explicar quando falou sobre desestressar e parar para cheirar as rosas.

— Você foi muito bem — Robin disse a ele, com os olhos brilhando quando tomou as rédeas de Sage dele. — Você não amou?

— Não foi de todo mau. Eu não tenho certeza se eu me vejo andando a cavalo de casa para o trabalho, mas eu faria isso de novo.

E ele faria, com muita alegria, como Jake, embora provavelmente ele nunca tivesse essa chance. No início da semana, a investigação se aqueceria novamente, com o Sargento Miller e outros moradores proeminentes disponíveis para ser entrevistados por Arnold. Jake esperava encerrar o caso no prazo dessa semana, e nesse ponto seu subterfúgio seria exposto. Ele sentiu uma pontada em ter sido obrigado a enganar

pessoas tão legais, mas isso foi o que o trabalho exigia. Brooke explicaria isso para sua família e seus amigos e eles entenderiam por que esse expediente tinha sido necessário.

Vendo que Brooke estava tirando a sela de seu cavalo, ele perguntou a Robin:

— O que eu faço agora?

Ela o ensinou a tirar a sela de Sage e trocar o freio por um cabresto, então a escovar o cavalo, demonstrando tudo isso com o próprio cavalo. Ele observou que Brooke estava silenciosamente cuidando do próprio cavalo.

Quando Robin levou os cavalos para um pasto com grama, Jake foi para o estábulo. No espírito de ser Arnold, ele devolveu seu chapéu a um gancho na parede e vestiu de volta seus sapatos, desejando ter tênis ou sandálias. E uma cerveja. Ele realmente queria uma cerveja gelada.

Robin levou-os pela estradinha que passava pelas construções do acampamento até sua casa, onde Evan, bronzeado e saudável, vestido com uma camiseta, calções e sandálias, cumprimentou-os.

— Que tal uma cerveja? — Ele perguntou a Jake.

Será que Arnold beberia cerveja? Claro que sim, pelo menos para ser educado.

— Isso seria ótimo.

— Eu vou pegar as bebidas — ofereceu-se Robin, e correu para dentro de casa.

Voltou em segundos, com duas garrafas de cerveja, que entregou a Jake e Evan, e duas garrafas de bebida de frutas com gás, uma para Brooke e outra para si mesma.

Todo mundo abriu as bebidas e deu longos goles; em seguida, Jessica veio da casa, enxugando as mãos nas calças de brim bem gastas.

Eles mal tinham se acomodado em cadeiras no grande e envolvente alpendre quando os pais de Jessica chegaram a pé. Miriam Bly estava elegante em calças casuais e uma bonita camisa, o cabelo cor de areia e as sardas que lhe davam uma aparência mais jovem. O marido dela, Wade, tinha cabelos e barba quase em sua maioria cor de prata, e ele coxeava um pouco, mas havia músculos em sua esguia ossatura e seu aperto de mão era firme. Os olhos, do mesmo castanho profundo de Jessica e Robin, eram tão amigáveis quanto os olhos cinzentos da esposa.

As apresentações mal tinham acabado de ser feitas quando Dave Cousins chegou. Também a pé, em jeans e botas, ele disse:

— Eu vim a cavalo. Malibu está lá embaixo, no acampamento.

Quando o grupo estava servido com bebidas e tinha começado a conversar, Jake procurava sinais de tensão entre o marido de Jessica e seu ex, mas não havia nenhum. Os homens agiam como irmãos, brincando e batendo de volta nas costas um do outro.

Brooke tinha uma família incrível. E, ele descobriu durante a meia hora seguinte, cada um deles estava determinado a lhe fazer sentir-se bem-vindo e a vender-lhe a ideia de se mudar para Caribou Crossing.

Jake e Brooke conseguiram, fazendo uso de um ou outro pretexto, insinuar o nome de todos os que ele estava investigando na conversa. Nenhum membro da família

fazia negócios no banco de Cray, e ninguém gostava dele. Quanto ao Sargento Miller, Wade Bly disse:

— Ele é um cara que põe a mão na massa. Ele se envolve nas coisas, toma as coisas pessoalmente.

— Demais da conta, talvez — Dave Cousins comentou.

— O que você quer dizer? — perguntou Brooke.

— Lembram-se daquele policial, Mac Jones? — disse Dave. — Ele vinha muito ao Wild Rose, e ficamos amigos.

— Ele foi embora de Caribou Crossing um ano atrás — disse Wade. — Foi transferido, certo?

— Ele solicitou a transferência. Não se dava bem com Miller. Ele me disse que o homem não o deixava fazer seu trabalho, e ficava sempre tirando trabalhos dele.

Jake arquivou essa informação.

Na próxima pausa na conversa, ele disse:

— Alguém na arrecadação de fundos mencionou um lugar que pode estar prestes a ser vendido. Eu acho que o nome do proprietário é Baxter.

— Deve ser Bob Baxter — disse Wade. — Ele está com quase noventa anos e tem Alzheimer. Ele está vivendo em uma dessas unidades de cuidados para idosos e, provavelmente, não vai durar muito mais tempo. Pena. Ele era um homem bom, adorava este lugar. Tem um sobrinho, de nome, deixe-me ver... — ele passou a mão sobre a curta barba prateada —... Gideon, é isso. Vive no leste em algum lugar. Tem uma família, parece feliz lá. Imagino que ele vá vender o lugar quando seu tio falecer.

— Eu não acho que seria certo para Arnold, no entanto — disse Miriam. — Bob vendeu sua casa quando se mudou para o asilo. A propriedade que Gideon vai herdar é uma terra não desenvolvida e que fica no meio do nada.

— Arnold tem de ficar a uma distância de uma cavalgada da cidade — disse Robin. — E ele vai arrumar um cavalo.

— Certo — disse Jake secamente. — Você só fica pensando nisso.

Todos riram, então se encaminharam para o pátio dos fundos e se prepararam para um jantar de frango e costelas, batata assada em papel alumínio e espigas de milho assadas. O tema da conversa mudou-se para uma discussão sobre o Riders Boot Camp e Jake ouviu, impressionado pela forma como todos estavam envolvidos e comprometidos com o projeto. Apesar de ter sido o sonho de Jessica, eles tinham assumido que esse era um projeto da família. Seria bom se todas as famílias fossem como aquela.

Miriam e Jessica foram para a cozinha, para retornar com duas tortas de pêssego e um pote de sorvete de baunilha. Ele provou a torta, que Miriam tinha feito, e gemeu. Os olhos de Brooke, do outro lado da mesa, dançaram divertidos.

Este foi, deixando de lado o ferimento a bala, o melhor serviço que lhe tinham atribuído.

Habilmente ele desviou a conversa para soltar mais alguns nomes, mas não surgiu nada de novo.

A noite acabou cedo. Evan levou Jake e Brooke para o carro.

— Estamos em um fuso diferente aqui — disse ele. — Vá para a cama cedo e levante-se com, ou antes, do romper da aurora. Leva algum tempo para se acostumar, mas é um estilo de vida saudável.

Jake segurou a porta do passageiro para Brooke.

— Eu acho que é. Obrigado por uma noite mais do que agradável, Evan.

Ele subiu no carro e afastou-se da casa.

— Você tem uma ótima família.

— Eu sei. Você soube de alguma coisa de útil?

— Alguns fragmentos, mas não muito. Ou sua família não sabe de toda a sujeira real sobre nossos suspeitos — disse Jake — ou eles não vão fofocar com um estranho. Vamos ver se Jamal desenterra algo mais, como sobre as viagens que Cray, Miller e Vijay Patel costumam fazer.

— Você falou com Vijay na arrecadação de fundos, não é?

— Falei. Ele disse todas as coisas certas sobre o arrombamento em sua loja, seja isso útil para mim ou não.

— O que mais eu posso fazer para ajudar?

Ele sorriu calorosamente para ela.

— Você está indo muito bem. Basta continuar perguntando coisas amigáveis para suas clientes. No entanto, não pressione. Eu prefiro não resolver este crime a vê-la em perigo.

— Honestamente? Isso é... Reconfortante.

Seu tom era sério, ela não estava brincando.

— Diabos, Brooke.

Ele parou de falar e deu de ombros, sem saber o que queria dizer a ela.

Ela era uma mulher forte, mas nem sempre tinha sido. A vítima de assassinato, Anika, não tinha sido forte, mas talvez pudesse ter sido se tivesse recebido a oportunidade certa. E então havia Sapphire, sua informante, que acreditava estar tão no controle, mas vivia uma vida tão perigosa. Existiria alguma maneira pela qual ele pudesse levá-la a sair das ruas?

Jake estendeu a mão para descansá-la na coxa coberta de brim de Brooke.

— O que fez você mudar sua vida? Foi realmente o diagnóstico de transtorno bipolar?

Ela ficou boquiaberta, obviamente surpresa com a mudança de tópico. Depois de um momento de reflexão, ela disse:

— Sim, porque eu percebi que não era minha culpa. Eu tinha uma doença, e era tratável. Então, fui capaz de admitir algo que nunca tinha reconhecido antes: que eu era uma alcoólatra. Contudo, isso também podia ser tratado. Foi como um novo sopro

de vida. Eu nunca poderia desfazer os erros cometidos, mas poderia começar a viver uma vida decente em vez de ficar sempre me sentindo como um fracasso, sentindo-me deprimida e cheia de culpa.

Jake absorveu isso, o único som por um momento o zumbido baixo do motor do carro.

— Se você conhecesse alguém que estivesse em um mau momento na vida, o que diria para ajudar essa pessoa a mudar isso?

Embora ele estivesse atento á rodovia escura e com tráfego escasso, sentiu o olhar de Brooke sobre ele.

— Depende da pessoa, de sua situação, da minha relação com ela. Como você com Jamal. Eu faria essa pessoa saber que existem opções. Quando se está realmente por baixo, você não consegue enxergar uma saída, então eu ajudaria a encontrar essa saída. E a faria saber que alguém se importava com ela — Brooke fez uma pausa, e então perguntou: — Em quem você está pensando?

— Sapphire. A amiga de Anika.

— Você quer tirá-la da rua.

— Sim. Uma idiotice, né? Ela é apenas mais uma prostituta; há centenas iguais a ela.

— Ah, Jake, você não pode salvar todas.

Ele entrou na garagem e desligou o motor.

— Provavelmente, não posso salvar nenhuma delas — disse ele com a voz rouca.

Ela descansou a mão em cima da dele e apertou.

— Isso não vai impedi-lo de tentar ajudar a Sapphire.

— Acho que não.

— Você salvou Jamal.

— Que droga, Brooke, ele salvou a si mesmo.

— Com uma pequena ajuda de um amigo. Você mostrou-lhe uma forma de cair fora, e o fez saber que alguém se importaria se ele tomasse esse caminho. Talvez você possa fazer o mesmo por Sapphire. Eu consigo entender por que você quer tentar.

Eles desceram do carro e caminharam em direção à casa, subiram os degraus e foram para a varanda. Brooke não abriu a porta e entrou. Em vez disso, ela se sentou em um sofá em madeira ripada com almofadas brancas com listras verdes. Ela deu um tapinha no banco ao lado dela.

Jake sentou-se, colocando um braço em volta dos ombros e puxando-a para mais perto.

— Jake, me diga agora honestamente o que você quer de nosso relacionamento. De onde tinha vindo essa pergunta?

— Sua companhia. Pelo tempo que eu ficar na cidade — Ele pensou que tinha sido claro sobre que tipo de homem era, mas agora ele se preocupava. — Você não estava pensando...

— Não! — a cabeça de Brooke balançou vigorosamente contra seu ombro. — Não, isso é exatamente o que eu quero também. É a única maneira como eu poderia fazer isso. Não quero um relacionamento permanente com um homem; assusta-me pensar nesse tipo de compromisso — As palavras voavam para fora; em seguida, ela fez uma pausa, passou a mão pelos cabelos e ficou mais pensativa. — Bem, talvez daqui a alguns anos. Se o lítio ainda funcionar e eu já estiver sóbria por dez anos ou mais. Seria bom ter um companheiro quando ficar mais velha. Um homem que goste de uma vida tranquila, valorize a família, goste de jardinagem e de noites tranquilas em frente à lareira.

— Um cara estilo cercas brancas ao redor da casa.

Jake fez um gesto para o jardim bem cuidado onde a linha de cercas brancas brilhava sob a luz das estrelas.

— Exatamente. Eu acho que, basicamente, o oposto de você.

Era verdade. A última coisa que ele queria era uma vida calma e chata. Então, por que as palavras dela pareciam mais como socos, cutucando sob sua pele e seguindo direto para seu coração?

Jake ficou pensando sobre o que ela havia dito, tentando construir a imagem em sua cabeça, e alguma coisa definitivamente entrou em foco. Podia imaginar Brooke e um cara de cabelos grisalhos mexendo juntos no jardim, indo andar a cavalo com os netos, apreciando jantares com o restante da família. Entretanto, o que acontecia no quarto? Aquela era uma senhora danada de sexy. Será que o cara das cerquinhas brancas satisfazia essa mulher na cama? E o que dizer do lado dela que gostava da emoção de viver dentro de um romance de mistério, como dissera ela?

A voz dela interrompeu seus pensamentos.

— O que você vê para o seu futuro, Jake? Quanto tempo mais você vai ser um policial disfarçado?

Ele deu de ombros.

— Eu não penso muito sobre o futuro. O trabalho é bom, minha vida é boa — ele usou a mão para acariciar sua coxa, sentindo seu calor pelo tecido grosso da calça. — Eu vou continuar enquanto puder.

— É um trabalho perigoso — disse ela em voz baixa. — E se...

— Se ficar seriamente ferido ou for muito velho para isso? — Ele tentava não pensar sobre o assunto. — Vou lidar com o fato se acontecer.

Ela descansou a mão sobre a dele.

— Espero que as coisas sejam da maneira que você quiser. Eu sei que vou pensar em você depois que for embora, Jake. Com muito carinho. Mas... — a voz se firmou. — Vou tentar pensar apenas sobre os nossos momentos juntos. Não quero imaginar você nas ruas fazendo seu trabalho. Colocando-se em perigo.

— Eu entendo. Essa é uma das razões pelas quais os policiais não se dão muito bem no departamento de casamento. Os cônjuges se preocupam demais.

Jake pensou por um momento sobre Karen MacLean. Isso seria mais um obstáculo para ela. Como poderia um cara normal lidar com o fato de estar casado com uma mulher que colocava sua vida em perigo a cada dia? Seria preciso um homem muito especial. Ela provavelmente estava certa, que casamento e filhos não estavam em seu futuro. Assim como não podiam estar no dele. A diferença era que ela queria isso.

— Eu ficaria louca — disse Brooke. — Você sabe, Dave se tornou superprotetor desde que Anita morreu. E no ano passado, tivemos um susto enorme quando Robin foi atingida por um carro. Agora, ele é ainda mais restritivo com ela. E eu vejo isso, e meu cérebro diz que é errado, que ele deveria soltar mais a menina, mas o meu coração concorda com Dave. Nosso instinto é envolvê-la em algodão, para que ela nunca se machuque.

— Caso façam isso, Robin nunca vai aprender, nunca vai se fortalecer, nunca será capaz de lidar com o mundo por conta própria. Confie nela; essa menina é sensível e inteligente.

— Fácil para você dizer. Ela não é nada sua— e Brooke deu uma risada suave. — Sim, você está certo, eu sei, mas é difícil para mim. Desde que me limpei, eu me tornei uma pessoa cautelosa.

— E, ainda assim, você está me ajudando a caçar um assassino.

— Isso é diferente. Não se trata da segurança da minha família, por um lado. E não é a minha vida normal. — Ela levantou a cabeça do seu ombro e se afastou um pouco, para que pudesse virar a cabeça e olhar para ele. — Essa coisa toda, incluindo o meu relacionamento com você, é fora do comum. É este pequeno espaço no tempo, algo especial e emocionante. Mais tarde, posso olhar para trás e me deleitar com isso; mas não é a maneira que eu quero viver.

O rosto e a voz de Brooke estavam tão sérios que Jake quis aliviar o humor.

— Quer dizer que não quer fazer muito sexo todas as noites? — brincou.

Seu rosto se iluminou e ela deu-lhe um sorriso sedutor.

— Meu Deus, não sei. Não tive experiência suficiente para decidir. Preciso de pelo menos mais umas duas noites antes de decidir.

— Então, vamos começar agora.

Ele se inclinou em direção a ela, ela o encontrou no meio do caminho, e os seus lábios se tocaram. Firmes na paixão, se separaram; as línguas dispararam, o calor se inflamou. Jake estava se sentindo meio relaxado e preguiçoso, mas agora seu sangue subiu e seu pênis engrossou com a necessidade.

Quando ele puxou para abrir os botões de pressão de sua blusa, ela se afastou.

— Não aqui, alguém pode passar.

Ele gemeu, porém, ela estava certa. Impaciente, esperou enquanto Brooke destrancava a porta da frente e arrancou suas botas de caubói antes de ir para dentro. Assim que a porta foi fechada, ele enfiou a mão dentro de sua blusa e sutiã para

encontrar os seios firmes e os mamilos que apontavam. Muito impaciente para levá-la até o quarto, ele disse:

— No sofá da sala.

— Já tirei sua roupa lá antes — concordou Brooke maliciosamente.

Desta vez, foi uma batalha para ver quem poderia despir o outro em primeiro lugar, e em poucos segundos eles estavam nus, ruborizados e excitados, de pé sobre o tapete ao lado do sofá.

— Eu quero você — ela disse.

Ele imaginou que sua ereção estava enviando a mesma mensagem, mas as mulheres precisavam de palavras.

— Eu quero você também, Brooke.

Ele a colocou para baixo até que ficasse onde ele mesmo tinha ficado alguns dias antes, quando ela cuidara dele. Agora, porém, era a vez dele cuidar de Brooke, da maneira mais sensual que pudesse.



UMA HORA MAIS tarde, quando Brooke estava deitada em cima de Jake, ela murmurou:

— Está cada vez melhor.

— E nós temos a noite inteira pela frente — Ele olhou do outro lado da sala para o relógio. — E mal passam das nove horas.

Ela sentou-se lentamente e passou as mãos pelo seu cabelo emaranhado:

— Hoje foi um dia cheio...

— Cansada?

— Na verdade, não. Eu gostaria de tomar uma xícara de chá. Quer uma?

Café era mais sua bebida, mas ele não detestava chá.

— Claro.

Ele se arrependeu de ter concordado, porém, quando Brooke se afastou dele, pulou da cama e começou a vestir as roupas.

— Ei! — protestou Jake,

Ela segurou a blusa sobre os seios e lançou-lhe um sedutor piscar de olhos.

— Eu sou recatada...

— Claro que é.

Contudo, ele a deixou ir para a cozinha, então se arrastou para fora da cama e colocou seus jeans e a camisa polo. Ah, sim, ele estava dolorido, mas isso não era nenhuma novidade. O que era novo era que estava sentindo a mesma coisa que tinha experimentado naquela tarde: contentamento.

Da cozinha, veio um som fraco de música a partir daquela estação de rádio que ela sempre ouvia. Provavelmente era um hábito, porque ela estava acostumada a ficar sozinha, e já ligava o rádio para lhe fazer companhia.

Ele sentou-se novamente no sofá, levantou os pés para colocar na mesa de café e notou que o gato estava olhando cautelosamente da moldura da porta.

— Está tudo bem, Sunny — disse Jake. — O caminho está livre agora.

O gato veio para a sala, saltou sobre uma cadeira, circulou algumas vezes e então se enrolou, o tempo todo sem olhar para Jake.

Brooke voltou com uma bandeja com canecas e um bule de chá.

— É chá irlandês, achei que você fosse preferir ao chá-mate.

Como se ele soubesse a diferença entre um e outro chá...

— Está ótimo.

— Leite, açúcar, mel?

Ele balançou a cabeça, negando.

— Biscoitos?

Jake riu. Ela realmente gostava de cuidar das pessoas.

— Ainda estou satisfeito com o jantar. Sente-se aqui e tome seu chá.

Brooke colocou a bandeja na mesinha e afastou para o lado uma pilha de livros.

— Droga, tenho de devolver esses livros para a biblioteca e ainda não acabei de ler todos. — Ela se sentou ao lado dele e enfiou um cotovelo em suas costelas do lado ileso. — Não tenho lido nada desde que você apareceu por aqui.

Ele havia interrompido todas as rotinas cuidadosamente planejadas de Brooke. O mínimo que ele poderia fazer por ela seria lhe dar a chance de terminar seu livro.

— Eu provavelmente poderei viver uma ou duas horas sem fazer sexo novamente. Vá em frente.

— E você? Você gosta de ler?

Quando ele teria tempo para começar e terminar um livro?

— Por que você não escolhe um desses livros de mistério em sua estante?

Ele preferia ficar zapeando na TV para achar um jogo para assistir, mas isso poderia atrapalhar a leitura dela.

Brooke ficou de pé novamente.

— Tudo bem.

Então ela voltou e entregou-lhe um livro de uma autora chamada Janet Evanovich. Ele achou que ela ia pegar mesmo uma mulher escritora. Jake apostava que o livro seria pesado em romance e leve e impreciso quando se tratasse de ação. Ainda assim, ele não queria ofender Brooke.

Depois de servir chá para os dois, ela se enrolou contra a extremidade oposta do sofá com sua caneca e o livro, em seguida, esticou as pernas para meter os pés descalços sob sua coxa.

Ele sorriu e acariciou suas pernas pelo jeans. Depois, tomou um gole do chá, que era tolerável, e abriu o livro. Mal tinha virado duas páginas quando Sunny saltou em seu colo, circulando novamente e cutucando as partes sensíveis, então enrolou-se numa bola, ronronando. Jake sorriu, acariciou aquele pelo dourado e voltou para sua história.

Um tempo depois, a voz de Brooke soou.

— Curtindo o livro?

Ele percebeu que tinha estado rindo em voz alta.

— Não é exatamente um livro acurado sobre os procedimentos policiais e não tem muita precisão, mas é muito engraçado. Grande elenco de personagens.

Ela sorriu, parecendo satisfeita em vez de cheia de si pela escolha, e foi de volta ao próprio livro.

Jake continuou lendo até que percebeu que ela estava mudando de posição, colocando seu livro na mesa de café, e bocejando.

— Acabou? Pronto para ir dormir?

O relógio disse a Jake que eram quase onze horas

— Só mais algumas páginas. Tenho de descobrir o que a avó de Stephanie está fazendo.

Brooke se inclinou e passou a língua levemente em torno da orelha do homem.

— Então vou ficar sozinha na cama.

Ele olhou para o rosto de Brooke, em seguida, para o livro. Não, não tem nenhuma competição. E colocou o livro virado para baixo sobre a mesa de café.

— E eu vou ficar sozinho em cima de você.



Se o sábado tinha sido incomum para Jake, domingo foi de fato uma revelação sobre como era a vida em Caribou Crossing. Ele se colocou à disposição de Brooke, como Arnold em público e como Jake em particular.

Primeiro eles fizeram uma caminhada de uma hora pelas estradas rurais, parando para afagar os pescoços de cavalos e os cães, e para bater papo com qualquer um que por acaso estivesse fora de casa com seus afazeres. Em seguida, eles foram para a igreja, coisa que Jake definitivamente não fazia, mas isso lhe deu a oportunidade de conhecer alguns outros pilares da comunidade.

Vendo as pessoas interagirem com Brooke reforçou quanto essa mulher tinha avançado desde que mudara sua vida. Agora, ela era não só aceita como parte da comunidade, ela também era alguém de quem as pessoas gostavam de verdade.

O engraçado era que Brooke parecia não perceber a profundidade dos sentimentos dessas pessoas para com ela. Ela via apenas civilidade; ele via o respeito, o carinho, a amizade.

Depois da igreja foram fazer compras no mercado e encheram um carrinho de alimentos que não incluíam um único prato congelado ou uma lata de sopa. Contudo, havia frutas e verduras de montão, e nenhum cookie, porque Brooke disse que sempre fazia os dela.

Cookies feitos em casa. Sua mãe sempre tinha comprado empacotado. Nenhum de seus pais tinha passado muito tempo na cozinha, e nas raras ocasiões em que a família

se sentava para fazer as refeições juntos, era mais uma provação do que um prazer. Sua educação fora tão diferente da de Robin como poderia ser imaginado. A neta de Brooke com certeza não viria a ser uma pessoa solitária do jeito que ele era...



Brooke imaginou que Jake devia ter ficado totalmente entediado, mas ele escondeu isso quando, depois de um almoço de omeletes mexicanas, eles foram para o quintal trabalhar. Robin tinha ido atrás deles para que fossem cavalgar de novo, mas Brooke não estava disposta a deixar seu jardim ficar fora de controle. Então ela colocou Jake, vestindo a camisa polo e as calças cáqui de Arnold, para empurrar o cortador de grama para frente e para trás enquanto ela aparava as flores.

Vários cavaleiros passaram pela estrada e paravam para cumprimentar, e um ou outro carro também passava. Um pequeno avião zumbindo acima deles fez ambos olharem para cima.

— É da escola de pilotos — disse ela. — Eu posso dizer pela cor do avião.

Pensando na imagem doméstica que ela e Jake compunham, forçou Brooke a se lembrar de quem ele realmente era. Estava ficando cada vez mais difícil lembrar-se do homem de couro preto, cabelo comprido e barba, de moto. Da arma. Perguntou-se onde ele a teria escondido.

Brooke se endireitou e fez um alongamento rápido enquanto Jake jogava o último lote de grama cortada na caixa de compostagem. Será que ela conseguiria enxergar o verdadeiro Jake Brannon cortando a grama?

E por que ela estaria tentando? Não era como se ele fosse ficar. Não era nem mesmo como se ela quisesse que ele ficasse.

Quando o homem veio para se juntar a ela, Brooke disse:

— Aposto que faz um bom tempo que não cortava grama.

— Quando eu era criança, meus pais me obrigavam a fazer isso.

Sua voz era sem entonação, como sempre foi quando falava dos pais. Como se tivesse treinado a si mesmo para não sentir, muito menos expressar, qualquer emoção por eles. Os pais de Jake o haviam magoado muito. Não quiseram saber quem era esse menino, só se preocuparam em moldá-lo naquilo que eles queriam que fosse. Pobre garoto.

Brooke colocou os braços em volta dele e deu-lhe um grande abraço.

Jake se afastou.

— Ei, Brooke, não que eu não goste disso, mas sou o Arnold.

— Foi um abraço de prima. Há uma diferença. Venha para dentro e eu vou lhe mostrar.

Juntos no chuveiro, eles ficaram se amassando enquanto lavavam o suor do corpo e a terra do jardim, e depois ficaram fazendo amor por muito tempo na cama. E então, tomaram uma chuvarada novamente e desceram para a cozinha para preparar o jantar.

Jake acendeu a churrasqueira enquanto Brooke prendia cubos de costela marinada no espeto. Então, ela começou a fazer a salada de batata e ovos cozidos que havia deixado semipreparada mais cedo.

Entregando-lhe um monte de cebolas verdes, que havia colhido de sua horta, para que Jake cortasse, perguntou:

— Você consegue lidar com toda essa vida doméstica?

— Com certeza, é diferente... — Jake fez uma pausa, depois disse quase com relutância: — Vale para dar uma relaxada.

— Conte-me sobre onde você vive. Você tem um apartamento em Vancouver?

— Sim, não é nada de especial. Um dormitório no décimo andar de um edifício de médio porte. Eu aluguei mobiliado. Ele tem tudo o que preciso e quase nunca estou em casa, de qualquer maneira. Quando trabalho disfarçado, geralmente fico fora da cidade, vivendo em um casebre em algum lugar, ou nas ruas.

Brooke tentou imaginar o apartamento dele. Um micro-ondas, latas de guisado, cerveja na geladeira, aqueles eram os únicos detalhes pessoais que Jake tinha passado a ela. Não haveria vasos de plantas, elas nunca sobreviveriam às suas ausências. Na noite anterior, ela percebeu que ele não era muito de ler.

— E na TV, música?

— O lugar já veio com uma TV. Eu assisto aos programas de esportes quando estou em casa.

Será que teria algum jogo na TV hoje à noite? Brooke vinha se preocupando com alguma forma de entretê-lo, pensando que outra noite de leitura faria esse homem subir pelas paredes.

De repente, ela teve uma ideia. Uma ideia bem travessa. Além do mais, isso proporcionaria a Jake mais uma oportunidade de conhecer outros habitantes da cidade. Ela virou-se, misturando a maionese caseira na salada.

— Como estão seus ferimentos depois de todo o trabalho no jardim?

— Estou como novo — ele colocou a cebolinha picada dentro da tigela. — Só um pouco de coceira, onde está cicatrizando.

— Humm. Como você se sente sobre a dança country?

— Dança country? — Jake franziu a testa. — Você está falando sério?

— As noites de domingo andavam muito paradas no Wild Rose, então Dave teve a ideia de oferecer aulas de dança country. Eu vou quase todas as semanas. É divertido, e um bom exercício.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Tenho certeza de que Arnold não faz essas danças country...

— Ah — ela disse maliciosamente — mas ele também não montava a cavalo. Se ele realmente vier a se instalar em Caribou Crossing, deveria se mostrar mais aberto ao nosso modo de vida.

Jake gemeu. Depois:

— E eu dançaria com você?

— Não... Hã... Não tem dança agarrada, mas é claro que eu, como sua anfitriã, vou cuidar de você.

— Agora me pareceu melhor.



Se ele tivesse realmente a intenção de abrir um negócio naquela cidade, Jake ponderou naquela noite, a melhor aposta seria uma loja de roupa country. Antes de vir para Caribou Crossing, ele nunca tinha visto tantas botas de caubói, chapéus de caubói, camisas de caubóis e gravatas de caubóis em sua vida.

As cerca de quarenta pessoas no Wild Rose, com a única exceção dele mesmo, todas usavam alguma variação desse uniforme.

Houve alguma socialização inicial, durante a qual ele conversou com algumas pessoas que ele já havia conhecido e mais alguns novos, mas não soube de nada de interesse para a sua investigação.

Em seguida, os instrutores, um casal de idosos chamado Jimmy B e Bets, começaram as aulas.

Eles eram bem alegres para pessoas com cabelos brancos, Jake pensou com admiração. Esse negócio de dança country era como uma versão caubói de uma aula de aeróbica, com os pés indo para cá e para lá de uma maneira louca e de difícil acompanhamento. As pessoas estavam rindo, claramente se divertindo muito.

Jake estava sempre pronto para um desafio físico, mas deliberadamente fez com que Arnold se mostrasse um pouco duro e desajeitado.

Dança country. Espere só até que ele contasse a Jamal.

Jake tinha tido algumas missões à paisana que tinham sido muito estranhas em sua carreira, mas este trabalho era um dos mais estranhos.

Quando ele encontrou uma oportunidade de falar uma palavra em particular com Brooke, brincou:

— Se tivesse permanecido com o meu primeiro disfarce, o motociclista decadente, eu não precisaria estar fazendo isso.

Ela deu um sorriso brilhante.

— Mas você não estaria indo para casa comigo também.

Então ela virou-se para longe dele e de volta na dança, suas botas batendo num ritmo rápido no chão.

Finalmente, a música mudou para algo mais lento e Brooke voltou a ele.

— Eles ficaram com pena de você, Arnold. Você se importa de dançar com sua prima ao som de Patsy?

— Eu não poderia negar isso a ela.

Patsy, ele pensou, devia ser Patsy Cline. Enquanto Brooke caía em seus braços, a mulher estava cantando sobre ser louco você amar alguém. Jake teve de concordar; essa coisa toda de amor parecia um negócio danado de arriscado para ele.

Cobiçar alguém era outra questão, no entanto. Foi difícil forçar-se a manter sua parceira a uma distância respeitável. Para se distrair, ele olhou em volta e notou que seus professores ainda estavam dançando e balançando juntos.

— Jimmy B e Bets parecem mais dois adolescentes do que dois velhinhos!

— Eu sei. Eles não são ótimos? Tanta energia. Os dois estão casados há quase cinquenta anos, sabia?

— Uau.

— Imagine encontrar alguém de cuja companhia você gostou esse tanto. Trata-se de algo que vai bem além do sexo.

— Aposto que o sexo teria de ser muito bom também, para que um casal ficasse tanto tempo junto.

Do nada, veio o pensamento de que com ele e Brooke o sexo era estupendo. E ele realmente gostava da companhia dela, estivessem cozinhando o jantar juntos, lendo livros em sua sala de estar, planejando como pegar um assassino, ou discutindo como conseguir que uma prostituta saísse das ruas. Diabos, ele realmente gostava dessa mulher. E também tinha tesão e respeito por ela, confiava nela.

Jake não conseguia se lembrar da última vez que tinha gostado tanto de alguém. A única pessoa com quem tinha sentido tanta proximidade era Jamal, que era uma coisa totalmente diferente.

Brooke estava cantando suavemente junto com a música agora, sua voz baixa e pura.

Quando a música terminou e outra lenta veio, ele percebeu que Tiffany estava vindo até eles, uma ruiva assertiva na casa dos trinta e que ele tinha conhecido antes. Rapidamente ele disse nos ouvidos de sua companheira:

— Brooke? Quer ir para casa antes que a gente tenha de dançar com um monte de gente?

— Humm? — Ela olhou para cima e viu Tiffany. — Sim, estou muito cansada, Arnold. Eu acho que é hora de irmos embora. — Ela sorriu para Tiffany. — Sinto muito.

Tiffany piscou.

— Basta convencer Arnold a se mudar para cá; depois vou poder dançar muito com ele.

Enquanto Jake e Brooke caminhavam para a porta, ela murmurou:

— Está certo... Como se eu fosse fazer isso por ela.

— Ei, você não gosta de Tiffany ou está com ciúme?

— Tiffany é legal. Só um pouco superficial.

— Entendo...

— Tudo bem — ela bufou — eu estou com ciúme. Você é meu pelo tempo em que ficar aqui, certo? Esse é o acordo.

— Esse é o acordo.

E Jake não tinha a menor vontade de modificá-lo.

Eles pararam no bar para dizer adeus a Dave Cousins, que tinha sido barman nessa noite e não dançou. O homem avançou sobre o balcão e bateu no ombro de Jake.

— Eu diria que você vai se encaixar muito bem por aqui, Arnold.

— Ah, obrigado, mas eu não decidi nada ainda.

— Isso é o que você diz — Dave piscou para Brooke. — Mas alguns de nós pensamos diferente.

Enquanto caminhavam para o carro, Jake disse:

— Sobre o quê Dave estava falando?

— Eu acho que ele pensou que você estava desfrutando de Caribou Crossing.

— E você não acha que ele está desconfiando de nós?

— Estávamos perfeitamente discretos em nosso comportamento.

Bem, eles tentaram ser. Entretanto, haviam trocado alguns sussurros e talvez uns dois olhares pessoais. Jake abriu a porta do carro para Brooke.

— Vamos para casa, onde podemos ser absolutamente indiscretos. Meus dedos estão coçando para abrir esses botões de sua camisa.



Na manhã seguinte, depois de passar uma hora no telefone com Jamal recebendo uma atualização das informações, Jake se dirigiu para a cidade. Quando ele entrou no pequeno destacamento da Polícia Montada, mobiliado com simplicidade, ele era Arnold em seu disfarce mais do que circunspecto, composto por terno, gravata e óculos.

Karen MacLean estava trabalhando em um computador e veio cumprimentá-lo. Na patente de cabo como Jake, ela era uma posição abaixo da de Miller.

O destacamento, de acordo com a lista de funcionários que Jamal tinha fornecido, era formado por Miller, MacLean e outro cabo, e uma meia dúzia de policiais.

Depois de trocar saudações com MacLean, Jake disse:

— O Sargento Miller está?

Ela estreitou os olhos e inclinou a cabeça.

— Você não acreditou em mim quando lhe contei sobre a taxa de criminalidade aqui?

— Não é isso. Eu gostaria de conhecer o homem que está no comando da segurança da comunidade.

— Resposta educada. — Ela chamou por cima do ombro. — Sargento, tem alguém aqui para ver você.

Jake tinha, é claro, visto Miller antes, pela janela do quarto de Brooke. Agora, tinha uma visão mais próxima. Brooke tinha chamado o homem de caipira, e Jake agora podia entender o motivo. Ele tinha ido tão longe em seu sobrepeso quanto um homem poderia ir sem abandonar sua identidade física. O rosto mostrava as veias rompidas de um beerrão, e seu aperto de mão era firme apenas para mostrar quem é que mandava ali. Embora Arnold se deixasse intimidar, Jake teve o prazer de saber que ele poderia, em poucos segundos, deixar o sujeito se contorcendo no chão em agonia.

— Eu conheci o senhor Pitt na festa de arrecadação de fundos na sexta-feira à noite — informou MacLean. — Ele está pensando em se mudar para Caribou Crossing e abrir um escritório de contabilidade.

Ela deixou de fora a parte mais importante de sua história inventada, de modo que Jake achou melhor complementar:

— Minha prima, Brooke Kincaid, me contou que um contador tinha acabado de sair da cidade.

Miller sorriu.

— Você é o primo de Brooke?

Jake compreendeu imediatamente que esse homem havia condenado Brooke há muito tempo e não acreditava em segundas chances. Não havia algo como uma mente aberta aqui.

Jake queria socá-lo. A reação foi instintiva e pura. Ele respirou lentamente, sufocando essa reação.

Karen MacLean fez um pequeno movimento e ele olhou para ela de soslaio, lendo em seus olhos que ela entendeu exatamente o que estava acontecendo. Agora ele viu por que a moça não havia mencionado o nome de Brooke.

Sim, ele gostava de MacLean.

Jake expirou de novo, lentamente.

— Estou cansado de guerras de gangues, tráfico de drogas, prostitutas na rua. Ouço dizer que Caribou Crossing não tem esses tipos de problema.

Miller deu um suspiro e se virou para MacLean.

— Quando foi a última guerra de gangues que tivemos?

Ela deu um pequeno sorriso educado.

— A única gangue com que tivemos problemas foi a dos motociclistas da Death Row, há alguns anos. O sargento desencorajou suas visitas.

O bando Death Row era quase tão famoso como o do Hell's Angels, e eram conhecidos por serem fortemente envolvidos no tráfico de drogas. Jake sabia que era muito difícil desencorajar essa gangue. Ele imaginou que ou os motociclistas tinham decidido que a cidade tinha pouco a oferecer, ou Miller estava vendendo a eles lá em Vancouver.

— E o que acontece com os crimes violentos, drogas, prostituição? — Jake perguntou.

— Deixe-me mostrar-lhe as nossas estatísticas — disse Miller. Ele levou Jake a seu escritório, onde localizou um arquivo no computador e virou o monitor de modo que Jake pudesse ver. — Nós compilamos estatísticas e as apresentamos nas reuniões do conselho da cidade e da Câmara de Comércio.

Jake estudou o gráfico e teve de admitir que as estatísticas eram impressionantes. Especialmente quando se tratava de delitos com drogas.

— Vocês não têm problema com drogas?

— Ah, merda! — Miller olhou para o relógio. — Ainda bem que você me lembrou. Tenho de sair agora. Vou dar uma palestra no colégio — e apressou Jake para fora de seu escritório.

— É assim que você impede o uso de drogas entre os adolescentes?

— Temos inúmeras iniciativas. E a política de tolerância zero. Eu deixo isso muito claro para os alunos, uma ou duas vezes a cada ano.

Eles estavam passando pela mesa de MacLean e Jake percebeu que ela estava estudando os dois com uma carranca no rosto. Depois de dar adeus a Miller e sair do destacamento da polícia, Jake se viu intrigado sobre o significado daquela carranca.

Ele mesmo estava franzindo a testa, pouco satisfeito com o resultado daquela visita. Tinha um monte de perguntas sem resposta, e agora seria difícil encontrar uma desculpa para mais uma visita a Miller. Até o momento, não tinha descoberto nada contra o homem. Claro, ele poderia não gostar do sargento, mas as estatísticas de criminalidade do homem eram boas e depunha a favor dele o fato de ir às escolas para falar com os estudantes. Na verdade, isso podia ser apenas parte de seu plano — desencorajar o uso de drogas em público, enquanto na verdade estava plantando marijuana nas colinas.

Jake apareceu no Beauty is You para ver se Brooke tinha tempo para o almoço, e pegou a ela e Kate folheando revistas de beleza.

— As segundas por aqui são meio devagar — disse Kate. — Que tal deixar Brooke dar-lhe um corte de cabelo no estilo Caribou Crossing?

Ele pensou em como eram deliciosas as mãos de Brooke, da última vez que as sentiu em seu couro cabeludo. Ela massageava enquanto lavava, e foi um verdadeiro

tesão. Jake ficou tentado em aceitar, mas aquele estilo urbano de Vancouver era parte de sua imagem como Arnold, então respondeu:

— Embora confie em Brooke implicitamente, meu cabeleireiro em Vancouver teria um ataque se eu deixasse alguém tocar no meu cabelo. Além disso, eu vim para ver se alguém está interessado em almoçar.

As duas mulheres aceitaram sua oferta.

Jake gostou da lanchonete a que as mulheres o levaram. Chamada Big & Small, oferecia uma boa variedade de sanduíches, wraps e saladas, tudo disponível em porções inteiras e em meias porções. As mulheres escolheram saladas e wraps em meias porções, enquanto Arnold pediu uma salada completa e o prato do dia, frango grelhado e cogumelos no pão focaccia. As refeições custavam metade do que se estivesse em Vancouver, e o sabor era ótimo.

Embora tivesse preferido ter Brooke para si mesmo, ele gostava da companhia de Kate. A mulher tinha o mesmo bom senso em suas abordagens que sua sobrinha Jessica, e um senso de humor ferino que lhe deu boas observações sobre várias pessoas da cidade. Também ficou claro que ela gostava muito de Brooke. Mais afeiçoada do que Brooke se permitia perceber.

Era possível que essa mulher não se desse algum crédito? Ou ela estava nervosa em se permitir ter amigos? Em assumir compromissos, assumir responsabilidades.

Quando eles caminharam para fora depois do almoço, Brooke apontou do outro lado da rua.

— Arnold, eu não sei se já estive nessa loja, mas creioo que você pode achar interessante. Vijay Patel tem uma grande coleção de artesanato, bem como muitos itens para turistas. Você pode comprar uma camiseta de Caribou Crossing — e, com os olhos cintilando, completou: — Ou uma gravata de caubói.

— Ahã — respondeu Jake secamente. — Estou mais interessado no artesanato.

Ele já havia conhecido Patel na festa de arrecadação de fundos, mas não faria mal conferir a loja, ainda mais se pudesse comprar alguma coisa para Brooke, para lhe agradecer por... Tudo.

Lá dentro, Patel estava ocupado com um casal de turistas que comprava lembranças, então Jake andou pela loja por conta própria. O lugar era muito confuso para o seu gosto, mas tinha uma bela seleção de itens. Além das esperadas lembranças de caubóis e itens da corrida do ouro, e camisetas com o logo de Caribou Crossing, e caribus em miniatura, ainda havia joias elegantes em ouro e prata de artistas nativos, bonecas de espigas de milho e maçãs secas, e ainda lenços de seda estampados que pareciam ter vindo da Índia.

Poucos minutos depois, Patel apressou-se em direção a ele.

— Sinto muito por mantê-lo em espera, senhor Pitt. Sinto-me honrado por ter você visitando minha loja.

— Eu gostaria de comprar um presente para minha prima, para agradecer-lhe a hospitalidade.

— Ah, sim. O que você acha que a senhora Kincaid gostaria? E, se é que posso fazer uma pergunta delicada, você tem um preço-alvo em mente?

— Eu não estou tão preocupado com o preço. Eu quero algo de que ela realmente goste. — Ele percebeu que Brooke tinha algumas pinturas de flores em suas paredes, então foi para a exibição de aquarelas. — Ela gosta de flores.

— Aqui você vê o trabalho de duas artistas locais, ambas mulheres. Uma delas, como você pode ver, é mais tradicional em suas representações, e a outra mais abstrata. Eu não conheço bem a Sra. Kincaid, por isso não estou em uma boa posição para julgar.

Jake foi atraído por uma tela abstrata de um jardim transbordando com flores de verão em tons de pêssego e rosa. As cores lembravam as da lingerie de Brooke.

— Este aqui.

— Excelente escolha.

Jake conteve um sorriso, imaginando que Patel teria dito a mesma coisa, não importando qual o item que ele escolhesse.

Enquanto o homem embrulhava a pintura e Jake pagava a conta em dinheiro, evitando usar um cartão de débito falso, embora a transação fosse ser completada de qualquer maneira, os dois homens conversavam. Jake deixou a loja se sentindo muito confiante de que Patel não era traficante.

Ele escondeu a pintura no porta-malas de seu Lexus, então vagou pelas ruas de Caribou Crossing, aparecendo nas várias lojas e conversando com balconistas e proprietários. Quanto mais ele via da cidade, mais podia entender o motivo de Brooke ter ficado ali.

E, ainda assim, o assassino de Anika era de Caribou Crossing.



DECIDIDO A FAZER um pouco de vigilância, Jake foi de carro até a escola de ensino médio da cidade. Depois de cruzar o bairro, escolheu um lugar para estacionar em uma rua lateral tranquila, com vista para a porta da frente.

Enquanto os estudantes fluíam, ele viu as coisas de sempre: as meninas em grupos rindo; meninos em grupos vadiando por ali; meninas e meninos dando-se as mãos; outros alunos sozinhos que tentavam passar a ideia de que não se importavam de não ter amigos. Alguns desses jovens poderiam estar em Vancouver, e outros exibiam o estilo típico country de Caribou Crossing.

Três rapazes saíram, e a atenção de Jake se focou neles. Eles eram mais do lado desarrumado na aparência, mas não particularmente diferentes de muitos outros estudantes, mas havia aquele algo indefinível sobre eles que a Jake disse “maconheiros”.

Eles se empilharam em um Camaro velho e bem usado e quando foram para a rua principal Jake foi atrás deles, alguns carros mais atrás. Ele os manteve à vista quando viravam para cá e para lá até que finalmente foram para a autoestrada.

Ele ficou para trás enquanto avançaram alguns quilômetros ao norte. Quando saíram em uma estrada marcada por um sinal do Greenbrier Nursery, a pulsação de Jake acelerou. Talvez eles morassem por ali, mas seu instinto lhe disse que eles estavam tramando algo. Como uma compra de drogas.

Deixando que tivessem uma boa dianteira, ele virou na Greenbrier Road. Era uma estrada estreita, sinuosa e levava para o bosque. Outra enorme placa, com algum paisagismo em volta, marcava o viveiro de plantas. Jake checkou o estacionamento. Seis veículos; nenhum Camaro.

Ele continuou na estrada, arrastando-se agora com os olhos atentos e o vidro abaixado, feliz pelo quase silencioso motor do Lexus. Quando viu o brilho de metal pelas árvores em frente, ele estacionou e deslizou para fora do carro, fechando a porta

do carro devagar para que não fizesse nenhum som. Usando as árvores ao longo da estrada como cobertura, Jake avançou sorrateiramente para a frente.

A estrada terminava e dois veículos estavam estacionados no retorno: o Camaro e uma picape preta com os vidros da cabine escurecidos e pneus grandes. Bingo! Era a mesma picape que ele vira estacionada na plantação de maconha nas colinas.

Ele chegou mais perto. Os três rapazes estavam conversando com um homem: cerca de vinte e poucos anos, anódino, um metro e setenta e oito, setenta e cinco quilos, magro, mas não muito em forma. Ele usava calça jeans, uma camisa cinza e um boné de beisebol verde. O tipo de homem que você poderia ver uma dúzia de vezes e ainda assim não se lembrar dele. A menos que você fosse um policial, e treinado para observar cada detalhe.

Aquilo era uma venda de droga, sem dúvida. Os três rapazes passaram algumas notas e o homem anódino entregou alguns sacos. Jake apertou os olhos. Maconha no saco grande, e alguma outra coisa no saco menor, mas não conseguiu identificar antes que o rapaz o guardasse no bolso. Crack? Ecstasy? Metanfetamina? Heroína? Havia tantas possibilidades.

Ele escapou de volta para seu carro, colocou-se discretamente de volta para a estrada e dirigiu-se ao estacionamento do viveiro de plantas. Manobrou o carro para que ele ficasse virado para a estrada, com o motor em marcha lenta. Quando a picape preta passasse, ia seguir o sujeito. Ele tinha o número da placa do Camaro; e sempre poderia encontrar os meninos novamente. Era o traficante que ele realmente queria.

— O que você está fazendo? — A voz feminina falou pela janela aberta e ele pulou, batendo com a cabeça no teto do carro.

Era a Cabo MacLean. Ela se afastou do carro, sua mão descansando sobre a Smith & Wesson em seu quadril.

— Desligue o motor e saia do carro, senhor Pitt. Mãos à vista em todos os momentos. E não faça movimentos rápidos.

Jake obedeceu a ela ao pé da letra, perguntando-se de onde diabos ela viera. Ele olhou ao redor do estacionamento, observando que havia um carro novo, que poderia muito bem ser um carro da polícia sem identificação.

— Qual é o problema? — Questionou. — Eu estava pensando em levar uma planta para o jardim de Brooke e alguém me recomendou este lugar.

— Alguém da escola?

— Hã? O que você quer dizer?

Ela revirou os olhos.

— Chega disso. Vim atrás de você por todo o caminho.

Merda. Tinha alguém o seguindo e ele nem percebera porque nunca sequer considerou essa possibilidade. Que droga de policial que ele era.

Um casal de meia-idade saiu do viveiro, acompanhado por um atendente que empurrava um carrinho de mão cheio de plantas e material de jardinagem. Os três

olharam na direção de Jake e MacLean, então se ocuparam de carregar a traseira da picape vermelha.

Jake estudou o rosto da cabo. Ela estava definitivamente em guarda, mas parecia excitada e curiosa. Deus sabia o que ela estava pensando que era esse homem. Pedófilo? Traficante de drogas?

Não era como se ele tivesse um monte de opções, então fez um rápido julgamento.

— Meu nome é Jake Brannon. Cabo Brannon. Em trabalho à paisana para a Real Polícia Montada do Canadá, sede em Vancouver. Estou aqui investigando um assassinato cometido por um traficante de drogas.

A boca da policial se abriu. Então ela fechou de novo.

— Vá para o meu carro. Ande devagar, mantenha as mãos à vista.

— Espere, há uma picape estacionada no fim dessa estradinha. O cara está vendendo drogas. Eu preciso segui-lo.

— É em você que eu estou interessada no momento. Você faz um bom trabalho seguindo os outros, senhor Pitt-Brannon, mas não presta muita atenção ao próprio rabo.

Ele fez uma careta.

— Onde você me pegou?

— Na escola. Vi você dirigindo e estacionando. Depois de todo o seu papo sobre as drogas e as escolas, fiquei com suspeitas. Quando você saiu, eu o segui.

— Olha, podemos entrar em um dos nossos carros? Eu não quero esses caras descendo a estrada e vendo nós dois, com você em uniforme.

Ela estudou-o com os olhos apertados.

— Vá para o meu carro. Vou checar você.

Ele caminhou em direção ao carro dela.

— Não use o rádio, e não chame Miller.

O casal da picape vermelha passou, as cabeças esticadas com curiosidade.

— Percebi que você sabe identificar um carro não marcado — comentou MacLean. — Agora vamos ver se você se lembra da posição.

Jake encostou-se ao carro e abriu as pernas.

Ela revistou-o completamente e foi checar sua carteira.

— Arnold Pitt.

— É o meu disfarce. Meu sargento no quartel-general o arranhou para mim.

— Vamos ver. Entre no banco do passageiro.

Quando ele entrou, o Camaro surgiu descendo a estrada.

— Esses são os jovens que compraram as drogas — disse Jake. — Uma picape preta vem chegando. Ele é o vendedor.

MacLean foi para o banco do motorista, mantendo uma mão próxima de sua arma de fogo.

Os dois ficaram observando a estradinha em silêncio, e como previsto, a picape passou. Ela assentou com a cabeça lentamente.

— Tudo bem, eu sei quem é.

— Quem?

Ela o ignorou e abriu seu telefone celular com a mão que estava livre. Tinha seguido o conselho do homem e não estava usando o rádio da polícia.

— Quem você está chamando?

— O quartel-general em Vancouver.

E não Miller. Isso significava que ela mantinha as próprias suspeitas sobre o seu chefe?

— O nome do meu sargento é Estevez.

Ela falava ao telefone.

— Quero falar com a Inspetora Morrissey.

Ele deu de ombros. Bem, deixe-a fazer as coisas à sua maneira. Ponto para ela que conhecia Kathleen Morrissey. Ele tinha muito respeito pela inspetora.

— Vocês aí conhecem um dos seus, chamado Brannon? — ela perguntou. — Jake Brannon? Diz que é um cabo.

Ela ouviu, então disse:

— Ahã. Descreva-o.

Ouvindo, sua boca se curvou em um sorriso.

— Acho que ele fez um corte de cabelo recentemente. Trocou a jaqueta de couro por terno e gravata. — Ela entregou o telefone para Jake. — Diga olá e veja se ela identifica você.

— Oi, inspetora. Você pode verificar com Estevez. Ele lhe dirá o que estou fazendo aqui.

— Farei isso. Espere um pouco.

— Antes de ir, eu assumo que você conhece MacLean?

— Você está me checando?

A Cabo MacLean sibilou.

Ele balançou a cabeça, assentindo, em seguida, ouviu enquanto Morrissey dava uma forte recomendação. Depois, entregou o celular de volta para MacLean.

— Ela está verificando com meu sargento. Daqui a pouco fala com você.

Ambos esperaram em silêncio por vários minutos; então MacLean disse ao telefone:

— Tudo bem. — Ela riu e desligou. — Ela quer uma foto sua com terno e gravata. — Então sua expressão ficou séria. — O que está acontecendo?

— Drogas e assassinato — e ficou observando o rosto da policial. — Talvez um policial corrupto.

Os olhos dela não piscaram.

— Você estava na escola esta tarde também. — ressaltou Jake. — E tem pensado sobre o que disse Robin. Você foi lá para ver se via algum sinal de tráfico de drogas,

mesmo sabendo que isso é coisa com que Miller lida pessoalmente. E não ligou para ele para me checar. Quer dizer, suspeita que ele esteja envolvido.

— Ele é meu sargento — ela disse lentamente.

— Eu sei, não quer dizer nada contra ele porque não tem provas. Então, eu vou lhe contar uma história, e depois vamos ver onde ficamos. Mas não aqui. As pessoas não devem nos ver juntos.

A policial mordeu o lábio inferior.

— Sim, está bem. Nós nos encontraremos em algum lugar.

— Na casa de Brooke.

— Você não deveria ter envolvido Brooke Kincaid nisso.

— É uma longa história. Quando seu turno vai acabar?

— Já estou de folga. Peguei este carro durante a noite.

— Bom, mas não podemos deixar que alguém a veja na casa de Brooke. Vou segui-la até sua casa, você estaciona e pega algumas roupas civis, e depois se esgueira para o meu carro. Levo você de volta à noite.

Ela refletiu.

— Está ótimo.

Jake acenou com a cabeça.

— Eu posso confiar em você sobre isso, certo, cabo? Não se trata apenas de mim, é da vida de Brooke que estamos falando.

— Sim, eu entendo isso — com um tom penetrante em sua voz, ela disse: — E você foi quem a trouxe nisto. Não é certo, cabo, usar um civil inocente.

— Tente dizer não a Brooke Kincaid.

Ela deu uma risada rápida, então sufocou-a.

— Até mais tarde, Brannon.



Brooke ficou satisfeita ao ver o Lexus de Jake na garagem quando chegou em casa do trabalho. Ela abriu a porta da frente chamando:

— Oi, cheguei!

— Aqui — chamou ele da sala de estar.

A mulher apressou-se nessa direção, ansiosa por um beijo, depois parou de repente na porta quando viu que ele não estava sozinho. Karen MacLean, de calça jeans e uma camiseta branca, com o cabelo preto puxado para trás em um rabo de cavalo arrumado, estava enrolada no sofá na sala de estar. Jake, em calças cáqui e uma camisa de mangas compridas arregaçadas e com a gola aberta, estava de pé, vindo para cumprimentá-la.

E ele fez isso com um abraço e um beijo. Um beijo em seus lábios. E seu sorriso era o sorriso petulante de Jake. Por cima do ombro, Brooke viu os olhos de Karen se alargar, mas a outra mulher não disse nada.

— ãh, Arnold? O que está acontecendo? — perguntou Brooke.

— Está tudo bem, MacLean sabe quem eu realmente sou. Eu contei a ela toda a história.

— Ah, meu Deus — foi tudo o que Brooke conseguiu pensar em dizer.

Jake pôs o braço em volta da cintura e levou-a para sua própria sala de estar.

— Olá, Karen — disse Brooke com cautela.

— Uma xícara de chá? — Jake perguntou a ela. Então, para Karen: — Você quer uma cerveja? Refrigerante? Ou chá?

Brooke disse:

— Sim, chá — e Karen entrou na conversa:

— Para mim está bom também.

Quando Jake foi para a cozinha, Brooke correu atrás dele.

— O que está acontecendo?

— Fui para a escola hoje à tarde e segui alguns moleques até uma compra de drogas. MacLean me seguiu. Não tive muita escolha, a não ser lhe contar quem eu realmente era. Checamos um ao outro com nosso quartel em Vancouver.

Ele abaixou a voz.

— Ela tem uma boa reputação, e sua história faz sentido. Na sexta-feira à noite eu contei a ela aquilo que Robin disse sobre drogas nas escolas. Perto do fim do seu turno de hoje, ela decidiu dar uma espiada naquele colégio do ensino médio e ver se alguma coisa estava acontecendo. Ela me viu — Jake encolheu os ombros. — Conversei com Jamal e ele me disse para trabalhar com ela. Você acha que ela pode ser confiável?

— Eu não a conheço bem. Normalmente, fico longe de um policial — ela parou, rindo. — Ah, meu Deus, e agora estou trabalhando com você, para não mencionar que estou partilhando a minha cama — Brooke balançou a cabeça. — Tudo bem. Karen MacLean. Pelo que tenho visto, ela é uma pessoa decente. Sempre me tratou com respeito. Ao contrário do Sargento Miller.

A chaleira estava assobiando e ela despejou água no bule e mexeu um pouco.

— Então, o que você e Karen vão fazer?

Brooke jogou a água para fora.

— Ainda não discutimos essa parte. Imaginei que você poderia querer sentar-se conosco. Afinal, faz parte da equipe.

Ela pegou o seu braço, puxou-o para ela e lhe deu um beijo.

Um beijo de verdade.

Seus braços a rodearam e ele fez um som baixo na garganta.

— Quando veio me cumprimentar — disse ela —, você me beijou na frente de Karen. E não foi um beijo entre primos.

— Ela sabe quem eu sou; então, poderia muito bem saber sobre nós. Karen vai ficar aqui por algumas horas e eu não posso ficar longe de você por tanto tempo — Jake a empurrou de volta e segurou-a à distância. — Você prefere que ninguém saiba? Eu não quero estragar sua reputação.

— Karen não vai contar a ninguém. Além disso... — a mulher veio para perto novamente, alinhando o corpo dela com o dele. — Você só faz bem para a minha reputação. Brooke Kincaid pode pegar ela mesma um cara jovem e gostoso.

— Eu sou gostoso?

— Você sabe que é. Especialmente quando está sendo Jake.

Brooke correu um dedo pelo colarinho aberto de sua camisa e liberou outro botão antes de terminar de fazer o chá.

Jake pegou o bule de chá e levou para a sala de estar.

Ela o seguiu com as canecas e um prato de cookies de passas.

— Leite, açúcar, mel? — perguntou a Karen, que parecia se sentir em casa, acariciando Sunny.

— Não, apenas chá, obrigada.

Brooke serviu o chá, em seguida, olhou em volta, decidindo onde poderia se sentar. Jake acenou da grande cadeira que ele tinha escolhido, e ela estava tentada a se acomodar em seu colo, mas percebeu que estaria forçando um pouco as coisas. Além disso, seria muito difícil se concentrar no trabalho. Escolheu a extremidade oposta do sofá de Karen.

Ele deu-lhe uma careta bem-humorada, então virou-se para Karen.

— Conte a Brooke sobre Miller.

Karen engoliu um pedaço de biscoito.

— Delicioso, Brooke. Mas, Jake, eu tenho de dizer, sou totalmente contra essa ideia de pôr em perigo uma civil.

— Será que todo mundo pode parar de tentar me proteger? — protestou Brooke. — Eu me envolvi, ninguém me obrigou. Jake precisava de uma cobertura e pude lhe proporcionar a mais segura.

— Eu entendo, mas ainda discordo — disse Karen severamente. — Ainda assim, uma vez que você está envolvida, então tem direito à informação. Ao menos enquanto puder ajudar a lhe manter em segurança.

Brooke assentiu.

— Tudo bem — disse Karen. — Acerca de Miller. Como qualquer pessoa, incluindo o próprio, vai lhes dizer, ele tem uma reputação de ser mortalmente contra as drogas. Contudo, poucas pessoas foram presas por tráfico ou uso. Temos alguns poucos crimes nos quais os jovens estavam drogados e estavam roubando para conseguir dinheiro para as drogas, mas é raro. O Sargento Miller cuida pessoalmente de qualquer

caso que possa estar relacionado com drogas e, de acordo com ele, muitos desses casos, realmente não estão.

— O que você quer dizer? — perguntou Brooke.

— Ele diz que nós, os cabos e os policiais, enxergamos problemas com drogas onde não existem. Quando os jovens estão apenas se exibindo ou estão bêbados. Ele diz que continuamos nos confundindo com tiras das cidades grandes. E ressalta que todas as vezes que trazemos os cães para farejar drogas, a gente volta ou de mãos vazias ou com coisas realmente pequenas.

— Robin disse que os usuários pesados recebem dicas antecipadas dessas batidas — disse Jake, pegando seu segundo biscoito. — Eu imagino que essas dicas também se aplicariam aos traficantes.

— Se isso for verdade — disse Karen —, a dica tem de vir de dentro de nosso departamento ou lá de Williams Lake.

Jake assentiu.

Karen continuou.

— Depois, há as pequenas palestras do sargento nas escolas, cujo objetivo é desencorajar o uso de drogas.

— Por que ele faria isso se está traficando drogas? — perguntou Brooke.

Os dedos de Karen coçaram sob o pescoço de Sunny e o gato ronronou, mas Karen estava franzindo a testa.

— Eu conheço o diretor da escola. A esposa dele é minha amiga. No ano passado, ele teve uma conversa extraoficial comigo, na qual perguntou se havia alguma maneira de que eu fizesse as palestras em vez de Miller. Ele disse que Miller não é eficaz. Aparentemente, não há nada em suas palavras que seja de fato censurável; o problema é apenas de tom. Ele continua dizendo que Caribou Crossing não é uma cidade grande, que nossos filhos não são como os jovens mundanos e sofisticados da cidade grande. Temos valores tradicionais e mais antiquados.

Brooke gemeu.

— A última coisa que qualquer adolescente quer ser é antiquado.

— É isso — disse Jake, — ele está dizendo a eles que, se quiserem ser legais, têm de usar drogas.

— É com isso que o diretor está preocupado. Ele disse que já tentou falar com Miller sobre isso, mas Miller vive dizendo que ele está interpretando tudo errado, e que está subestimando as crianças de Caribou Crossing. Ele diz que os jovens têm bons modelos e sabem diferenciar o certo do errado.

— Esse é o Sargento Miller, que fica no bar nas sextas e sábados de noite — disse Brooke. — Que belo modelo ele é...

Karen disse:

— Bem, na maior parte, o que o sargento disse está certo. A maioria dos filhos é gente boa, tem bons modelos paternos, são ativos na igreja, nos esportes ou em um

dos clubes de adolescentes. Eles montam e participam dos rodeios, e trabalham nos sítios ou nas fazendas de suas famílias. São crianças maduras e responsáveis, como Robin.

— Mas nem todos... — disse Jake.

Karen balançou a cabeça.

— Há outro grupo, aqueles que são limítrofes. Alguns vêm de famílias desestruturadas, mas há os que são apenas inquietos, que exploram os limites, talvez infelizes. Se receberem a orientação correta, a maioria deles vai endireitar e se dar muito bem. Contudo, eles são vulneráveis.

— Adolescentes como esses são tão incertos, não se sabe o que vão virar — disse Jake. — Eu era um deles.

— Ah, é? — Karen não parecia surpresa.

— É possível que Miller seja o cérebro por trás da operação que descobri — disse Jake. — Ele está vendendo a alguém, talvez o Death Row, e, provavelmente, fazendo a compra de pequenas quantidades de outras drogas como heroína, metanfetamina, crack, ecstasy e outras. Ele pegou aqueles hippies velhos e mandou que cuidassem da plantação nas colinas, e seus homens na cidade lidam com as crianças. Como o cara que MacLean e eu vimos esta tarde. O cara estava dirigindo a mesma picape que vi quando me infiltrei. MacLean, você o reconheceu?

— Pete Snyder. Ele é um perdedor, um criminoso da ralé, mas de alguma forma nós nunca encontramos provas para condená-lo. Talvez seja coisa de Miller. Pete Snyder faz bicos aqui e ali, principalmente para seu irmão, que tem uma pequena firma de construção do tipo faz-tudo. Mora com seu irmão também. Ah, e os moleques que estavam comprando drogas eram os alunos do segundo: Rob Oppenheim, Adam Mark e Jim Schultz. Fazem parte daquele grupo de jovens limítrofes de que falei. Poderiam revelar-se como Snyder se ninguém intervier.

— Snyder — disse Jake, pensativo. — Alguma relação com Richard Snyder?

— É seu irmão mais velho, o cara com quem ele mora, Richie — respondeu Karen. — Por quê?

— Richie tem a licença de piloto?

— Sim. Ele esteve na Força Aérea por um tempo, mas foi expulso. Por quê?

— Ele estava pilotando um avião pequeno na última terça-feira de manhã — disse Brooke. — Certo, Jake?

— Sim. Ele estava no ar quando Brooke viu um pequeno avião circulando ao redor como se estivesse procurando alguma coisa. Procurando por mim, provavelmente. Se esse cara é um faz-tudo, ele poderia ser o sujeito que providenciou a água para a plantação, e a maneira como eles roubam energia. Parece que os irmãos Snyder estão conectados com a operação, mas ainda não temos uma ligação clara com Miller.

Brooke enrolou as mãos em torno de sua caneca de chá.

— O que você acha, Karen? Você conhece Miller muito bem. Ele é capaz de tráfico de drogas? De... Assassinato?

Karen pôs a caneca na mesa abruptamente, apertando Sunny. O gato lançou-lhe um olhar de desagrado. Ele retirou-se do colo da morena e se transferiu para o de Brooke.

Karen disse:

— Eu não gosto dele, entende? Ele é um porco machista, um racista e homofóbico. No entanto, ele também é um membro da polícia, e não gostaria de pensar que se corrompeu. Então, depois de ter afirmado meus argumentos prós e contras, vou tentar ser objetiva.

— Por favor — disse Jake.

— Sim, eu acho que poderia vê-lo traficando. Ele acha que pessoas que usam drogas são escória. E não tem piedade, nenhuma simpatia por elas. Por isso, não se importaria de fazer um dinheirinho à custa dessa gente. Miller não respeita as mulheres. Eu consigo enxergar esse homem visitando prostitutas — Karen deu uma risada rápida. — Inferno, consigo ver Miller com prostitutas, mas não satisfazendo sua esposa na cama, mas daí a assassinato... Não sei, odeio pensar nisso, no entanto, ele tem um lado cruel. Eu o vi bater em gente que ele prende. Ele procura desculpas para descer a lenha nesses caras, e posso jurar que sente prazer nisso.

Brooke assentiu.

— Miller se aproveita de pessoas que são mais fracas do que ele. Nos meus dias de bebedeira, ele foi ao mesmo tempo sugestivo e bruto. Quando ele me prendeu por dirigir embriagada, deixou implícito que retiraria as acusações se eu... Hã... lhe fizesse um boquete. Quando me recusei, Miller me deu uns tapas por um tempo.

— Puta merda! — Jake cuspiu a vociferação.

Ela balançou a cabeça.

— Foi há muito tempo. Deixa pra lá.

— Eu quero esse sujeito — disse Jake, a voz gelada. — Mas precisamos de muito mais do que nós temos.

— Eu poderia prender Pete Snyder por tráfico de drogas com aqueles rapazes — disse Karen. — No entanto, tenho medo de que isso possa fazer nosso homem sumir, quer se trate de Miller ou de alguém mais. Nós não queremos pegar a arraia-miúda e deixar que o tubarão fuja.

— Você está certíssima — disse Jake. — Bem, nós poderíamos cavar e cavar e ver se conseguimos descobrir minúsculos pedaços de evidências que possam construir um processo contra Miller. Claro que, se estamos seriamente suspeitando desse homem, devemos denunciá-lo para Assuntos Internos. Certo? — ele olhou para Karen.

Ela assentiu.

— Mas isso é horrível, delatar um membro da polícia quando não temos certeza.

— Ele tem outra alternativa — disse Brooke. — Certo, Jake?

— Você me conhece muito bem. Sim, eu estou pensando que podemos usar Snyder para prender o chefe dele.

— O quê? — disse Brooke, quando Karen disse:

— Como?

— Vamos trabalhar nisso. Eu vou ter de fazer isso via Jamal também. Mas em primeiro lugar, antes de demolir todos esses cookies, que tal jantarmos?

— Vamos pedir uma pizza — disse Karen.

— Eu tenho chili no congelador — disse Brooke. — Não vai demorar nada para esquentar no micro-ondas.



Algumas horas mais tarde, Jake levou Karen pra casa. Sozinha em casa, Brooke carregou a máquina de lavar louças e foi tomar banho. Encheu a banheira, colocou uma lavanda feita em casa na água e entrou com um suspiro. Tinha sido uma noite interessante e desafiadora.

Jake e Karen tinham muito em comum. Ela testemunhou a forma como a mente deles trabalhava, como eles se comunicavam com um mínimo de palavras. Várias vezes um deles fez uma pausa para que Brooke os acompanhasse. Eles haviam feito isso muito bem, por isso, ela não se sentia insultada. Os dois até ouviram suas opiniões. No entanto, Brooke sabia perfeitamente bem que ela era, na melhor das hipóteses, um membro temporário e experimental da equipe.

Tudo bem por ela.

No fim de semana ela havia se acostumado a um Jake que lia, aparava a grama e dançava country. Quase havia se esquecido daquele policial barbudo que tinha puxado uma arma para ela, em vez de arriscar sua missão. Contudo, aquele era o verdadeiro Jake, e hoje à noite tinha visto esse homem novamente. Ele era friamente eficiente, e a língua que ele falava vinha dos romances policiais. E, no entanto, de tempos em tempos, ele tinha lhe dado um sorriso especial ou esticado a mão para lhe tocar o braço. Jake nunca deixava passar mais do que dez ou quinze minutos sem reforçar a ligação entre eles, mesmo quando ele e Karen conspiraram para prender o criminoso para quem os irmãos Snyder trabalhavam.

Brooke estava agitada, inquieta, a ondulação da água morna e sedosa batendo ao seu redor. O cheiro de verão de lavanda e rosas não estava tendo seu efeito calmante habitual.

Sua vida estava ficando muito complicada. No entanto, ela não devia se arrepender de ter aceitado Jake em sua casa. Na manhã seguinte, faria uma semana que conhecera esse homem. Apenas uma semana. E, se a armadilha funcionasse, ele iria embora dali a

dois dias. Para fora de sua vida. Para sempre. E tinha de ser assim. Não havia outra opção para nenhum dos dois. O pensamento não deveria fazê-la se sentir deprimida.

Além disso, Jake ir embora não era o que mais preocupava. Ele ia agir contra um assassino. Era um homem capaz, assim como Karen, mas os criminosos que estavam perseguindo não brincavam. Eles mataram uma adolescente e colocaram uma bala em Jake.

Lá embaixo, a porta da frente abriu-se e fechou-se. Jake chamou:

— Brooke?

— No banho.

Em poucos segundos, ele estava em pé na porta.

— Agora sim, é uma bela cena.

— Você pode se juntar a mim. — Ela tentou um sorriso sedutor, mas não pareceu verdadeiro.

O homem cheirou o ar.

— E ficar com esse cheiro de menina? Não, obrigado, mas vou lavar suas costas. E outros lugares divertidos!

Ela puxou a cordinha do ralo e se levantou. — Terminei.

Brooke estendeu a mão para pegar uma toalha, mas ele pegou a toalha antes e a envolveu nas costas da mulher.

— O que há de errado, Brooke?

— Hoje eu vi você trabalhando. E tive uma ideia de como é na realidade. Estou preocupada. E se alguma coisa der errado com o seu plano? Esses homens já atiraram em você uma vez.

Ele fez uma careta.

— Não vai acontecer de novo. MacLean e eu vamos proteger as costas um do outro — Então ele se virou em seu sorriso sexy e confiante de Jake. — Confie em mim, querida.

Fácil dizer, mas muitos aspectos do plano estavam fora de controle por parte dele e de Karen. Contudo, como ela mesma dissera sobre Robin, não poderia enrolar todos aqueles com quem se preocupava num cobertor de segurança e protegê-los do mundo.

Brooke respirou fundo, forçou-se a apreciar o ar úmido com o perfume floral, e depois deixou o ar escapar. Se ela pudesse ter pelo menos mais algumas noites com esse homem incrível, aproveitaria ao máximo. Deliberadamente, deixou cair a toalha.

— Vem para a cama?

E ainda assim, quando eles fizeram amor, ela se viu agarrando Jake com mais força do que antes. Brooke estava contente, sabendo que ele iria de volta para Vancouver — estava contente, mesmo — mas agora ele estava em seu território. Ela não podia suportar a ideia de que no dia seguinte Jake poderia se ferir. Ou algo pior.



JAKE RECONHECEU A adrenalina alta e congratulou-se, mas tentou agir normalmente com Brooke, durante o café da manhã em sua cozinha. Ela estava mortificada e ele sabia que a mulher também estava tentando manter seus sentimentos sob cuidadoso controle. Seu entusiasmo, a preocupação dela — esse não era um jogo confortável.

MacLean chegou em seu carro de polícia, vestindo seu uniforme e o colete de Kevlar. Seu passo era firme enquanto subia as escadas e entrava na casa, porém, ela irradiava uma energia que disse a Jake que ela também estava excitada. A mulher entregou-lhe um uniforme e um colete.

— Estes devem servir.

Os olhos de Brooke se arregalaram com a visão de seus coletes.

Jake disse rapidamente:

— Eles são parte do uniforme. Isso não significa que estamos esperando problemas.

— Você não estava esperando problemas na noite em que foi baleado — ela replicou.

— Bem, se alguém atirar em mim hoje, o colete vai impedir de me machucar.

— Se eles forem estúpidos o suficiente para atirar em você no peito — murmurou Brooke. — E essas coisas não param as facas, certo?

— Você lê demais...

— Mas tenho razão!

— Ah, sim, tem razão.

Jake pegou o uniforme e correu para o andar de cima antes que ela pudesse fazer mais perguntas. Poucos minutos depois, ele olhou para si mesmo no espelho. Desde que começou a trabalhar disfarçado, quase nunca usava um uniforme, então foi um

choque ver a si mesmo, de cabelo curto e tudo, com a mesma aparência que tinha quando começou, anos atrás.

Quando voltou para a cozinha, Brooke estudou-o, com a expressão tensa.

— Estou indo para o trabalho. Boa sorte, vocês dois.

Seus lábios tremeram e Jake se perguntou o que mais ela queria dizer. Um monte de advertências, adivinhou.

— Nós vamos ter cuidado — disse-lhe Jake.

Brooke apertou os lábios.

— Ótimo.

Os olhos claros da mulher fitaram-no por um longo momento; em seguida, ela se virou e saiu correndo. Nada de abraço de despedida ou beijo.

Apesar, ou talvez por causa, da maneira como ele se sentia em relação a Brooke, ele estava contente por tê-la feito ir embora. E gesticulou para MacLean, para que ela se sentasse:

— Vamos repassar isso mais uma vez.



Uma hora depois, com MacLean ao volante, eles entraram no quintal dos Snyder. A casa era dilapidada, o quintal mal cuidado e decorado com móveis enferrujados, mas Jake tinha visto coisa pior. A picape negra estava estacionada em um pedaço de grama rasteira perto da casa. Dois cães magricelas sem raça correram, latindo e rosnando, enquanto MacLean estacionava a viatura.

— Parece que Ritchie está fora — disse ela

Não havia nenhum sinal da van que a policial dissera que Richie Snyder dirigia: de um branco sujo, com letreiros nas laterais para fazer propaganda de seu negócio. Isso foi um alívio. Era contra Pete que tinham as provas, e MacLean achava que ele era o mais fraco, e mais burro, dos dois irmãos.

— Não conte com isso — Jake alertou-a.

Eles não podiam se dar ao luxo de fazer suposições. A van poderia estar estacionada nos fundos, ou para fazer reparos em uma oficina.

Cautelosamente, os dois policiais saíram do carro, as mãos em suas armas de fogo. Os cães se afastaram, ainda rosnando. Jake olhou para MacLean.

— Aqui vamos nós.

Ela deu um aceno rápido e ele viu a explosão de excitação e apreensão em seus olhos. Isso não era um dia normal para um policial de cidade pequena.

Um homem apareceu na varanda da frente, vestido de calças jeans rasgadas e uma camiseta suja. Jake reconheceu Pete Snyder. Não parecia que ele estava carregando

armas, mas o jeans era largo o suficiente para conter um revólver no bolso, ou enfiado na cintura na parte de trás.

— Que merda está acontecendo? — O homem exigiu saber, quando os dois policiais uniformizados subiram os degraus.

— Oi, Pete — disse MacLean. — Onde está seu irmão?

— Richie está consertando um telhado na casa do Youngs. Foda-se, você, o que quer dele? Ele não fez nada.

Enquanto falavam, Jake dimensionava o cara. Snyder era da altura de MacLean, um pouco mais baixo do que Jake, magro, mas fora de forma, com olhos que diziam que estava chapado. Ele não parecia grande ameaça, mas havia sempre a possibilidade de que carregasse uma arma. Pareceu a Jake que estava dizendo a verdade, não porque fosse um cara naturalmente honesto, mas porque ele não tinha motivo para mentir. Isso, porém, não significava que a casa estivesse vazia.

— Importa-se que eu entre? — perguntou MacLean.

— Foda-se, sim, eu me importo. — O homem apoiou as mãos em punhos em seus quadris e olhou para eles. — Você tem uma porra de um mandado? O que tem contra Richie?

Jake teria gostado de uma chance de revistar a casa, para verificar se Pete estava sozinho. Ele estava a poucos passos atrás dos dois, mantendo um olho sobre eles, a casa e os cães, alerta para qualquer movimento que pudesse indicar a presença de outra pessoa.

Snyder olhou para ele.

— Quem caralhos é você? — O cara parecia confuso, como se ele realmente não pudesse acreditar que havia dois policiais em sua porta.

— Cabo Brannon. — Em um tom plano, ele acrescentou, — Esquadrão antidrogas.

O homem empalideceu.

— Onde está o Miller?

Os ombros de MacLean se curvaram enquanto seus músculos ficaram tensos.

O coração de Jake bateu um pouco mais depressa. Foi circunstancial, isso não era uma prova, mas foi a primeira coisa que tinha ouvido que ligava o sargento Miller aos crimes de drogas.

— Vamos tratar disso depois — disse o homem. — Vamos falar sobre você em primeiro lugar. — Ele acenou para MacLean.

Ela começou a lengalenga.

— Peter Snyder, você está preso...

Esse era o plano deles. Prender Snyder por tráfico, em seguida, oferecer-lhe um acordo se denunciasse seu chefe.

Jake deixou MacLean lidar com a prisão. Snyder não pediu um advogado. Em vez disso, disse:

— Você entendeu tudo errado. Converse com Miller, ele vai te dizer.

Jake trocou um sinal com MacLean e ela deu um passo atrás para cobri-lo enquanto ele se movia para o espaço de Snyder.

— Miller não pode ajudá-lo neste momento — disse Jake. — Nós vimos você vendendo drogas para três garotos da escola, ontem, lá em Greenbrier Road. E sabemos sobre a plantação, e sobre Jango e Herb. Quantos quilos de erva saem desses reboques em um ano?

O queixo de Pete estava pendurado.

— Merda, foi você naquela noite.

O cara realmente era um idiota.

— Nas colinas? Sim, era eu. E tenho contas a acertar com o cara que atirou em mim. O cara que dirige uma picape preta, que se parece com a que está estacionada por lá. — Ele se aproximou de Pete, falando de forma pessoal e direta na cara dele: — Acho que esse cara é você.

— Não! — o homem menor recuou. — Richie, foi Richie. Nós dois estávamos lá fora, mas ele foi o cara que atirou em você.

Jake mal podia conter um sorriso. Parecia que este perdedor montaria o caso inteirinho para eles.

— Acho que você e seu irmão vão para a prisão juntos, então. É bom ter companhia. Lá não é um lugar amigável.

— Meu Deus, eu não quero ir para a prisão.

MacLean falou, interpretando seu papel predefinido da policial boazinha.

— Pete, você estragou tudo dessa vez. Vai ser difícil não pegar cadeia. Mas eu sei que você não é um cara mau. Richie também. Quero dizer, são apenas algumas drogas, certo? Todo mundo usa drogas.

— O tráfico é ilegal — Jake cortou. — Eles devem receber a pena máxima.

— Ah, vamos lá, Brannon — disse ela. — Não seja tão durão que nem os policiais da cidade grande. Você não acha que é injusto que sejam sempre os carinhas como Pete e Richie os que acabam na cadeia? Enquanto seu chefe está sentado no bar, enchendo a cara com Caribou Crossing uísque?

Jake respirou fundo e jogou sua próxima carta, rezando para que estivesse no caminho certo.

— Eu vou trancar Miller se você me der as provas.

— Miller — os olhos de Snyder se arregalaram. — Você quer dizer que sabe sobre... — parou abruptamente de falar.

O triunfo tinha enviado adrenalina nas veias de Jake, mas ele não deixava transparecer. Apenas disse:

— Sim, nós estamos atrás dele, mas não temos as provas. Então vamos ter de trancar os peixes pequenos, como você e seu irmão. Estaremos pedindo a pena máxima, para desencorajar qualquer um de trabalhar com Miller.

— Porra, Miller é o cara que nos colocou nessa! Ele devia cumprir pena!

Jake viu MacLean olhar de relance para ele e sabia que ela queria estampar um sorriso vitorioso. Contudo, ela endureceu sua expressão e focou em Snyder.

— Então vamos garantir que isso aconteça. Ajude-nos a pegá-lo, Pete. As coisas ficarão mais fáceis para você se fizer isso.

— Um acordo? Você vai me fazer um acordo? Eu posso sair sem ir para a cadeia?

— Depende do que você nos der — disse ela. — Quanto mais você ajudar, melhor o acordo.



Duas horas mais tarde, Jake e MacLean estavam no acampamento da plantação. A viatura da polícia e o carro de Jake estavam estacionados atrás das árvores com os hippies Herb e Jango, algemados no banco de trás da viatura.

Alguns trabalhadores migrantes foram algemados juntos no barracão trancado.

Depois de vasculhar o local, Jake decidiu que ele e MacLean iam se esconder em um dos trailers e obrigar Pete Snyder, lá fora nos degraus, a atrair Miller para uma conversa.

Jake franziu o nariz contra o cheiro pungente de plantas de cannabis e bateu os dedos nervosamente sobre uma bancada. Sussurrando, disse para MacLean:

— A burrice de Snyder trabalhou para nós no começo, mas eu não sei se ele tem a inteligência para ir adiante com isso.

Ela olhou para a porta aberta, onde Snyder estava sentado no degrau, balançando uma perna rapidamente.

— Eu entendo o que você quer dizer. E se ele falhar, então Miller terá sido alertado. Ele pode até tentar matar Pete.

— Isso não é tão ruim. Então nós temos Miller por tentativa de assassinato. Claro que a gente vai intervir e detê-lo.

Ela levantou uma mão.

— Ouvi um carro!

Snyder ouviu também. Ele se levantou.

— É ele.

— Tudo bem — disse Jake atrás dele. — Você sabe o que fazer. Traga-o para dentro do trailer e faça-o falar.

— Tomara que ele não reviste o trailer — sussurrou MacLean para Jake.

— Ele está confiante. Ele nunca teve nenhum motivo para agir de outra forma. E não vai suspeitar que é uma armadilha.

Jake esperava que estivesse certo.

Ele deu um tapinha tranquilizador no ombro de MacLean; em seguida, cada um deles sumiu nos esconderijos que tinham escolhido, ela espremendo-se em um armário e Jake enfiando-se sob uma bancada em um canto escuro. Ele puxou a Beretta.

— Pete? Por que diabos você quis me trazer aqui? — disse Miller, sua voz alta e clara quando gritou com Snyder.

— Venha para o trailer. Eu não quero que Jango e Herb escutem.

— Onde eles estão?

— Trabalhando em outro trailer.

Até agora, Snyder estava seguindo o roteiro.

O trailer balançou quando Miller subiu os degraus.

— Estou perdendo a paciência, Snyder.

Soaram passos dentro do trailer e a porta se fechou.

— Tudo bem, é o seguinte. Eu quero sair. Está ficando muito foda, muito perigoso — a voz de Snyder soou alta e trêmula, mas Miller acharia que isso era natural dentro das circunstâncias. — Você sabe que alguém invadiu aqui. Eles estão em cima de nós.

A posição de Jake era tal que ele não podia ver nenhum dos dois, e, possivelmente, eles não podiam vê-lo. Ouviram-se passos, e pelo peso, Jake identificou-os como os de Miller.

— Você e seu irmão devem ter imaginado coisas — disse Miller. — Vocês disseram que atiraram num intruso, mas ninguém viu um fio de cabelo do cara.

— Alguém abriu a porta que range do outro trailer.

— Foi o vento.

— De jeito nenhum. Era um cara, um cara que escapou em uma moto. Ele pode ter sido um maldito policial.

— Eu sou a polícia por aqui.

— O q-que se diz é que v-você anda falando demais...

— Que porra é essa? — Miller parecia atônito. — Falando com quem? Sobre o quê?

Jake apertou a mão na Beretta. Será que Snyder poderia extrair mais? Ele já tinha dado a eles o suficiente para ligar Miller à plantação de maconha, mas Jake realmente queria o homem pelo assassinato de Anika.

— Recebi um telefonema de um c-cara do Death Row, em Vancouver. Perguntando que diabos estava acontecendo com a nossa operação. Disse que você era... Hã, qual foi a porra da palavra que ele usou?

Jake prendeu a respiração, então deixou escapar novamente quando Snyder continuou.

— Elo mais fraco, isso que ele disse. Você andou falando com uma puta qualquer, dando pistas sobre a nossa operação.

Snyder estava falando mais depressa agora, muito depressa, com pressa para chegar ao fim de suas frases decoradas.

Miller riu.

— Então isso é tudo? Já cuidei desse probleminha.

— Hã? Como você fez isso?

Houve uma pausa e, em seguida, Miller disse:

— Assim.

— Meu Deus, Henry, isso é uma faca!

Snyder parecia assustado, fora de si e todos os músculos do corpo de Jake ficaram tensos. Ele fez um gesto de “espere” na direção de MacLean, esperando que ela pudesse ver a mão dele e se segurasse por apenas mais alguns segundos.

— Claro que é uma faca, estúpido. Ela tem o sangue da garota na lâmina e vai ter o seu também, se você não se aprumar de novo. *Elo mais fraco?* Porra, você é o elo mais fraco.

Vá! Com a mão Jake telegrafou a mensagem.

Antes que tivesse terminado, a porta do armário se abriu e Karen saltou, o Smith & Wesson em punho.

— Henry Miller! — ela gritou.

Jake saiu debaixo da bancada, preparado para dar cobertura e lidar com qualquer coisa inesperada.

Agora, pela primeira vez, ele podia ver o que estava acontecendo.

Snyder estava indo de costas em direção à porta fechada, com uma mão atrás dele enquanto se atrapalhava para abrir a maçaneta. Mesmo que ele escapasse, Jake sabia que o idiota não iria longe a pé. Ele concentrou sua atenção em Miller. O homem gordo tinha congelado, com a faca levantada, olhos escancarados para a Cabo MacLean.

— Largue a arma! — ordenou ela.

— MacLean? Que diabos você está pensando?

O homem vociferava.

— Você está preso pelo assassinato de Anika Janssen.

A boca de Miller caiu. Ele largou a faca e se atrapalhou para pegar a arma em seu cinto, claramente não acreditando que sua policial não atiraria.

— Mãos ao alto!

Jake gritou exatamente ao mesmo tempo em que MacLean gritou as palavras.

Miller balançou em direção a Jake, sua mão ainda em seu cinto, os olhos arregalados com o choque. Ele não fez nenhum movimento para puxar sua arma, mas também não ergueu as mãos no ar.

Enquanto MacLean apontava a arma de fogo para o sargento, Jake se aproximou do homem e aliviou-o de sua arma, do cassetete e do spray de pimenta. Ele embolsou a faca e revistou Miller, desejando imensamente poder espancar o cara um pouco. A prisão era um lugar bom demais para aquele idiota.

Depois de recuperar a pistola .22 do bolso da calça de Miller, ele encarou o homem.

Miller ainda parecia completamente atordado.

— Pitt — resmungou.

— Cabo Jake Brannon, de Vancouver. — Com um sentimento de profunda satisfação, ele continuou. — Cabo MacLean vai terminar de ler as acusações e dar os devidos avisos. Queremos fazer tudo pelas regras, certo?

Ele se virou para MacLean e viu seu sorriso triunfante quando ela deu um passo à frente.



Brooke tinha sido inútil o dia todo. Ela até errou a cor nos cabelos pretos de Kim Tam. Kim tinha ficado ótima, dizendo que ela amara o novo visual, mas Brooke estava irritada consigo mesma.

Ela estava furiosa com Jake também. Como ele ousara invadir sua vida em Caribou Crossing, fazê-la se preocupar com ele e, em seguida, ir lá fora e arriscar sua pele cheia de cicatrizes?

Ela ficava imaginando o que poderia estar acontecendo. Um tiroteio? O sargento Miller era um assassino, e um policial altamente treinado. Ele não se renderia facilmente.

Em uma pausa entre os clientes, ela telefonou para o doutor Allenby e marcou uma consulta para o final do dia para pedir que ele ajustasse sua medicação.

Cada vez que um telefone tocava, cada vez que a porta se abria, o coração de Brooke pulava de medo.

Quando, finalmente, seu celular tocou, ela resmungou:

— Alô?

— Sou eu. Foi tudo bem.

A voz era de Jake e não era apenas saudável, era vitoriosa.

— B-bem?

Seus lábios mal conseguiam formar a palavra e ela percebeu que lágrimas estavam descendo pelo rosto.

— Peter Snyder conseguiu. MacLean e eu ouvimos Miller admitir não só sua participação na plantação de maconha, mas também o assassinato de Anika. Ele, os irmãos Snyder e os trabalhadores estão todos presos.

— E você está bem?

— Bem? Ah, claro, MacLean e eu estamos bem. Acabou sendo tudo muito tranquilo.

Tranquilo. Ele parecia quase desapontado. E ela havia ficado agoniada durante todo o dia. A fúria queimava em seu peito.

— Brooke, pode ser que eu chegue muito tarde esta noite.

— Verei você quando der — respondeu, tentando manter a voz firme.

Então, bateu o telefone e correu para o banheiro das mulheres, ignorando o chamado preocupado de Kate. Se ela fosse um cara, um cara como Jake, teria esmurrado a parede com o punho. Como ele pôde fazer isso com ela?

Ela se virou para o espelho e viu seu rosto manchado de lágrimas. Automaticamente, molhou-o com água fria.

Jake não tinha feito isso com ela. Ele tinha feito seu trabalho, isso era tudo. Ela fez isso para si mesma, deixando-se importar com ele.

Importar? Que nada. Ela amava aquele idiota.

Graças a Deus, ele estava indo embora. Ela não podia passar por outro dia como esse. Brooke sabia que não estava pronta para o amor e sabia que ela e Jake eram totalmente inadequados um para o outro, então, como podia ter sido tão tola?

— Brooke? — Kate bateu à porta fechada. — Você está bem? O que aconteceu?

— Eu estou bem. Saio em um minuto.

Ela nunca choraria por Jake Brannon novamente. Bem, ela poderia chorar quando esse homem fosse embora, porque sentiria falta dele, mas nunca mais ia imaginá-lo no trabalho e chorar de preocupação por ele.

Brooke jogou água fria no rosto, em seguida, enxugou a pele com uma toalha macia, descartável. Ela passou no rosto uma loção calmante de aloe vera, abriu a porta e foi até Kate, que estava por perto, mexendo com a máquina de café.

— Eu estou bem — disse ela. — Quanto ao que aconteceu... Não posso contar ainda porque... Hã... É um caso de polícia, na verdade. Tenho certeza de que será tornado público em breve — Brooke pensou sobre o que a cidade descobriria sobre o desagradável Sargento Miller, e encontrou um sorriso. — Mas posso prometer uma coisa, os próximos dias serão muito interessantes.

Em seguida, ela se dirigiu ao telefone e cancelou sua consulta com o doutor Allenby. Não era seu transtorno bipolar que estava causando todos os seus altos e baixos; era Jake. Depois que ele saísse da cidade e ela tivesse sua vida de volta em equilíbrio, ela estaria bem.



Brooke não tinha apetite para jantar, mas forçou-se a comer um sanduíche de queijo, algumas tiras de aipo e uma maçã. Depois, foi para sua reunião de costume no A. A., às terças-feiras. Na semana anterior, quando tinha ido, um Jake enfaixado ficara em seu sofá. Ela nem podia acreditar em tudo que havia acontecido em uma semana

— e realmente não poderia dizer nada para o pessoal do AA até que as prisões se tornassem de conhecimento público. Ainda assim, a rotina e aqueles rostos familiares a acalmaram. Um pouco.

Em casa de novo, tentou ler, mas percebeu que tinha dificuldade de concentração. Ela queria ver Jake mais do que qualquer coisa na Terra, mas também desejava que ele já houvesse deixado a cidade e assim ela poderia tocar sua vida sem ele.

Quando ouviu um carro por volta das onze horas, fechou o livro, mas manteve-se em sua cadeira.

Jake abriu a porta da frente e entrou.

— Parabéns — disse ela. Em seguida, a reserva que tinha sido cultivada a noite toda se quebrou e ela saltou da cadeira e correu para abraçá-lo. — Estou tão feliz que você esteja bem. E Karen também. É tão bom que vocês tenham conseguido a confissão de Miller!

Ele a abraçou apertado. Muito apertado, quase como se nunca mais fosse soltá-la. Contudo, ela sabia que era um abraço de comemoração mais do que qualquer outra coisa. Brooke tinha sido parte de sua equipe, mesmo que de forma insignificante.

Ela puxou-se para trás.

— Você está com fome? Quer uma cerveja?

— Comemos pizza na delegacia, mas uma cerveja seria bom. Vou pegar.

Quando voltou, ela o levou para o sofá.

— Conte-me tudo.

Ela pensou muito se queria mesmo saber os detalhes, mas tinha decidido que sim. A verdade nunca poderia ser tão ruim quanto as coisas que havia imaginado.

Jake contou a história de maneira metódica, quase como um policial ao apresentar seu relatório ao superior, e seu nível de ansiedade diminuiu.

Quando ele terminou, Brooke disse:

— Você deve estar muito satisfeito. E aposto que não vê a hora de contar tudo aos Janssen. — Ela tocou no braço dele, sem saber direito o que desejar. — Quando vai voltar para Vancouver?

— Depois de amanhã — Jake tomou um longo gole de cerveja. — Vai ser uma enorme investigação. Da plantação, do destacamento da polícia aqui em Caribou Crossing, com o Death Row. Não se pode deixar que os policiais locais façam-na, exceto por MacLean, que está limpa, sem dúvida. A equipe já está a caminho. Incluindo Jamal. Ele, MacLean e eu vamos nos encontrar com o inspetor que está coordenando a investigação; então Jamal e eu estaremos livres e de volta ao nosso trabalho regular.

Então, eles tinham o resto da noite, além de mais uma noite. Será que Jake ficaria trabalhando até tarde no dia seguinte também?

Será que ela queria passar mais tempo sozinha com ele? Quanto mais íntima ficasse desse homem, mais se importaria com ele e mais ficaria machucada quando Jake

fosse embora. Uma ideia veio a ela.

— A gente devia celebrar. Especialmente se Jamal estiver na cidade.

Jake sorriu.

— Essa é uma ótima ideia. Você e eu, Jamal e Karen.

— Você terá terminado o trabalho na hora do jantar amanhã?

— Nós vamos garantir que isso aconteça. Qual é o melhor restaurante da cidade?

— O Wild Rose. Mas vamos comer aqui. É mais amigável. Eu vou adorar cozinhar para todos vocês. Será um pequeno presente de despedida.

O rosto dele ficou sério, como se tivesse acabado de perceber que seu tempo juntos estava quase no fim.

— Ah, inferno, Brooke — disse ele, enquanto estendia a mão para ela.

Brooke deslizou para dentro dos braços dele. *Faça com que seja leve*, disse a si mesma. Esse tinha sido o acordo desde o início, e tinha sido a única maneira com que ela poderia lidar com esse relacionamento.

Mordeu a orelha de Jake.

— Pronto para ir para a cama?



A NOTÍCIA DA prisão do sargento Miller tinha sido liberada, por isso Jake disse a Brooke que ela estava livre para contar a Kate tudo sobre esse assunto. Isso levou toda a sua hora de almoço na sexta-feira, no Big & Small. A única parte que Brooke deixou de fora era o seu relacionamento pessoal com Jake. Ela não queria parecer uma idiota de meia-idade.

E não era. Brooke tinha carinho por ele e sabia que, do jeito dele, Jake também tinha carinho por ela.

Ele iria embora no dia seguinte. Para fora de sua vida, e para sempre.

Intellectualmente, Brooke sabia que era melhor assim. Ela e Jake não tinham um lugar longo prazo na vida um do outro. Ela podia contar as razões nos dedos de ambas as mãos, e assim precisaria de mais dedos para enumerar todas elas, mas o curto prazo tinha sido tão especial, que ficava difícil imaginar a vida sem ele.

— Da mesma forma que antes — murmurou a Sunny, enquanto reunia os ingredientes para fazer lasanha.

Exceto, que antes estava feliz com sua vida. Parecia perfeita. Agora sabia que faltaria algo. Não, alguém. Não se tratava apenas do toque de um homem, nem do ótimo sexo que eles faziam e do qual sentiria falta. Era Jake. Acariciando seu gato, lendo no sofá, ajudando-a a fazer salada. Conversando na mesa da cozinha. Devagar, pouco a pouco, revelando-se a ela.

Jake, o homem que trouxe o assassino de Anika à justiça, o homem que queria tirar uma adolescente chamada Sapphire da rua. O homem por quem tinha se apaixonado.

Pela segunda vez em sua vida, tinha tolamente dado seu coração a alguém, mas pelo menos esse homem merecia. Então, onde isso a deixaria na manhã seguinte? Vazia?

Brooke endireitou os ombros. Dificilmente. Solitária, com saudade dele, mas não vazia. Brooke sabia que poderia viver uma vida plena e feliz sem um homem.

Ela deixou cair a massa de lasanha em uma panela grande com água fervendo, colocou um recipiente de molho de tomate caseiro no micro-ondas para descongelar e começou a refogar a carne moída.

Graças a Jake, possuía lembranças maravilhosas para recordar sempre que quisesse. O melhor de tudo, sabia que os dois tinham compartilhado algo especial. Que ele a respeitava e verdadeiramente se importava com ela. Pode ser que eles nunca mais se vissem novamente, mas de certa maneira ele seria seu amigo para o resto da vida.

Para ela, esse foi o melhor resultado. Ela aprendeu que havia se curado o suficiente para ser uma mulher que poderia amar de novo, uma mulher que poderia ganhar o afeto de um homem maravilhoso. Isso foi um grande passo. Talvez, alguns anos mais à frente, fosse conhecer outro cara ótimo, um tipo diferente de pessoa, um que fosse muito mais compatível com ela. Talvez, então, venha a estar pronta para dar mais um passo adiante e se sentir confiante de que, apesar de suas doenças e de sua história, estará se sentindo capaz de lidar com as pressões e as responsabilidades do casamento.

Ela derramou o molho de tomate na carne e mexeu.

Quanto a Jake, ela esperava que ele tivesse aprendido alguma coisa também. Ele não acreditava que seus pais o amavam. Não se permitia admitir que Jamal era seu melhor amigo, e não apenas seu colega. E, aparentemente, nunca deixaria uma mulher chegar perto dele, ou pelo menos, até esse momento não tinha deixado.

Esse homem que não pensava duas vezes antes de arriscar a pele tinha medo de colocar seu coração em perigo, porque seus pais haviam lhe ensinado que não merecia o amor.

Mas então... Ela não era a mesma coisa?

À medida que o pensamento passou pela mente de Brooke, ela o pegou, para examiná-lo enquanto ia automaticamente pelas etapas de fazer o molho bechamel.

Brooke sabia que não merecia o amor de Evan; isso era um fato. E, ainda assim, durante o ano anterior ele o havia entregado a ela. Mesmo com Jessica e Robin, ela não conseguia acreditar, aceitar, o carinho que as duas despejavam sobre ela. E tinha sua chefe, Kate.

Sua amiga também, percebeu agora. Isso é o que Kate queria, e ela vinha pacientemente tentando chamar Brooke nessa direção, mas Brooke tinha se afastado. Indigna, desconfiada de si mesma.

Era hora de dar mais um passo para frente? De abrir seu coração para os amigos que estavam apenas esperando por ela para abrir os braços e recebê-la?

Sim. Jake tinha ajudado a fazê-la perceber que ela merecia o amor das pessoas. Assim como ele merecia.

Brooke deveria dizer a ele que o amava? A ideia era assustadora, mas por que deveria ser? Não era como se quisesse alguma coisa dele em troca.

Sorriu para si mesma. A honestidade era sua política, então, sim, diria a ele. Talvez o conhecimento de que ele era uma pessoa adorável fosse ajudá-lo a um dia encontrar uma mulher para amar. Alguém de sua idade, talvez alguém como Karen que entendia seu trabalho. Uma mulher que poderia viver com ele, colocando-se em perigo o tempo todo, que poderia compartilhar seu entusiasmo com os desafios de sua vida. Uma mulher muito diferente de Brooke.

Com todos os componentes agora preparados, ela montou as camadas de lasanha e colocou o refratário no forno preaquecido, e depois, foi para cima se trocar. Ela escolhera uma saia jeans curta porque sabia que Jake gostava de suas pernas, e uma blusa azul-esverdeada que uma vez ele disse que combinava com seus olhos.

O reflexo no espelho mostrou a mesma boa e velha Brooke, só que não. O mesmo cabelo, o mesmo rosto, o mesmo corpo, mas um novo brilho nos olhos. Um presente de Jake para ela. Ela agora sabia que era uma mulher sexy e desejável.

Outro passo na sua cura. Tinha havido o lítio e o AA. Depois as plantas para cuidar, a seguir, Sunny. O retorno de Evan, e seu casamento. A gravidez de Jess, e então, quando Brooke tinha pensado que sua vida não poderia ficar melhor, Jake.

Passos para se tornar completa. Uma avó e uma gata sexy. Ela estava sorrindo para seu reflexo quando ouviu um carro chegando. Um rápido olhar para fora da janela lhe disse que era Karen MacLean, e ela correu escada abaixo.

Karen subiu os degraus usando jeans, uma bonita camiseta dourada e um enorme sorriso. Seu cabelo castanho-escuro estava solto em seus ombros.

Para a surpresa de Brooke, Karen a pegou em um grande abraço.

— Nós conseguimos!

— Você e Jake conseguiram.

— Não, a gente não poderia ter feito isso sem você. Deveríamos fazer de você um membro honorário da força policial.

Brooke estremeceu.

— Não, obrigada. Sou muito avessa ao risco. Um pouco de emoção muito de vez em quando é tudo o que posso suportar.

Karen piscou.

— Você pode lidar com Brannon, e suponho que isso é mais do que um pouco de emoção.

— Karen, você não contou a ninguém não é? Eu não me importo que você saiba, mas... — ela encolheu os ombros, constrangida.

Os outros pensariam que ela era uma idiota, e não uma gata sexy.

— Sua vida privada é a sua vida privada. Não contarei nada, mas quer dizer que vocês não vão continuar se vendo? Mas os dois são perfeitos um para o outro.

Brooke riu.

— Longe disso, mas foi divertido enquanto durou. Não, nós não temos planos de nos ver de novo.

A verdade é que eles nunca tinham discutido isso. Contudo, em sua cabeça o tempo que passaram juntos foi perfeito, assim como era. Ela não podia se imaginar tentando prorrogá-lo nem forçar nada diferente do combinado. E tinha certeza de que Jake sentia o mesmo.

Karen lançou-lhe um olhar cético, mas tudo o que ela disse foi:

— Tem alguma coisa cheirando muito bem — e levantou uma sacola. — Eu trouxe champanhe.

— Que ótimo. Vou colocar na geladeira.

Pena que ela não ia poder beber. Nem Jamal, lembrou-se depois. Perguntou-se que desculpa ele, um alcoólatra enrustido, encontraria.

As duas mulheres foram para a cozinha. Karen puxou duas garrafas para fora da sacola e entregou-as a Brooke. O champanhe era sem álcool. Brooke ergueu as sobrancelhas e Karen disse:

— Você também tem de brindar.

Emocionada, Brooke sorriu para ela.

— Obrigada.

Ela ouviu um carro e se dirigiu para a porta novamente, chegando lá ao mesmo tempo em que a porta se abria. Jake entrou e pegou-a nos braços.

— Ei, querida!

Ela o abraçou de volta.

— Ei, você — então virou-se para Jamal, que o tinha seguido: — Prazer em vê-lo novamente, Jamal.

Ele estava sorrindo de um jeito que parecia fazer seu rosto se dividir.

— E você também, Brooke. Ou gata, como alguns podem chamá-la.

Jake estava realmente corando? Isso era possível?

Jamal olhou por cima do ombro e sorriu novamente.

— Olá, Karen.

— Jamal.

Havia algo nos olhos de Jamal, e algo na voz de Karen. Brooke olhou entre eles, em seguida, em direção a Jake, que piscou. Ele passou o braço em volta da cintura de Brooke e ela se apoiou nele. Brooke aproveitaria até a última oportunidade de tocá-lo.

— Karen trouxe champanhe — ela disse, em seguida, acrescentou: — E é não alcoólica, para que eu possa beber.

Ela evitou olhar para Jamal.

— Parece bom — disse Jamal, tirando de letra. — Karen, por que não tira a rolha e vamos começar a comemorar?

Como Brooke tinha aprendido, não era preciso álcool para as pessoas se divertirem. Logo, os quatro estavam agrupados em torno da mesa da cozinha, comendo

com gosto, rindo e conversando enquanto rememoravam o caso e comemoravam a vitória.

— Eu sempre gostei do meu trabalho — disse Karen —, mas o distrito será muito melhor sem aquele bundão do Miller.

— Quem vai assumir no lugar dele? — perguntou Jamal.

Ela balançou a cabeça.

— Não sei ainda. — Seus olhos brilharam. — Mas eu vou ser a comandante em exercício.

— Parabéns! — Todo mundo gritou.

Ela encolheu os ombros.

— Não é que seja um grande elogio. Eu sou a única que eles têm certeza de ser limpa, e que conhece a comunidade.

— Ainda é um grande elogio — Jamal garantiu a ela, servindo-se de uma segunda porção de lasanha. — Isso vai aparecer em sua ficha. Embora eu suponha que, em longo prazo, eles vão querer um sargento.

— Sim. Substituir um sargento por um sargento.

— Faz tempo que você foi promovida a cabo? O suficiente para fazer o exame para sargento?

— Ainda não, mas estou estudando. Eu quero essa promoção.

— Ao contrário de algumas pessoas — disse Jamal, lançando um olhar penetrante em Jake.

— Hã? — disse Brooke.

— Eu fiz esse maldito exame — rosnou Jake. — Cansei de você viver me perseguindo.

— E você passou com nota máxima, Deus sabe como. No entanto, até agora não se candidatou a uma vaga de sargento.

— Eu gosto do que estou fazendo. Nem todo mundo quer ficar atrás de uma mesa — e fez uma careta para Jamal. — Coisa de velho.

— Perdi essa... — disse Brooke.

— Em geral, quando você sobe na hierarquia, você faz menos serviço ativo — explicou Karen. — Você coordena os outros em vez de fazer o trabalho de rua.

— E você corre menos perigo? — perguntou Brooke.

A outra mulher assentiu.

— Isso é geralmente verdade.

— Então eu posso ver por que Jake não iria querer uma promoção — Brooke disse. Ela olhou para Jamal. — Embora eu mesma não o chamasse de velho...

— Nem eu — soltou Karen.

Brooke percebeu como os olhares de Jamal e dela se encontraram e pararam. E não a surpreendeu nem um pouco quando Karen e Jamal decidiram ir embora mais cedo, quando a cabo se ofereceu para levá-lo ao hotel onde ele estava hospedado.

Depois que eles se foram, Brooke disse:

— Esse foi um desenvolvimento interessante. Karen encontrou um cara que não se intimida com ela.

— Quase nada intimida Jamal.

— Isso eu percebi — ela apagou a luz do lado de fora e foi de volta para a cozinha. — Só vou carregar a máquina de lavar louça.

— Vou lhe ajudar.

Trabalhando bem juntos, eles arrumaram toda a cozinha. Brooke perguntou:

— O Jamal é como você? Não tem planos de uma vida mais calma?

— Não sei. Nós nunca conversamos sobre isso.

Ela tentou imaginar como seria trabalhar ano após ano com alguém, indo viver disfarçado por semanas a fio, confiando naquela pessoa com a sua vida, mas nunca discutindo se você acredita em coisas como casamento, filhos, amor.

— Espero que Karen saiba o que está fazendo.

— Eu apostaria nisso. E Jamal será direito com ela.

— Tenho certeza que sim. Assim como temos sido um com o outro.

— Certo — ele parecia um pouco inseguro quando a pegou pela mão e puxou-a para si. — Você ainda está bem com isso, certo, Brooke? Sobre isto ser temporário?

— Bem, claro que sim. Quero dizer, nós não nos encaixamos exatamente na vida um do outro...

Ele deu um sorriso torto.

— Não exatamente. Mas tem sido uma semana divertida.

— Sim, tem.

Ela se afastou de Jake e ligou a máquina de lavar louça. Quando correu os olhos pela cozinha, avaliando o espaço, viu que estava arrumada de acordo com seus altos padrões.

Brooke encostou-se no balcão e olhou para ele. Luzes brilhantes, alegres paredes amarelas, o estrondo da máquina de lavar louça, e o cheiro de lasanha no ar. Nem um pouco romântico. Aquilo era perfeito. Ela não queria aterrorizar o pobre rapaz, mas fazia questão de lhe contar nessa noite. Antes que eles fizessem amor. Antes que Jake dissesse adeus.

— Jake, há algo que eu quero dizer a você. Só assim você vai saber — Brooke engoliu em seco, e então, falou de uma vez. — Eu te amo.

Parecia que ela havia lhe socado a barriga.

— O q-quê?

— Eu te amo. Você é um homem maravilhoso. Um fantástico amante, mas também um bom homem. E eu te amo. Eu sempre vou me lembrar de você com amor e agradecida pelo tempo que passamos juntos. Eu sou uma pessoa melhor e mais forte depois de ter conhecido você.

— Você... Me ama?

Parecia que ele queria se virar e sair correndo pela porta da cozinha afora.

Brooke teve de rir.

— Ah, eu consegui assustar o policial disfarçado que dizem ser durão. Não, é sério, Jake, não fique chateado. É apenas que eu não acho que muitas pessoas em sua vida tenham lhe dito que o amavam, incondicionalmente, e eu amo. Então achei que você deveria saber.

Marcas de expressão franziam a testa dele, e ela achou que ele devia estar pensando em seus pais.

Brooke pegou as mãos dele e segurou-as levemente.

— Você acredita em mim?

Ele olhou para as próprias mãos e, em seguida, apertou as dela.

— Sim — Então, apertou com mais força. — Obrigado.

Jake puxou-a para perto e segurou seu corpo tão firmemente como tinha segurado suas mãos.

Ela o abraçou de volta.

— Pronto para a cama?

Ele não disse as mesmas palavras para Brooke, e ela não esperava que o fizesse.

O que ela sabia, enquanto fizeram amor naquela última longa noite, foi que, com cada movimento que fazia, Jake estava dizendo a ela, da única maneira que conhecia, que Brooke era tão especial para ele como ele era para ela. Foi o final perfeito para uma semana perfeita. Ela estava quase arrependida de que ambos teriam de lidar com a manhã seguinte e dizer adeus.



Brooke acordou para encontrar Jake sentado na cama.

Vestido com jeans e uma camisa casual, seu cabelo úmido do banho, estava olhando para ela:

— Acho que eu vou agora. Nada de café da manhã, certo?

Ela assentiu e forçou as palavras para passarem o nó na garganta.

— Deixe-me levantar para ver você sair.

— Não faça isso. Eu quero me lembrar de você dessa maneira. Eu não posso... — e abanou a cabeça. — Não lido bem com despedidas, Brooke. Eu só queria dizer, você é incrível. Uma das pessoas mais fortes que já conheci. Estou tão feliz por tê-la conhecido.

— Eu também.

Ele entregou a ela um pedaço de papel.

— Aqui estão meus contatos. Se você precisar de alguma coisa...

— Apenas tente ficar em segurança. Essa é a única coisa que você pode fazer por mim.

— Vou fazer o meu melhor.

Ele estava indo embora. Aquele momento que sabia que ia chegar estava agora ali. Em breve, muito em breve, ela voltaria à sua vida normal.

Exceto que a perspectiva não parecia muito atraente.

Ele se inclinou sobre ela e tocou os lábios em sua testa, e então, suave como uma pluma, tocou em sua boca.

Lutando contra as lágrimas, ela acariciou sua bochecha, em seguida, balançou a cabeça, dando-lhe permissão para ir. Então, Brooke deitou-se e fechou os olhos, recusando-se a ver aquele homem ir embora. Quando ouviu seus passos nas escadas, ela deixou escapar as lágrimas.

Em seguida, houve o clique da porta da frente sendo fechada. O motor do carro sendo ligado, em seguida, se afastando. Dirigindo para longe de uma maneira civilizada, em comparação com a forma como ele chegou.

As lágrimas caíram em profusão. Essa era a coisa certa, a única coisa certa a ser feita para eles dois.

Um baque macio, e a cama se mexeu.

Ela abriu os olhos para ver Sunny em cima do travesseiro de Jake.

— Somos só você e eu de novo, amigo — ela murmurou, estendendo a mão para acariciá-lo.

Ela podia ficar ali e chorar o dia todo. Ligar e dizer que estava doente. Poderia descer e abrir uma das garrafas de cerveja que tinha comprado para Jake, mas não faria isso. Decidida, jogou o cobertor para longe.

— Eu não fui para a aula na academia nessas duas semanas — disse ao gato. — Preciso voltar para minha rotina.

Ela estava a meio caminho do banheiro quando viu a pintura. Estava no chão, encostada na parede em frente à cama dela. Brooke deu um passo atrás e a estudou, encantada com a romântica cena de jardim. Encantada com a ideia de que Jake tinha comprado um presente tão maravilhoso para ela.

Ele não tinha dado a ela a oportunidade de agradecer. Não tinha pendurado o quadro, talvez porque não quisesse acordá-la ou talvez porque não tivesse certeza se Brooke iria querer essa lembrança dele em seu quarto.

Sim, aquele era o lugar perfeito para lembranças de Jake.



UM MÊS DEPOIS

Em estado de choque, Brooke olhou boquiaberta para sua médica:

— Não, isso não é possível.

Carlene Young, pequena e com trinta e poucos anos, colocou a trança preta atrás de seu ombro.

— Você está dizendo que não teve relações sexuais no mês passado?

— Sim, quero dizer, não, eu não estou dizendo isso. Mas nós usamos camisinha.

— Todas as vezes?

— Sim!

— O seu parceiro sempre colocou o preservativo antes de qualquer sêmen poder ter entrado no seu corpo — perguntou com naturalidade.

Brooke pensou em todas as vezes, e em todas as maneiras, que ela e Jake tinham feito amor.

— Eu, hã, acho que sim.

— Mesmo quando você usa o preservativo corretamente, eles não são cem por cento confiáveis.

Brooke gemeu.

— Isso não pode estar acontecendo.

A doutora Young deu um sorriso simpático.

— Eu sinto muito, Brooke. Você está de apenas algumas semanas, mas está muito e definitivamente grávida. Você vai querer discutir esse assunto com o pai.

Um brilho de curiosidade se acendeu em seus olhos escuros. Ela sabia que Brooke tinha estado sexualmente inativa por um longo tempo.

— O pai não está em questão — disse Brooke rapidamente. — Meu Deus, eu não posso estar grávida. Tenho quarenta e três anos!

— Muitas mulheres em seus quarenta anos têm uma gravidez segura e bebês saudáveis — disse a médica em voz baixa. — Mas com a sua bipolaridade e todas as consequências, acho que será preciso considerar todas as suas opções.

— Aborto — Brooke sussurrou.

Ela acreditava que uma mulher tem direito de escolha, mas nunca, jamais, acreditou que teria de enfrentar essa escolha a essa altura, em seus quarenta anos.

— Sim, essa é uma alternativa. Junto com, é claro, ter o bebê e mantê-lo, ou ter o bebê e colocá-lo para adoção. Entretanto, Brooke — a médica inclinou-se para apertar as mãos de Brooke nas dela: — Se você continuar com a gravidez, talvez você precise parar com o lítio. Você teria de falar com o doutor Allenby sobre isso.

— Parar com o lítio? — Brooke puxou as mãos e sacudiu a cabeça freneticamente. — Eu preciso de lítio para controlar o transtorno bipolar.

— A medicação durante a gravidez pode ter impacto negativo no feto.

— Eu ficaria com medo de parar de tomar lítio.

Ele tinha sido sua salvação, e só de pensar em ficar sem ele fez seu coração disparar.

— Você precisa falar com o doutor Allenby e pensar sobre isso. E se decidir interromper, você pode, naturalmente, continuar a tomar o lítio e vamos agendar o procedimento.

O coração disparado, a cabeça latejando, ela estava à beira de um ataque de pânico. Certamente um aborto era a única escolha realista.

— Eu acho que nós deveríamos fazer isso.

— Não, Brooke — disse ela com simpatia, mas com firmeza —, não me dê sua resposta hoje. Você deve conseguir todas as informações e pensar nisso com muito cuidado. Recomendo discutir o assunto com o pai e também com sua família.

Brooke tentou se imaginar telefonando para Jake com essa notícia, ou contando a Evan e Jessica. Meu Deus, sua nora estava grávida. Como poderia Brooke estar grávida também?

A doutora Young tocou a mão de Brooke.

— Fale com o doutor Allenby hoje. Tenho certeza de que ele vai encontrar tempo para vê-la.

Brooke assentiu, ainda incapaz de acreditar que aquilo estava acontecendo. Quando não menstruou, desprezou o fato, por causa da recente excitação e do estresse em sua vida nas últimas semanas. Ela não teria sequer mencionado o fato se não estivesse fazendo seus exames regulares e a médica lhe perguntado sobre isso.

Graças a Deus sua jornada no salão já havia terminado. Sentindo-se tonta, ela caminhou alguns quarteirões desde o pequeno prédio onde a doutora Young trabalhava até o casarão reformado onde o doutor Allenby vivia e tinha seu consultório.

A esposa dele, que também trabalhava cuidando do consultório, cumprimentou-a:

— Brooke, não estávamos esperando por você — olhos cinzas penetrantes a estudaram por trás de óculos com moldura vermelha. — Você está pálida, querida.

— Você tem como me encaixar — implorou Brooke. — Uma coisa aconteceu.

— Ele vai ficar livre em meia hora. Nesse meio-tempo, venha para a cozinha e tome uma xícara de café comigo.

Brooke seguiu até o cômodo aconchegante. A cafeína não era boa durante a gravidez. Além disso, certamente não acalmaria seus nervos abalados.

— Eu poderia ter chá de ervas em vez disso?

— Claro, querida. Essa é uma ideia muito melhor. Eu vou fazer o mesmo para mim.

A senhora Allenby pareceu sentir que Brooke não queria falar. Ela simplesmente fez e serviu o chá, então ficou trabalhando na cozinha preparando bolo de carne enquanto Brooke ficava sentada, tomando chá e tentando não pensar. Finalmente, o doutor Allenby entrou.

— Ora, Brooke, isso é uma surpresa. Você queria me ver?

— Ah, sim, por favor.

Ela seguiu o médico a seu consultório e se empoleirou nervosamente à beira de sua cadeira de costume.

— Estou grávida.

Quando seus olhos se arregalaram e sua boca caiu aberta, Brooke percebeu que ela nunca tinha visto o doutor Allenby perder a compostura antes. Por alguma razão, isso melhorou seu humor.

— Eu sou de meia-idade e bipolar, mas não estou morta — ressaltou. — E acontece que eu gosto de sexo.

— Bem, é claro — ele coçou a barba grisalha. — Mas você nunca disse que estava saindo com alguém. Achei que você tinha decidido ser contra ter um relacionamento.

— E sou, e não tenho, merda. Isso não é um relacionamento!

— Brooke? Eu não ouço você praguejar há anos.

— Não estive grávida em anos.

Lembrou-se do dizer “Deus nunca nos dá mais do que podemos suportar” e não sabia se devia rir ou chorar.

Quando ela começou a rir, o doutor Allenby se juntou a ela. Ele era meio do tipo do Papai Noel, e quando ele ria sua barriga arredondada realmente balançava. E isso a fez rir ainda mais.

Depois que ambos se acalmaram, ele disse:

— Bom para você. Essa é uma reação saudável. Então, você está grávida. Acredito que não foi uma escolha deliberada, certo?

Ela recostou-se na cadeira e contou-lhe toda a história, sem omitir um único detalhe. Ele era a única pessoa no mundo com quem tinha sido assim franca. Além de Jake.

Quando terminou, ele disse:

— Então você está pensando seriamente sobre o aborto, mas gostaria de mais informações antes de decidir.

— A doutora Young não me deixou decidir hoje. Ela disse que eu precisava pensar sobre isso, e conversar com você — e com as outras pessoas na vida dela, pensou ironicamente, mas a esse conselho ela não obedeceria.

— Há várias questões — disse ele, com uma expressão séria agora. — Uma delas é a saúde, a sua e a do feto. Você sabe que é um pouco velha para ter um filho, mesmo que esteja em excelente forma. E depois há a sua medicação. O lítio é um dos medicamentos mais seguros para tratar da bipolaridade e que se pode tomar durante a gravidez, mas há algum risco de causar problemas congênitos no feto, como defeitos.

Ela estremeceu.

— Estou grávida de cinco semanas e venho tomando lítio todo esse tempo.

— Se um problema já tivesse ocorrido, há grandes chances de que teria abortado a esta altura. Teremos certamente de fazer um ultrassom em torno de dezesseis a dezoito semanas para avaliar o desenvolvimento do coração e do corpo vertebral. E, claro, dada a sua idade, uma amniocentese é indicada.

Ela assentiu.

— Se você decidir prosseguir com a gravidez, então estaremos diante de três opções.

Ela se inclinou para a frente, ouvindo atentamente.

— Uma seria continuar o lítio, mas tentaríamos reduzir a dose e acompanhá-la, e ao feto, de perto. Outra é tirar o lítio e acompanhar ainda mais de perto. Você sabe que há pacientes bipolares que gerenciam a doença sem medicação.

— Nós tentamos isso — disse ela, nervosa. — Não funcionou para mim.

— As coisas mudam. Você é mais saudável, mais confiante, tem mais autoconhecimento agora.

Por causa do lítio.

— Qual é a terceira opção?

— Podemos tentar tratamentos alternativos — ele coçou a barba de novo, refletindo. — Ainda que o lítio seja um dos medicamentos mais seguros e a gravidez não seja o melhor momento para experimentar novos tratamentos.

— Então, isso deixa com lítio ou sem lítio. Continuar com lítio poderia prejudicar o feto. Se eu não tomar... — Brooke engoliu em seco, pensando em suas manias e em sua negra depressão, que a levaram a pensar em suicídio. A beber, para escapar da depressão. — O que é provável que aconteça?

— Possivelmente nada. Ou, possivelmente, uma recorrência dos sintomas. Eu quero vê-la todas as semanas. Você precisaria ser particularmente diligente sobre sua dieta, fazer exercício físico regular, muito descanso, evitando estresse. Você conhece os sintomas para saber. E se você tiver o menor problema, poderíamos colocá-la de volta no lítio. O primeiro trimestre é o momento mais crítico para o feto. Mas se você passar bem, tentaríamos ir toda a gravidez sem medicação.

Brooke ergueu o queixo e olhou-o diretamente nos olhos.

— Estou apavorada com a ideia de ficar sem lítio...

Ele deu um sorriso simpático.

— Meu trabalho tem tido ótimos resultados em você, mas tenha em mente: você é uma pessoa diferente, Brooke. Você está muito mais saudável e mais forte do que quando foi diagnosticada.

— Mas eu sou bipolar. É como ser alcoólatra. Isso não vai embora assim, de repente.

— E eu não iria sugerir deixá-la sem lítio por tempo indeterminado. Você voltaria a tomar quando o bebê nascesse, porque há uma alta taxa de recidiva dos sintomas durante o período pós-parto. E nada de alimentar no peito, porque o lítio entra em seu leite.

Ele estudou o rosto de Brooke atentamente.

— Não há garantias, mas acho que podemos fazer você e o feto passarem pela gravidez sem nenhum problema sério. No entanto, isso é só o começo.

Ela engoliu em seco.

— Eu sei. A criança pode ter transtorno bipolar. Nós conversamos sobre esse risco quando Jessica e Evan estavam decidindo ter um bebê. E o risco seria maior para mim do que para ele, porque eu definitivamente tenho e ele provavelmente não.

— Há algum sinal de transtorno bipolar do lado do pai?

— Eu tenho certeza que não — Jake teria mencionado.

— Isso ajuda. E lembre-se, nós não temos muitos fatos sólidos sobre essa doença. Uma criança pode herdar o gene, mas pode nunca desenvolver a doença. Fatores ambientais como perda e abandono podem ter uma influência enorme. E isso é algo que se pode controlar, em grande medida. Além do mais, você ou os pais adotivos ficariam atentos aos sintomas, e se a criança for bipolar, seria diagnosticada muito cedo. Como sabe, medicação e terapia podem ser muito eficazes.

Pais adotivos, definitivamente. Ela não conseguiria criar um bebê; isso seria muito assustador. No entanto, quem adotaria um bebê sabendo que havia um risco de que ele tivesse transtorno bipolar?

— O tratamento não é eficaz para todos. Você mesmo disse que eu tive sorte.

Ele acenou com a cabeça.

— Não posso sair do lítio, doutor. Não posso arriscar trazer um bebê... Doente para o mundo.

E esperar que alguém o adote, o ame e lhe dê carinho não importando o que acontecesse.

— Você está dizendo que quer um aborto?

Não! Que mulher alguma vez *quis* um aborto? Ela apenas queria que, de alguma forma, magicamente, não estivesse grávida. Lentamente, Brooke respondeu:

— Você disse a Evan e Jessica que nenhuma criança vem com garantia.

O médico sorriu:

— Essa é a verdade. E muitos pais que têm condições hereditárias, físicas ou mentais, tomam uma decisão consciente de ter filhos.

— Eu não faria isso. Se tivesse sido uma decisão, eu não teria feito isso.

— Mas agora está feito. E agora é uma decisão.

— Se eu tiver o bebê e colocá-lo para adoção, quais serão as chances de que encontre um bom lar?

— Eu acho que são boas. As pessoas adotam bebês e crianças com síndrome alcoólica fetal, dependência de drogas... — ele se inclinou e afagou a mão dela. — Esta é uma responsabilidade muito grande. Por que você não vem novamente amanhã, depois de ter algum tempo para pensar?



Do doutor Allenby, Brooke foi para casa para trocar de roupa, e então dirigiu para o Boots, sabendo que Jess e seus alunos já teriam terminado o dia de treinamento. Normalmente, ela andava a cavalo com Robin, mas às vezes, quando estava estressada, levava Beanie para andar por conta própria. Cavalgar pelo campo a acalmava e a ajudava a resolver os problemas.

Ela levou a égua de dentro de pasto, selou-a e encilhou-a, e depois foi para a sua trilha favorita.

— O que eu vou fazer? — Disse ela, inclinando-se para a frente para afagar a pele quente do cavalo.

Ela não podia ter o bebê. Não havia nenhuma maneira possível.

No dia seguinte, ela telefonaria para a doutora Young e pediria a ela que agendasse o procedimento. Ninguém, a não ser ela mesma e os médicos, jamais saberia que estava grávida.

Brooke se sentia tão sozinha.

Beanie sacudiu a cabeça, deixando Brooke saber que ela gostaria de acelerar o ritmo, e Brooke aliviou as rédeas e deixou o cavalo galopar pelos campos.

Não, Brooke não estava sozinha. Estar ali com Beanie era um lembrete disso. Tinha sua família, incluindo a maravilhosa neta que havia lhe ensinado a andar a cavalo. Havia apenas essa decisão que teria de tomar por conta própria.

Por um momento, lamentou ter conhecido Jake, mas, em seguida, quando se lembrou do jeito que ele a tocou, a paixão e a ternura em seus olhos quando fizeram amor, mudou de ideia. Conhecer Jake tinha sido uma bênção.

Era apenas o bebê, não, ela não pensaria nele como um bebê, era apenas aquela gravidez indesejada que era um problema, mas resolveria isso.

Cavalgar sozinha no campo fez com que se sentisse forte, competente, autossuficiente. Ela poderia não saber a resposta naquele momento, mas ia descobrir. Sem contar a sua família, ou a Jake.

É claro que ela não contaria nada a Jake. Essa seria a última novidade que ele gostaria de saber.

Brooke terminou seu passeio, cuidou de Beanie e voltou para casa para fazer uma ceia saudável.



Depois de comer, Brooke sentou-se na sala de estar, com a rádio country e western ligada e que ela adorava ouvir e Sunny a seu lado, e pegou um livro. Lembrou-se de estar sentada daquela maneira com Jake.

Ele pediu emprestado seu livro da Stephanie Plum para que pudesse terminá-lo. Brooke disse que poderia ficar com ele. Era bobagem fazê-lo mandar pelo correio um livro usado. Seria como se estivesse fingindo que eles estariam mantendo contato.

Essa foi uma das coisas que ela gostava sobre seu relacionamento. Uma vez que tinham decidido confiar um no outro, não tinha havido nenhuma mentira ou engano entre eles.

Não seria desonesto se você não contasse uma mentira, era apenas manter silêncio.

Claro que isso seria tirar o corpo fora, sabia Brooke. Pelo menos em seus termos. Será que fazer aquele jogo do Arnold Pitt tinha feito com que voltasse ao hábito de viver sua vida de maneira desonesta?

Jake podia não querer saber sobre sua gravidez, no entanto, ela teria de contar a ele. Para sua paz de espírito, o seu amor-próprio.

Foi até a cozinha para encontrar o papel em que ele tinha rabiscado suas informações de contato. Olhando fixamente para a letra corajosa dele, tentou decidir o que dizer. Para imaginar como ele responderia.

Não, não poderia fazê-lo por telefone. Porque lá estaria ele, totalmente chocado, tentando encontrar palavras enquanto o silêncio entre eles crescia. Ela deveria lhe dar uma chance para digerir a notícia antes de responder. Ou a chance de não responder. Afinal, ela não estava pedindo sua participação ou sua opinião; ela só queria ser honesta com ele.

E-mail, então; mas era tão informal. Não parecia... Substancial o suficiente para uma notícia tão importante. Para isso, ela deveria usar o bom e velho método antiquado.

Brooke foi para sua mesa e encontrou um bloco de notas. *Caro Jake*, escreveu, e em seguida, fez uma pausa. Tudo o que ela podia pensar em dizer parecia banal, superficial, absolutamente estúpido. Finalmente, continuou:

Eu realmente espero que tudo esteja bem com você, e com Jamal também. Estou saudável e feliz, mas hoje tenho uma notícia surpreendente. Você poderia preferir que eu não lhe contasse, mas não acho justo manter segredos de alguém de quem eu gosto. De qualquer forma, a notícia é que estou grávida.

Tendo em vista que a gravidez não foi planejada e não desejada por ambos, o passo lógico parece ser interrompê-la.

Brooke olhou para suas palavras, todas escritas ordenadamente em tinta azul: *a gravidez; interrompê-la.*

Quando Jessica havia anunciado a própria gravidez, eles imediatamente começaram a falar sobre o feto como um bebê. Entretanto, Brooke não podia suportar pensar na própria gravidez nos mesmos termos.

Ela mordeu a ponta da caneta, e depois escreveu:

Isso tudo parece tão frio, tão decidido. Se você estivesse aqui, na sala de estar comigo e Sunny, eu conseguiria falar sobre isso. Nós nunca tivemos nenhuma dificuldade para conversar. E tivemos um relacionamento que nós dois sabíamos que era por tempo limitado, e agora o tempo passou e aqui estou eu, escrevendo essa notícia que eu sei que vai deixá-lo chocado. Parte de mim quer rasgar esta carta, mas outra parte quer escrever mais e mais, para falar sobre o jardim e como Jessica está e como eu vi Karen MacLean algumas vezes e ela menciona Jamal com surpreendente frequência. No entanto, você provavelmente não quer saber dessas coisas, mais do que quer saber sobre a minha gravidez.

De qualquer forma, eu vou entender completamente se você optar por não responder a esta carta. O passado pertence ao passado. Mas, por favor, Jake, porque você me conhece tão bem, entenda que eu escrevi porque eu tinha de fazer isso, porque a honestidade é muito importante para mim. Não porque eu quisesse machucar ou incomodá-lo, nem porque eu queira algo de você além dos presentes maravilhosos que já me deu.

Ela releu suas palavras. Algumas frases soavam como a verdadeira Brooke, e outras eram formais e pomposas. Ela poderia tentar novamente, mas duvidava que pudesse fazer melhor.

A única parte sobre a carta que foi fácil foi como assiná-la. Ela escreveu: *Com amor, Brooke*. Em seguida, dobrou o papel e endereçou o envelope.

Quando Brooke se preparava para ir para a cama, ela estendeu automaticamente o braço para pegar o frasco de lítio e tirou a tampa. Colocou uma pílula em sua mão e olhou para ela por um longo tempo. Finalmente, colocou-a de volta no frasco. Ficar

sem tomar um dia não faria nenhum mal. Deveria, ao menos, dormir pensando sobre sua decisão durante esta noite.



Jamal e Jake, em disfarces de rua, entraram no bar decadente em uma área de Winnipeg. Desde que Jamal fora promovido a sargento, não fazia mais muitos trabalhos a paisana, mas aquela investigação precisava de um homem negro e ele disse que o faria se pudesse trabalhar com Jake.

Eles passearam até o bar. Jake pediu uma cerveja e Jamal quis suco de tomate com bitters. Eles escolheram uma mesa no meio do salão, onde poderiam ficar de olho em tudo o que estivesse acontecendo.

Os Black Devils eram uma nova gangue, e Winnipeg queria acabar com eles antes que se fixassem na cidade. Dizia-se que a quadrilha estava usando o bar como quartel-general para traficar drogas para alunos do colégio e da faculdade local.

— Não reconheço nenhum membro da quadrilha — disse Jamal em voz baixa.

Jake balançou a cabeça.

— Esses caras que estão jogando sinuca na parte de trás parecem estranhos, como se estivessem talvez na esperança de fazer uma compra.

— Vamos dar um tempo — disse Jamal. Ele tomou um gole de sua bebida. — Que belo trabalho para um alcoólatra.

— Se você precisa de alguma motivação para permanecer sóbrio, basta dar uma olhada por lá.

Jake inclinou a cabeça em direção a um velho malvestido que mal podia manter o copo à boca, mesmo que o envolvesse com ambas as mãos trêmulas em torno dele.

Jamal olhou, e estremeceu.

— É difícil de acreditar que esse era o caminho por onde eu estava indo.

— Mais difícil acreditar é que Brooke estava fazendo isso também — Jake murmurou.

— Amém. Isso que é mulher.

— É.

Jake pensou pela milionésima vez no que ela dissera. Ela o amava. No início aquela declaração o tinha assustado, mas agora o fazia se sentir aquecido por dentro. Não importava quão mal esse mundo o tratasse, havia uma mulher especial que o amava. Diabos, não que ele soubesse qualquer coisa sobre o amor, mas talvez ele a amasse também.

— Lá está você, com essa cara de bobo de novo — brincou Jamal.

— Não me diga que você não tem pensado sobre Karen MacLean. Vocês dois pareciam estar se dando muito bem naquela noite em que saíram cedo da casa de

Brooke. Quase faz um cara pensar que...

Ele deliberadamente deixou sua voz morrer.

Jamal balançou o dedo para ele.

— Pode parar por aí — então, riu. — Acredite ou não, ficamos conversando a noite toda.

— Conversando? Que assunto você achou para conversar a noite toda?

Jamal não era conhecido por ser prolixo.

— Você sabe. Seu trabalho, o meu trabalho. Os pais, a escolaridade. O que ela quer da vida. O que eu quero da vida.

Jake olhou para o outro homem.

— Cara, eu te conheço há dez anos e nós nunca conversamos sobre essa merda.

Jamal deu de ombros.

— Tem uma mulher para você.

— Sim, acho que sim — ele teve as mesmas conversas com Brooke. Depois de alguns segundos, a curiosidade o fez perguntar: — Então, que diabos você quer da vida?

— O de sempre, eu acho. Uma boa mulher, uns dois filhos. Um trabalho do qual eu goste. Uma bela casa, talvez um cão. Você sabia que a Karen tem um pastor-alemão?

— Não, não sabia.

Brooke tinha um gato, e sua família tinha cavalos. Esses animais deviam ter algumas vantagens.

Alguns minutos se passaram em silêncio, e depois Jamal perguntou:

— Você acha que eu sou louco? Você não consegue me enxergar ensinando uma menina ou um menino a jogar basquete?

— Hã, sim, consigo — isso surpreendeu Jake, mas a imagem estava clara em sua mente. — Se você fosse ser sargento comandando equipes, isso seria mesmo um trabalho interno nas delegacias?

— Provavelmente sim. Acho que as prioridades mudam quando você se liga a alguém especial.

Droga, essa poderia ser a última tarefa em que ele e Jamal trabalhariam juntos.

— Atenção — disse Jamal sob sua respiração.

Dois Devils tinham entrado no bar e foram à deriva até as mesas de bilhar.

Jake tomou alguns goles de cerveja.

— Então você está indo ver Karen de novo?

Um dos jogadores de sinuca fez contato visual com um dos membros de gangues.

— Estou pensando em passar por lá quando voltarmos. E quanto a você e Brooke?

Parecia que tudo que Jake tinha feito desde que saíra de Caribou Crossing foi pensar sobre Brooke. Lembrou-se do sexo, claro, e daquele corpo maravilhoso dela,

mas também de algumas coisas estranhas como ambos lendo em sua sala de estar. Andando a cavalo e dançando country juntos. Ajudando-a a preparar as refeições em sua aconchegante cozinha. Sentando-se com sua família.

Relutantemente, ele balançou a cabeça, negando.

— Não vejo isso acontecendo. Ela tem uma vida boa. Não precisa de mim.

— Sim, mas você precisa dela?

— Não preciso de ninguém.

O garoto da faculdade foi para o banheiro dos homens, por um corredor na parte de trás do bar. Após alguns segundos, o cara da quadrilha foi atrás dele. Jake disse:

— Aqui vamos nós.

— Entendi.

Jamal já tinha erguido o smartphone, como se fosse fazer uma ligação, mas antes disso, clandestinamente, tirou algumas fotos antes de colocar o telefone no ouvido. No telefone, ele disse:

— Vocês dois têm uma química muito forte.

— Sim, com certeza — ele engoliu em seco, e confessou. — E eu tenho carinho por ela, mas não seria justo com Brooke. Não posso ficar indo e vindo em sua vida. Ela não é esse tipo de mulher. Ela quer estabilidade, paz. Ela não quer um cara que passa a vida desse jeito — Jake fez um gesto ao redor do bar enfumaçado.

— Você está pensando em fazer isso para o resto da sua vida?

— Não sei o que mais eu faria.

— Não se vê naquela coisa de basquete, acha que não daria certo?

Jake deu um suspiro.

— Acho que não me vejo como pai. A maioria dos pais fode a vida dos filhos. Não quero fazer parte disso.

— Você acha que eu ia estragar a vida do meu filho?

Jake pensou sobre a questão.

— Você tentaria não foder. Além disso, me parece que Karen tem as coisas bem diretas e claras na cabeça.

Jamal deu um pequeno sorriso privado.

— Então você está me vendo com Karen?

— E você não?

— Ela é uma garota branca, cara.

— Mas isso não parecia incomodá-la. Isso te incomoda?

— Não... Pobres crianças, sem raça definida, no entanto. Branco, preto e hispânico.

— Poderiam ser bonitas — Jake sorriu. — Se elas puxassem à Karen, não a você.

Jamal baixou o telefone e fingiu marcar outro número, mas, na verdade, ele estava tirando mais fotos enquanto o rapaz da faculdade voltava do corredor. Do jeito que ele estava fungando, tudo indicava que tinha conseguido uma amostra da mercadoria.

O garoto disse alguma coisa para seus amigos e eles abandonaram o jogo de bilhar antes de ser terminado.

À medida que o grupo saía do bar, Jamal fechou o telefone e o guardou.

— Mesa grátis. Vamos jogar?

— Por que não?

Os dois membros da gangue ainda estavam lá, talvez esperando fazer outro contato.

Jake chutou a cadeira para trás e levantou-se. Então ele se inclinou mais e murmurou:

— Quando você for para Caribou Crossing, faça com que Karen o leve para dançar country.

— Country? — Jamal se levantou para se juntar a ele. — Brooke faz isso?

— Ela é boa.

— Aposto que ela é boa em quase tudo que escolhe para fazer.

— Isso é verdade.

Jake pegou seu copo de cerveja e virou.

— Nunca te vi assim com ninguém antes.

— Assim como?

— Descontraído. Feliz.

Feliz. Que tipo de palavra era essa?

— Pegue mais algumas bebidas para nós — Jake disse a Jamal. — Vou pegar a mesa antes que alguém o faça.



NA PARTE DA manhã, Brooke não tomou a pílula de lítio. Ela postou a carta no correio a caminho do trabalho, e chegou ao salão de beleza com um saco de rosquinhas e a pulsação acelerada. No final da manhã, sentiu-se em pânico e teve problemas para manter o equilíbrio até o final do dia.

Que alívio poder sentar-se no consultório do doutor Allenby em sua cadeira habitual. Aquele homem tinha, muito provavelmente, salvado sua vida. Brooke poderia sempre contar com ele para ajudá-la. E ela lhe falou sobre o lítio que tinha pulado alguns dias e seus sintomas.

O médico balançou a cabeça, sorrindo com simpatia.

— Eu não disse para parar de tomar lítio. Nós não iríamos fazê-lo dessa maneira, tão abruptamente, seria de forma gradual. Mas, em qualquer caso, eu duvido que essa sua ansiedade seja o resultado de pular duas pílulas. Você está fazendo isso a si mesma, Brooke.

— Você acha?

— Está com medo do que vai lhe acontecer sem lítio, e agora está fazendo isso acontecer. Você também está, muito compreensivelmente, preocupada com a decisão que precisa tomar. Assim que decidir e acalmar sua mente, independentemente da escolha que fizer, vai se sentir mais acomodada, na medida em que não se apressar a tomar essa decisão. Você precisa ter certeza. Especialmente se a decisão for para interromper a gravidez. Uma vez que for feito, não haverá como voltar atrás. E, dada a sua idade e sua situação pessoal, esta é provavelmente a sua última chance de ter um bebê.

Ela balançou a cabeça vigorosamente.

— Não, eu não poderia ter esse bebê. Seria uma péssima mãe. Olha o que eu fiz para o Evan.

— Brooke, Brooke. Nós já passamos por isso tantas vezes antes, mas é evidente que temos de fazê-lo novamente. Você não é a mesma pessoa agora. Você era uma criança quando teve Evan. Era egoísta, uma adolescente imatura. Estava em um casamento disfuncional com um homem que era péssimo marido e pai. Em algum ponto, e precipitadas pela perda de sua família e pelas tensões de seu casamento com Mo, suas doenças emergiram. Você é uma pessoa diferente agora e sabe disso.

Brooke ouviu cada palavra, e sim, ele tinha dito isso antes. E ela tinha repetido as mesmas palavras em sua mente nos últimos cinco anos. Agora, ela respirou fundo, e deixou o ar sair lentamente.

— Você está certo. E eu sei que sou uma boa avó para Robin e pretendo ser maravilhosa com o bebê de Jess. Mas isso é diferente de ter um filho meu.

— Você está planejando ficar de babá do novo bebê? Talvez ficar com o bebê e Robin em sua casa durante a noite para que Evan e Jessica possam ter um pouco de tempo sozinhos?

— Sim, mas...

— Você está certa, Brooke, isso não é o mesmo que ser mãe vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Contudo, não subestime a si mesma. Não deve tomar decisões com base em quem você era, e sim em quem você é agora.

— Quem eu sou agora é uma mulher bipolar de quarenta e três anos. Não quero criar uma criança. Quanto à gravidez, é possível que algo horrível possa acontecer a mim ou ao... Hã... Feto.

Ela não podia chamar a coisa dentro dela de bebê.

— Eu faria o máximo possível para ter certeza de que isso não acontecesse. O objetivo, em um tratamento durante a gravidez, é o de minimizar a exposição fetal a toxinas, mantendo a saúde mental da mãe. Mas, sim, há riscos.

— O feto poderia herdar meu transtorno bipolar.

— É verdade, mas como eu disse ontem, você sabe o tipo de ambiente e quais influências podem desencadear o problema, você conhece o tipo de sintomas para os quais deve ficar atenta, conhece um pouco sobre o tratamento. Você está bem equipada para lidar com uma criança que tenha esse problema.

— Eu não ficaria com ele, e os pais adotivos não saberiam de tudo isso.

— Eles podem saber, especialmente se um deles tiver bipolaridade, ou se já tiverem um filho assim. Se não, eles aprendem.

Ela se inclinou para a frente e estudou seu rosto.

— Você está dizendo que eu não deveria interromper a gravidez?

Um sorriso brilhou no rosto do médico.

— Você ainda está tentando esse velho truque? No entanto, sabe muito bem que não vou lhe dizer o que fazer. Exceto dizer que você precisa pensar sobre isso a sério, tendo em conta a mulher que é agora. Considere seus pontos fortes e, sim, seus pontos fracos também. Seja honesta. Pense no que você quer, em como você se sente.

Brooke observou seu rosto atentamente enquanto ele continuou a falar.

— Imagine interromper a gravidez e como se sentiria depois. Imagine passar por mais oito meses de gravidez, sentindo o feto crescer dentro de você, trabalhando para trazer seu bebê ao mundo, então entregando essa menina ou esse menino para os pais adotivos, na esperança de que cuidariam bem do bebê.

Seu bebê. Dela e de Jake. Como ela poderia ter certeza de que havia encontrado bons pais?

— Então — disse o psiquiatra — imagine como sua vida seria com um bebê nela. Uma criança, depois um adolescente. Você teria por volta de sessenta anos quando seu filho ou filha fosse para a faculdade. Essa idade hoje em dia não é mais de um velho, mas também não é jovem. Depois, como eu disse, vem a faculdade e tudo o mais na vida que esse filho decidir fazer. Quando se tem um filho, o pai e a mãe entram nessa em longo prazo. E se o pai está realmente fora de cogitação, você está sozinha nisso. Sua família e seus amigos vão ajudar, mas a responsabilidade será somente sua. Não é fácil ser pai ou mãe, e menos ainda quando se está sozinho.

Brooke balançou a cabeça lentamente.

— Na noite passada, praticamente decidi interromper a gravidez. Eu só queria ter todos os fatos e dar-me um pouco mais de tempo antes de tomar a decisão.

— Vamos tirar o lítio aos poucos pelos próximos dias, e monitorar você de perto. Copiei alguns artigos para você, e sugiro que você converse com sua família.

— Eu não posso. Estou muito envergonhada.

— Eles amam você, Brooke. Irão entender.

Talvez, mas como tinha causado tantos problemas a Evan no passado, queria ajudá-lo agora e não ser um fardo.

O doutor Allenby coçou a barba.

— Eu ainda a incentivo a falar com o pai.

— Eu escrevi para ele — confessou Brooke.

— Excelente. Então, vamos dar a ele a chance de receber sua carta e responder, antes de decidir.

Isso não mudaria nada. Ainda assim, ela não se importaria de esperar mais alguns dias antes de tomar uma decisão que era... Irrevogável.

O doutor Allenby levou a discussão de volta para a ansiedade que ela estava passando, e qual a melhor forma de lidar com isso e também como monitorar seu estado.

No momento em que saiu do consultório, Brooke estava se sentindo mais calma, embora não tivesse ideia do que ela diria a Jake se ele telefonasse.



Jake não ligou, não na semana seguinte, e não chegou nenhuma carta.

Durante aquela semana, Brooke leu os artigos que o doutor Allenby tinha entregue a ela e tomou uma dosagem reduzida de lítio. Visitou o psiquiatra três vezes e trabalhou em se manter saudável e mais calma enquanto seguia suas instruções, tentando imaginar como seria sua vida, dependendo de qual das três opções ela escolhesse.

Se ela interrompesse a gravidez, teria capacidade de enxergar essa decisão de forma prática, como a melhor coisa para todos os interessados, ou ela se sentiria horrível por ter feito isso? Em contrapartida, se fosse até o fim, teria coragem de entregar o bebê a alguém e confiar no próprio julgamento para encontrar os pais certos e que dessem ao bebê tudo o que merecia?

Se ela tivesse o bebê e ficasse com ele... A ideia foi aterrorizante. A ideia foi emocionante e comovente.

Ela era uma nova mulher. Talvez realmente pudesse fazê-lo, e fazê-lo bem. Se quisesse.



No dia em que Brooke se pegou escolhendo nomes de menina e nomes de menino, percebeu que já havia tomado sua decisão. Tinha parado de pensar na vida dentro dela como um feto, como *isso*. Para ela, era um menino ou uma menina em crescimento. Seu filho. Essa criança poderia até não sair perfeita, mas ela já a amava.

Sunny estava enrolado em seu joelho enquanto descansava na poltrona almofadada na varanda da frente, pegando os últimos raios de sol. Ela o pegou em seus ombros e olhou para dentro de seus olhos.

— Adivinha? Nós vamos ter um bebê aqui em casa.

Em seguida, ela riu, e lágrimas de alegria deslizaram por suas bochechas.

— Eu vou ter um bebê.

Ela entrou na casa e telefonou para a casa de Evan. Jessica atendeu e Brooke e disse:

— Como você está se sentindo?

— Saudável como um cavalo — disse Jess alegremente. — Sinto que vou passar por essa gravidez sem enjoos!

— Espero que sim. Olha, eu queria saber se vocês três gostariam de vir jantar amanhã à noite.



Brooke passou o sábado em uma agitação nervosa, e ficou aliviada quando ouviu o som de cavalos em sua entrada de carros. Foi lá fora para cumprimentar a todos e viu não só Evan em Rusty, Jessica em Conti e Robin em Concha, mas também Beanie em uma rédea puxada por Robin.

Evan desmontou e entregou as rédeas de Rusty à sua mulher, e em seguida, veio para abraçar Brooke.

— Nós pensamos que seria divertido ir dar um passeio à noite, depois do jantar.

— Isso vai ser divertido.

Se eles ainda estivessem falando com ela.

Jessica e Robin habilmente tiraram as selas e os arreios, e levaram os cavalos ao pequeno cercado ao lado da casa de Brooke, um cercado que o pai de Jessica, Wade Bly, tinha erguido especificamente para esse fim depois que Brooke se mudou.

Brooke tinha feito frango com ervas e bolinhos, um dos pratos favoritos dela e de Robin, mas estava tão nervosa que teve de se forçar a comer. E apenas mordiscou o cheesecake de morango que tinha preparado, e logo que Robin terminou, ela disse:

— Rob, há algo que eu preciso falar com sua mãe e seu pai. Por que você não vai deixar os cavalos prontos para quando formos montar?

Sua neta parecia apenas levemente curiosa.

— Claro.

Quando a menina saiu da cozinha, Evan disse:

— O que foi, mãe? Você não está como sempre hoje. Você está bem?

Ela devia ter sugerido que todos eles fossem para a sala de estar para sentar-se em algum lugar mais confortável, mas seu corpo tremia tanto que as pernas poderiam não segurá-la de pé.

Brooke colocou os braços em torno de sua barriga ainda magra. Não haveria como esconder o fato de sua gravidez, uma vez que se passassem mais alguns meses. Ela ergueu o queixo.

— Sim, estou bem. Mas estou grávida e vou ficar com o bebê.

Eles pareciam tão atordoados que Brooke se viu rindo.

— Está tudo bem, eu estou feliz.

A testa de Evan ficou franzida.

— Mas como isso aconteceu?

Ela riu de novo, de repente, em alto astral.

— Bem, do jeito que Jess ficou grávida, eu espero.

— Mas... Mas... — Evan gaguejou.

Jessica colocou uma mão sobre seu marido.

— Eu acho que Ev quer perguntar quem é o pai.

— Você conhece meu primo Arnold — começou a falar.

— Ah, meu Deus, você e seu primo! — disse Evan. Então ele abanou a cabeça.

— Certo, ele não era seu primo, era um policial. Então, vocês... — e não conseguiu

terminar a frase.

— Fizemos sexo — disse Brooke secamente.

— Você é minha mãe!

— Eu sou uma mulher. Eu gosto de sexo. Supere isso.

Jessica cutucou o braço de Evan.

— Sim, supere isso, Evan. Parabéns, Brooke. Mas você pretendia ficar grávida?

Brooke balançou a cabeça.

— Pensávamos que estávamos tomando cuidado, mas eu acho que não tivemos o cuidado suficiente.

— Mas que... — Evan disse ríspido.

Jessica o cutucou novamente, então focou Brooke.

— Você disse que pretende ter o bebê. E o pai? Qual é o nome dele, mesmo? Será que ele vai...

— Se casar com você — Evan interrompeu: — Esse cara vai se casar com você, mas é claro que vai!

Brooke fez uma careta para ele.

— Pare de agir como se você fosse meu pai. Meus pais e os pais de Mo nos obrigaram a casar, e veja como isso acabou. Não, nós não vamos nos casar. Jake e eu — o nome dele é Jake — passamos um tempo maravilhoso juntos e sou extremamente apaixonada por ele, mas tudo o que queríamos era uma aventura temporária.

— Que tipo de exemplo você está dando para Robin? — perguntou Evan.

— Evan!

Desta vez, Jessica olhou para ele.

Evan enterrou a cabeça entre as mãos e enterrou os dedos em seu couro cabeludo. Quando ele levantou a cabeça, pediu desculpas.

— Desculpe, mãe. É que isso é um choque.

— Foi para mim também.

Agora, ele estendeu a mão sobre a mesa e segurou as duas mãos dela.

— Como você está? Você realmente está feliz com isso?

Ela assentiu.

— Levei um tempo. E pensei muito, bastante mesmo. Então percebi que eu... Eu já amava esse meu bebê. Sei que vai ser duro e há riscos, mas esta é uma segunda chance para mim. Eu posso ser mãe de novo, e desta vez vou fazê-lo direito. Diga-me que você não acha que sou uma completa idiota.

— Eu acho que você vai ser uma mãe maravilhosa para esta criança — disse ele severamente.

Ela mordeu o lábio, desejando que pudesse refazer o passado.

— Ah, Evan. Eu gostaria de ter sido esse tipo de mãe para você.

— É... — seus olhos estavam tristes. — Eu também. Mas se é isso que você quer, então estou feliz por você.

Jessica se inclinou para colocar o braço em torno de Brooke.

— Vamos estar grávidas juntas. Nós podemos comprar roupas de mamãe. E caramba, Brooke, nossos filhos vão crescer juntos.

Os olhos de Brooke se encheram de lágrimas.

— Meu filho e meu neto, crescendo juntos. É estranho, não é? Mas é maravilhoso também.

Evan levantou-se e aproximou-se para se curvar entre Brooke e Jessica e colocou os braços em volta de ambas.

— Sim, eu acho que é muito maravilhoso.

Ela adivinhou como as palavras, a aceitação, estavam sendo difíceis para ele. O que ela fizera para merecer um filho tão incrível e generoso?

Logo, ele se endireitou.

— Ah, não quero ser rude, mas você não está um pouco velha para ter um bebê? Isso é seguro?

De jeito nenhum ela iria preocupá-los, revelando que estava deixando de tomar lítio.

— Seguro o suficiente. Vou cuidar bastante de mim e os meus médicos vão cuidar de mim também.

— Ótimo — ele abaixou a cabeça e disse baixinho: — Você não está preocupada com o bebê ser bipolar?

— Eu pensei muito sobre isso. Tudo o que podemos fazer é rezar para que os dois bebês fiquem bem.

Jessica agarrou a mão dela.

— E se houver um problema, nós vamos nos apoiar e fazer o nosso melhor. Aconteça o que acontecer, nossos bebês serão muito amados.

Evan abraçou-a mais uma vez.

— Com certeza serão.

Pela janela, ouviram o som de passos na escada dos fundos, e Evan se levantou.

— Quando você pretende contar a Robin?

— Agora, se estiver tudo bem para vocês.

— Por que não? — Ele estava sorrindo e balançando a cabeça. — Cara, essa coisa toda poderia ser muito divertida. Começando com Robin.

A menina, que tinha aberto a porta da cozinha a tempo de ouvir suas últimas palavras, disse:

— O que vai começar por mim? Vocês já acabaram com a sua conversa de adultos? Os cavalos estão prontos.

— Sua vez — disse Evan para Brooke.

— Eu tenho uma notícia maravilhosa — disse ela. — Venha cá, você.

Quando Robin veio, Brooke a abraçou.

— Eu espero que você fique feliz por mim. Sabe aquele policial à paisana que fingia ser meu primo? Cabo Jake Brannon? Bem, ele e eu acabamos ficando bons amigos e, ah, o resultado é que vou ter um bebê.

— Um bebê! — Robin olhou para a avó com os olhos arregalados. — Isso é muito legal. Você e mamãe, ao mesmo tempo.

— Sim, eu também acho que é muito legal.

— Então, onde está o primo Arn, quero dizer, o cabo Brannon?

— Ele voltou para Vancouver. É onde ele trabalha. Ele não vai estar por aqui, mesmo sendo o pai do bebê. Você sabe que muitas mulheres educam os filhos por conta própria?

— Sim, e alguns homens também — Robin refletiu por um momento, em seguida, semicerrou os olhos e se virou para Jessica. — Mãe, o que o bebê da vovó vai ser meu?

— Ah!

Os três adultos se entreolharam.

Evan deixou escapar:

— O bebê da mamãe vai ser a sua tia ou o seu tio! — e começou a rir.

Jessica e Brooke se juntaram às risadas, mas Robin franziu o cenho.

— De jeito nenhum. Vai ser um bebê e eu sou quase uma adolescente.

Jessica passou a mão sobre seus olhos lacrimejantes.

— Ev, vai ser sua irmã ou seu irmão.

Brooke ajustou a boca para parar de rir.

— Estou contente por causar tanto contentamento em vocês.

Que família abençoada por aceitar tão bem o seu anúncio.

— Eu não estou me divertindo — disse Robin.

— Bem — disse Evan —, ninguém nunca disse que éramos uma família convencional.

— Nós somos uma família especial — disse Jess calorosamente. — E muito sortudos de termos um ao outro, e os dois pequenos que estão chegando.

Ela afagou a própria barriga, e depois a barriga de Brooke.

— Contanto que eu não tenha de chamá-lo de tio ou tia — Robin inclinou a cabeça para um lado. — Mamãe devia ter um menino e você devia ter uma menina. Assim, a gente ia ter um de cada.

— Para mim, parece uma boa ideia — disse Evan. — Mas me parece que, independentemente do que vier, teremos muita sorte.

— Ahã — disse Robin. — Agora podemos ir andar a cavalo? Vó, vá vestir as botas e seus jeans.

— Pode apostar que estou indo.



Jake deu um passo para dentro de seu apartamento e olhou em volta. Ele parecia ainda menor e mais sombrio do que ele se lembrava, e cheirava a mofo e abandono.

Pensou na casa de Brooke. As cores quentes, plantas por todo o lugar, os bons cheiros vindos da cozinha, o ronronar do gato dourado. Brooke esperando por ele, com um abraço e um beijo.

Tudo o que o esperava ali era uma pequena pilha de correspondência que o zelador do prédio havia coletado por ele. Uma vez que Jake trabalhava disfarçado com tanta frequência, e por longos períodos de tempo, ele cuidava da maioria das coisas on-line e não recebia muitas cartas. Depois de jogar a dúzia ou mais de envelopes na mesa de café, foi abrir a janela e caminhou até o banheiro. Lá, ele tirou a roupa, e passou a esfregar álcool para tirar as tatuagens temporárias que faziam parte de seu disfarce. Em seguida, entrou no chuveiro.

Ele e Jamal tinham sido bem-sucedidos em sua missão. Com base em suas provas, uma dúzia de prisões foram feitas, e tinham acabado com outro fornecedor de drogas para os jovens. Claro que outro já seria aberto em breve. Era uma guerra sem fim.

Quando Jake saiu do chuveiro, sentia-se esgotado. Ele e Jamal tinham trabalhado duro, terminando a papelada nas primeiras horas da manhã e, em seguida, em vez de ficar dormindo algumas horas em um hotel, tinham pego um voo logo cedo de volta para casa. Jamal tinha tirado uns dias de folga e fora para Caribou Crossing para ver Karen MacLean.

Jake se perguntava o que aconteceria se ele aparecesse na casa de Brooke, se ela o aceitaria. Isso, porém, não seria bom para ela. Ele sabia que seu trabalho a enchia de medo, e essa mulher merecia mais do que um cara que aparecesse entre duas investigações procurando pela companhia dela. Não, ela merecia um homem que pertencesse ao lado de dentro daquela cerca branca, ao lado dela e de Sunny.

Jake enxugou o cabelo com a toalha sem entusiasmo, olhando para o reflexo no espelho. Foi bom se livrar do cabelo sujo e das tatuagens falsas. Ele não se incomodaria de fazer a barba, no entanto. Quem sabe... De repente, ele poderia ser enviado em missão novamente na próxima semana e precisaria aparentar desleixo.

Embora estivesse exausto, estava também ligado. A adrenalina ainda estava bombeando e ele sabia que ia demorar um pouco para se dissipar. Mais tarde, naquela noite, talvez ele saísse às ruas para procurar Sapphire, ver como ela estava indo.

Quando ele voltou de Caribou Crossing, ele havia relatado o que tinha acontecido aos pais de Anika Janssen, e a ela também. Ao contrário deles, ela não chorou, mas Jake viu a umidade brilhando em seus olhos. Droga de menina, tão determinada a bancar a durona. Ele tinha lhe comprado um *mocaccino* e lhe dado algumas informações sobre um programa de estudo e trabalho para a indústria hoteleira. Ele pensara que

estava quase conseguindo passar pelas barreiras da menina, mas então teve de ir para Winnipeg e não conseguiu mais acompanhar o assunto.

Mais tarde, naquela noite, ele encontraria Sapphire. Por enquanto, estava com fome.

A geladeira continha um pacote de cerveja e frascos meio cheios de manteiga de amendoim e pickles, e ele encontrou um pacote de biscoitos velhos no armário da cozinha. Pegou uma garrafa de cerveja e tudo o mais — um estranho café da manhã, mas já comera coisa pior — e foi para a sala de estar, dando uma olhada na correspondência. Nada parecia merecer ser aberto antes de ir para a reciclagem até que viu o seu nome e endereço escrito à mão numa caligrafia feminina cheia de curvas, e checkou o endereço do remetente que estava em um desses pequenos adesivos que as instituições de caridade lhe dão quando você faz uma contribuição. *B. Kincaid em Caribou Crossing.*

Brooke.

Lentamente, ele deslizou seu dedo sob a aba. O que ela poderia querer contar a ele?

Ele esperava que fosse uma carta fofoqueira amigável, que contasse como as coisas estavam indo bem com ela e passasse algumas notícias sobre seu jardim, o gato, a família. Ele realmente esperava que não contivesse nem culpa nem recriminações.

Jake respirou fundo e começou a ler. Quando terminou, leu novamente. Bem, merda, mas que merda do caralho!

Ele colocou a carta sobre a mesa de café e pegou sua cerveja. Esvaziou a garrafa e foi até a geladeira para pegar outra.

Grávida.

Ele tinha tido relações sexuais com sua cota de mulheres, mas elas sempre tomaram cuidado e, até onde ele sabia, nunca tinha chegado a deixar ninguém grávida. Até agora.

Brooke estava grávida de seu filho.

Brooke, a mais forte e ao mesmo tempo a mais frágil mulher que ele viera a conhecer. A única com quem verdadeiramente se importou.

Ele pegou a carta e olhou para a data. Tinha sido escrita há três semanas. Ela estava planejando fazer um aborto.

Inferno. Com a rapidez de um raio, teve um bebê e o perdeu.

Incapaz de ficar parado, ele passeou, bebendo a cerveja enquanto andava. Por que essa mulher lhe contara isso?

Essa era fácil. Ela era Brooke. Honestidade era importante para ela. Contudo, o que esperava que ele fizesse?

Deus, sim, o que ela esperava? Ele esvaziou a garrafa. Brooke tinha escrito a carta há três semanas e ele não tinha respondido. Ela deu um fora nele, disse que entenderia

se não recebesse notícias, mas o que estaria pensando? Que ele não dava a mínima para ela?

Aquilo não era verdade. Jake pensava em Brooke o tempo todo. Pela primeira vez em sua carreira, ele teve problemas para se concentrar em sua missão. Ter saudade dela tinha sido uma dor constante.

Seu celular tocou e ele se perguntou irracionalmente se era Brooke, mas não, era o inspetor Dawson da sede.

— Eu sei que você acabou de voltar, Brannon — disse o inspetor —, mas apareceu uma coisa. Eu ia enviar o Estevez para Seattle por uma ou duas semanas de trabalho com o pessoal da vigilância das fronteiras. Temos informação sobre uma nova operação com base no mar para contrabandear drogas. Estevez, porém, saiu de folga por alguns dias, então estou chamando você.

Jake já havia trabalhado com aquele pessoal antes. O conceito era bom, combinando recursos canadenses e recursos norte-americanos para combater o contrabando transfronteiriço de drogas, imigrantes ilegais e terroristas.

— Sim, posso fazer isso. Mas, hã, você pode me dar um dia? Tenho alguns assuntos pessoais de que preciso cuidar primeiro.

— Você pode sair amanhã de noite e estar no trabalho na manhã seguinte?

— Posso.

Só precisava de um dia para chegar lá e descobrir o que fazer com Brooke.

Ele deixou-se cair na cama com as mãos atrás da cabeça. Quão difícil deve ter sido para ela. Talvez ainda mais difícil porque a família estava muito feliz com o bebê de Jessica.

Diabos, como ele poderia ter engravidado Brooke? Tinham usado preservativos.

Não é exatamente o método mais infalível de controle de natalidade. Outras mulheres que conhecera usavam pílula anticoncepcional, de modo que nunca teve de confiar totalmente em preservativos antes.

O fato era que ele tinha agido de modo completamente irresponsável. Brooke tinha lenta e dolorosamente se tornado um membro respeitado da comunidade, e agora ela era uma mulher grávida solteira. Em seus quarenta e poucos anos.

Uma mulher grávida com transtorno bipolar. Uma condição que poderia ter um componente genético. Quando conversaram sobre a gravidez de Jessica, Jake tinha visto como Brooke tinha medo disso, debaixo de sua alegria genuína.

Ele se lembrava de ter lido em um de seus livros que uma mulher grávida não deveria tomar lítio, mas Brooke precisava disso para controlar o transtorno bipolar.

Sentou-se de repente. O que ele estava pensando? Ela já fizera um aborto. Essas questões não eram mais relevantes.

No entanto, tinham sido. Quando Brooke escreveu para ele, devia estar esperando que ele pelo menos telefonasse.

Ele ficou em pé. Poderiam ser três semanas de atraso, mas ele precisava deixar Brooke saber que não a tinha abandonado.

Fazer com que ela soubesse que ele se importava.



BROOKE TINHA TERMINADO de lavar os pratos do jantar e de preparar uma xícara de chá de camomila. Ela deveria trabalhar um pouco no jardim, mas estava se cansando facilmente nos últimos dias. E não ajudava que seu trabalho a obrigasse a ficar de pé o dia todo. Talvez ela devesse pensar em comprar um banquinho e, definitivamente, uma almofada térmica.

— Ei, Sunny, venha aqui fora comigo. Está uma bela noite.

Ela recolheu o tricô. Brooke nunca tinha tricotado antes, mas agora queria fazer isso. A Janey, da loja de tecidos, ensinara-lhe a começar com um padrão simples para um gorro de lã para o bebê. Contudo, planejava avançar mais tarde para botinhas e suéteres. A lã que escolheu para seu primeiro projeto foi o azul-púrpura da lavanda em seu jardim, e que era macia como uma nuvem.

— Engraçado — disse para o gato, que estava grudado nos calcanhares dela. — Não acho que o azul seja cor de menino. Se o bebê for uma menina tenho certeza de que ela ficará feliz com o azul. Eu, porém, não vestiria um menino com a cor rosa. Isso não é estranho?

Sunny miou melancolicamente, registrando seu aborrecimento por sua dona ter decidido fazer tricô. Ele costumava passar muito tempo em seu colo, mas agora o pobre bichano tinha de lidar com agulhas agitadas.

Naquele momento do dia, pouco antes de o sol se pôr, Brooke sempre escolhia a varanda da frente, porque a casa ficava de frente para Oeste.

Ela colocou o chá em uma pequena mesa branca e se acomodou em uma das almofadas listradas de verde e branco que adornavam o sofazinho de pinho. Sunny pulou e se enrolou em uma bola na outra almofada.

Brooke ficou trabalhando as agulhas e depois de um tempo Sunny a perdoou e começou a ronronar. Patsy Cline cantarolou ao fundo, um lembrete da noite em que ficou dançando com Jake. O perfume do fim do dia das flores subia do jardim.

No ano seguinte ela estaria sentada ali balançando seu bebê. Quando contara ao doutor Allenby que estava grávida, ele lhe pedira que imaginasse futuros diferentes. Agora, não tinha nenhuma dificuldade em se ver com uma criança, e a imagem a fez sorrir.

O ruído de um motor lhe disse que um carro se aproximava e ela se perguntou quem poderia estar passeando por aí. Quando ergueu os olhos, deixou cair o tricô.

A moto virou a curva e entrou em sua garagem. Jake desmontou, tirando o capacete.

Brooke levantou-se e olhou. Era realmente ele? O que ele estaria fazendo ali?

Jake caminhou na direção dela.

Brooke queria ir ter com ele, mas seus pés estavam presos no lugar. Seus olhos beberam aquele homem: cabelos mais longos e mais bagunçados do que os de Arnold, mas não tanto como quando ela o vira pela primeira vez; sem barba comprida, mas com aquela barba de alguns dias dos bad boys e que o deixava mais sensual; uma jaqueta de couro marrom batida e jeans desgastados. Ele parecia incrível, e ela ainda não podia acreditar que estivesse lá.

Por que ele foi até lá?

Jake pulou os degraus da frente em um único salto, e então ficou em pé na frente dela.

— Jake — ela sussurrou.

— Brooke.

Ele pegou suas mãos e ela deixou que fizesse.

Ela olhou-o nos olhos e leu confusão. Parecia que Jake também não sabia direito por que tinha ido até lá.

No entanto, ela sabia de uma coisa, e então Brooke falou:

— É muito bom ver você.

E libertou as mãos das dele e passou os braços em sua cintura. Ah, ele era gostoso. Tão sólido e quente e masculino e Jake.

Ele ficou rígido em seus braços por um segundo, e depois seus braços foram arrastados em torno dela e Jake puxou-a com força.

— Você também. Muito bom.

Eles se abraçaram por um longo tempo, sem dizer uma palavra. Não se beijando, nem mesmo olhando um para o outro, apenas ficaram agarrados juntos. Brooke estava vagamente ciente de Sunny se entrelaçando em torno de seus tornozelos, ronronando sua própria saudação. Finalmente, Brooke se afastou:

— Que surpresa.

— Eu estava fora da cidade e voltei hoje. E só agora vi a sua carta.

— Ah! Eu não tinha percebido.

Não tinha percebido que ele seria mandado para fora da cidade em outra missão, e tão rapidamente. E, claro, se ele estava disfarçado, as cartas endereçadas a Jake

Brannon não seriam encaminhadas para ele.

— Eu não queria que você pensasse que não me importo.

— Eu sei que você se importa, mas achei que tínhamos nos despedido e você pensou que era melhor ir embora dessa forma.

— Mas, Brooke, você estava grávida. Não deveria ter sido obrigada a passar por isso sozinha. Descobrir o fato, tomar a decisão, ir fazer o... — ele engoliu em seco —... Aborto...

Ah, Deus. É claro que ele pensou que ela havia feito um aborto. Que era o que estava planejando fazer quando escreveu a carta. Brooke estava com apenas nove semanas agora, não mostrando ainda a barriga.

Era preciso contar, contudo ela parou por um momento, em busca das palavras certas. Em seguida, ela se abaixou para pegar o pedaço de tricô que tinha caído no chão, quando o viu pela primeira vez, e ergueu-a.

— Jake, eu decidi ter o bebê.

— Você...

O homem ficou de boca aberta diante dela.

Brooke colocou o tricô ao lado de sua caneca de chá, sentou-se no sofá e puxou-o para baixo ao lado dela.

— Eu quero o bebê. Decidi que não seria a pior mãe do mundo e...

Ele agarrou as mãos dela, o seu toque quente, firme e reconfortante.

— Porra, admito que estou atordoado, mas eu sei de uma coisa. Você vai ser uma mãe fantástica. A melhor.

Ela deu uma risada trêmula.

— Obrigada pela confiança.

— Sei que você estragou tudo da primeira vez. Você não vai estragar de novo.

— Obrigada. Foi isso que percebi. E quanto mais eu pensava sobre o que fazer, mais eu sabia que já amava o bebê.

Jake passou as mãos pelo cabelo, bagunçando-o ainda mais.

— Ainda não consigo acreditar nisso.

Sunny deu um pulo e se acomodou em seu colo. Automaticamente, Jake acariciou o gato.

Brooke pegou o tricô novamente, correndo a lã macia por entre os dedos.

— Levei um tempo também, mas, Jake, essa foi a minha decisão. Isso não muda nada entre nós. E não precisa afetá-lo de maneira nenhuma.

— É meu filho também — disse ele lentamente. — Tem de me afetar.

— Isso é algo que só você pode decidir. Desculpe-me se tornei as coisas mais difíceis para você. Não era isso que eu pretendia.

Os lábios dele se curvaram.

— Sim, bem, eu sinto muito por tê-la engravidado. Não era o que eu pretendia. E isso com certeza deixou as coisas mais difíceis para você.

— Sim, em alguns aspectos, mas também tornou minha vida muito mais rica.

Brooke descansou a mão em sua coxa, ao lado do gato que ronronava. Depois de um momento, ele entrelaçou os dedos com os dela.

Jake estava ali, com a mão entrelaçada à dela. Ele se preocupava com ela e achava que Brooke seria uma boa mãe.

Ela pensou no tricô. Como você conectava os pontos e fios para criar algo novo, algo prático e encantador. Sorrindo com satisfação, disse:

— É meu próximo passo no meu renascimento. E é o mais importante, o meu último teste. Por isso não vou falhar.

— Eu sei que não.

A certeza calma em sua voz trouxe umidade para os olhos dela.

— Você já contou às pessoas sobre o bebê?

— Até agora, apenas para Evan, Jessica, Robin, e Kate.

— E como receberam a notícia?

— Ah! Eles foram maravilhosos — lembrando-se da reação inicial de seu filho, ela balançou a cabeça tristemente. — Depois que Jessica e eu convencemos Evan a não ir atrás de você com uma espingarda e forçá-lo a se casar comigo. Eu o convenci de que não era o que eu queria.

— Tem certeza?

Por que ele estava perguntando isso? Seu tom de voz e seu rosto estavam inexpressivos.

— Claro. Nós nunca fomos ligados a nada em logo prazo. Ou fomos?

Brooke sabia a resposta — a única resposta possível para ambos —, mas por um momento seu coração parou, esperando para ver se ele ia negar.

— Vai ser difícil, no entanto, ser uma mãe solteira.

Seu coração batia de novo, em um triste ritmo lento. A gravidez tinha mexido com seus hormônios, deixando-a bastante sentimental e menos prática.

— Na minha idade. Isso é o que você está pensando.

— Em qualquer idade. Se você é mais velho, você tem mais sabedoria, mas talvez menos energia. E, bem, algumas pessoas vão falar. Você não contou ao resto da cidade. É porque está com medo de como eles vão reagir?

— Em parte — Brooke convocou um pequeno sorriso. — As pessoas mal se recuperaram da prisão do sargento Miller, e souberam sobre o meu envolvimento na investigação. Eu não sei o que os chocou mais. Eles tiveram de rever a imagem que faziam de mim algumas vezes e agora estaria pedindo para fazerem isso novamente.

— E acha que será mais fácil se você adiar a notícia?

Ela balançou a cabeça.

— Não, mas eu quero esperar até depois do primeiro trimestre, até que tenha feito um ultrassom e uma amniocentese e saiba que as coisas estão no caminho certo.

— Faz sentido.

— Só espero que — disse ela suavemente —, se as pessoas pensarem mal de mim, não joguem isso sobre o bebê.

— Eu também.

Brooke apertou sua mão.

— Ei, posso lhe trazer uma bebida? Você já jantou?

— Está tudo bem.

— Já jantou, Jake?

— Eu dirigi até aqui sem parar — um bocejo súbito o assolou. — Falando nisso, acho que não durmo há dois dias também...

Brooke levou o tricô e a caneca para dentro. Na cozinha, ela apoiou as mãos contra a mesa e inclinou-se lá por um momento. Jake estava ali. Ele não estava tentando argumentar para que não tivesse o bebê; ao contrário, apoiou o que ela estava fazendo.

Foi até a geladeira e pegou um recipiente que continha sobras de lasanha. Colocou no micro-ondas e estava rasgando alface quando ele entrou na cozinha.

— Nós poderíamos nos casar — disse ele.

Ela virou-se, com as mãos pingando, incapaz de acreditar que tinha ouvido corretamente.

— Casar? — e sua voz saiu em um guincho.

— Para deixar o bebê legítimo.

— Ah.

É claro que isso era tudo o que ele queria dizer. Sim, ela sabia que ele gostava dela, mas Jake não era o tipo de homem da casa de cerquinha branca e bebê no colo. E ela também não queria o casamento, de qualquer maneira. Bem, talvez não se importasse com isso... Afinal de contas, se podia assumir a responsabilidade por uma criança, um homem deveria ser fácil; mas não um policial disfarçado que arriscava sua vida todos os dias.

— Se a gente se casar, as pessoas não vão julgá-la tão duramente — disse ele. — Nós poderíamos mais tarde nos separar, e todo mundo ia ficar sentido por você e pelo bebê. E você não teria de levar meu nome ou chamar o bebê de Brannon. Não, a menos que você quera.

Brooke não tinha pensado sobre o sobrenome do bebê, mas agora que Jake levantou o assunto, de uma coisa ela sabia.

— O bebê não deve ter o nome de Mo.

— Que tal Brannon, então?

— Eu tinha um avô muito legal, chamado Nicholas —, disse ela hesitante. — Estava pensando em Nicholas para um menino ou Nicola, se for uma menina. Nick ou Nicki, como apelido — Brooke engoliu em seco e experimentou os nomes em voz alta. — Nick Brannon. Nicki Brannon. Tem um som bom.

Ele acenou com a cabeça.

— Tem mesmo...

Ela sorriu e voltou para a alface.

— Então, talvez eu faça isso, mas não vou me casar com você, Jake. Isso seria uma loucura. Você sabe que não acredito em mentiras, e um casamento apenas no nome é uma mentira muito grave. Além disso, Mo e eu nos casamos por razões erradas e foi um desastre.

Jake tocou em seu ombro, fazendo-a saltar.

— Nós faríamos isso pela razão certa. Pelo nosso bebê, Brooke.

Nosso bebê. Ah, Senhor, lá estavam os hormônios novamente.

Ela se virou, piscando rapidamente para conter as lágrimas, e terminou a montagem da salada. O micro-ondas apitou e ela tirou a lasanha e serviu em um prato.

— Acho que não tenho nenhuma cerveja.

— Leite será ótimo.

Ele pegou o recipiente do refrigerador e despejou em um copo, depois tomou seu antigo lugar à mesa da cozinha.

Brooke deslizou para o seu lugar em frente a ele. Isto era real, ou ela estava sonhando? Depois de ter tomado consciência da ideia de que nunca mais veria Jake de novo, agora estavam eles ali em sua cozinha, conversando sobre nomes de bebê. Sobre casamento.

Ele comeu avidamente por alguns minutos, e então disse:

— Você tem de parar de tomar lítio?

— Bom Deus. Você se lembra de tudo o que já leu?

— Se isso for importante.

Lembrar-se de detalhes sobre sua doença era importante para ele?

— Sim, parei de tomá-lo, mas estou bem.

— Sério.

— Juro... Fiquei nervosa por um tempo, mas meu psiquiatra ajudou-me a trabalhar com isso. A maioria dos sintomas estranhos que eu estava experimentando era decorrente da ansiedade. E hormônios normais associados com a gravidez.

— Fico contente em saber. E os enjoos?

— Ainda não. Tomara — ela deu três toques na madeira. — Nem Jessica teve, e ela tem um mês a mais do que eu.

— Ela, Evan e Robin, estão todos bem?

— Claro. Ocupados como sempre.

Jake apoiou os cotovelos na mesa e apoiou a barba por fazer de seu queixo em seus punhos.

— Você está realmente bem com isso? Você quer o bebê?

Brooke assentiu com a cabeça firmemente.

— Sim. É um milagre, ter um bebê, e recebi uma segunda chance de experimentá-lo. Você me deu essa segunda chance.

Ele deu-lhe um sorriso caloroso.

— Você é uma mulher generosa, Brooke Kincaid. Mas eu já sabia disso.



Jake assistiu Brooke enquanto ela se movia ao redor da cozinha, colocando os poucos pratos do jantar na máquina de lavar, limpando o balcão, pendurando um pano de prato. Incrível acreditar que dentro daquele corpo lindo daquela mulher o bebê deles estava crescendo. Ainda mais incrível foi descobrir que ele a queria mais do que nunca.

Como tinha dito antes, fazia dias que ele não dormia. Então tinha pilotado sua Harley, pintada e consertada durante sua ausência, por mais de cinco horas. Além disso, tinha acabado de receber o que foi provavelmente o maior choque de sua vida. Depois de tudo isso, não era lógico que a coisa que ele mais quisesse fosse levar Brooke para a cama.

Ela se alongou e apertou a mão na parte inferior das costas.

— Dolorida?

— Ficar de pé durante todo o dia não costumava me incomodar, mas agora estou um pouco dolorida. Kate sugeriu que eu comprasse uma almofada de aquecimento, mas continuo me esquecendo de fazer isso. Normalmente tomo um banho antes de dormir e isso resolve o problema.

Brooke ficou de pé na pia, de costas para ele, embora já tivesse parado de arrumar as coisas. Jake sentiu que ela estava se sentindo estranha, exatamente como ele estava.

Avançou para ficar atrás dela, apoiando as mãos sobre seus ombros.

— Eu gostaria de falar um pouco mais sobre o bebê, mas você está cansada. Não quero atrasar seu banho. A menos que se contentasse com uma alternativa.

Ela ficou tensa.

— Uma alternativa?

— Que tal uma massagem?

Ela ainda estava de pé, seus músculos tensos sob suas mãos. Depois, virou-se para ele.

— A massagem me parece uma boa alternativa.

Brooke olhou para ele e seus olhos estavam fazendo uma pergunta.

Ele respondeu.

— Eu quero você, Brooke. Eu gostaria de passar a noite. Fazer uma massagem em você, fazer amor de um jeito suave, dormir com você em meus braços. Mas só se

quiser isso.

Ela balançou a cabeça rapidamente, como se já tivesse considerado a possibilidade.

— Sim.

E então ela estava em seus braços novamente, mas desta vez foi muito diferente de quando eles se cumprimentaram na varanda. Dessa vez, estavam esfomeados.

Beijaram-se com avidez e suas mãos estavam sobre o corpo do outro, arrancando a roupa, tentando encontrar a pele nua.

— Talvez não comecemos com a massagem — disse ele, a voz que vinha para fora áspera e trêmula, e ele imaginou que o ato sexual não seria de fato lento e suave.

Pelo menos na primeira vez.

— Vamos para o quarto.

Ela libertou-se do abraço e pegou sua mão.

No andar de cima, ele clicou na lâmpada de cabeceira. O quarto não tinha mudado, exceto pela aquarela que ele tinha dado e que Brooke pendurara na parede. Ele sorriu, e logo se esqueceu disso quando ela puxou sua camiseta sobre a cabeça, revelando um de seus bonitos sutiãs.

Quando ele tirou a própria camiseta, ela passou a mão pelo lado do corpo dele, onde a bala tinha rasgado sua carne.

— Curou bem — comentou.

— Uma cicatriz para me lembrar de você. Já te disse que quando cheguei e vi você se inclinando sobre mim, pensei que tinha morrido e que você era um anjo?

— Um anjo? — Seu rosto se iluminou com o sorriso.

— E eu estava certo — respondeu Jake, alisando a mão sobre o peito dela e para baixo, para tocar o seio pela renda do sutiã.

Então ele chegou por trás de suas costas e abriu o fecho. Lentamente tirou o sutiã, deixando-o cair no chão. E fechou as mãos, segurando o peso suave de seus seios com as duas mãos.

— Pois quando abriu a boca pela primeira vez, deixou escapar tal quantidade de palavrões que pensei que você fosse o diabo — disse ela. — Então, você apontou uma arma para mim e confirmou isso...

— O que você acha agora?

— Você é apenas um homem, Jake, e eu sou apenas uma mulher. Mas juntos somos algo especial. E o nosso bebê vai ser alguém especial.

Ele desabotoou o zíper frontal da saia cáqui dela e enfiou a mão dentro da curva em torno de sua barriga. A apenas alguns centímetros de seus dedos, seu bebê estava crescendo. Aquela criança poderia ter transtorno bipolar. Poderia ter os cabelos dele ou os dela, ser um menino ou uma menina. Fosse como fosse, seria alguém especial. Agora que ele estava com Brooke novamente, soube que sua decisão de ter o bebê tinha sido inevitável.

Ela contorceu seus quadris e sua saia começou a deslizar para baixo. Então, estendeu o braço para colocar uma mão firme em toda a frente da calça jeans dele, onde seu tesão esticava o tecido.

— Eu quero você, Jake. Quero fazer amor com você, enquanto estou grávida do nosso bebê.

Ele também queria. No começo, ele achou que era apenas seu desejo normal por aquela mulher, mas agora percebia que havia uma atração adicional sabendo que ela estava carregando o filho deles.

Era um pensamento assustador e bizarro e ele não estava disposto a analisá-lo. Em vez disso, ele a ajudou a abrir o zíper da calça.

Brooke colocou as mãos em cada lado, na cintura, e puxou as calças para baixo, em seguida, enfiou os dedos na barra da cueca para que fossem até lá embaixo. Parando lá, brincou:

— Não vai me impedir dessa vez?

— O que você teria feito se eu não a tivesse parado naquele primeiro dia?

— Morrido de vergonha. E de luxúria.

— Então você estava cobiçando o meu corpo, já então — ele brincou, lisonjeado e excitado com a ideia.

— Desde o primeiro momento em que o vi. Mesmo achando que você era a encarnação do diabo.

Finalmente, ela retomou de onde tinha parado, puxando as calças jeans e a cueca para baixo e deixando a ereção dele saltar livre.

— Uma senhora que vai à igreja supostamente não se deixaria ficar excitada pelo diabo.

— Mmmm — Brooke passou a língua ao redor de seus lábios. — Eu acho que devo ser muito perversa.

Ela continuou a puxar a calça jeans e a cueca para baixo, até que atingiram o chão.

Jake inclinou-se para tirar botas e meias, as roupas emaranhadas, e então se endireitou para ficar nu na frente dela.

— Então, moça, seja perversa comigo agora.

— Essa é a minha intenção.

Os dedos dela se enrolaram em volta dele e o homem gemeu de prazer. Muito prazer. E Jake a afastou:

— Calma, ou vou gozar.

— Daí a gente vai ter de fazer tudo isso de novo — de repente, ela fez uma careta. — Preservativos? Quero dizer, não para a gravidez, mas...

Jake sentiu-se magoado por um momento. Mágoa irracional.

— Estou limpo, Brooke. E eu não estive com ninguém desde você.

Os olhos dela brilharam.

— Isso vai ser algo novo!

Sua mágoa desapareceu em um lampejo. A ideia de realmente gozar dentro dela era alucinante. Sem barreiras, apenas seu corpo e o dela. Jake pegou-a e colocou-a delicadamente na cama.

— Na segunda vez será mais lento e suave. Agora, eu só preciso estar dentro de você.

Brooke levantou os braços para ele.

— Então pare de falar e venha.

E Jake fez exatamente o que ela disse.

Ele acabou em cerca de dois minutos. Mas o corpo dela se convulsionou em torno dele, e ela gritou seu nome num grito alto e alegre.

Depois disso, ele ficou dentro dela, que maravilha não ter de sair e lidar com a camisinha, e mudaram os corpos de posição para ficarem de lado, assim ele tirou seu peso de sobre Brooke. Então, ele correu a mão pelo lado do corpo da mulher, perguntando-o como aquela pele poderia ser tão macia.

— Você é tão linda...

— E você até que não é nada mal.

Brooke enredou os dedos em seu cabelo no peito e puxou suavemente.

Ele inclinou-se e tocou seus lábios nos dela. O beijo começou preguiçoso, mas cresceu como fogo e ele endureceu novamente dentro dela. Jake se moveu um pouco e ela gemeu e empurrou de volta contra ele, levando-o mais para o fundo. Ele a abraçou e mudou de posição de novo, para ficar deitado de costas e Brooke montada nele.

— Me pegue, gata — murmurou. — Pegue o que quiser. Mostre-me como dar prazer a você.

— Você sempre me dá prazer.

Brooke aceitou o convite e começou a subir e descer lentamente, deslizando-se de um jeito que apenas a ponta dele permaneceu dentro dela, em seguida, empurrando para baixo outra vez, para que ela o engolisse totalmente. Arrastando seu corpo contra o dele para aquele pouco mais de atrito.

Jake tentou manter seus quadris na cama, tentou não empurrar para dentro de Brooke, tentou deixá-la controlar seu ritmo.

Ela se inclinou sobre ele, mãos segurando sua cintura, seios saltando.

Ele capturou os seios com as mãos e levantou-se até que pudesse chupar um de seus mamilos.

Ela gemeu e se moveu mais depressa, até que seu corpo se esticou e se fechou em torno dele. Em seguida, gritou e os músculos internos se contraíram em espasmos ao redor dele até que Brooke chegasse ao clímax.

Ele lutou por controle, esperou até que os olhos dela se abrissem e focaram os seus.

— Mmm — ela suspirou. — É tão bom.

Em seguida, ele a levou para cima novamente, mergulhando dentro dela, levantando ambos os seus corpos para fora da cama enquanto enfiava até o centro dela e, finalmente, quando ela gritou seu nome e se contraiu em espasmos de novo, Jake se deixou gozar.



A LUZ DA manhã acordou Brooke, como sempre fazia. E, como de costume, olhou para a aquarela que Jake lhe dera e sorriu. Então se lembrou.

Sim, ele ainda estava lá. Deitado de lado, voltado para ela, seu corpo coberto até a cintura com um lençol.

O cabelo dele tinha crescido e ela estava feliz. Aquele jeitão meio de cigano combinava com o homem. Assim como a barba escura de alguns dias no rosto. Tocou o próprio queixo, lembrando-se de como aquele pelo era surpreendentemente suave ao encostar na pele.

Que presente precioso tinha sido aquele, mais uma noite com Jake.

O que aconteceria agora? Será que ele voltaria para Vancouver e para longe de sua vida? Mais uma vez? Era isso o que ela queria?

Seria mais fácil. Ao vê-lo novamente, isso havia confirmado quanto ela o amava.

Essa ideia de casamento que ele tinha falado era louca. Ele realmente não queria dizer isso, não é?

Eles precisavam conversar. Mais tarde. Naquele momento, ela queria seduzi-lo. Ela levantou o lençol que cobria seu corpo.



Brooke fez um café da manhã com omeletes e torradas, e Jake mergulhou nele com prazer. Ele com certeza tinha mais apetite quando ficava com ela.

Brooke deu uma pequena mordida e perguntou:

— Você vai voltar para Vancouver hoje?

— Tenho de fazer isso. Eles estão me mandando em outra missão.

— Mas você acabou de chegar em casa da última.

— Essa é a minha vida, Brooke.

Depois de um momento, ela disse:

— Eu sei. Sua e de Jamal. Pelo menos vocês cuidam um do outro.

— Esta não é perigosa; é apenas para fazer parte de uma força-tarefa. E Jamal não está envolvido. Ele está tirando uns dias de folga. Visitando Karen.

— Jura? Isso é muito interessante. Bom para eles. Eu suponho — ela franziu o cenho. — Acho que Karen sabe no que está se metendo, que tipo de trabalho Jamal faz.

— Sim, e o trabalho dela não é exatamente seguro também.

Jake pensou sobre os sonhos de basquete de Jamal. Talvez seu colega se mudasse para cá, ficando com Karen e seu cão. Isso tiraria metade da diversão de seu próprio trabalho, não ter mais Jamal como parceiro.

— Sua carta dizia que Karen tem falado sobre ele.

Ela sorriu.

— Você sabe, eu mal conhecia Karen, e sempre tive um pé atrás com a polícia. Mas agora vamos tomar café o tempo todo. Acho que estamos... Tornando-nos amigas... — Sua voz suavizou nessa última palavra.

Jake sorriu também. Ora essa, Brooke estava mudando, se ela podia se permitir confiar na amizade.

Brooke sorriu também.

— Para responder à sua pergunta, sim, ela tem falado de Jamal.

Parecia que seu parceiro realmente podia estar se encaminhando para um pátio ou um quintal com uma cesta de basquete.

E Brooke se dirigia... Para o quê? Ele duvidava que ela fosse ensinar seu filho a jogar basquete. Ela merecia encontrar um bom marido, embora, por algum motivo, esse pensamento não agradasse Jake. Encontrar um marido seria mais difícil, agora com um bebê.

Evan estaria lá. O garoto, ou garota, teria um homem em sua vida.

Era estranho não saber o sexo do bebê. Isso deixava mais difícil de imaginar a criança. Não que ele realmente quisesse fazer isso.

Jake acabou de raspar o prato da deliciosa omelete e fez a pergunta que precisava ser feita.

— Então, o que você me diz sobre a ideia de se casar?

Brooke deu um pequeno salto na cadeira quando ele fez a pergunta, e ele supôs que a tinha pego de surpresa novamente. e então, ela olhou fixamente em seus olhos e disse:

— Eu agradeço a oferta, mas não posso me imaginar fazendo aqueles votos e sabendo que são uma mentira. Que só vamos nos casar para legitimar o bebê e nos divorciar depois.

Divórcio. Que palavra dura. As pessoas se divorciavam quando não se importavam mais um com o outro, e ele não poderia se imaginar não ter mais carinho por Brooke. Então... Talvez eles pudessem se casar e não se divorciar? Ver Brooke entre suas missões? Seria bom voltar para casa para ela e sua casa, em vez de seu apartamento solitário e imundo.

Não, ela odiaria esse tipo de vida. Odiaria se preocupar com ele quando estivesse disfarçado em uma de suas missões. Jake não podia fazer isso com ela.

— Não tem de decidir agora — ele murmurou. — Mas você vai começar a mostrar a barriga. Se vamos fazer isso, seria melhor fazer antes que ela aparecesse.

— Não até que eu tenha passado o primeiro trimestre e então sabermos que tudo está bem. Caso contrário, seria sem sentido.

Ele não queria se casar. Nem um pouco. Ainda assim, palavras como *divórcio* e *sem sentido* eram pequenos golpes dolorosos em seu coração, mesmo sabendo que Brooke não quis dizer nenhuma delas dessa forma. Levantou-se para se servir de um refil de café, e encostou seu quadril contra o balcão da cozinha. Havia outra pergunta que ele tinha de fazer.

— Você não está seriamente preocupada com a possibilidade de essa criança ser bipolar?

Ela estava brincando com a comida. Agora, ela largou o garfo e olhou para ele.

— Sim, estou seriamente preocupada.

— Ah. Hã...

— Nós estaremos à procura de sintomas e então, se a criança tiver a doença, será diagnosticada mais cedo. Mas nem todo mundo responde ao tratamento assim como eu. O resumo da ópera é que este bebê poderia sofrer de uma forma grave da doença, que não seja passível de tratamento.

Merda. Ele desejou não ter feito a pergunta, porque odiava ver a preocupação no rosto da mulher, mas ela deveria falar com alguém sobre essas coisas. Além disso, como pai do bebê, ele tinha essa responsabilidade também.

— Se isso for de alguma ajuda — retrucou — não conheço problemas genéticos do meu lado.

— Isso é bom. Vamos esperar que o bebê receba seus genes saudáveis em vez dos meus...

Jake não podia discutir com isso. Ele esperava que a criança fosse parecida com Brooke, no entanto. Especialmente se fosse uma menina. Se fosse um menino — bem, ele tinha de admitir que era muito legal pensar em suas características replicadas no rosto de um garotinho. A aparência, porém, era uma coisa secundária; a saúde era o que importava.

— Você tem absoluta certeza de que deseja ter esse bebê?

Brooke pegou sua caneca de chá, em seguida, colocou-a para baixo, sem beber.

— Eu não teria tomado a decisão de engravidar. No entanto, essa gravidez aconteceu, então foi uma decisão diferente. Comecei a pensar em interromper a gravidez, então de repente me vi escolhendo nomes de bebês.

Brooke tocou seu abdômen.

— Este bebê tinha se tornado um filho ou filha para mim. Meu, nosso, filho. Eu comecei a amá-lo e tinha de dar a esta criança a sua oportunidade.

Jake entendia o que ela queria dizer. Ele pensou no feto como uma criança também.

Uma criança que talvez ele nunca conhecesse. Então, pigarreou e limpou a garganta.

— Você é muito corajosa, enfrentando os riscos.

— Dizem que o ser humano arrisca sua vida todos os dias. Jake, existem todos os tipos de riscos. Cada um de nós decide quais deles está disposto a correr. Eu não poderia fazer o que você faz. Eu não poderia mesmo me casar — no sentido verdadeiro do casamento, não apenas no nome — com alguém que faz o que você faz. E também não podia negar ao nosso filho a chance de ter uma vida. Não é uma vida perfeita, eu tenho certeza, mas uma vida com mais alegria do que tristeza. — Seus olhos se estreitaram em um desafio. — Você discorda?

— Não. Eu só acho que você é uma danada de uma mulher corajosa. E o nosso garoto tem muita sorte de ter você como mãe.

Brooke baixou a cabeça.

— Enquanto eu ficar sóbria e continuar respondendo ao lítio.

Ele estendeu a mão sobre a mesa e ergueu o queixo dela para que ele pudesse olhar em seus olhos.

— Você vai ficar sóbria. E se o lítio não funcionar mais, você e seu médico vão encontrar algo mais que funcione. Eu conheço você, Brooke Kincaid. Se eu pudesse escolher qualquer mulher no mundo para ser a mãe do meu filho, você seria essa mulher.

Os olhos dela ficaram úmidos e ele disse:

— Ah, Deus, não chore.

Ela passou a mão sobre os olhos.

— Desculpe-me. Os hormônios estão loucos. Mas, honestamente, Jake, esta foi a melhor coisa que alguém já me disse.

Ele deu de ombros. Tudo o que ele tinha dito era verdade.

— Tome o café da manhã — ele ordenou, depois pegou a caneca vazia. — Quer um café?

— Não, estou só tomando chá até o final da gravidez.

Ele se inclinou para beijar o topo de sua cabeça.

— Está vendo? Uma boa mãe já.

O bule de chá estava pousado no balcão, envolto em uma daquelas coisas tricotadas de lã para mantê-lo aquecido. Ele serviu o chá em sua caneca, trouxe-a de volta para ela e sentou-se do outro lado da mesa.

— Brooke, se vamos ou não nos casar, não importa, eu quero ajudar a sustentar a criança.

Ela apertou os lábios, em seguida, falou.

— Você não precisa. Eu tenho tudo sob controle. Kate vai me deixar levar o bebê ao trabalho, por isso eu não vou mesmo me atrasar ou ter de tirar um tempo para cuidar dele. E ganho um dinheiro decente. Não muito, mas a vida não é tão cara em Caribou Crossing.

Sim, Jake notou que ela pensara em tudo, e ele sabia que Evan, Jess e Kate, todos ajudariam se ela tivesse problemas. Contudo, esse não era o ponto.

— Olha, essa criança é minha também, nós a fizemos juntos. Eu quero fazer a minha parte.

Ela estava observando seu rosto cuidadosamente enquanto ele falava.

— Pense sobre isso um pouco mais, Jake. Se você ainda quiser, é claro que pode ajudar — ela olhou para o relógio. — Eu preciso ir trabalhar.

— E eu tenho de pegar a estrada. Brooke, não mudarei de ideia. Vou lhe enviar um cheque quando chegar em casa. E vou enviar um a cada mês.

E ele ia fazer um seguro de vida também, em nome de Brooke como beneficiária. Entretanto, não quis dizer a ela naquele momento, ou ficaria ainda mais preocupada com ele.

Ambos se levantaram devagar e saíram sem conversar. Jake vestiu sua velha jaqueta de couro e segurou o capacete com as duas mãos.

— Foi bom ver você.

— Você também, Jake. Foi uma agradável surpresa.

Ela estava sorrindo, mas ele viu uma sombra em seus olhos. Ele foi até lá porque se preocupava com ela, e gostava dela, mas isso acabou lhe causando mais estresse.

— Me diga depois sobre a ideia do casamento. Vou levar meu celular comigo. Essa missão deve ser apenas por umas duas semanas. Depois vou poder tirar uns dias de folga. Você pode convidar sua família e seus amigos, nós poderíamos fazer as coisas de modo apropriado. As pessoas vão ver que é a sério.

Em seu jardim, com todas aquelas flores, e com um dos arcos enfeitado com flores. Brooke em um vestido que combinasse com aqueles olhos de oceano tropical. Flores no cabelo. E Jess como madrinha, Robin como dama de honra, Evan entrando com a noiva.

Em menos tempo do que levou para piscar, toda a imagem foi formada em sua cabeça.

— Ah, Jake — ela disse.

Ele piscou, e a cena do casamento desapareceu.

— Eu não acho que vá mudar de ideia, mas você foi muito gentil em oferecer — Brooke se inclinou para frente e tocou seus lábios aos dele.

Gentil. Ele não era gentil. Era louco por ela e ele a engravidou. Ele estava fazendo seu melhor para lidar com isso, como qualquer cara decente faria.

— Dirija com segurança — disse ela. Então deu uma piscadela. — E fique fora do caminho de balas perdidas.

Surpreso, ele deu uma risada rápida, depois ficou sério.

— Se cuide também, Brooke. Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa.

Ela sorriu, mas não assentiu nem disse sim. Então ela virou-se e caminhou em direção à sua casa.

Ele olhou para ela enquanto colocava seu capacete e dava a partida em sua moto.

Quando chegou à varanda, ela se virou, seu rosto sombreado pelo telhado, de modo que Jake não podia ver a expressão dela, e deu um rápido aceno de mão.

Ele acenou de volta e foi embora, suspeitando que não teria notícias dela. Brooke era independente. E esperta o suficiente para não se deixar envolver com alguém como ele.

Mulher inteligente.



Brooke deixou as lágrimas correrem pelo rosto enquanto arrumava a cozinha. Não, ela não podia se casar com Jake Brannon. Se ela não o amasse, até poderia considerar essa ideia, mas por amá-lo tornaria tudo muito difícil.

Ela não gostava de altos e baixos. Eles a lembravam de suas manias e suas depressões. Na noite anterior, ela estava em alta, excitada, por ver Jake novamente, por estar tocando-o, fazendo amor com ele. E agora ele tinha ido embora e tinham tirado o chão de seu mundo.

No banheiro, ela apertou um pano frio e úmido contra os olhos inchados, até que pudesse enfrentar o reflexo que se parecia com Brooke de novo no espelho. Normalmente ela não usava muita maquiagem, mas hoje era definitivamente um dia para isso.

Seus esforços não foram bons o suficiente, porque Kate deu-lhe um abraço extralongo e disse:

— Você está bem, querida?

— Hormônios. Eu estou bem.

Ela debateu a ideia de contar à sua amiga sobre a visita de Jake, mas sabia que começaria a chorar de novo se fizesse isso.

Seu segundo cliente da manhã foi Dave Cousins. Brooke tinha um fraquinho por Dave. Ele fora o seu primeiro cliente quando Jessica a apresentou a Kate e esta lhe

deu o emprego.

Desde que sua noiva, Anita, havia morrido de câncer, Dave tinha sido um cara quieto e reprimido. Normalmente Brooke tentava animá-lo, falando sobre Robin, o Comitê do Patrimônio e o Riders Boot Camp, tendo em vista que ele fazia parte do conselho de administração também. Hoje ela não tinha energia para bate-papo, por isso fechou a boca em silêncio.

Quando terminou, Dave disse:

— Tem algum plano para o almoço?

— O almoço? — Ela não sentia vontade de comer, mas teria de fazer isso, por seu bem e pela saúde do bebê, também. — Na verdade, não.

— Venha até o hotel e eu convido você para um.

Aquela companhia sem exigências era exatamente o que ela precisava.

— Obrigada. Vejo você daqui umas duas horas.



Quando Brooke foi até o Wild Rose Inn ao meio-dia, o sol de verão estava escondido atrás das nuvens, um contraponto ao seu humor sombrio. Era tudo o que podia fazer, forçar um sorriso e trocar algumas palavras com Madisun Joe, uma garota local que Evan tinha patrocinado na faculdade de administração em Vancouver, tirando-a de uma situação familiar abusiva. Madisun estava de volta para as férias de verão, trabalhando no escritório de Evan em meio período e também ajudando no Boots. Ela se transformou em uma jovem confiante que não estava mais disposta a aceitar nenhum disparate da parte de seu pai.

Evan tinha sido abusado por seu pai. Fisicamente. Brooke sabia que ela, como mãe, também tinha constituído um abuso emocional para seu filho. Mesmo assim, Evan tinha se transformado em um homem que, em vez de replicar aquele padrão disfuncional, ajudaria alguém a combatê-lo.

Ele era um filho de quem devia se orgulhar, e Brooke tinha muito a sorrir por causa dele.

Quando entrou no saguão do Wild Rose e viu Dave atrás da mesa, ela lhe deu um sorriso genuíno.

Ele sorriu de volta, deu um rápido telefonema e um dos homens de sua equipe foi substituí-lo.

— Reservei uma mesa na janela para nós — e levou Brooke para a sala de jantar.

— Vamos comer em grande estilo — comentou ela.

Aquele salão era mais silencioso que o pub onde ela fora dançar com Jake a música country, e possuía um toque de elegância à moda antiga em sua madeira escura, bronze e couro. No pub, a equipe usava roupas de caubói mais informais; eles

usavam uniformes inspirados nas roupas usadas nos hotéis da corrida do ouro na década de 1860.

Enquanto ela e Dave atravessaram o salão, cumprimentaram algumas pessoas. O ar estava cheio de deliciosos aromas e agora estava com belo apetite.

— Hummm, tem algo cheirando muito bem!

— Os especiais do dia de Mitch hoje são empadão de frango e quiche com salmão defumado e cebolinha. Ambos parecem fantásticos.

Brooke tinha se forçado a comer ovos mexidos no café da manhã.

— Eu vou pelo empadão.

— Eu também.

Dave levantou um dedo e Karin, a garçonete, veio pegar os pedidos. Quando ela se foi, Dave perguntou:

— Como você está se sentindo?

— Ótima.

Na verdade, melhor a cada momento. Agora que ela estava superando a depressão causada pela partida de Jake, percebeu algumas verdades. Ele não tinha ignorado sua carta sobre o bebê; na realidade, ele se importava o suficiente com ela, tanto que ele pulou em sua moto e foi até Brooke no momento em que recebeu a carta. E Jake se importava tanto com ela e com o bebê a ponto de oferecer algo que sabia que ela valorizava muito: respeitabilidade. No passado, ela ganhou essa respeitabilidade sozinha. Ela poderia fazê-lo de novo, e isso seria mais fácil do que um falso casamento com um homem que não a amava. Contudo, sabia que precisava fazer o que Jake tinha feito, e levar em conta os melhores interesses da criança.

— Você não parece tão bem — disse Dave sem rodeios.

— E você sabe como lisonjear uma garota — ela brincou.

Sem estar mentindo, Brooke poderia dizer-lhe que tinha passado uma noite difícil, mas Dave era quase parte da família. Ele e Jess tinham se tornado bons amigos e, ainda mais surpreendentemente, ele e Evan haviam se tornado amigos também. Além disso, a cidade inteira saberia, assim que ela estivesse em seu segundo trimestre e a barriga tivesse começado a aparecer.

Brooke olhou ao redor para se certificar de que ninguém estava perto deles, então se inclinou sobre a mesa.

— Eu não estou doente, estou grávida.

Seu queixo caiu e seus olhos ficaram redondos.

— Gráv...

A voz dele estava muito alta e ela o interrompeu.

— Dave! Não estou pronta para contar ao mundo.

— Desculpe-me. — Ele baixou a voz para um sussurro. — Sério? Você tem certeza?

— Eu soube faz algumas semanas, e estou muito feliz com a ideia de ter um bebê. Eu contei a Jess, Evan e Robin, e a Kate também, e pedi que jurassem segredo.

Uma expressão de dor atravessou seu rosto bonito. Nesse instante foi que ela percebeu uma coisa. Ali estava outra pessoa que se considerava seu amigo.

Ela estendeu a mão para tocar a mão de Dave.

—Eu não tive a intenção de deixar você de lado, mas há tantos riscos no primeiro trimestre... Não queria que todo mundo soubesse e se preocupasse e no fim...

— Brooke engoliu em seco —... Eu perdesse o bebê.

Contudo, a cada dia, ela sentia-se mais confiante de que o bebê ficaria bem.

Dave apertou a mão dela, então a soltou.

— Eu entendo, Brooke. E obrigado por estar me contando agora. Mas, UAU! Isso é uma surpresa, para dizer o mínimo. — Então ele fez uma careta. — E onde está o Arnold Pitt, o tira? O idiota a deixou na mão?

— Como você sabia que era ele?



DAVE ENCOLHEU OS OMBROS.

— Era fácil notar que havia algo entre vocês dois.

— Ah, vamos lá. Você achava que ele era meu primo.

— Sim, um primo muuuuito distante. Seus sentimentos de um para o outro não eram de primos...

Brooke não podia deixar de sorrir.

— Ninguém mais pegou isso.

Ele estudou-a carinhosamente.

— Eu conheço o amor quando o vejo, Brooke.

Amor. Ela se aqueceu imensamente ao pensar que aquele homem perspicaz tinha interpretado os sentimentos de Jake por ela como amor.

— Então — Dave perguntou — onde ele está?

Antes que Brooke pudesse responder, Karin chegou com o almoço: empadões de frango em tigelas de cerâmica individuais, e uma salada colorida em uma tigela grande, para que pudessem servir-se à vontade. Brooke enfiou uma faca na crosta dourada da empada e inalou o aroma de frango, cebolas, cenouras e ervas. Ah, sim, ela estava faminta. e então, ela serviu uma porção considerável de salada no prato do lado de Dave, então serviu no dela própria.

Entre mordidas, ela informou a ele tudo o que ocorrera. Brooke deu-lhe ainda mais detalhes do que se sentiu confortável em compartilhar com Evan e Jessica. Havia algo sobre Dave; ele era uma pessoa tão fácil de conversar e contar as coisas. E Brooke gostou de ter uma perspectiva masculina.

Quando ambos terminaram, Brooke sucumbiu à recomendação de Karin de provar a Miner's Mud Pie, uma deliciosa mistura com uma crosta de chocolate wafer e um recheio de sorvete coberto com calda de chocolate e creme de chantilly. Quando a garçonete foi buscá-lo, Brooke afagou o estômago.

— Às vezes, essa pequena criatura rouba meu apetite, mas na maioria das vezes eu realmente sinto que estou comendo por dois.

— Você vai ser uma ótima mãe, Brooke.

Ela olhou para ele carinhosamente, e tomou uma decisão.

— Posso dizer uma coisa, e pedir que você mantenha segredo?

Um canto de sua boca apontou para cima.

— Você está se sentindo culpada por manter segredos de mim?

— Talvez. Mas eu valorizo sua opinião. Não quero contar a Evan e Jessica, pelo menos ainda não. Eu já sei o que Evan diria e eu não quero ser pressionada.

— Estou intrigado. E é claro que eu não vou contar a ninguém se você não quiser...

— Jake me pediu que casasse com ele.

Dave não parecia surpreso.

— Bem, então...

Ele fez uma pausa quando Karin colocou o doce na frente de Brooke e lhe serviu o cappuccino que tinha pedido.

— Ele esteve aqui ontem à noite — disse Brooke. — Eu escrevi para ele contando sobre o bebê, mas Jake estava fora da cidade e só recebeu a carta ontem. De qualquer forma, nós conversamos sobre isso e ele disse que talvez devêssemos nos casar.

Dave levantou uma sobrancelha.

— Talvez?

— Pelo bem do bebê. E pela minha reputação. Ele se casaria comigo, o bebê seria legítimo porque ele e eu teríamos o sobrenome dele, se eu quisesse. Mais tarde, a gente se divorciaria.

— Um casamento de conveniência? — ele parecia ofendido. — Dá um tempo, isso acabou com a Idade das Trevas.

Brooke espetou com o garfo um pedaço de torta, em seguida, colocou de novo no prato, intocada.

— Você estava errado sobre o amor — ela disse em voz baixa, tristemente. — Jake não me ama.

— Você o ama?

— Sim, mas para essas coisas é preciso dois.

— Ah, Brooke. — Ele enfiou uma colher na espuma em cima de seu cappuccino, mexeu o café, em seguida, olhou para ela. — Espere um minuto. Eu vi a maneira como esse homem olhou para você, quando ele pensou que ninguém estava olhando. Parecia amor, para mim. Talvez ele não ainda não tenha percebido isso.

— Eu sei que ele se importa. Talvez seja o que você e eu chamaríamos de amor. Mas ele não está pronto para acreditar no amor.

Brooke finalmente comeu aquele primeiro pedaço, mas não era tão doce quanto ela esperava.

— Se você o constrói, ele virá.

— Sobre o que você está falando?

— Sabe aquele filme, *O campo dos sonhos*? Uma voz falou com esse cara, dizendo-lhe que, se ele construísse um campo de futebol, os jogadores viriam. E eles fizeram isso.

— Você está dizendo que, se eu construir um casamento, o amor virá?

— Sim.

Que noção tentadora. No entanto, isso era tudo o que era. Um conto de fadas.

— Eu não acho, Dave. Jake não está falando em morar aqui; ele se casaria comigo e daí voltaria para o trabalho. Ele está sempre trabalhando à paisana, arriscando sua vida. Um casamento de verdade não se encaixa em sua vida. E ele ama o trabalho; ele ama o perigo — a mulher mordeu o lábio e contou a Dave o resto da história. — Eu o amo, mas mesmo que ele também me amasse, eu não poderia lidar com o fato de ser casada com ele. E não lhe pediria que desistisse de seu trabalho, mas não poderia viver com esse tipo de preocupação constante. Sou forte, mas nem tanto...

Dave balançou a cabeça lentamente.

— Consigo entender isso.

Brooke sabia que aquilo era verdade. Desde que ele tinha perdido Anita, Dave era o senhor Cauteloso com as pessoas de quem ele gostava.

— Qual é a alternativa? — questionou. — Jamais vê-lo de novo?

— Acho que sim — ela respondeu, com tristeza. — Isso é provavelmente o melhor e o mais fácil para nós. Ele diz que quer fornecer apoio financeiro, então acho que deve enviar cheques ou criar um fundo ou algo parecido.

— Como pode um homem não querer ver o próprio filho?

Dave parecia totalmente desconcertado.

— Talvez porque seus pais nunca lhe ensinaram nada sobre o amor. Eles fizeram exigências exageradas; nunca demonstraram que o amavam. Jake não via a hora de escapar deles.

Dave mexeu o capuccino um pouco mais e não olhou para ela.

Ela franziu a testa.

— Você está pensando em Evan. Mo e eu não lhe ensinamos sobre o amor.

Ele deu de ombros.

— Desculpe, não quis dizer isso.

— Mas é verdade — Brooke assentiu ferozmente. — Nós éramos pais horríveis, provavelmente piores do que os pais de Jake. E Evan descobriu sobre o amor sozinho quando se encontrou com Jessica novamente. Ela ensinou a ele como amar; em seguida, ele abriu seu coração para Robin, e para mim também.

— Então, se a mulher certa aparecer, mesmo um cara inflexível como Jake poderia aprender. E eu acho que você é a mulher certa.

— Talvez seja, talvez eu pense assim também, mas Jake não — então, ela endireitou os ombros. — E é melhor assim, se você quer saber. O trabalho dele me deixaria louca, e eu gosto da minha rotina pacífica. Eu preciso disso.

— Eu entendo como você se preocupa com o trabalho dele, mas quanto à rotina, não sei... Você precisava disso quando estava se recuperando, mas está muito melhor agora. É por isso que hoje você pode cuidar de um bebê. E pode apostar que ter um bebê não é nem de longe uma rotina calma e pacífica. E devo dizer também que sua rotina saiu pela janela quando Jake estava na cidade, e você se deu muito bem.

— Exceto por ficar grávida... — sorriu Brooke. — Sim, eu me saí bem. E ficará tudo bem com o bebê. Entretanto, não há nenhuma maneira de eu me mudar para Vancouver e me casar com Jake, considerando que ele estará sempre fora em missões perigosas. Eu sou muito mais forte do que costumava ser, mas não a esse ponto.

Ela provou outro bocado de sua sobremesa, desta vez pegando mais calda de chocolate e chantilly. Mmm, agora tinha ficado melhor.

— E sem chances de ele se mudar para cá?

— Ele está falando sobre o divórcio no mesmo fôlego do casamento.

Brooke largou o garfo.

— Mas também está oferecendo legitimidade para o bebê. Eu tenho de pensar no que é melhor para o meu bebê. O que vou fazer?

Dave fez uma careta.

— Isso acabaria com você? Quero dizer, amar esse homem, casar-se com ele, mesmo sabendo que terminaria? — sua voz era suave e carinhosa.

Uma oscilação hormonal trouxe umidade aos olhos.

— Sim, mas se fosse ajudar o bebê...

— A legitimidade não é um negócio tão importante assim nos dias de hoje. Esta cidade conhece você, Brooke. A nova e melhorada Brooke. A maioria das pessoas não vai fazer nenhum tipo de julgamento. E se fizerem, ignore-os.

— Era assim que eu estava planejando fazer, antes de Jake aparecer ontem à noite.

— Você é a mãe. Se algo é ruim para você, como pode ser bom para seu bebê?

— Hum... — Ela olhou para ele, meditando sobre isso. Seu olhar bateu no relógio de pêndulo antigo pendurado na parede. — Ah Deus, eu preciso voltar! — Brooke empurrou o prato de doce inacabado para longe. — Obrigada, Dave, eu realmente gostei de poder ter conversado com você.

— A qualquer hora. — Ele pegou a mão dela enquanto ela se levantava. — De verdade, pode me procurar, Brooke.

— Eu sei. E o mesmo vale para você — e apertou sua mão. — Obrigada por ser meu amigo. Você não pode imaginar quanto isso significa para mim.



Ao sair de uma reunião na sede da força-tarefa, em Seattle, Jake descobriu que havia perdido um telefonema de Brooke.

No correio de voz, ela disse:

— Obrigada pelo cheque, Jake.

Ele tinha enviado um cheque de Vancouver na semana anterior, antes de ir para sua mais recente missão.

— E — ela continuou, soando estranha e um tanto formal — sobre a sua proposta, eu... Hã... Obrigada, mas realmente não posso me casar com você. O bebê e eu ficaremos muito bem por conta própria.

Ele sentiu uma pontada. Jake estava feliz por ela ser forte, e esse era um dos motivos pelos quais se sentiu atraído por ela, mas por algum motivo doía saber que Brooke não precisava dele.

— Mas se estiver tudo bem para você — disse ela rapidamente —, vou colocá-lo como pai na certidão de nascimento e dar ao bebê seu sobrenome. Eu gostaria que nosso filho tivesse algo de seu. Além dos genes, como sabe.

Ele também gostaria.

Houve uma longa pausa e então ela disse, muito suavemente, e não tão profissional quanto alguns instantes antes:

— Adeus, Jake.

Ela estava seguindo sua vida e sem ele.

— Adeus, Brooke — murmurou ele enquanto desligava o telefone.

Ele continuaria a enviar cheques. Para a criança que nunca veria. A criança que poderia se parecer com ele, ou com Brooke. A criança que poderia andar a cavalo, jogar basquete, amar jardinagem. Querer uma moto, em vez de um carro. Certamente, quando o bebê nascesse, Brooke teria, pelo menos, de lhe contar se era Nick ou Nicki.

Ele bateu com o punho na mesa que estava ocupando temporariamente. Todo mundo na sala olhou para cima, em seguida, rapidamente, virou o rosto. Sim, ele não tinha sido o cara mais fácil de trabalhar naqueles últimos dias.

Talvez as coisas se ajustassem agora que ele sabia da decisão de Brooke. Contudo, ele estava convencido de que a mulher tinha tomado a decisão errada. Ela estava tornando as coisas mais difíceis para si mesma e para o bebê. Por que aquela mulher tinha de ser tão independente, porra?

Uma coisa era você tomar uma decisão para si, mas agora ela estava tomando decisões que também afetavam o bebê deles. Brooke poderia pensar que ela e o bebê ficariam muito bem, mas e se a criança tivesse uma ideia diferente? E se essa criança quisesse um pai, e não apenas um substituto como Evan ou como aquele Dave Cousins, a quem Brooke achava o cara mais legal da cidade? Claro que ele tinha certeza de que ela nunca mais voltaria a beber, mas e se o lítio parasse de funcionar e Brooke tivesse de conviver com a volta de sua bipolaridade?

Jake caiu para trás em sua cadeira. Eram muitos “e se...”. Havia muitos deles. A vida tinha se tornado complicada demais.

Brooke, porém, estava tentando descomplicar isso por ele. Ela havia lhe dado todas as oportunidades de optar por sair de sua vida e da do bebê. Ele deveria aceitar isso.

Droga, ele não conseguia parar de se meter na vida de Sapphire. O que dizer então sobre Brooke e o bebê, ele deixaria os dois em paz? Brooke tinha sido a sua mulher quando ele estava em Caribou Crossing, e lógico que ele ainda pensava nela dessa maneira. Ele queria fazer tudo certo, tudo fácil, feliz por ela. E para seu bebê.

Contudo, o que ele teria para lhes oferecer? Ele sabia que seu trabalho assustava Brooke. Ela valorizava e sentia necessidade de estabilidade.

Jake fechou os olhos. O que seria melhor para Brooke era se casar com um homem como Dave Cousins. Uma cara estável, decente, um bom homem que seria um marido perfeito e um ótimo pai para seu filho.

A melhor coisa para o filho de Jake seria ter outro homem como seu pai. E a melhor coisa para a sua mulher seria se casar com outra pessoa.

Suas entranhas se apertaram e retorceram. Ele mal chegou ao banheiro masculino antes de vomitar. Enquanto se demorava no banheiro, jurou que nunca mais comeria peixe gorduroso e batatas fritas de um vendedor de rua. Uma intoxicação alimentar. Tinha de ser uma intoxicação alimentar.

Ou era o pensamento de Brooke fazendo amor com outro homem? Olhando para o cara com aqueles olhos azuis e dizendo que o amava?

No caminho de volta para sua mesa, ele pegou uma lata de refrigerante da geladeira e então, com a necessidade de ouvir uma voz amiga, teclou o número de Jamal em Vancouver.

— Tomei café com a sua menina informante, Sapphire — disse Jamal.

— Ah, é? E ela repassou alguma coisa boa?

— Não há dicas desta vez. Ela estava esperando que você aparecesse, mas acabou se conformando comigo. Queria falar sobre um programa que você mencionou para ela, de estudo e trabalho para as pessoas que querem entrar na indústria do turismo.

— Você está brincando. Ela está realmente pensando em sair das ruas?

— Diz que o que aconteceu com Anika Janssen a fez pensar seriamente nas coisas.

— Bom para ela. Eu vou vê-la assim que voltar.

— Sim, eu disse isso a ela. Ah, e outra notícia que vai interessar a você. Miller foi agredido na prisão. Ele despediu seu primeiro advogado e está procurando outro. Isso não vai lhe fazer nenhum bem, estamos montando um belo caso contra ele.

Henry Miller tinha sido enviado para Vancouver, onde o juiz negou fiança, imaginando que havia uma forte probabilidade de que ele usasse suas conexões para cair fora do país e nunca mais aparecer, nem para o julgamento. O homem ficaria sentado na prisão por meses até que o seu caso fosse a julgamento.

Quando terminaram de falar sobre o trabalho, Jake perguntou:

— E como foi sua visita a Karen?

— Ótima — Jamal parecia muito satisfeito.

— Fez algo mais do que ficar conversando durante suas noites?

— Não estou dizendo nada.

— Nem precisa — Jake estava feliz por Jamal. Realmente estava. — E viu Brooke?

— Ela estava dançando country.

— Caraca, você foi dançar country? Espere um minuto. Está dizendo que Brooke estava lá? — Ele fez uma careta para o telefone. Será que ela deveria estar balançando o bebê assim?

— Ela parecia uma profissional.

— Quem estava dançando com ela?

— Notei uma ponta de ciúme... Hmm, deixe-me ver. Acho que com todo mundo que estava lá. Uns adolescentes, o velhote que ensina as aulas, o cara que é dono do hotel. Dançou algumas comigo também.

Droga. Todo mundo, menos Jake, estava segurando Brooke em seus braços.

— Ela está bem?

— Não definhando desde que você se foi? Sem essa, estava muito bem. Tipo, brilhando mesmo, entende?

— E ela perguntou por mim?

— Não que eu notasse. Você vai perdê-la, cara, se não fizer algo depressa.

Jake não tinha contado a Jamal sobre a gravidez de Brooke nem sobre sua viagem na semana anterior, muito menos sobre sua proposta.

Eles nunca falaram sobre esse tipo de coisa, não que alguma vez houvesse qualquer assunto nessa linha sobre o qual deversem conversar, mas agora ele não se importaria de informar seu parceiro sobre a situação. E ele com certeza não queria fazê-lo por telefone.

— Voltarei lá neste fim de semana — disse Jamal. — Alguma mensagem?

— Você já vai voltar tão cedo assim?

— Essas são algumas das vantagens de ter um trabalho no escritório e com um horário regular. Sim, vou tomar o avião na sexta-feira.

— Divirta-se.

— Bem que você poderia dizer isso com uma entonação que demonstrasse que realmente me desejou isso. Ei, se você quiser ver Brooke, basta ir até lá.

— Eu não quero vê-la.

Foi uma mentira evidente e ele tinha certeza de que Jamal sabia.

— Quanto tempo você vai ficar preso por aí?

Jake olhou ao redor da sala. Um homem e uma mulher estavam teclando em computadores, dois homens estavam apontando para um quadro na parede, uma garota

disfarçada com dreadlocks e piercings estava caída numa cadeira bebendo café.

— Eu poderia sair agora e eles nunca perceberiam. Eu poderia ajudar do mesmo jeito em Vancouver, trabalhando por telefone e internet.

— Então volte. E venha até Caribou Crossing no próximo final de semana — Quando Jake não respondeu, Jamal mudou de assunto. — Diga, cara, você está mesmo chateado por eu abandonar esse trabalho à paisana?

— Claro que não. Você pode ser substituído.

Jamal riu.

— Não sei nada disso — então, sua voz ficou séria. — A vida não para. Nós temos feito isso há muito tempo. Sorte que ainda estamos vivos.

Isso era verdade. Contudo, era mais do que sorte; era como eles davam cobertura um ao outro. Não seria o mesmo sem Jamal.

Inferno, já não tinha sido o mesmo por um tempo, não desde que Jamal aceitara a promoção. E, em Winnipeg, apesar de terem estado juntos na rua novamente, Jamal ficava falando de Karen na metade do tempo e seus pensamentos estavam com Brooke.

Não tinha parado de pensar nela desde então. Aquela danada daquela mulher tinha feito sua residência permanente em sua mente. Ou foi em seu coração?



BROOKE ACORDOU NO sábado sorrindo. Era isso. Cinco anos vivendo sóbria.

Ela não tinha contado a Evan e Jessica. Eles fariam um barulhão, a maior festa, e ela não queria que eles fizessem isso na frente de Robin. Sim, a menina sabia que sua avó costumava ter problema com o álcool, mas ela não precisava ser lembrada disso. Brooke queria que Robin visse a sobriedade como algo normal, não como uma conquista para ser comemorada.

Na realidade, era. Para Brooke, isso foi uma grande conquista.

Sunny subiu de onde ele estava dormindo para o travesseiro ao lado dela, espreguiçou-se e foi jogar seu corpo pesado em seu peito. Ela coçou-lhe as orelhas e sob o queixo, e então deixou a mão descansar em sua barriga.

— Bom dia, Nick-Nicki — murmurou.

A luz do sol se infiltrou pelas cortinas e tocou na aquarela que Jake tinha lhe dado. Ela adorava o alegre abandono do jardim na pintura. E isso inspirou-a a experimentar com seu próprio jardim, em vez de ser tão puro e formal como fora no passado.

Após o café da manhã ela iria até o Greenbier para buscar algumas sementes de ervilha-de-cheiro. As ervilhas-de-cheiro cresciam meio desordenadas, mas suas cores e fragrâncias eram lindas demais.

Havia algo de milagroso em plantar sementes ou bulbos, assistindo os pequenos brotos verdes surgirem, algumas vezes até as flores abrirem.

Ter um bebê era ainda mais milagroso.

Cantarolando, levantou-se e vestiu o roupão.

Enquanto tomava seu café da manhã, o telefone tocou. Era sua madrinha no AA, ligando para felicitá-la. Mais tarde, quando voltava do viveiro de plantas, a menina que

ela apadrinhava telefonou pela mesma razão. Essas pessoas sabiam o que ela havia atravessado, o que fez com que esses cumprimentos fossem mais do que especiais.

Após o almoço Brooke foi cuidar do jardim e depois tirou uma soneca. Quando despertou, começou os preparativos do jantar, cantarolando junto com a música do rádio enquanto trabalhava. Recentemente, havia aprendido como fazer pizza caseira e hoje queria experimentar uma vegetariana, com queijo feta e azeitonas. Se funcionasse, ela tinha de fazer isso para Robin na próxima vez que a menina fosse até sua casa.

No rádio, Glen Campbell estava cantando *Gentle on my mind*. A música sempre a fazia se lembrar de Jake. Sim, tantas vezes ele estivera lá, nas estradas secundárias e nos rios de sua memória. Apenas lá, fazendo companhia para ela e o bebê dos dois. Mantendo o coração de Brooke aquecido.

No início com Jake, ela pensou que estaria criando apenas lembranças sensuais, e sim, certamente elas existiam, porém, ela guardava outras também: Jake em sua cozinha, montando a cavalo e rindo com Robin, ajudando no jardim, lendo juntos. O irônico era que o grande policial disfarçado e durão, aquele cara gostoso na Harley, tinha criado lembranças que descansavam de modo tão gentil em sua mente.

Ela estava colocando a pizza no forno quando a campainha tocou.

Quando abriu a porta, ela ficou de boca aberta de espanto em ver aquele enorme buquê de flores.

— Ah, meu Deus!

Aquelas flores e folhas verdes enchiam a porta e Brooke nem mesmo conseguia ver quem estava segurando o buquê. Logo abaixo, haviam botas de caubói que pareciam novas, e jeans que abraçavam pernas bem feitas. Acima, via-se o topo de um chapéu negro de caubói.

— Felizes cinco anos.

Ela conhecia aquela voz em qualquer lugar.

— Jake!

— Posso levar isso para dentro?

— É claro.

Ela deu um passo para trás e deixou-o entrar na casa. Ele lembrou-se de seu aniversário de cinco anos.

Quando passou por ela, Brooke o estudou. Aquela era outra versão de Jake, parecendo muito mais em casa nessa versão country do que Arnold jamais estivera. Debaixo daquele chapéu de vaqueiro, seus cabelos estavam mais compridos, despenteados, e os dedos de Brooke coçaram para abrir seu caminho por meio deles.

Em vez disso, porém, ela se concentrou nas flores. Lindas, mas não as reconheceu. O exótico aroma, levemente picante, era familiar, ainda que ela não pudesse identificá-lo.

— Que flores são essas?

— Plumerias. Encontrei uma floricultura em Vancouver que tinha...

Plumeria, como seu xampu.

— Você... Você conseguiu essas flores para mim e veio todo o caminho até aqui para me felicitar pelos cinco anos?

— Não exatamente.

Ele estava andando em direção à cozinha e disse essas palavras sobre o ombro.

Ah. Quer dizer, ele não tinha vindo apenas para vê-la. Ele provavelmente teve de vir até Caribou Crossing por causa de algum lance policial. Ainda assim, foi incrível ele ter se lembrado daquele aniversário. Uma vez, ele perguntou-lhe por quanto tempo estava sóbria, e ela disse, até aquele dia. Apenas uma vez.

Brooke o seguiu até a cozinha, encontrou um grande vaso e organizou as flores.

— Como diabos você conseguiu trazer isso de moto até aqui?

— Sem moto desta vez. Aluguei um pequeno avião e voei até aqui.

Ela havia se esquecido de que ele era um piloto.

— E agora, vai me dar um cumprimento adequado? — perguntou Jake, e abriu os braços.

Ela foi para eles, feliz, mas confusa. Quando tinha deixado a mensagem em seu correio de voz, ela de fato não esperava vê-lo novamente.

Ele a abraçou apertado, mas ela sentiu que havia algo na mente de Jake. Seu abraço não foi aquele apaixonado de costume, mas quase superficial. Seu coração se afundou no peito. Parecia que seus dias de amantes tinham passado. Ela disse a si mesma que era melhor assim; veja como ela chorou da última vez que ele havia ido embora. Agora talvez eles pudessem começar a estabelecer uma relação de amizade casual.

E, de repente, outro pensamento a atingiu. Talvez ele fosse discutir a custódia do bebê. Talvez ele tivesse decidido que Brooke não seria uma boa mãe.

Jake a soltou e se moveu inquieto em torno da cozinha.

Ela estudou-o com ansiedade e, em seguida, respirou fundo, bem devagar, deixando o ar escapar na sequência. Não, esse era Jake, então ele nunca faria isso, levar seu filho para longe dela.

— Você está com fome? Tenho pizza no forno. Estará pronta em vinte minutos. Isso o deteve.

— Pizza? Caseira? Eu não sabia que você fazia pizza.

— Acabei de aprender.

Ele deu uma risada rápida.

— Isso é ótimo. Eu amo pizza.

Ele passeou para longe e depois de volta para ela, em seguida, de novo para longe.

Brooke apertou as mãos à região lombar.

— Eu fiquei de pé cozinhando por um tempo e preciso sentar. Venha para a sala de estar.

Quando eles chegaram lá, ela ficou sentada em sua cadeira de leitura. Ele jogou seu chapéu preto na mesa de café, atravessou a sala e examinou a estante de livros.

— Devia ter trazido seu livro de volta. Eu terminei.

— Jake! Eu disse para ficar com aquele livro estúpido. Por que você está aqui?

— Ah. Bem.

Pescou no bolso das calças de brim, pegou algo e segurou na mão. Firmemente. Então ele caminhou para ela e enfiou a mão fechada na direção dela.

— Eu quero me casar com você.

Jake afrouxou os dedos e uma caixinha de veludo caiu em seu colo.

Ela olhou para aquilo de olhos esbugalhados.

— Mas eu disse que não.

Ele se agachou na frente dela.

— Essa foi uma pergunta diferente. Antes, eu disse que poderíamos nos casar, e talvez devêssemos. Agora estou dizendo que quero.

— Pelo bebê.

— Sim, mas principalmente por mim, e eu espero que por você. Brooke, você uma vez disse que me amava. Ainda é verdade?

Seus olhos esfumaçados estavam de um profundo e intenso malva enquanto olhavam para os dela.

Brooke nunca poderia mentir para Jake.

— Eu ainda te amo.

Os lábios dele formaram um sorriso nervoso.

— Bem, eu também te amo.

— Você... Me ama? — ela perguntou com cautela.

Ele dissera as palavras, porém ela não conseguia dizer se ele realmente entendia o significado delas.

— Eu amo você e o bebê também... Eu quero que sejamos... — Jake engoliu em seco e forçou as palavras para fora. — Uma família.

O coração dela deu uma guinada.

— Seria um grande passo. Para nós dois.

— Cara, eu sei disso! — As palavras explodiram fora dele quando se levantou. Jake puxou a outra cadeira para que pudesse sentar-se de frente para ela, seus joelhos quase se tocando. — Mas isso me deixa louco, pensar em não estar a seu lado e do bebê.

O bebê. Embora ele dissesse que a amava, era realmente no bebê que ele estava pensando.

— E se nós nos casarmos e... — ela engoliu em seco, porque odiava pensar na possibilidade —... não houver nenhum bebê? Se eu tiver um aborto ou a amniocentese mostrar algum terrível problema?

— Então nós teremos um ao outro. Eu amo você, Brooke — foi a segunda vez que ele disse as palavras, e parecia mais convincente. — Foi o bebê que me fez pensar mais seriamente nisso, mas então percebi que amo você. Eu nunca senti nada assim antes, então levei um tempo para descobrir o que estava sentindo.

Jake pegou as mãos dela gentilmente.

— Se eu nunca tivesse filhos, tudo bem para mim, mas não seria tudo bem viver minha vida sem você. E se você e eu tivermos um filho, então isso será ótimo. Eu não sei muito sobre ser um bom pai, mas acho que você vai me ajudar a aprender.

O coração dela acelerou como se uma borboleta estivesse presa em seu peito. Deus do céu, ela estava realmente começando a levá-lo a sério. E ah, a ideia de um casamento de amor com Jake era tão atraente.

Não, isso nunca poderia funcionar.

— Eu sinto muito, Jake — ela disse suavemente. Ela apertou suas mãos, e depois as soltou. — Eu te amo, mas não sou forte o suficiente para lidar com as preocupações. Você vai embora por dias, semanas de cada vez, e a sua vida fica em perigo — Brooke se lembrou de como tinha sido aquele dia, quando ele e Karen tinham preparado a armadilha para o Sargento Miller, e ela imaginava cada dia assim. — Eu enlouqueceria. E ficaria sozinha em Vancouver, com minha família e meus amigos aqui em Caribou Crossing.

Brooke tinha acabado de reencontrar sua família e descoberto seus amigos. Como poderia se separar deles agora?

— Eu vou mudar para cá.

Ela arregalou os olhos, olhando para seu rosto familiar. Ela não podia acreditar que tinha ouvido corretamente.

— Aqui? Você, em Caribou Crossing?

— Você não vê as botas e o Resistol?

Um Resistol, não um Stetson. Mais uma vez, ele escutara.

— Sim, vejo, mas não sei o que elas querem dizer.

— Uma cidade agradável, esta Caribou Crossing. Você me mostrou isso. Eu não vou mais trabalhar à paisana, nunca mais vou me disfarçar — Jake passou as mãos pelos cabelos. — Eu vou ser honesto. Não sei se posso desistir de trabalhos policiais completamente. Há o cargo de Miller; eu poderia ser capaz de conseguir isso. Passei no exame para sargento, então posso me candidatar. Há ainda o trabalho como consultor de segurança, investigações particulares. Jamal e eu poderíamos até... Mas isso depende dele e Karen.

Não, isso só podia ser um sonho. Brooke fechou os olhos, em seguida, abriu-os novamente.

Jake ainda estava lá, parecendo confuso, preocupado e sincero.

— Jamal vai se mudar para cá — disse Jake. — Conversamos nós dois um pouco, em nosso último trabalho. Ele sonha com uma família. Vai ser um sargento de equipe,

um trabalho de escritório. Quando você deixou aquela mensagem, dizendo que não se casaria comigo, isso me fez pensar. Você está planejando seguir em frente com sua vida. Jamal também. Acho que é hora para mim também.

Aquilo era de verdade? Ela poderia permitir-se ter esperanças?

— Jake, você precisa ter certeza. Agora você está se sentindo... Deixado de fora, deixado para trás, mas...

— Sim, mas não é isso, de fato. Nunca pensei muito sobre o futuro, mas Jamal fez isso. Você fez isso. Você tem uma ideia de como poderá ser. Quando eu pensei sobre o meu, não consegui formar uma imagem. Um cara de quarenta e cinco, cinquenta e cinco fazendo esse trabalho disfarçado, um solitário cuja casa é um apartamento sujo, sem ninguém para compartilhar sua vida? Eu quero mais que isso.

— Ah, sim, e você merece. Mas você não quer uma mulher da sua idade? A oportunidade de conhecê-la, e depois iniciar uma família?

— Eu quero você — Jake agarrou as mãos dela de novo, com mais firmeza agora, como se estivesse determinado a não deixá-la se afastar. — Eu conheço você, Brooke Kincaid, melhor do que já conheci qualquer outra pessoa. E você é a única pessoa com quem quero estar. — Ele se inclinou para a frente e olhou em seus olhos. — Você é como um riacho, sabe? Quando estou com você, é como se eu estivesse sentado na margem de um riacho com as águas correndo suavemente. Você me traz paz, bem dentro de mim.

— Você ficará entediado. Jardinagem, ler na frente da lareira, os passeios com Robin...

— É só ela me deixar galopar. Ou podemos sempre ir dar um passeio na minha Harley, ou uma volta em um pequeno avião.

O lado dela que ansiava excitação explodiu com “Ah! Eu adoraria isso”.

— Eu sei que você adoraria. Além do mais, aposto que é difícil se aborrecer quando há uma criança por perto. E nos momentos em que o pequeno Nick ou a pequena Nicki estiver dormindo, podemos encontrar novos lugares para fazer amor — um rápido sorriso matreiro brilhou. — De uma coisa também tenho certeza. Nunca ficarei entediado de fazer amor com você, sexy lady.

Suas mãos agarraram as dela com tanta força que Brooke quase podia sentir os ossos triturando juntos. Ele estava nervoso. Jake Brannon estava com medo de que ela recusasse.

— Eu te amo, Brooke — disse ele em voz baixa.

Ela olhou-o nos olhos por bastante tempo, intensamente, e soube que Jake estava sendo sincero.

Com sua respiração em sobressalto, Brooke tirou suas mãos das dele e apertou-as contra seu rosto. Ela amava aquele homem, e ele a amava e queria se casar com ela. Ele tinha respondido a todas as objeções levantadas em sua mente. E ainda assim, estava apavorada.

Ela respirou fundo e soltou o ar lentamente, e quando sua respiração se acalmou, pôde perceber que seu medo real tinha menos a ver com Jake do que com ela mesma. Obrigou-se a baixar as mãos e olhar para ele.

— Jake, fui casada antes. E fui muito mal nesse casamento.

— Você era uma pessoa diferente. E você não estava casada comigo — dizendo isso, ele lançou o sorriso de Jake que sempre fez o coração dela dar cambalhotas. — Nós somos uma boa equipe.

— Somos bons amantes. Nós trabalhamos bem no seu caso. No entanto, o casamento é uma coisa totalmente diferente. Eu fui péssima nisso.

— Com ele. Com Mo. Comigo, você vai se sair bem — Jake agarrou suas mãos novamente. — Tudo bem, eu sei que nós dois temos algum aprendizado pelo caminho que temos a percorrer. Você teve experiências ruins e eu tive modelos ruins. Mas nós nos amamos, somos inteligentes e vamos descobrir o resto à medida que avançarmos. Juntos.

Ele sorriu e repetiu:

— Juntos — como se gostasse do sabor da palavra em sua língua.

— Juntos — murmurou Brooke.

A palavra realmente tinha um gosto doce. E emocionante.

— Você acha que pode lidar com isso, se eu for um policial ou um detetive por aqui? Seja o que for que eu fizer, não vai ser completamente livre de risco.

Não, ela nunca fora capaz de imaginar Jake em um trabalho como contabilidade. Isso seria como cortar as asas de um pássaro selvagem.

— Risco — ela murmurou. — A vida é cheia de riscos, não é?

Ele assentiu.

— Não há como evitá-los. Ter um bebê é um risco. Casar-se é um risco. Montar um cavalo é um risco.

Ela imaginou uma vida de preocupações com Jake e com seu bebê. Então, imaginou uma vida sem eles.

— Promete que vai tomar cuidado?

— Sempre tomo. Prometo.

— Mmm. E você tem as cicatrizes para provar isso.

— Eu vou tentar não acrescentar mais nenhuma.

Ela não podia ser como Dave, que queria envolver as pessoas que amava em mantas de algodão.

Jake cutucou a caixa que descansava no colo dela.

— Você vai abrir isso? Ver se gosta?

Ela balançou a cabeça.

Seu rosto ficou inexpressivo.

— Ah.

Brooke percebeu que ele pensou que ela estava recusando sua proposta. Rapidamente, ela estendeu a mão para pegar a mão dele.

— Ainda não. Primeiro, há algo que eu quero dizer. Eu amo você, Jake Brannon. Eu ficaria contente e orgulhosa de me casar com você.

Lentamente, o rosto dele ficou relaxado, quando absorveu o que ela dissera.

Em seguida, seus olhos brilharam, seus lábios se curvaram.

— Bem, diabos. Você está dizendo que sim!

— Bem, diabos, acho que estou — e sorriu para ele.

— Nada de palavrões com a criança por perto.

E Jake sorriu de volta.

Brooke odiava ter de desviar o olhar desse homem, contudo ela o fez, por apenas um segundo, para pegar a caixa da joalheria. E segurou-a.

— Eu quero que você a abra. Para colocar o anel no meu dedo.

Jake abriu a caixinha e Brooke viu uma linda pedra multicolorida rodeada por pequenos diamantes.

— Uma opala — ela murmurou, tocando-a com cuidado.

A pedra era azul-esverdeada, com brilhos e redemoinhos de outras cores: branco perolado, vermelho-fogo, ouro brilhante. Sua respiração ficou presa. O anel era requintado.

— Essa pedra me fez lembrar de você. Dos seus olhos, mas na maior parte de como você é. Fogo e paixão, profundidade e complexidade. A vendedora me disse que a opala vai trazer amor, alegria e equilíbrio emocional. Isso se você acredita nesse tipo de coisa, afinal é claro.

— Amor, alegria e equilíbrio emocional — ela repetiu. — Uau. Eu não consigo pensar em mais nada que possa desejar.

Brooke estendeu a mão esquerda e viu como Jake cuidadosamente deslizou o anel em seu dedo. Então, ela olhou para os olhos que continham uma riqueza de emoção.

— Ah, Jake. Nós vamos ser muito bons juntos.

Ele assentiu.

— Eu sei.

Jake levantou-se e puxou-a para seus pés. Ela deslizou para os braços dele quase timidamente, mas encontrou seus lábios ansiosamente.

Ela estava tão absorta no beijo que pulou quando um alarme sonoro tocou.

— A pizza está pronta — ela disse.

— Então, tire-a do forno e me leve para a cama.



SEIS ANOS MAIS TARDE

Jake fez uma careta quando a dor apunhalou seu lado. Ele estendeu a mão e cuidadosamente desgrudou os dedos de sua filha. Como poderia uma menina de cinco anos ter um apertão tão poderoso?

— Tudo bem, Nicki, vamos pegar a Harley. Mas você vai ter de brigar com a sua mãe sobre quem monta na garupa.

Foi somente a partir de seu último aniversário que deixaram a garota andar atrás de Jake. Eles tiveram de reconhecer que, se Nicki podia andar a cavalo sozinha, ela provavelmente poderia conseguir se pendurar em seu pai sobre a moto.

— Eu vou na garupa — anunciou a menina. — Mamãe tem de carregar os brownies, por isso ela vai no assento do passageiro.

— Tudo bem — disse Brooke, indo para a varanda da frente para se juntar a eles. — Vou no assento do passageiro no caminho até lá, mas sou eu quem vai na garupa na volta. De qualquer forma, você estará dormindo, querida.

Jake sorriu, pensando em voltar de moto para casa sob o céu estrelado e com Brooke curvada contra suas costas, os braços apertados ao redor de sua cintura.

— Isso me parece bem justo para mim.

Seus olhos encontraram os de sua esposa e sua piscadela disse-lhe que ela sabia exatamente no que ele estava pensando.

Ele se espreguiçou, sentindo o sol de verão passar pela camiseta, sentindo o perfume das ervilhas-de-cheiro no jardim, aproveitando a visão de Brooke de shorts e top que combinavam com seus olhos. Sua linda mulher, sexy, forte. Ele mal conseguia se lembrar de como sua vida tinha sido antes de a conhecer. Nem mesmo queria se lembrar, porque as coisas eram tão ótimas agora.

Ele estendeu a mão para acariciar Sunny, que estava sentado no degrau mais alto. Quando o gato bocejou para ele, ele disse:

— Tome conta da casa. Vamos chegar tarde.

Quando ele e Brooke se casaram em seu jardim, da maneira que ele imaginou uma vez, eles não quiseram sair daquela casa com todas as suas lembranças maravilhosas. Os Bly tinham sido gentis a ponto de vender o pequeno pedaço da fazenda da família. Jake construiu um anexo, e agora tanto Robin quanto Nicki tinham seus quartos, ele tinha um escritório em casa e Brooke, uma estufa. Ele também havia construído um galpão para abrigar seu cavalo e o de Brooke, e o pônei de Nicki. Era um lar, por trás daquela cerca branca. Pela primeira vez em sua vida, ele realmente tinha uma casa. Assim como Sunny, o gato de rua, quando Brooke o tinha levado para dentro, havia descoberto seu lado doméstico.

Jake sorriu para a esposa.

— Já temos tudo? Roupas de banho, calças compridas, protetor solar, repelente?

E olhou para os pacotes que cobriam a varanda.

Ela assentiu.

— Salada de batata, brownies, suco de frutas.

— Pistolas de água — Nicki contribuiu com firmeza.

Neste verão ela e Alex, o filho de Evan e Jess, tinham descoberto a alegria de ficar esguichando água um no outro, e nos adultos.

— Estão comigo — disse Brooke —, mas você tem de prometer ter cuidado com o bebê de Karen e Jamal.

Quando Jake assumiu a posição de sargento em Caribou Crossing, Jamal foi para a Williams Lake como sargento-chefe. Karen permaneceu trabalhando com Jake no destacamento de Caribou Crossing. Ela e Jamal tinham se casado havia cinco anos e comprado uma casa no meio do caminho entre os dois locais de trabalho.

— Os bebês não são divertidos — disse Nicki. — Eles não fazem nada.

— Você foi um bebê um dia — disse Jake. — E fazia um monte de coisas. Fazia cocô e xixi e cuspiu comida para todos os lados.

— Papai! Eca! — a filha fez uma careta.

Jake riu e despenteou os cabelos dela.

— Tudo bem, reconheço que você é mais divertida agora, que sabe andar e falar, andar a cavalo, pegar uma bola, ler um livro.

— Robin vai cuidar do bebê. Ela gosta de bebês — disse Nicki. — E ela é a melhor babá do mundo, até para as crianças que não são mais bebês.

— Isso ela é — concordou Brooke. — E na velocidade em que ela está crescendo, não vai demorar muito para ela ter o próprio bebê.

— E nós vamos ser bisavós? — Jake ficou boquiaberto com ela.

Ela ficou boquiaberta de volta.

— Ah, meu Deus! Eu não tinha pensado nisso.

— E o que eu vou ser? — perguntou Nicki. — Avó do bebê?

— Humm... — disse Jake.

— Tia-avó? — tentou Brooke em dúvida, e então os dois começaram a rir.

— Nós temos a mais estranha das famílias — ela disse.

— Nós temos a melhor família — retrucou Jake.

Enquanto desciam a entrada de carros com os braços carregados de pacotes e embrulhos, Nicki disse:

— Mamãe, é chato que a sua família não esteja aqui para o primeiro piquenique do ano.

— A gente faz outro piquenique quando eles vierem em agosto — assegurou Brooke.

Jake sorriu, feliz que ela, seus pais e sua irmã tinham se reaproximado, depois de todos os anos de separação.

Sua velha Harley, com o assento do passageiro conectado, estava estacionada, polida e brilhando, do lado de fora do portão da frente. Os cavalos eram ótimos, mas ele ainda amava sua moto. Ele abriu o portão e conduziu suas duas garotas para lá.

— Prendam os capacetes, senhoras — ordenou —, e vamos colocar este show na estrada.

Brooke entregou-lhe os seus pacotes para que ela pudesse subir no assento do passageiro, em seguida, ele entregou-os de volta, aproveitando a oportunidade para dar-lhe um abraço e um beijo.

Ele colocou Nicki sentada na parte de trás da moto.

Antes de subir, Jake olhou ao redor e, então, fechou cuidadosamente o portão que sua filha havia deixado aberto.

Seis anos antes, ele caiu de sua moto e atravessou a cerca branca de piquetes. Agora, a cada primavera, ele lhe dava uma nova demão de tinta e, a cada pincelada, agradecia todas as suas bênçãos.



EU CRESCI EM uma cidade e vivi tanto em Victoria quanto em Vancouver, na Colúmbia Britânica, de forma que é mais do que natural que eu escreva principalmente sobre ambientes urbanos. No entanto, também passei muito tempo no campo, e adoro, e fui uma das muitas meninas que se apaixonaram por cavalos quando criança e nunca se esqueceram desse sentimento. Então agora acho que está mais do que na hora de saciar o meu eu adulto com um pouco de romance em estilo country.

Em vez de definir essas minhas histórias em uma cidade de verdade, eu criei Caribou Crossing. Ela é um composto de uma série de pequenas cidades do interior da Columbia Britânica. Situada às margens da antiga Cariboo Wagon Road, tem uma história de mineração de ouro e agora a sua economia é baseada na pecuária e no turismo. (E se você está se perguntando se há um erro de digitação na última frase, não, não há, é apenas mais uma das nossas coisas estranhas na Columbia Britânica. O animal é um caribu, “caribou” em inglês, e a região foi chamada assim por causa dele, mas se escreve “Cariboo”... Vai entender).

Um estranho perfeito é muito querido para mim porque a heroína, Brooke Kincaid, é a mais velha e a mais forte das heroínas sobre as quais escrevi — embora ela não se dê conta de quanto é forte até o dia em que o policial disfarçado, Jake Brannon, irrompe com sua Harley e atravessa a cerca branca da casa dela. Com quarenta e três anos, ele sobreviveu à violência doméstica, ao alcoolismo e ao transtorno bipolar para se transformar numa cidadã íntegra em sua comunidade. Ela se reencontrou com o filho Evan e se tornou também parte de uma família amorosa, embora leve uma vida controlada e cautelosa. Jake chacoalha essas coisas todas, e juntos eles aprendem que a vida pode ser rica, completa e mais excitante do que jamais poderiam ter imaginado.

O livro anterior da série que se passa em Caribou Crossing, *Um sonho perfeito*, conta a história de amor entre o filho de Brooke, Evan, e Jessica, a garota que ele

nunca conseguiu esquecer. Espero ainda que você também procure pelo livro que conta a história de amor entre os pais de Jessica, *Um amor perfeito*.

Eu gostaria de agradecer a todas as pessoas que ajudaram a transformar este livro em realidade: Audrey LaFehr e Martin Biro em Kensington; Emily Sylvan Kim na Agência Prospect; e meu grupo de crítica, Michelle Hancock, Betty Allan e Nazima Ali.

Eu amo compartilhar minhas histórias com meus leitores e amo ouvir suas críticas e seus comentários. Escrevo sob os pseudônimos Susan Fox, Savanna Fox e Susan Lyons. Você pode me enviar um e-mail pelo susan@susanlyons.ca ou contatar-me pelo site em www.susanfox.ca, onde você também vai encontrar trechos de livros, bastidores, receitas, um concurso mensal, o meu boletim e outros extras. Você também pode me encontrar no Facebook em [facebook.com / SusanLyonsFox](https://www.facebook.com/SusanLyonsFox).